

**Práticas espaciais
da cultura periférica
de jovens mulheres
negras na constituição
de periferias vivíveis**

**Ana Carolina
dos Santos Marques**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE**

ANA CAROLINA DOS SANTOS MARQUES

**PRÁTICAS ESPACIAIS DA CULTURA PERIFÉRICA DE JOVENS
MULHERES NEGRAS NA CONSTITUIÇÃO DE PERIFERIAS
VIVÍVEIS**

Presidente Prudente - SP

2024

ANA CAROLINA DOS SANTOS MARQUES

**PRÁTICAS ESPACIAIS DA CULTURA PERIFÉRICA DE JOVENS
MULHERES NEGRAS NA CONSTITUIÇÃO DE PERIFERIAS
VIVÍVEIS**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” –
Faculdade de Ciências e Tecnologia – Campus
de Presidente Prudente.

Área de Concentração: Produção do Espaço
Geográfico

Orientador: Prof. Dr. Nécio Turra Neto

Presidente Prudente - SP

2024

M357p Marques, Ana Carolina dos Santos
Práticas espaciais da cultura periférica de jovens mulheres negras
na constituição de periferias vivíveis / Ana Carolina dos Santos
Marques. -- Presidente Prudente, 2024
267 p. : tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente
Orientador: Nécio Turra Neto

1. Jovens mulheres negras. 2. Cultura periférica. 3. Práticas
espaciais. 4. Interseccionalidades. 5. Lógicas socioespaciais. I. Título.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: "As práticas espaciais da cultura periférica de jovens mulheres negras na constituição de periferias vivíveis em diferentes contextos de cidade"

AUTORA: ANA CAROLINA DOS SANTOS MARQUES

ORIENTADOR: NECIO TURRA NETO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Geografia, área:
Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. NECIO TURRA NETO (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Profa. Dra. MARIA ENCARNAÇÃO BELTRÃO SPOSITO (Participação Presencial)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciencias e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/Unesp

Profa. Dra. JOSELI MARIA SILVA (Participação Virtual)
Departamento de Geociências / UEPG/Ponta Grossa

Prof. Dr. MÁRCIO JOSÉ CATELAN (Participação Virtual)
Departamento de Geografia / Faculdade de Ciencias, Tecnologia e Educacao de Ourinhos - FCTE/Unesp

Profa. Dra. CLARICE CASSAB (Participação Virtual)
Departamento de Geociências/UFJF / Universidade Federal de Juiz de Fora

Presidente Prudente, 20 de novembro de 2024

Dedico esta tese a todas as mulheres negras
que vieram antes de mim e abriram caminhos,
e a todas as mulheres negras que produzem
cultura periférica e continuam construindo
campos de possibilidades para nós.

AGRADECIMENTOS

Pensar em agradecimentos é relembrar toda uma trajetória de vida, antes e durante o doutorado. Me orgulho muito de todo meu percurso de doutorado: os aprendizados, as oportunidades, as amizades e o amadurecimento pessoal, acadêmico e profissional. Termino esse ciclo com um sentimento de missão cumprida, enquanto mulher negra, pesquisadora, professora e militante.

Nesse caminho formativo, inúmeras pessoas foram importantes e deixaram marcas especiais, a elas eu agradeço nos parágrafos seguintes. Escrever agradecimentos simboliza a finalização de um ciclo e afirmo que escrevo essas páginas com olhos marejados. Não é possível mencionar todas as pessoas e peço desculpas pelos possíveis esquecimentos (efeitos do fim de um doutorado). Agradeço:

À minha família,

Minha mãe, *Ana Cristina dos Santos Marques*, por ser minha maior inspiração de determinação, de coragem e de força. Por ter acreditado em mim e me incentivado. Por se emocionar e vibrar comigo em cada conquista. Muito do que escrevo, é pensando em você, enquanto uma mulher negra que foi obrigada a ser forte, em meio às dificuldades. Obrigada por me ensinar tanto.

Meu pai, *Marcos Antônio Marques*, pelo incentivo, pelo apoio e pela força. Por vibrar a cada conquista e estar ao meu lado durante toda a minha vida. Por me chamar de doutora, cheio de orgulho, antes mesmo de eu concluir o doutorado. Aprendo cotidianamente com sua bondade, com a forma leve de conduzir a vida e com a sua responsabilidade.

Minha irmã, *Yasmin dos Santos Marques*, pelo carinho, pelo apoio e por acreditar em mim. Nos momentos de insegurança, você olhou pra mim e disse “você consegue!”, com somente duas palavras você me deu força e eu percebi a importância de continuar te mostrando que existem possibilidade para nós. Ainda que uma adolescente, eu aprendo muito com você e me orgulho da mulher que tem se tornado.

Ao meu orientador,

Prof. Dr. Nécio Turra Neto, pelo apoio e pela orientação. Por contribuir imensamente na minha formação e por me incentivar a construir uma imaginação geográfica. Me lembro de te encontrar na UEL em 2018 e, em meio ao nervosismo, dizer:

“Oi, eu sou Ana Carolina e estou pleiteando uma vaga de mestrado sob sua orientação!”, desde então são 6 anos de uma parceria que me ensinou muito. Que escolha acertada ir para UNESP e ser orientada por você. Obrigada pela autonomia e por acreditar nas minhas ideias. Você é uma inspiração.

Às minhas pessoas, que compartilhei a amizade, os cafés no GeoJuves, as cervejas e as risadas sinceras,

Janaína Conceição da Silva pelos ensinamentos, pelo companheirismo. O doutorado foi mais leve pois tive você ao meu lado, nos dois lados do Atlântico. Nos encontramos enquanto mulheres negras e aprendemos muito uma com a outra. Quantos sábados e madrugadas passamos na UNESP, trabalhando muito, mas também comendo boas comidas e muitos docinhos, partilhando reflexões e rindo das situações da vida. Você representa um lugar de força e de inspiração para mim, obrigada por ter me estendido a mão em tantos momentos. Te admiro muito.

Fernando Freitas de Almeida, o *Jandira*, pela parceria e pelo apoio. Por compartilhar choros e vivências. Por debater questões raciais comigo, me ensinar e demonstrar a potência da amizade. Por me acolher junto com a sua família. Por ser meu parceiro de trilhas, viagens e conversas leves. Aprendi com você sobre o amor por ensinar e que nunca é tarde para correremos atrás daquilo que queremos.

Magno Ricardo Silva de Carvalho, pelo apoio e pelo carinho. Por me ouvir durante horas falando sobre a minha pesquisa, conversar com entusiasmo sobre ela, questionar e acreditar nas minhas ideias. Pelos abraços de acolhimento e pelas palavras de incentivo. Pela leveza com as suas piadas que traziam risadas para o meu dia. Você foi um ponto de conforto muito importante e me inspira enquanto pessoa e pesquisador.

Amanda Baratelli, pelo apoio e pelo incentivo. Que presente ter você no percurso do doutorado, com suas conversas divertidas, em que era impossível não rir, mas também com suas conversas reflexivas, em que pude aprender muito. Estar ao seu lado era sinônimo de leveza, mas também de inspiração enquanto pesquisadora. Torço para que nos encontrarmos em eventos, na posição que sonhamos.

Renata Rizzon, pelo apoio e pelos abraços. Descobrir o quanto somos parecidas nesse processo e compartilhar com você os medos, mas também as alegrias e os anseios, me deram força. Aprendi muito com você, para além da pós-graduação, mas a também olhar para o mundo com mais calma. Sua empatia, leveza e força me inspiram, ver seu crescimento e crescer ao seu lado foi gratificante.

Laís Neves Lopes, pelo incentivo e pelas trocas. A minha amiga de graduação, que se tornou amiga de grupo de pesquisa, amiga de pós-graduação e amiga para a vida. Foi maravilhoso ter ao meu lado, uma pessoa que compartilhava interesses de pesquisa e tem tanta sensibilidade para olhar a vida. Aprendo a ter uma imaginação geográfica com você, que me inspira.

Raísa Regala, pelo carinho e pela presença, mesmo longe. Por me acolher e me inspirar. Presidente Prudente foi mais divertida pela sua existência e era impossível se sentir sozinha sabendo que você estava ali, mais difícil ainda era ir para a casa com seus convites para ir ao bar após o trabalho. Aprendi muito com sua força e determinação.

Ricardo Lopes Fonseca, pelos ensinamentos e pela parceria. Por estar ao meu lado sempre que precisei e por dizer “Seja a Ana”. De orientador a amigo, você foi fundamental na minha trajetória e na própria escolha do meu tema de pesquisa na graduação. Você me inspira enquanto pessoa e profissional, por toda sua empatia, competência e amor pelo que faz.

Às/Aos amigas/os,

Felipe César Augusto Silgueiro dos Santos, pelo apoio, pelo carinho e pela parceria nas disciplinas de Estágio Supervisionado, você é um exemplo de professor e me inspira. *Gustavo Henrique Pereira da Silva*, pelo apoio, pelo carinho e pelas trocas, você me inspira e nossas conversas me ensinaram para além das questões raciais. *Antonio Eusébio Souza*, por me acompanhar desde o mestrado e se fazer presente mesmo longe, aprendi sobre a vida com você. *Caique Mateus Souza Leite*, pelo carinho, pelas trocas e pelas conversas sobre questões raciais, foi gratificante acompanhar seu processo de crescimento na universidade. *Gustavo Santana da Silva*, *Nathaly Julia Silva Cruz* e *Rebeca Santos Silva*, o querido Aquário, pelo acolhimento, incentivo e momentos divertidos. *Luis Flávio de Araújo*, pela amizade desde o mestrado, em que nos encontramos durante o doutorado você me ensinava sobre leveza. *Victor Hugo Oliveira de Paula*, por estar comigo desde a graduação. *Thalita Santos*, pelo incentivo e por segurar minha mão. *Lindberg Nascimento Júnior*, pelo incentivo, por acreditar em mim e por contribuir na minha formação.

Ao GeoJuvEs,

O Grupo de Estudos de Geografia das Juventudes, em que dialoguei sobre minha pesquisa, aprendi com as pesquisas das/os colegas e debati temas que foram fundamentais para a construção desta tese. Por compartilharem as ideias diferenciadas, em que nos incentivamos e reconhecemos a pertinência das elaborações. Em especial, *Bruno Salvi, Célio Santos, Igor Sufi, João Turino, Laís Neves Lopes e Marta Campos*.

Às minhas supervisoras no exterior,

Profa. Dra. Margarida Queirós, pelo carinho e acolhimento no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, em Lisboa. Pela parceria em escritas, pelas contribuições na minha pesquisa e pelo incentivo em continuar trilhando o caminho das Geografias Feministas.

Profa. Dra. Anna Ortiz, pelo acolhimento no Grupo de Estudos de Geografia e Gênero, na Universidade Autônoma de Barcelona, na Espanha. Por contribuir com a minha pesquisa e me apresentar à importantes pesquisadoras.

À banca de defesa, que contribuiu imensamente na elaboração da pesquisa realizando uma leitura atenta e cuidadosa,

Profa. Dra. Joseli Maria Silva, por todas as contribuições em minha formação, desde o mestrado. Pela sensibilidade, empatia e carinho. Por ser a ponte de minha primeira experiência internacional de pesquisa. Por abrir caminhos nas Geografias Feministas e demonstrar a pertinência nesse debate na ciência geográfica. Por ser uma referência de mulher, professora e pesquisadora. Por me inspirar.

Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito, pelas contribuições na banca de qualificação. Pelo incentivo em prosseguir em minhas ideias, mas sugerindo caminhos de reflexão com cuidado e sensibilidade. Por ser um exemplo de pesquisadora, professora e mulher, que me inspira. Por conduzir um grupo de pesquisa, o GAsPERR, com tanta maestria e responsabilidade. Por demonstrar a potência da Geografia Brasileira dentro e fora do país.

Profa. Dra. Clarice Cassab, pelos ensinamentos sobre Geografia das Juventudes, em disciplina e nos espaços de diálogo. Pela leitura generosa da tese e pelos caminhos sugeridos.

Prof. Dr. Marcio José Catelan, pela leitura sensível e pelas provocações sobre o conceito de interseccionalidades. Pelo carinho que sempre teve comigo ao longo do mestrado e doutorado.

Às/Aos professoras/es,

Divino José da Silva, Vanda Moreira Machado de Lima, Arthur Magon Whitacker, Eliseu Savério Sposito, Everaldo Santos Melazzo, Eda Maria Góes, Rosiane de Fatima Ponce, João Osvaldo Rodrigues Nunes e Maria Rodó-de-Zárate, pelas contribuições em minha formação. Por serem profissionais exemplares, que conduzem importantes agendas de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia,

Foi uma honra ser discente de um programa de pós-graduação tão importante para a Geografia Brasileira. Nesses seis anos, entre mestrado e doutorado, pude me qualificar e conhecer muitas/os pesquisadoras/es excelentes. Tive muitas oportunidades que fizeram toda diferença em minha vida e experiências que jamais esquecerei.

Às/Aos servidoras/es da UNESP,

Aline da Silva Ribeiro Muniz, Aparecida Tamae Otsuka e Adriano da Silva Ribeiro, pelo suporte nas questões burocráticas, disponibilidade, empatia e competência. Vocês são exemplos de profissionais.

Katiane pelo cuidado com o GeoJuvies, pela competência e simpatia, eu entrava no Bloco de Aulas 01 esperando um bom dia.

Aos seguranças da guarita, sempre simpáticos e queridos, em especial *Mauro, Ciro e Pedro*.

À UNESP

Pelas oportunidades, infraestruturas e instalações. Fui discente e docente nessa instituição, graças às oportunidades de uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Ao Slam Quilombo de Dandara,

Pela amizade e aprendizados. Estabelecemos uma ligação que foi além da pesquisa e pude aprender sobre o fazer cultura. *Aline da Silva Marcelino, Emily Fernanda Viana de Souza, Lorena Tomiazzi e Thiago Faustino Aguiar*, obrigada pelos

ensinamentos e pelas trocas. Presidente Prudente se tornou mais especial pela presença de vocês. Parabéns por fazerem cultura e resistirem.

Às jovens negras das coletivas da cultura periférica,

Pelas contribuições na elaboração desta tese, pelos ensinamentos e pelo acolhimento. Por se tornarem mais do que interlocutoras da pesquisa, mas sim amigas e companheiras da produção cultural. Aprendi sobre ser mulher negra e resistir em cidades que não foram feitas para nós. A força e a história de vocês me inspiram. *Alliblack, Emily Souza, Tawane Theodoro, Ingrid Martins, Nyarai, Cleópatra, Venezian e Lav*, o mundo precisa conhecer a arte de vocês.

À CAPES,

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À FAPESP,

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Brasil. Processo nº 2021/05258-2 (Bolsa Regular) e processo nº 2023/14622-5 (Bolsa de Estágio de Pesquisa no exterior – BEPE).

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.

RESUMO

No anseio de viver da arte e traçar outras trajetórias de vida espacializada, jovens mulheres negras se encontram na cultura periférica, produzindo narrativas sobre si e contribuindo na reconfiguração das periferias, enquanto espaços vivíveis. Elas instituem práticas espaciais e desencadeiam outras, a partir da organização de coletivas para onde confluem fluxos de jovens de diferentes áreas das cidades, que rompem com barreiras socioespaciais em busca da sociabilidade e da expressão. Nesse movimento, esta tese objetiva compreender as relações entre práticas espaciais de coletivas de jovens mulheres negras da cultura periférica e as lógicas de produção das cidades e como essa cultura contribui para a instituição de suas espacialidades e identidades. Trata-se de um estudo urbano comparado entre a metrópole de São Paulo (SP) e as cidades médias de Londrina (PR) e de Presidente Prudente (SP), que se desdobrou em duas frentes: primeiro, a interpretação das práticas espaciais de deslocamentos pela cidade e de apropriação dos espaços públicos realizadas por jovens que participam de quatro coletivas culturais: a Batalha Dominação, o Sarau do Capão, a Batalha da Máfia e o Slam Quilombo de Dandara; e segundo, a tessitura de uma trama que relaciona a estrutura socioespacial e temporal com as trajetórias interseccionais de vida espacializada de oito jovens mulheres negras que organizam as coletivas culturais, no esforço de pensar o conceito de contexto geográfico. A pesquisa é etnográfica e colaborativa, em que foram realizadas entrevistas, aplicação de questionários, elaboração de mapas e proposição de uma representação cartográfica. Defendemos que a tese se estrutura sobre alguns pontos principais: interseccionalidades e espaço geográfico formam um movimento indissociável, em que a cultura periférica é responsável por positivar as identidades de jovens mulheres negras; as práticas espaciais da cultura periférica são insurgentes e ao mesmo tempo que reforçam as lógicas socioespaciais de produção das cidades, também as contrariam, como na emergência de um movimento periferia-periferia; e a cultura periférica constitui uma identidade periférica transescalar, que extrapola a delimitação espacial de uma única periferia na cidade e conecta diferentes periferias.

Palavras-chave: Jovens mulheres negras; Cultura periférica; Práticas espaciais; Interseccionalidades; Lógicas socioespaciais.

ABSTRACT

In the desire to live from art and trace other trajectories of spatialized life, young black women find themselves in peripheral culture, producing narratives about themselves and contributing to the reconfiguration of the peripheries as liveable spaces. They institute spatial practices and trigger others, based on the organization of collectives where flows of young people from different areas of the city converge, breaking down socio-spatial barriers in search of sociability and expression. In this movement, this thesis aims to understand the relationship between the spatial practices of collectives of young black women from peripheral cultures and the logic of city production, and how this culture contributes to the institution of their spatialities and identities. This is a comparative urban study between the metropolis of São Paulo (SP) and the medium-sized cities of Londrina (PR) and Presidente Prudente (SP), which unfolded on two fronts: firstly, the interpretation of the spatial practices of moving around the city and the appropriation of public spaces carried out by young people who take part in four cultural collectives: Batalha Dominação, Sarau do Capão, Batalha da Máfia and Slam Quilombo de Dandara; and second, the weaving of a plot that relates the socio-spatial and temporal structure to the intersectional spatialized life trajectories of eight young black women who organize the cultural collectives, in an effort to think about the concept of geographical context. The research is ethnographic and collaborative, in which interviews were conducted, questionnaires applied, maps drawn up and a cartographic representation proposed. We argue that the thesis is structured around a few main points: intersectionalities and geographical space form an inseparable movement, in which peripheral culture is responsible for positivizing the identities of young black women; the spatial practices of peripheral culture are insurgent and while they reinforce the socio-spatial logics of city production, they also counteract them, as in the emergence of a periphery-periphery movement; and peripheral culture constitutes a trans-scalar peripheral identity, which goes beyond the spatial delimitation of a single periphery in the city and connects different peripheries.

Keywords: Young black women; peripheral culture; Spatial practices; Center-periphery; Socio-spatial fragmentation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edição da Batalha Dominação – 30 de outubro de 2023	23
Figura 2: Edição de aniversário de 7 anos do Sarau do Capão – 16 de março de 2024 ..	27
Figura 3: Edição da Batalha da Máfia – 27 de março de 2024	32
Figura 4: Slam Quilombo de Dandara – 12 de março de 2023	35
Figura 5: Gráficos sobre o público da Batalha Dominação - 2023	131
Figura 6: Gráficos sobre o público do Sarau do Capão – 2024	136
Figura 7: Gráficos sobre o público da Batalha da Máfia – 2024	140
Figura 8: Gráficos sobre o público do Slam Quilombo de Dandara – 2023	144
Figura 9: Motivação do público para frequentar os eventos das coletivas da pesquisa. 152	

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Situação geográfica de São Paulo-SP	94
Mapa 2: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em São Paulo-SP (2024) ...	98
Mapa 3: Cultura periférica e indicadores sociais em São Paulo-SP (2024)	101
Mapa 4: Situação geográfica de Londrina-PR	104
Mapa 5: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em Londrina-PR (2024) ...	109
Mapa 6: Espacialização dos coletivos da cultura periférica (2024) e da população negra (2010) em Londrina-PR	111
Mapa 7: Situação geográfica de Presidente Prudente-SP	113
Mapa 8: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em Presidente Prudente-SP (2024)	119
Mapa 9: Espacialização dos coletivos da cultura periférica (2024) e da população negra (2010) em Presidente Prudente-SP	122
Mapa 10: Locais de origem do público da Batalha Dominação em São Paulo-SP (2024)	133
Mapa 11: Locais de origem do público do Sarau do Capão em São Paulo-SP (2024)	138
Mapa 12: Locais de origem do público da Batalha da Máfia em Londrina-PR (2024)	141
Mapa 13: Locais de origem do público do Slam Quilombo de Dandara em Presidente Prudente-SP (2024)	145
Mapa 14: Trajetória interseccional de Ingrid Martins	186
Mapa 15: Trajetória interseccional de Nyarai	191
Mapa 16: Trajetória interseccional de Tawane Theodoro	195
Mapa 17: Trajetória interseccional de Cleópatra	200
Mapa 18: Trajetória interseccional de Venezian	203
Mapa 19: Trajetória interseccional de Alliblack	207
Mapa 20: Trajetória interseccional de Emily	211
Mapa 21: Trajetória interseccional de Lav	215
Mapa 22: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em São Paulo.....	219
Mapa 23: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em Londrina	222
Mapa 24: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em Presidente Prudente	224

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Coletivos da cultura periférica de São Paulo-SP, em número (2024)	97
Quadro 2: Coletivos da cultura periférica de Londrina-PR (2024)	107
Quadro 3: Coletivos da cultura periférica de Presidente Prudente-SP (2024)	118

LISTA DE SIGLAS

BNH	Banco Nacional de Habitação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
COHAB	Companhia de Habitação
COOPERIFA	Cooperativa Cultural da Periferia
DJ	<i>Disc Jockey</i>
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FNMH2	Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop
GAsPERR	Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIAPN+	Lésbicas, gays, bissexuais, trans, <i>queer</i> , intersexo, assexuais, pan e polisssexuais, não-binários e mais
MC	Mestre de cerimônias
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PROAC	Programa de Ação Cultural
PROMIC	Programa Municipal de Incentivo à Cultura
PROUNI	Programa Universidade para Todos
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados
SESC	Serviço Social do Comércio
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UNESP	Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
VAI	Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais

SUMÁRIO

PRÓLOGO – AS COLETIVAS E AS JOVENS NEGRAS DA PESQUISA	21
INTRODUÇÃO	41
A posicionalidade da pesquisadora: encontro entre jovens mulheres negras	43
A hipótese da tese	47
As tramas da tese: os capítulos	48
CAPÍTULO 1: JOVENS MULHERES NEGRAS E A CULTURA PERIFÉRICA: INTERSECÇÕES NA PRODUÇÃO DAS CIDADES	51
1.1 Jovens mulheres negras da cultura periférica: a margem como potência	52
1.2 A cultura periférica e uma identidade periférica	62
1.3 Periferia: entre conceituações, reconfigurações e disputas de significado	70
CAPÍTULO 2: A TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA MULTILOCALIZADA – O DEVIR DA PESQUISA COLABORATIVA	80
2.1 As bases epistemológicas	80
2.2 As estratégias metodológicas	83
CAPÍTULO 3: CULTURA PERIFÉRICA E OS CONTEXTOS URBANOS - AS JUVENTUDES SE FAZEM NOS ESPAÇOS PÚBLICOS	91
3.1 A cena da cultura periférica de São Paulo	92
3.2 A cena da cultura periférica na cidade de Londrina	103
3.3 A cena da cultura periférica na cidade de Presidente Prudente	112
CAPÍTULO 4. COLETIVAS DE JOVENS NEGRAS DESENCADEANDO PRÁTICAS ESPACIAIS: A MARGEM COMO ABERTURA	127
4.1 Centro e periferia na produção cultural de São Paulo: Batalha Dominação e Sarau do Capão	128
4.1.1 Batalha Dominação	130
4.1.2 Sarau do Capão	135
4.2 Londrina: Batalha da Máfia	139
4.3 Presidente Prudente: Slam Quilombo de Dandara	143
4.4 Práticas espaciais insurgentes da cultura periférica: as coletivas em relação às lógicas socioespaciais	147
CAPÍTULO 5: ENTRE INSURGÊNCIAS E SUBORDINAÇÕES: CONTEXTOS URBANOS, CULTURA PERIFÉRICA E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL	154
5.1 Uma leitura interseccional do processo de fragmentação socioespacial	154

5.2 O estudo comparado que nos direciona para os contextos geográficos da cultura periférica	158
5.3 Cultura periférica e fragmentação socioespacial	169
CAPÍTULO 6: TRAJETÓRIAS INTERSECCIONAIS DE JOVENS NEGRAS: O CONTEXTO GEOGRÁFICO DAS CIDADES MÉDIAS E METRÓPOLE.....	180
6.1 Interseccionalidades e contexto geográfico	180
6.2 As trajetórias interseccionais das jovens negras da cultura periférica.....	184
6.3 O contexto geográfico das cidades médias e da metrópole para as jovens mulheres negras da cultura periférica.....	217
6.4 Jovens mulheres negras nas cidades fragmentadas.....	230
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	234
REFERÊNCIAS	240
APÊNDICES	259
APÊNDICE A.....	259
APÊNDICE B	261
APÊNDICE C	263
APÊNDICE D.....	265
APÊNDICE E	266

PRÓLOGO – AS COLETIVAS E AS JOVENS NEGRAS DA PESQUISA

Na metrópole São Paulo e nas cidades médias Londrina e Presidente Prudente, as trajetórias de vida espacializada de jovens mulheres negras da cultura periférica se constituíram e se cruzaram a outras, produzindo novos encontros, entrelaçamentos e insurgências. Quatro coletivas – batalhas de rima, sarau e slam – se construíram nesse movimento. Elas orientam as interpretações tecidas nesta tese e são apresentadas nas páginas seguintes, assim como as jovens que as organizam.

Batalha Dominação (São Paulo): corpos transgressores ocupando o berço do Hip Hop

O Largo São Bento, berço da cultura Hip Hop no Brasil, localizado no centro de São Paulo, possui uma circulação intensa de pessoas durante todo o dia, muitas delas entrando e saindo da Estação São Bento. À noite, as movimentações cessam, poucas pessoas passam pelo local e quem está mais presente são as que vivem em situações de rua, que dormem em barracas no Largo. Contudo, quinzenalmente nas noites de segunda-feira, a movimentação é outra. A Batalha Dominação ocupa a São Bento. Classificada pelas organizadoras como “batalha de conhecimento voltada para mulheres, trans masculinos e não binários”.

Por volta das 19h, três mulheres iniciam a montagem de equipamentos embaixo de uma banca de jornal: gerador, mesa, som, refletor, microfone e tendas. Elas são Nyarai, Ingrid Martins e Priscilla Simas, as três organizadoras da Batalha Dominação. Enquanto isso, outras pessoas jovens abrem uma tenda e realizam as preparações para a venda de bebidas, é o “Bar Delus”. E DJ Taiwan monta seus equipamentos para discotecar e embalar a galera com raps, *traps* e funks. Nesse contexto, jovens da metrópole começam a chegar na São Bento e vão se cumprimentando, muitas/os se conhecem e vibram quando se veem, mas na atmosfera de coletividade que ali se instala não é necessário conhecer para ser cumprimentada/o com um “salve”. Mulheres, homens trans e pessoas não binárias marcam suas corporeidades na Batalha, os homens são minoria. Os estilos são variados, desde roupas justas a largas, tênis a salto alto, cabelos diversos, seja *black power*, tranças, *dreads* ou liso. As pessoas vão chegando, comprando bebidas e formando rodas. Algumas rimam e outras conversam e riem. Chegam também as/os

empreendedoras/es que intencionam vender seus produtos como bijuterias, sabonetes, fanzines e comidas.

Nyarai conversa com as pessoas e vai anotando os nomes daquelas que querem participar do microfone aberto ou da batalha de rima. Enquanto isso, Ingrid Martins desenha a folhinha da/o vencedora/or. Por volta das 20h, começa o microfone aberto, pessoas recitam poesias e cantam seus sons. Aplausos e gritos para todas. Em seguida, é a hora da batalha! Nyarai e Ingrid Martins são as MCs que conduzem a competição. É marcante a sintonia entre elas, que criam um clima descontraído e acolhedor, brincando inúmeras vezes entre si e com o público.

A batalha começa e a cada round, o público sugere temas para as batalhas: racismo, machismo, amor, prazer, política, educação e outros. Na Dominação não se fala somente de desigualdades, injustiças e reivindicações, rima-se também sobre amor e prazer, demonstrando que aqueles corpos transgressores não querem se resumir à resistência, mas querem demonstrar que possuem sentimentos, desejos e alegrias, o que também é uma forma de militância. Gritos, aplausos e comemorações. Nas rimas críticas sobre os temas sociais, a galera apoia e demonstra que compartilha dos mesmos ideais. Nas rimas sobre amor e prazer, a galera vibra.

O clima não é de competição, as/os MCs se apoiam, se abraçam e se ajudam, assim como o público. A coletividade prevalece! São corpos marginalizados que entendem o espaço da Dominação como potência e forma de expressão, assim não intencionam criar rivalidades, mas sim amizades. Antes da batalha final, geralmente acontece um *pocket show* e a descontração aumenta, todas/os dançam, descem até o chão, cantam e gritam. São formas de demonstrar para a pessoa que se apresenta que a arte dela é apreciada. Pessoas que hoje têm muito alcance na cena do rap nacional passaram pela Dominação: Bia Ferreira, Emicida, Rap Plus Size, Sodomita, Brisa Flow e Souto MC. Os *pocket shows* são também uma forma de aumentar a visibilidade de quem soma com a batalha.

Durante toda a batalha, pessoas passam pelo Largo São Bento, geralmente trabalhadoras/es que objetivam chegar em casa o mais rápido possível para descansar para um novo dia de trabalho. Algumas pessoas param, apreciam a batalha por alguns minutos e logo depois seguem seus trajetos. Há também as pessoas em situação de rua, que assistem atentamente a batalha, pedem bebida, cigarro ou comida às/ aos jovens, pedem para falar no microfone e também sugerem temas. Todas são bem-vindas na Dominação, aqueles corpos sabem o que é opressão e buscam não discriminar ninguém.

Por volta das 23h30, a batalha termina (Figura 1). Algumas pessoas vão embora antes do fim, nem sempre o trajeto para a casa é rápido. A organização se preocupa em finalizar as atividades antes de o metrô fechar, a maior parte do público utiliza esse meio de transporte e o deslocamento até suas casas é longo, muitas vezes ainda combinado ao uso do ônibus. Mas há também aquelas/es jovens que continuam na São Bento, bebendo, fumando, conversando, rindo e rimando. As organizadoras curtem um pouco e logo começam a desmontar todos os equipamentos. É necessário levar tudo até um box¹ localizado na área central, que foi alugado porque, conforme a coletiva adquiriu mais equipamentos através de editais, já não era possível carregar tudo no metrô ou em carros de aplicativo de transporte. Quem ajuda a guardar os equipamentos é um homem que integra um coletivo de futebol que apoia a Batalha. Esse parceiro utiliza seu automóvel próprio para auxiliar no transporte, uma Kombi. Após tudo organizado, Nyarai, Ingrid Martins e Priscilla Simas podem voltar para as suas casas. Já é madrugada.

Figura 1: Edição da Batalha Dominação – 30 de outubro de 2023



Fonte: Instagram², 2024.

Essa narrativa é possível porque há oito anos ocorreu um acontecimento que iniciou a formação da coletiva Batalha da Dominação, nas palavras de Ingrid Martins, em entrevista: “[...] se abriu um portal, todo mundo que tava nesse dia subentende que abriu um portal mesmo, um buraco se criou na terra e ali surgiu alguma coisa muito doida [...]”

¹ Uma área alugada para guardar objetivos, gerenciada por uma empresa de armazenamento.

² Disponível: <https://www.instagram.com/batalhadominacao/>.

porque foi ali que muitas pessoas se conheceram e estabeleceram uma amizade". Ingrid está se referindo a uma edição do Slam das Minas, uma das maiores coletivas de slam de São Paulo, formada por mulheres e destinada a mulheres, e que realiza edições itinerantes na metrópole. Nessa edição, Ingrid Martins conheceu Gabi Nyarai, Bia do Oxum, Sara Donato, Júpiter e Souto.

Anterior a esse "portal", a batalha de rima já acontecia desde 2016 por meio do DMNA, um coletivo de audiovisual e de artistas, também feito por mulheres e voltado para elas. A Batalha Dominação foi criada a partir da constatação de que as mulheres não tinham espaço para rimar nas batalhas de rima convencionais, além de não se sentirem à vontade. Essa reflexão e incômodo motivaram Gabi Nyarai e outras MCs que integravam o DMNA a constituírem a Dominação: "[...] *a batalha surge com recorte de mulheres por conta do machismo no rap e afins*" (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Quando a formação do coletivo DMNA se desfez, em função das mulheres organizadoras tomarem outros rumos na carreira, Gabi Nyarai quis continuar com a Batalha e assim o fez com a contribuição de algumas pessoas. Nos dois primeiros anos, a Batalha Dominação acontecia uma vez por mês, aos sábados no Largo São Bento, até então destinada somente a mulheres. Ingrid Martins explica a escolha do Largo São Bento como espaço público em que a Batalha ocorre: "[...] *o grande foco era continuar o legado na São Bento, porque o bagulho é o berço do Hip Hop e nós queríamos estourar*". Nyarai complementa: "*É um lugar histórico e várias minas passaram por lá e fizeram história, mas a gente não sabe o nome delas, então nós queríamos reescrever a história, para não ser perdida*". Somado a isso, trata-se de um espaço acessível e central, ao lado da estação de metrô São Bento.

Após passar por algumas formações em termos de organização, em 2018 a Dominação firmou sua formação atual influenciada pelo "portal" criado no Slam das Minas, sendo composta por Gabi, Ingrid e Priscilla. Outra mudança foi a ampliação do recorte de gênero inicial. Hoje é classificada pelas organizadoras como destinada a "mulheres, trans masculinos e não binários". Ingrid Martins relata que esse movimento ocorreu conforme muitas pessoas que participavam dos eventos realizaram a transição de gênero:

[...] os MCs que já colava para batalhar transicionaram, muita gente transicionou, então tipo naturalmente as coisas foram acontecendo. Quando foi ver, muita gente já tava nesse processo de transição, já se reconhecendo de outras formas e não fazia mais sentido continuar com um grito só de mulheres e ser só de mulheres se tinha vários MCs com nós que transicionaram e já não se sentiam mais confortáveis com o termo mulher. Teve um dia que alguém já meteu um grito

“transicionando!”, o grito, tá ligado?! [risos], e aí nós ficou "Ó", aí as coisas foram naturais [...] até o momento que a gente oficializou: a batalha é voltada para mulheres, pessoas trans e pessoas não-binárias (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Atualmente, a Batalha Dominação possui grande relevância na cena da cultura periférica de São Paulo e é um exemplo de transformação social e da importância de estar disposta/o a mudar de acordo com o próprio movimento de pluralidade das juventudes. Seu maior diferencial é o acolhimento a corpos trans e não binários, além de mulheres, demarcando isso nos gritos que iniciam as batalhas, na instituição da coletiva e nas oportunidades criadas para identidades marginalizadas e transgressoras. Assim, a Batalha Dominação escreve uma nova página na história do Hip Hop e da cultura periférica, produzindo uma cultura que inclui todos os corpos.

Foi a partir de um acontecimento (edição do Slam das Minas) que duas trajetórias de mulheres periféricas negras se cruzaram: Ingrid Martins da zona norte e Gabi Nyarai da zona sul de São Paulo. Jovens que estavam construindo sua trajetória na cultura periférica e que potencializam suas identidades no encontro. Naquele momento, separadas por uma extensa distância geográfica, mas que se unem no centro e passam a produzir transformação, juntamente com a jovem potiguar Priscilla Simas. Na potência desses encontros, as jovens consolidam sua importância na cena da cultura periférica e propiciam novos cruzamentos, que seguem acontecendo constantemente, fazendo periferia no centro!

Sarau do Capão (São Paulo): afirmando o conhecimento e a arte produzidos na margem

As trajetórias de vida espacializada de duas jovens negras periféricas do Capão Redondo, zona sul de São Paulo, se cruzaram por meio da educação no ano de 2016. Tawane Theodoro e Jéssica Campos, organizadoras do Sarau do Capão, se conheceram no Cursinho Popular Carolina de Jesus, localizado no Capão Redondo, destinado à educação popular com foco na preparação de jovens periféricas/os para ingresso nas universidades. Um cursinho que visa transformação social e possui um nome memorável. Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira, mulher preta, favelada e mãe solo. Em seus diários, denunciou as dificuldades vivenciadas na antiga Favela do Canindé, que foi destruída para a construção da Marginal Tietê. A autora demonstrou como é ser uma mulher preta empobrecida, com relatos sobre a fome, a recolha de papel nas ruas, a

criação dos filhos e as relações entre faveladas/os. Uma mulher que demorou anos a ter o merecido reconhecimento, conquistado por meio de sua escrita, tal como Tawane Theodoro e Jéssica Campos fazem hoje.

Em 2016, Tawane e Jéssica ingressaram no Cursinho e foi o ponto de mudança para as jovens desenvolverem um pensamento crítico sobre questões sociais, reconhecendo-se enquanto mulheres negras periféricas que são atingidas por uma combinação de opressões estruturais. Um professor de português foi o incentivador a iniciarem a escrita de poesias, por acreditar que a poesia abre a imaginação. Assim, antes da elaboração de redações, ele solicitava primeiro a escrita de uma poesia. O professor foi responsável não somente por estimular a criação de poesias, mas também o recital delas. Esse cenário demonstra a importância da educação para a propagação da cultura periférica, além das questões relacionadas à criticidade, conhecimento e construção das identidades.

Tawane Theodoro conta que o Cursinho Popular Carolina de Jesus realizava saraus periodicamente. Percebendo o entusiasmo de Tawane e Jéssica na aproximação com a poesia, o professor convidou as jovens para recitar no sarau e a também ir em slams. Assim conheceram o Slam Resistência, além de outros coletivos como Slam das Minas, por meio do Youtube. No primeiro sarau frequentado pelas jovens e promovido pelo Cursinho, Tawane e Jéssica recitaram juntas uma poesia escrita por elas. Um evento que abriu um campo de possibilidades para as jovens que, a partir disso, continuaram participando de saraus e slams, além de escrever poesias.

Vivendo uma espécie de êxtase poético, relatam que estavam viciadas em poesia, uma intensidade comum na juventude. Quando o Cursinho entrou no período de férias, as jovens ficaram sem o contato com os saraus, assim como a proximidade física com as amigas também diminuiu. Em janeiro de 2017, Tawane e Jéssica criaram o Sarau do Capão, sem imaginar a proporção que a coletiva conquistaria logo na primeira edição e nos anos seguintes:

“[...] ele começa comigo e com a Jéssica tendo 17 anos e iniciando um coletivo com 4 meses de carreira, o que a gente era? Malucas! [risos] A gente tava consumindo tanto poesia, que quando o cursinho entrou de férias, a gente falou: "Pô, vamos fazer um sarau pra reunir o pessoal", fizemos o sarau na Fábrica de Cultura do Capão. Eles depois abraçam a ideia e pediram pra gente tornar mensal”. (Tawane Theodoro em entrevista, setembro de 2023)

O Sarau do Capão realizou suas primeiras edições na Fábrica de Cultura do Capão, importante equipamento cultural para a zona sul. As potências da coletiva demonstram a

relevância desses equipamentos na periferia. São espaços que propiciam acesso à educação e cultura, alinhados com a realidade periférica. Daí a necessidade de ampliação de políticas públicas que são de cultura, mas também de juventudes, tal como o Programa de Fábricas de Cultura de São Paulo.

Atualmente, o Sarau ocorre de forma itinerante na zona sul da metrópole. Reunindo poesia, dança, música e outras formas de arte, a coletiva propicia lazer, cultura, conhecimento e expressão para as juventudes periféricas. Jovens que já não precisam se deslocar ao centro para ter acesso à cultura, pois possuem a possibilidade de permanecer em suas quebradas. Nesse contexto, duas jovens periféricas estão no centro de todo o movimento, demonstrando a potência da união entre mulheres pretas.

Onde se espacializa, o Sarau do Capão modifica não somente as dinâmicas socioespaciais do local. Comumente, as edições ocorrem aos sábados, as que participei já ocorreram na Fábrica de Cultura do Capão e na Associação Bloco do Beco. Outros espaços ocupados foram a Casa de Cultura do Campo Limpo, a Casa de Cultura M'Boi Mirim, a Fábrica de Cultura do Jardim São Luís e o Cursinho Popular Carolina de Jesus. O relato de observação que apresento a seguir é baseado na edição de aniversário de sete anos da coletiva (Figura 2), que ocorreu em 16 de março de 2024 na Fábrica de Cultura do Capão Redondo:

Figura 2: Edição de aniversário de 7 anos do Sarau do Capão – 16 de março de 2024



Fonte: Instagram³, 2024.

“Depois de 2h de deslocamento [vinha da Barra Funda, zona central de São Paulo], cheguei a Fábrica de Cultura do Capão Redondo, um trajeto que envolveu três

³ Disponível em: <https://www.instagram.com/saraudocapao/>.

linhas de metrô, duas baldeações, uma parte do percurso de ônibus e mais 10 minutos de caminhada entre o ponto de ônibus e a Fábrica.

[...] O palco estava todo iluminado, luzes de diferentes cores que criavam uma outra atmosfera. Tawane Theodoro e Jéssica Campos preparavam os últimos detalhes, havia uma mesa de som, caixas de som e um microfone posicionado em um tripé no centro do espaço, que é aberto e possui uma arquibancada, como um palco. As jovens corriam de um lado para o outro buscando deixar tudo organizado. Essa preparação foi iniciada bem antes da minha chegada, mas continuou a ocorrer, porque organizar um coletivo envolve não ficar parado durante todo o evento, sempre há algo a se preocupar.

A edição do Sarau estava marcada para as 18h30. A galera começou a chegar por volta das 19h. Muitos rostos conhecidos, que eu já havia visto em outras edições do Sarau, ou seja, há um público fiel. Em sua maioria negras/os, as/os jovens foram se posicionando na arquibancada e grupos de conversa se formaram, era visível que muitas pessoas se conheciam, principalmente pelas reações ao se encontrarem. Sempre quando novas pessoas chegavam, cumprimentavam a todas/os, inclusive a mim.

Não demora muito a Tawane e Jéssica se posicionarem no centro do palco. Não disseram boa noite ou sejam bem-vindas/os, já iniciaram recitando uma poesia em conjunto que terminou com o seguinte verso: “Somos o Sarau do Capão”. O intuito era impactar, concentrar toda a atenção e demonstrar que o sarau iria começar: a poesia estava no centro. Depois disso, veio um amistoso boa noite, a menção de que era aniversário do coletivo e por isso uma edição especial e a explicação de como era um sarau, sendo que nas palavras de Tawane: “o mais importante é esse microfone não ficar vazio”. Há uma sintonia forte entre as jovens, são amigas há anos e possuem uma parceria marcante, proferindo discursos engraçados ao longo do sarau como forma de descontração. Tawane brincou que se o microfone ficasse vazio, ela seria obrigada a cantar, logo Jéssica pediu para que as pessoas não deixassem isso acontecer, afinal não considerava que a amiga cantava muito bem.

Uma pessoa por vez foi caminhando até o centro do espaço, algumas foram mais de uma vez. A maior parte das/os artistas recitaram poesias, sobre diferentes temas: racismo, sexismo, amor, esperança e relações familiares. Duas pessoas cantaram, uma delas era a irmã de Tawane. A presença da família de Tawane chama muito a atenção, a mãe e a irmã sempre estão nos saraus e se expressam artisticamente. Inclusive, a mãe dela recitou uma poesia sobre o amor de mãe para suas/seus filhas/os, terminou que todas/os nós estávamos emocionadas/os, ainda mais quando mãe e filhas se abraçaram.

Conforme o microfone ficava vazio, Tawane e Jéssica incentivavam o público a se expressar. Por se conhecerem, as/os jovens também se incentivavam: “vai lá, recita aquela”. Em algumas vezes, quando uma/um artista começava a recitar, alguém vibrava com reações como: “essa é profunda” e “essa é pesada”.

Quando todas as pessoas que desejam se apresentar já haviam ido ao centro do palco, as meninas decidiram que era hora de encerrar o microfone aberto. Encerraram com a poesia sobre o Sarau do Capão. Em seguida, teve uma roda de samba do grupo “Amigos do Ernesto”. Todo mundo foi ao centro do palco, formou a roda, dançou e cantou músicas. Foi interessante porque eu nunca havia visto uma roda de samba em saraus, slams ou batalhas de rima, mas o samba também é uma cultura da periferia e isso demonstra como o Sarau do Capão realmente abarca diferentes artes.

Ao fim do Sarau, teve bolo. Cantamos parabéns e Tawane e Jéssica agradeceram a presença de todas/os e a parceria com o coletivo. Enquanto comiam bolo, todas/os interagiram. Logo, as organizadoras começaram a guardar os equipamentos e o público foi se espalhando”.

(Diário de campo, 16 de março de 2024)

Nesses delineamentos ocorrem as edições do Sarau do Capão, que faz a cultura periférica na periferia, ressignifica esse espaço e confirma a ideia da zona sul de São Paulo como um polo de cultura na metrópole. O Capão Redondo, onde o Hip Hop se consolidou como cultura negra, juvenil e periférica no Brasil e que também foi a base para a estruturação da cultura periférica paulistana, transforma-se a partir do Sarau do Capão. Já não se trata de uma cultura constituída somente por coletivos organizados por homens, como foi durante anos, agora as mulheres também falam e criam seus próprios espaços de partilha e escuta. Duas jovens negras, Tawane Theodoro e Jéssica Campos, assumem posição central e desencadeiam dinâmicas socioespaciais no espaço geográfico.

Batalha da Máfia (Londrina): mulheres negras continuando uma história

“Criamos esse espaço pra construir a união entre quem não se sente representade em certas batalhas da cena. Para todes que querem rimar, se expressar e se sentirem segures e confortáveis. Cola com a sua poesia, sua escrita, seu Slam, sua arte. Mulheres, pessoas trans / NB, tem a vaga garantida na batalha. [...] Queremos ter a liberdade de existir, aprender com vocês e que vocês possam aprender com a gente, um espaço sem

rivalidade, politizado e sem julgamentos e acima de tudo SEM a presença de pessoas que são o símbolo de opressão e violência contra nossos corpos”⁴.

Com esse post no Instagram, a Batalha da Máfia marcou uma cisão na cena cultural londrinense, que vinha sendo produzida somente por coletivos organizados majoritariamente por homens. Preta Mar, Venezian, Cleópatra e Dayo, quatro jovens negras, com trajetórias distintas, mas que já haviam se cruzado, e que além dos marcadores sociais de raça, gênero, classe e idade, também compartilhavam vivências permeadas por violências. Na ausência de um espaço acolhedor para mulheres, se fortalecem mutuamente e decidem criar seu próprio espaço:

[...] a gente gostaria de ter um espaço para rimar, porque aconteceram violências dentro do movimento, de a gente sofrer machismo, misoginia e ver violências contra mulheres acontecendo na nossa frente, dentro das batalhas de rima. E foram momentos muito ruins, assim, porque a gente estava muito sem ter onde ir, tá ligado? E aí a Máfia veio muito nesse encontro. A gente já era amigas antes da coletiva e compartilhava essas vivências, e aí a Mar falou “Não mano, vamos fazer uma coisa nossa, a gente vai fazer uma batalha de rima pra gente poder, vamos fazer um movimento nosso, em que as nossas e os nossos possam se sentir confortáveis dentro do nosso espaço”, e foi assim que a Máfia surgiu, tá ligado? E é muito lindo isso, porque realmente é uma coisa que fez uma diferença extrema na nossa vida e na vida de outras pessoas que a gente vê. [...] A gente trouxe muito desse legado que foi deixado pela Batalha das Minas Londrina. [...] a Batalha da Máfia entrelaça narrativas E histórias, e a gente se reconhece uma na história da outra, estamos aprendendo juntas o tempo inteiro (Cleópatra em entrevista, setembro de 2024).

A Coletiva Máfia foi criada em janeiro de 2023 e, atualmente, realiza as edições de batalhas de rima às quartas-feiras, às 19h30, na praça da Rua Argentina, na Vila Brasil, zona central de Londrina. Elas continuam uma história, pois três das quatro organizadoras participavam do coletivo Batalha das Minas – Londrina, que pude acompanhar na pesquisa de mestrado (Marques, 2021) e que foi desativado em 2022, em função da principal organizadora mudar-se da cidade.

Por volta do horário de início, jovens começam a chegar na praça, sentam-se em grupos nos poucos bancos e misturam algumas bebidas alcóolicas em copos. A maior parte das pessoas chega de carro e moto, em grupos, demonstrando que compartilham caronas. Há também pessoas que chegam de bicicleta e aquelas que vêm andando do ponto de ônibus mais próximo. Por um bom tempo, todas ficam conversando. Formam-se rodas de *freestyle*, em que as/os MCs ficam rimando entre si para treinar. Quando uma boa quantidade de pessoas está reunida, a batalha inicia.

⁴ Retirado de: <https://www.instagram.com/coletivomafia/>. Post realizado em 15 de janeiro de 2023.

Na Máfia, a prioridade para rimar é das mulheres e pessoas LGBTQIA+, porém homens também podem participar e, inclusive, formam a maior parte das/os MCs, assim como do público. Em função de muitos MCs se inscreverem para batalhar, é comum os *rounds* serem em duplas ou ocorrer um sorteio para definir quem poderá competir.

As organizadoras dividem o trabalho ao longo da batalha: MC, cronometragem dos tempos, sorteio de temas (quando a batalha é de conhecimento) e mídias sociais. É visível o respeito dos homens com as organizadoras e outras mulheres que frequentam a coletiva, diferente do que já presenciei em outras batalhas de rima da cidade. A Máfia deixa muito bem demarcado que não há espaço para discriminação e que qualquer discurso problemático implicará no impedimento de participar das edições.

A coletiva não possui tantos equipamentos como a Batalha Dominação ou o Slam Quilombo de Dandara, então é comum os *beats* serem tocados em pequenas caixas de som e não há microfone, por esse motivo as/os jovens se aglomeram na roda de rima e ficam em absoluto silêncio para ouvir as/os MCs, ponto que é interessante em uma batalha de rima, uma vez que quando há microfones, uma série de jovens ficam conversando durante os *rounds*.

Há também recital de poesia nas edições, em um momento do evento que as organizadoras questionam se alguém deseja recitar e, geralmente, são mulheres que expõem suas poesias. Considerando que não há nenhum slam em Londrina, esse espaço criado para a performance de poesia é muito positivo.

O conteúdo das poesias geralmente é sobre a vivência periférica, as dificuldades de viver da arte, o racismo, o machismo e as desigualdades socioeconômicas. Por volta das 22h30min/23h, a batalha termina. Algumas/uns jovens vão embora logo em seguida, porém, muitas pessoas permanecem na praça, interagindo e bebendo. É uma atmosfera animada, de interlocuções e acolhimento. É comum ouvir “alguém quer carona?”, “quem quer dividir um Uber até o Terminal Central?” e “quem mora na zona norte e quer dividir um Uber?”. Tratam-se das estratégias de ajuda mútua para que todas as pessoas cheguem em segurança e gastem pouco dinheiro com transporte.

A Máfia se propõe a ser um espaço de acolhimento para quem quer adquirir confiança e desenvolvimento na cultura Hip Hop, por meio da coletivo as/os jovens têm a possibilidade de expressão segura, sem julgamentos e opressões (Figura 3).

Figura 3: Edição da Batalha da Máfia – 27 de março de 2024



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

“A Batalha da Máfia é Revolução! Temos colecionado experiências e momentos únicos, aprendizados e sorrisos cheios e coração transbordando no peito. A Batalha da Máfia é zona de aprendizado revolucionário. Cada corpo resistindo e compartilhando conhecimentos e expressão é revolução. Nosso coração é o que move a nossa correria, o espaço que gente cria a energia que criamos em roda. Isso é sobrevivência artística, resistência do povo da rua. Toda quarta-feira. A Máfia tem mudado perspectivas, sobre afeto, sobre postura, sobre arte, sobre arte na rua, postura na rua. Vida longa aos mafioses sobreviventes das guerras do dia a dia. Que vingue o espaço e cultura antiracista, anticapacista, que vinguem espaços onde transfobia, homofobia e misógina sejam repudiados”⁵

E assim, as jovens vão desenvolvendo seu trabalho na cena cultural de Londrina, expondo as situações de discriminação de gênero e sexualidade que ocorrem na cena, reivindicando espaço nas competições estaduais e se somando a outros coletivos para que a cena cresça junto. Elas desestabilizam a hegemonia masculina na cultura periférica de Londrina e a posicionam no que pode ser considerado, do ponto de vista da estrutura urbana, uma área pericentral.

⁵ Retirado de: <https://www.instagram.com/coletivomafia/>.

Slam Quilombo De Dandara (Presidente Prudente): a poesia falada movimenta o centro, Dandara Vive!

É dia de Quilombo de Dandara e eu sou uma das organizadoras da coletiva. O slam acontece no segundo domingo de todo mês, mas a preparação começa uma semana antes. Geralmente, na segunda-feira anterior, Alliblack envia em nosso grupo de *Whatsapp*: “Salve Quilombo!”, é quando sabemos que chegou a hora de nos articularmos. Assim acontece quando temos somente o slam para realizar no mês, porém, há momentos em que as interações no grupo são mais constantes: elaboração de editais, preparação de publicações nas redes sociais e convites para participar de ações culturais em Presidente Prudente.

Cada pessoa fica responsável por uma tarefa: eu⁶ escrevo as publicações, Emily Souza movimenta as redes sociais, Alliblack entra em contato com a Secretaria de Meio Ambiente para autorizar a utilização da Praça da Ápea, numa área do centro expandido da cidade e Thiago organiza os materiais. Trabalhamos juntas/os para fazer o slam acontecer!

No dia do evento, chegamos mais cedo na Praça da Ápea e iniciamos a ocupação do seu teatro arena. É hora de organizar o espaço: recolher o lixo, montar os equipamentos, preparar o Espaço Criança e iluminar a Praça com nossos refletores, mas é também tempo de conversar sobre os próximos slams, como edições comemorativas e ideias de outras ações na cidade. O slam é comumente marcado para às 19h. Por volta das 19h30, a galera começa a chegar. Conforme se aproximam, vão se cumprimentando, sentando-se nas arquibancadas, formando grupos de conversa e interagindo. Nós da organização somos cumprimentadas/os por todas/os: toques de mão, abraços e “Salve amiga!”, o público valoriza muito a equipe e entende que fazer arte em uma cidade do interior paulista tem muitos desafios.

Emily Souza, nossa DJ, começa a tocar e animar a galera com muito rap, chamamos esse momento de Rádio Quilombo, quando raps muito conhecidos são tocados, mas há também a divulgação de artistas de Presidente Prudente e do Oeste Paulista. Enquanto isso, Alliblack vai recolhendo os nomes de quem vai participar do

⁶ A escrita da tese, em sua maior parte, está em primeira pessoa do plural, “nós”. Porém, em alguns trechos e itens, é utilizado “eu”, primeira pessoa do singular, para explicitar quando refere-se a experiências empíricas de pesquisa, como as vivências junto às coletivas, que carregam a subjetividade e corporeidade da autora. Quando o “nós” é utilizado, refere-se ao processo interpretativo de construção da tese, que resulta do diálogo com o professor orientador e as coletivas que integram a pesquisa.

recital aberto e da competição de poesia. Ela me passa os nomes e eu começo a organizar nossa folha de pontuação, minha principal função durante a competição é ficar responsável pelas notas atribuídas às/aos poetas. Thiago cuida do tempo de cada poesia. Lorena é responsável pelas fotos e vídeos. E Alliblack é nossa MC.

Em média, 20 pessoas compõem o público de nossa coletiva. Por volta das 20h, Alliblack abre o microfone para as pessoas que se inscreveram no recital aberto, poesias são recitadas, mas há também a divulgação de músicas. Há artistas que usam o recital aberto para iniciar sua trajetória na poesia, uma vez que não há o julgamento e atribuição de notas. Posteriormente, começa nossa competição de poesia, o slam propriamente dito.

Cada poeta caminha ao centro do teatro arena da Praça e se apropria do microfone, algumas/uns optam pelo uso do tripé como apoio, outras/os preferem se movimentar em suas performances e há aquelas/es que escolhem não usar o microfone. Alliblack diz: “Poesia na Praça”, e o público responde “Quilombo de Dandara!”. Silêncio! O protagonismo agora é da/o poeta, que tem três minutos para recitar e performar sua poesia. Os temas mais presentes são: racismo, sexismo, desigualdades socioeconômicas, periferia e política, são as questões que mais interferem nas vivências de nosso público, constituído em sua maioria por pessoas jovens, negras e periféricas. Quando a/o poeta finaliza sua poesia, todas/os aplaudem, escuto várias interjeições como “pow pow pow” e “oooow”. Um minuto é dado para as/os juradas/os atribuírem as notas e Alliblack pede para que levantem os quadros em que escreveram a pontuação, agora é hora de o público expressar sua concordância ou discordância: quando a nota é 10 ouvimos um “oooow”, mas quando é inferior todas/os somos convidadas/os a gritar: “Credooo!”. Assim ocorre o slam, silêncio quando necessário, interação quando preciso, e a escuta permeia todo esse processo.

Na última ronda, as/os três poetas finalistas recitam suas poesias e além das/os juradas/os atribuírem notas, o público também vibra por sua/seu poeta preferida/o, o que soma mais um ponto que, inclusive, pode ser decisivo em casos de empate. Faço a somatória final e digo para Alliblack o nome da/o vencedora/o. A MC chama todas/os ao centro da Praça e anuncia o resultado. A/O vencedora/or recebe suas premiações e os aplausos do público. Por fim, tiramos uma foto de todas/os (Figura 4). Após isso, algumas pessoas vão embora e outras permanecem na Praça, conversando. Chega o momento de guardar os equipamentos e deixar a Praça organizada, diferente da forma que a encontramos antes do slam. Levamos tudo para o carro de Alliblack e Emily, e retornamos para nossas casas. Já é por volta de 23h.

Figura 4: Slam Quilombo de Dandara – 12 de março de 2023



Fonte: Instagram⁷, 2024.

Mas como tudo começou? “Na ponta do abismo lá vai a mãe preta / Aguenta o infinito num corpo”⁸, a poesia “Na ponta do abismo” de Carol Dall Farra, poeta negra e periférica nascida em Duque de Caxias (RJ), marcou a construção inicial de um projeto que se tornou um sonho para Alliblack.

Alliblack, uma jovem negra periférica nascida em Bataguassu (MS), uma cidade pequena do interior do Mato Grosso do Sul com cerca de 23 mil habitantes. A jovem se mudou para Presidente Prudente com 20 anos, intencionando estudar em uma faculdade da cidade. Já ouvia raps em sua quebrada, assim como funk e samba, a típica mistura de sons que ressoam nas periferias. Seu primo foi quem lhe apresentou o rap, principalmente na figura de Racionais MC’s e Facção Central, e apesar de todos os estigmas que existiam em relação ao rap, foi quando a jovem entendeu que: “*essa é a música de preto que eu quero escutar*” (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023). Porém, Alliblack não acreditava que seria possível fazer rap em uma cidade pequena que não possuía uma cena cultural forte. Um sonho surgiu, mas permaneceu adormecido, ela ainda não entendia que o que escrevia era poesia.

⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/quilombo.de.dandara/>.

⁸ Disponível em: DALL FARRA, Carol. Na ponta do abismo. In: DUARTE, Mel (org.). **Querem nos calar:** poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

Quando se mudou para Presidente Prudente, Alliblack começou a frequentar eventos de coletivos culturais da cidade, além de que também possuía proximidade com a organização de festas, o que a fez conhecer muitas pessoas e aprender sobre produção cultural. Quando assistiu ao vídeo⁹ em que a poeta Carol Dall Farra recitou “Na ponta do abismo”, Alliblack se emocionou e entendeu que era aquilo o que deseja fazer. “Filha de Preta!”, poetiza Carol.

[...] quando eu vi os vídeos da Carol Dall Farra eu falei ‘É isso!’. Eu comecei a acompanhar ela, outros poetas e outras poetas também, comecei a acompanhar a Kimani [...] e a acompanhar o movimento de slam, falei ‘mano, eu quero muito ir num slam’, procurava slam aqui perto e não tinha, aí eu encontrei umas pessoas e falei ‘Vamos fazer um slam aqui na cidade?’, falaram ‘Vamo!’. Eu já tava com uma ideia pronta, eu vinha planejando desde o início de 2017 e nós demos início em janeiro de 2018, quando foi o primeiro slam do Quilombo de Dandara (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023).

Alliblack desejava um espaço em que pudesse expor suas poesias, que já escrevia desde muito nova, mas que em suas palavras eram “somente versinhos”. Somado a isso, a baixa presença das mulheres na cena também a incomodava e a motivou a criar um coletivo em que todas as pessoas se sentissem acolhidas. A partir de 2018, a cena cultural de Presidente Prudente foi incrementada com o Slam Quilombo de Dandara e uma mudança começou a ser gestada: maior representatividade de mulheres.

Dandara Vive! O próprio nome da coletiva é uma referência a uma importante mulher negra na história brasileira. Dandara dos Palmares foi uma guerreira que viveu no período colonial e teve papel crucial na construção do Quilombo dos Palmares e na resistência da população negra à escravização. Ela dominava técnicas de capoeira, traçava estratégias de resistência e lutava nos conflitos, além de participar das atividades cotidianas do quilombo, como caça e agricultura (Tinoco, 2014). Apesar da relevância de Dandara na existência do Quilombo dos Palmares por quase um século, em função da estrutura racista e patriarcal da construção do conhecimento, a existência da guerreira foi apagada de boa parte da história. É comum ela ser associada somente ao título de esposa de Zumbi dos Palmares. Nesse sentido, o nome “Quilombo de Dandara” coloca a mulher negra no centro, ressignifica a história da guerreira Dandara e demonstra a importância de mais mulheres assumirem posição de protagonismo, no caso do slam é por meio da arte que isso é conquistado.

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DbQXy_jcCXE.

Alliblack iniciou a coletiva com cerca de mais oito pessoas, entre homens e mulheres. Entretanto, já no primeiro ano percebeu a necessidade de um recorte mais demarcado, em função de discordâncias em relação a posturas de membros. Assim, a formação inicial se desfez e a coletiva passou a ser constituída somente por mulheres. Outras formações conduziram as atividades e, aos poucos, a jovem também constatou a importância do marcador racial na composição, priorizando que apenas pessoas negras integrassem a organização. A formação atual vem desde 2022: Alliblack, Emily Souza, eu e Thiago Aguiar. O jovem negro ingressou na coletiva quando ainda tinha 17 anos, fazia parte de um lar de acolhimento de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade em que Alliblack é educadora. Assim, a coletiva lhe proporcionou o contato com debates sociais (sobretudo raciais e de gênero) e ele firmou sua participação na organização. Embora tenhamos a presença de um homem, a história da coletiva é marcadamente escrita por mulheres.

Portanto, o Slam Quilombo de Dandara é uma coletiva organizada por três mulheres negras e um homem negro, seu objetivo é difundir a poesia marginal em Presidente Prudente e expandir a cultura periférica na cidade. Todo segundo domingo de cada mês, a juventude prudentina se apropria da Praça Dóbio Zaina (mais conhecida como Praça da Ápea), localizada na área central de Presidente Prudente, para poetizar e sociabilizar:

Quando a gente foi decidir onde seria o slam, cada um foi dando opções de praças que conhecia. Primeiro tinha a ideia do Parque do Povo, mas pensamos que tudo o que vai acontecer o pessoal joga para o Parque do Povo e não estavam acontecendo ações nos outros lugares, e a nossa ideia era que acontecesse nos outros lugares também, só que tinha que ser um lugar que as pessoas conseguissem chegar de ônibus e que elas conseguiriam achar com facilidade [...] quando todo mundo foi na Ápea, o teatro arena era o que chamava atenção, era nosso xodó, com palco e tudo, era acessível, poderíamos usar o lugar da prefeitura como referência e pensamos “é isso!” (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023).

O Slam Quilombo de Dandara modificou não somente a estrutura de gênero da cena cultural de Presidente Prudente, como também expandiu a cultura periférica para além do Parque do Povo, o espaço público mais utilizado da cidade. Além da competição de poesia, do recital aberto e da Rádio Quilombo, as edições também contam com o Espaço Larica (para que pessoas vendam alimentos), Espaço Arteiro (para que pessoas vendam seus produtos artesanais) e Espaço Criança (atividades com foco no empoderamento infantil), este último surgiu justamente da constatação de que havia

mulheres mães interessadas em participar do slam, sendo necessário acolher também suas crianças, mais um fato que representa os ideais da coletiva.

O Slam Quilombo de Dandara marca uma fissura na cena cultural prudentina, buscando criar um espaço de acolhimento e partilha, inicialmente com foco nas mulheres, mas também da população negra. Nas palavras de Davis (2017), “quando uma mulher negra se movimenta, toda a estrutura se movimenta com ela”, Carol Dall Farras se movimentou graças a avanços propiciados por mulheres negras ancestrais, inspirou Alliblack que também se moveu e uniu outras mulheres negras em busca de uma cultura antirracista, antissexista e que reivindica o direito à cidade, ocupando um espaço público subutilizado no centro da cidade e lhe dando uso e vida.

As jovens mulheres negras da pesquisa

As jovens negras que organizam as coletivas apresentadas são as interlocutoras desta pesquisa. Mulheres que se posicionam no centro da produção cultural por meio da manutenção de batalhas de rima, slams e saraus, ao passo que enfrentam desafios na apropriação das cidades. Todas autorizaram a utilização de seus nomes ou vulgos¹⁰ reais. São sujeitas¹¹ que se autodeclaram pretas e pardas, se entendem como mulheres e são artistas da cultura periférica de São Paulo, Londrina e Presidente Prudente.

Ingrid Martins é poeta, escritora, cantora e designer gráfico. Tem 28 anos de idade, é preta e reside na Vila Império (distrito Jabaquara - zona sul de São Paulo), porém, nasceu na zona norte da cidade. Começou a atuar na cultura periférica com 19 anos, quando conheceu os slams e se aproximou da poesia. Todavia, já curti rap há anos e escrevia músicas e poesias. É organizadora da Batalha Dominação.

Nyarai é cantora, poeta, compositora e produtora cultural. Tem 29 anos, é preta e reside no Jardim Luso (distrito Cidade Ademar - zona Sul de São Paulo). Conheceu as batalhas de rima com 13 anos e nunca mais se afastou da cena, rimando em diferentes cidades do Brasil. É organizado da Batalha Dominação.

Tawane Theodoro é poeta, tem 24 anos, é preta, reside no Jardim Dom José (distrito Capão Redondo - zona sul de São Paulo) e possui graduação em Nutrição. Sempre teve uma forte ligação com os esportes e treinou basquete até os 16 anos.

¹⁰ Nome como a sujeita prefere ser popularmente conhecida, carrega um significado e contribui para a afirmação da identidade. Geralmente, é distinto do nome de registro.

¹¹ O perfil reflete a vida das jovens no período das entrevistas, entre setembro de 2023 e outubro de 2024.

Conheceu a cultura periférica em 2016, com 17 anos, e se tornou poeta. É organizadora do Sarau do Capão, poeta formadora do Slam Interescolar (projeto do Slam da Guilhermina) e já atuou como organizadora do Slam do Bronx.

Cleópatra é artista, MC e estudante de Psicologia na Universidade Estadual de Londrina (UEL). Tem 22 anos, é preta e reside no Jardim Lima Azevedo, zona oeste de Londrina. Encontrou o Hip Hop entre os 10 e 12 anos, por meio de um projeto social circense que participava. É integrante do projeto social independente Freestyle de Rua, que leva o Hip Hop para escolas, universidades, periferias e praças. É organizadora da Batalha da Máfia.

Venezian é MC, cantora, técnica em Enfermagem e estudante de Enfermagem na UEL. Tem 25 anos, é preta e mora no bairro Alto da Boa Vista, zona norte de Londrina. Conheceu o Hip Hop por meio do irmão e escreve raps e poesias desde os 12 anos. É organizadora da Batalha da Máfia.

Alliblack é MC, rapper, DJ, educadora social e produtora cultural e artística. É preta e possui 31 anos¹². Reside no Jardim Aviação em Presidente Prudente. Nasceu na cidade de Bataguassu e se mudou para Presidente Prudente quando tinha 20 anos, foi também quando conheceu as batalhas de rima e os slams, embora gostasse de rap e escrevesse poesias (sem considerar que eram poesias) desde sua adolescência. É idealizadora e organizadora do Slam Quilombo de Dandara.

Emily Souza é DJ, artesã e afroempreendedora, proprietária da marca Emicriou. É preta, tem 23 anos e reside no Jardim Aviação em Presidente Prudente. Mudou-se para a cidade com 17 anos para finalizar o ensino médio e trabalhar. Anteriormente residia em Sandovalina (SP), uma cidade pequena próxima a Presidente Prudente. Sempre ouviu raps e frequentava batalhas de rima, mas começou a se interessar por ser DJ com 20 anos, quando conheceu Alliblack e o Slam Quilombo de Dandara. É também organizadora dessa coletiva.

Lav é MC e trabalha em bares de Presidente Prudente, não organiza nenhuma das coletivas da pesquisa, mas já integrou a organização da Oficina de Freestyle, uma batalha de rima da cidade e que tem foco na diversidade LGBTQIAPN+. É preta, tem 25 anos e reside no Parque Alvorada. Lav faz questão de pontuar que é uma mulher trans. Começou

¹² Embora os critérios institucionais brasileiros definam jovens como pessoas entre 15 e 29 anos, corroboramos com Carrano (2011) que aponta que entender jovens apenas pelo fator da idade é simplificador, uma vez que as fronteiras entre a vida jovem e adulta são cada vez mais imprecisas e não podem ser definidas apenas por aspectos biológicos.

a escrever letras e poesias em sua adolescência. Frequenta a Batalha do Vale desde 2016, mas se sentiu confortável para batalhar somente em 2018, após treinar em rodas de *freestyle* e ser incentivada pelos organizadores do coletivo.

* * *

As trajetórias de vida espacializada das jovens negras da pesquisa demonstram os acontecimentos que levaram à formação de coletivas da cultura periférica, que colocaram as jovens no centro da produção cultural e que transformaram suas identidades em positivas. Isso desencadeia outros eventos e acontecimentos como a ressignificação das periferias, o reconhecimento de uma dimensão racial na organização das cidades, a reivindicação por equidade de gênero na cultura periférica e a apropriação do espaço urbano por práticas espaciais juvenis, que tensionam as estruturas hegemônicas das cidades. Assim, enquanto se constituem, as jovens também transformam o espaço geográfico e a vida de outras/os jovens.

Desse modo, o objetivo desta tese é compreender as relações entre práticas espaciais de coletivas de jovens mulheres negras da cultura periférica e as lógicas de produção das cidades, em diferentes contextos urbanos, e como essa cultura contribui para a instituição de suas espacialidades e identidades. Trata-se de refletir sobre duas questões principais: primeiro, como as práticas espaciais desencadeadas no âmbito da cultura periférica constituem as periferias urbanas e se conformam ou contestam as lógicas socioespaciais hegemônicas do espaço urbano? E segundo, como as jovens negras constroem suas identidades interseccionais em um movimento dialético com o espaço geográfico?

No esforço de refletir sobre essas questões, a pesquisa desdobra-se em duas frentes: o estudo das práticas espaciais juvenis de deslocamento e apropriação dos espaços públicos para a realização da cultura periférica; e a tessitura de uma trama (Zusman, 2014) em que as trajetórias de vida espacializada das jovens mulheres negras são entrelaçadas às urdiduras e nos permite compreender os contextos geográficos (Turra Neto, 2024) de diferentes cidades.

Convidamos as/os leitoras/es a mergulharem no universo da tese, conhecerem a cultura periférica e quem a produz, valorizar as jovens mulheres negras e também estabelecer suas próprias interpretações, dialogando e confrontando as ideias, afinal é assim que a produção do conhecimento avança.

INTRODUÇÃO

Entre insurgências esta tese foi construída. Uma palavra muito presente ao longo do texto e que caracteriza os temas discutidos: periferias, cultura periférica e jovens mulheres negras. Sujeitas que marcam suas existências nas cidades, por meio da produção artística e cultural, constituindo periferias vivíveis e demonstrando a potência da margem. Buscando seguir os seus passos, também demarcamos insurgências no campo científico, traçando uma trama geográfica na contramão de opressões coloniais e patriarcais, que secularmente vulnerabilizam as vivências de mulheres negras.

Investigamos a cultura periférica por meio de batalhas de rima, slams e saraus. As juventudes dessa cultura periférica produzem outras narrativas e reconfiguram ideias estigmatizadas sobre as periferias. Quando as mulheres negras atuam nesse movimento, em suas trajetórias interseccionais elas modificam não somente os imaginários sociais, mas também a própria cultura, que é tensionada por referenciais feministas, que reivindicam equidade. Essas dinâmicas ocorrem em diferentes contextos urbanos, questionando a produção desigual do espaço, ao reivindicarem o direito a apropriar-se das cidades em todas as suas possibilidades.

Porém, ao mesmo tempo em que há as insurgências, também existem os processos estruturais que configuram as cidades, tornando-as mais desiguais, como a fragmentação socioespacial, que intensifica a segmentação do tecido urbano, sobrepõe-se à lógica centro-periferia e interfere nas experiências urbanas das pessoas. No caso das sujeitas/os periféricas/os, a fragmentação impõe barreiras socioespaciais que cerceiam suas práticas espaciais.

Nesse sentido, objetivamos compreender as relações entre práticas espaciais de coletivas de jovens mulheres negras da cultura periférica e as lógicas de produção das cidades, em diferentes contextos urbanos, e como essa cultura contribui para a instituição de suas espacialidades e identidades. São Paulo, Londrina e Presidente Prudente são as cidades que integram a pesquisa, junto com as quatro coletivas apresentadas no Prólogo, caracterizando um estudo urbano comparado.

De forma específica, nosso objetivo desdobra-se em três: 1. Entender como as práticas espaciais relacionadas às coletivas reforçam ou subvertem as lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano; 2. Interpretar como o engajamento na cultura periférica se desdobra em processos de afirmação de identidades interseccionais de jovens negras, conforme também possibilita a instituição de outras espacialidades; 3- Realizar

um estudo comparativo sobre a cultura periférica na metrópole e nas cidades médias, em suas potências e limites.

Para compreender os enrendamentos entre cultura periférica e lógicas socioespaciais, interpretamos dois tipos de práticas espaciais: a apropriação dos espaços públicos, em que produzimos mapas de espacialização dos coletivos culturais nas três cidades, relacionando com suas estruturas; os deslocamentos casa-espço público realizados pelo público das coletivas.

E com a finalidade de entender o movimento de instituição de espacialidades e afirmação de identidades, interpretamos as trajetórias interseccionais das jovens, destacando quando e em que locais os marcadores sociais foram positivados em suas experiências urbanas. Nesse exercício, pensamos no contexto geográfico das cidades da pesquisa em que as sujeitas desenvolvem as suas juventudes, nosso esforço foi tecer uma trama entre os fios biográficos e a urdidura, composta pelos fatos históricos e geográficos de cada cidade e da sociedade mais ampla.

A pesquisa está vinculada ao projeto temático “Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: Escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos” (FragUrb), desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais (GAsPERR) da FCT/UNESP. De forma sintética, tal projeto temático investiga como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades em cidades brasileiras, para tanto foi organizado em quatro planos analíticos (1. Centro, centralidade e mobilidade; 2. Práticas espaciais e cotidianos; 3. Espaços públicos; e 4. Fragmentação socioespacial, produção e consumo da habitação) e em cinco dimensões empíricas (habitação, trabalho, consumo, lazer e mobilidade) (Sposito, 2018).

A contribuição desta tese à discussão que vem sendo produzida sobre a fragmentação socioespacial é refletir sobre a diversidade de corpos e suas práticas espaciais, a partir da interpretação de como as práticas espaciais de jovens mulheres negras e aquelas desencadeadas por elas na cultura periférica, modificam as cidades e se relacionam com as lógicas socioespaciais, o que nos possibilita pensar nas possibilidades de resistência aos condicionantes impostos e intensificados pelo processo.

Para além de uma leitura a partir do marcador da classe social, produzimos uma interpretação interseccional, que envolve também raça, gênero, sexualidade, idade e a própria participação na cultura. A combinação desses marcadores produz as experiências urbanas de jovens periféricas/os, assim como interfere em sua realização plena. Interessa-

nos pensar como resistem às barreiras socioespaciais e ressignificam sua dupla posição, de mulheres negras e de periféricas.

As nossas interlocutoras, no encontro com a cultura tornaram-se produtoras culturais e intelectuais periféricas, que já não precisam de mediadoras/es. Assim, intentamos falar *com* elas, o que implicou em uma pesquisa colaborativa, com construção horizontal de conhecimentos. Embora não tenham propriamente escrito esta tese, suas visões de mundo, anseios e projetos de futuro estão presentes em toda a construção. Nesse processo, foi possível constatar a potência de suas existências, como ressignificam a posição periférica, como fazem centro na margem e levam a margem ao centro e como têm produzido mudanças em suas trajetórias e nas de diversas/os jovens.

A capa da tese, elaborada pela autora, representa as temáticas da pesquisa. De plano de fundo está a periferia, em sua multiplicidade de construções e cores. Na base das periferias e do desenho, estão mulheres negras e suas raízes, que simbolizam ancestralidade. Cada uma dessas mulheres, também representa uma coletiva da pesquisa. Por fim, ocupando posição de centralidade, estão duas jovens negras, com microfones nas mãos, rimando e poetizando. Cada capítulo da tese também possui uma arte, acompanhada de poesias e músicas produzidas por algumas das sujeitas da pesquisa, o intuito é valorizar suas produções. Nas próximas páginas, apresentamos a posicionalidade da pesquisadora em relação à temática, a hipótese da tese e a organização dos capítulos.

A posicionalidade da pesquisadora: encontro entre jovens mulheres negras¹³

“O Slam Quilombo de Dandara publicou no Instagram um convite para pessoas interessadas em somar com a coletiva e fazer parte da sua organização. Algumas pessoas que antes eram organizadoras saíram e eram necessárias mais pessoas para os eventos acontecerem. Vi como uma oportunidade de me aproximar da coletiva e construir uma pesquisa colaborativa, estabelecendo uma devolutiva efetiva para o grupo. Inscrevi-me para integrar a organização e as meninas aceitaram, convidando-me para participar de uma reunião antes do slam do mês de maio.

No dia 22 de maio de 2022, cheguei à Praça da Ápea às 17h. Lá estavam Alliblack e Emily que já integravam a coletiva, e Lorena e Thiago que, assim como eu, também se inscreveram para compor a organização. Fizemos uma breve reunião, Alliblack explicou

¹³ O item é escrito em primeira pessoa do singular.

sobre a coletiva e sobre todas as atividades desenvolvidas. Foi uma conversa descontraída, mas também séria, pensando nos próximos rumos do Slam. Apresentei-me como pesquisadora, expliquei um pouco da minha ideia e perguntei se estava autorizada a utilizar toda a minha participação na coletiva como elaborações para a pesquisa. A galera aceitou e Alliblack criticou a distância entre a universidade e os coletivos da cultura periférica, apontando que não gosta que as/os estudantes universitárias/os se interessem pelo slam apenas quando querem fazer suas pesquisas, e depois da conclusão, nunca mais retornam, sendo que muitas vezes ela nem sabe o que foi feito com os dados gerados. Destaquei que era justamente o contrário disso que eu queria fazer, por isto queria contribuir efetivamente na organização.

Logo em seguida, fomos preparar a Praça para receber as pessoas e fazer o slam acontecer. Entre varrer o espaço, recolher os lixos e organizar os equipamentos, fomos conversando, rindo e nos conhecendo melhor.

[...] O slam foi incrível, teve cerca de 30 pessoas participando, muitas poesias potentes e vibração de todas/os. Teve também um pocket show e uma contação de história. Fiquei responsável pela contagem das pontuações e controle do tempo das poesias.

[...] Quando o slam terminou, organizamos a praça, novamente recolhemos todos os lixos e fomos embora.

A Praça que antes estava tão cheia de vida, cultura e arte, voltou a ficar vazia, porém, limpa.”

(Diário de campo, 22 de maio de 2022)

Hoje foi dia de Slam Quilombo de Dandara e também dia de aplicar os questionários da pesquisa. Estava nervosa porque queria que tudo caminhasse bem. Antes pedi autorização para a galera da organização, mostrei as perguntas e disse que os dados nos permitiriam conhecer o público e construir um mapa da centralidade da coletiva, que poderia ser anexado ao portfólio e aos editais que eu escrevo.

[...] Apliquei os questionários antes do início da competição e durante os intervalos. Foi bem tranquilo, expliquei rapidamente o intuito das perguntas e foi notável o quanto fez diferença as pessoas me conhecerem enquanto uma organizadora da coletiva. Muitas elogiaram a iniciativa e se animaram para ver os resultados do processo.”

(Diário de campo, 9 de dezembro de 2022)

Os trechos de diários de campo apresentados demonstram o desenvolvimento da minha relação com o Slam Quilombo de Dandara e como minha posicionalidade se alterou ao longo da pesquisa. Haraway (1995) e Rose (1997) defendem que é necessário explicitar nossa posicionalidade e reflexividade na produção do conhecimento, uma vez que não há conhecimentos neutros e universais. O contexto espacial e temporal do qual falamos e a nossa corporeidade e trajetória biográfica influenciam nos escritos, assim como nossas pesquisas e intencionalidades interferem nas relações com as/os sujeitas/os do recorte espacial que interpretamos. No cenário de Presidente Prudente, a tese foi construída em uma perspectiva *de dentro*, como demonstra o diário de campo, o que também influenciou nas relações com as coletivas de São Paulo e Londrina.

Até maio de 2022 eu era a pesquisadora, a partir do dia 22 me tornei também a organizadora de um slam, novos cruzamentos foram produzidos no encontro. Foi interessante esse processo de mudança, os impactos dele na constituição da minha identidade e perceber a relação sólida que consegui construir com as meninas ao longo dos últimos dois anos. De “Ana” eu passei a ser “amiga”, conheci mais sobre elas, elas conheceram mais sobre mim, saímos após alguns slams para comer e beber e assim as relações foram sendo estreitadas. As alegrias não são das minhas sujeitas de pesquisa, são nossas, compartilhamos as frustrações e desafios de organizar uma coletiva, mas também comemoramos juntas os avanços que conquistamos: eu *sou* uma delas, *estou* com elas e me interesse por falar *sobre* nós. Nessa caminhada, a pesquisa colaborativa foi sendo tecida. Os encontros com as interlocutoras foram potencializados pelos marcadores identitários que temos em comum. Posiciono-me enquanto mulher, negra, jovem, periférica, geógrafa, professora e organizadora do Slam Quilombo de Dandara.

Cresci em uma periferia da zona norte de Londrina, vendo o mundo à margem e acumulando as desvantagens de gerações de pessoas negras e empobrecidas. Pude entender os episódios cotidianos de racismo e de sexualização que sempre vivi, por meio de aulas do intitulado “professor negro de Geografia”, Claudio Francisco Galdino, no ensino médio. “Despertei” um outro olhar e passei a refletir sobre minha posição no mundo. Sempre desejei ser professora e com os incentivos (e renúncias) de meu pai e de minha mãe, tive a oportunidade de me dedicar somente aos estudos e ingressar em uma universidade pública, sendo a primeira pessoa de toda minha família a cursar um doutorado.

O ingresso na universidade representou maior empoderamento em minha vida, mas também reconhecimento de que o espaço acadêmico historicamente contribuiu para a desumanização das/os minhas/meus. Conforme Kilomba (2019), o espaço acadêmico não é neutro e nos negou o privilégio de fala durante séculos, considerando nossos saberes como a-científicos, fruto somente das experiências pessoais, da subjetividade e do emocional. Foi a partir do ingresso de identidades marginalizadas, que as universidades mudaram e novas narrativas foram produzidas: “[...] um novo discurso com uma nova linguagem” (Kilomba, 2019, p. 58).

Em 2014, ingressei no curso de Geografia na Universidade Estadual de Londrina e ao me deparar com a escassez do debate sobre raça, gênero e interseccionalidades, escolhi estudar sobre as realidades de mulheres negras, como eu. A cultura periférica foi identificada como uma forma de estabelecer interlocuções entre as temáticas relacionadas às mulheres negras e o espaço geográfico. Na monografia de conclusão de curso, interpretei a participação de mulheres negras em batalhas de rima de Londrina (Marques, 2019) e conclui que possuíam representação inferior em relação aos homens, tendo que realizar inúmeros enfrentamentos quando desejavam participar de uma competição.

Em 2019 ingressei no mestrado em Geografia na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT/UNESP) e na dissertação discuti as espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras em seu processo de afirmação e negociação identitária na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (Marques, 2021). Conclui que a cultura ampliava as espacialidades das jovens e que, a partir de aportes feministas, um Hip Hop feminista vinha sendo construído em Londrina.

Em 2021 ingressei no doutorado e foram as inquietações despertadas durante os anos de pesquisa acadêmica que influenciaram no delineamento do tema desta tese. A exterioridade que possuía em relação às minhas sujeitas de pesquisa na graduação e no mestrado foi rompida durante o doutorado. Tornei-me parte da cultura periférica, não enquanto artista, mas como uma organizadora de uma coletiva. Caminhei entre a posição de *insider* e *outsider*, estabelecendo relações com as colaboradoras e buscando confrontar as teorias com a realidade empírica. Embora uma narrativa subjetiva esteja presente nesta tese, não se trata de uma leitura romantizada, mas estruturada em conceitos científicos e rigorosidade metodológica. A partir de Kilomba (2019, p. 82-83), a tese buscou ser uma pesquisa entre iguais ou similares, com relações de poder mais equitativas em que “Ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em sujeitos”.

Na produção desta tese, assim como em toda minha trajetória acadêmica, vivi paradoxalidades. Segundo Rose (1993) as pessoas ocupam diferentes posições simultaneamente, oscilando entre o centro e a margem. Enquanto uma mulher negra, a margem foi destinada a mim, assim como às minhas ancestrais. Estar no espaço acadêmico me coloca no centro, usufruindo de certo privilégio e possuindo a chance de ascender socialmente. Mas a posição da margem ainda existe, sobretudo em relação às temáticas que escolhi me aprofundar. A universidade é um centro, porém reproduz exclusões e silenciamentos, nas palavras de Kilomba (2019, p. 51): “é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a”.

Ainda há uma descredibilização de discussões sobre temas não-hegemônicos, mas destaco que os temas debatidos nesta tese também falam sobre a estrutura social, uma vez que essas opressões são produtos do capitalismo, que por sua vez está diretamente ligado ao racismo e ao patriarcalismo. Debater sobre questões relacionadas a mulheres negras, interseccionalidades, cultura periférica e juventudes não é pensar em “identitarismo” ou falar somente a partir de “subjetividades romantizadas”, há a possibilidade de refletir sobre estruturas socioespaciais que interferem nas espacialidades das/os sujeitas/os, esforço que busco realizar nesta tese.

Conforme hooks (2019a), faço parte do todo, mas não do corpo principal, enquanto uma mulher negra. Contudo, a autora também nos estimula a pensar “a margem como um espaço de abertura” (hooks, 2019a, p. 280) e, no mesmo movimento, Kilomba (2019, p. 69) defende que “é o entendimento e o estudo da própria marginalidade que criam a possibilidade de devir como um novo sujeito”. Portanto, realizar a teorização aqui proposta é um desafio, mas também uma oportunidade de contribuir para as interpretações das realidades de sujeitas historicamente silenciadas e invisibilizadas, e também para a produção das Geografias Negras, Feministas e das Juventudes.

A hipótese da tese

Como hipótese inicial de trabalho, entendemos que as práticas espaciais da cultura periférica são insurgentes, pois questionam a estruturação desigual das cidades, em que jovens transitam em busca de cultura e desafiam as barreiras socioespaciais impostas. Tais barreiras são intensificadas pela fragmentação socioespacial e se expressam, por exemplo, na mobilidade precária e nos enfrentamentos com o Estado, com a polícia e com a vizinhança dos espaços públicos.

A cultura periférica e as/os jovens contestam e reforçam, de modo contraditório, as lógicas socioespaciais centro-periférica e fragmentária, tanto na metrópole quanto nas cidades médias. Em síntese, a contestação se expressa na emergência das periferias como centros de produção cultural, e a ênfase envolve a lógica fragmentária, em que as manifestações culturais ficam mais circunscritas aos fragmentos em que ocorrem. Além disso, nas cidades médias a lógica centro-periferia atua de forma mais intensa sobre as práticas espaciais, a juventude busca mais o centro para a realização das batalhas de rima, saraus e slams.

As identidades das jovens negras se formam em um movimento dialético com a instituição de espacialidades. A partir de seus encontros com a cultura periférica, as suas práticas espaciais são potencializadas, assim como as suas identidades são positivadas. E nesse movimento, elas formam redes de apoio e de sociabilidade, baseadas na horizontalidade.

As tramas da tese: os capítulos

A tese está estruturada em seis capítulos. O Capítulo 1 apresenta a discussão teórica que orientou o desenvolvimento da pesquisa, discorreremos sobre temas como jovens mulheres negras, interseccionalidades, periferia, cultura periférica, práticas espaciais, fragmentação socioespacial e lógicas socioespaciais. O intuito é destacar o como as interseccionalidades produzem as trajetórias de vida espacializada das jovens mulheres negras, e abordar como a cultura periférica influenciou no entendimento sobre as periferias brasileiras, reconfigurando o imaginário sobre esses espaços.

O Capítulo 2 apresenta a trajetória investigativa da tese, em que são abordadas as bases epistemológicas que influenciaram na construção das interpretações e os caminhos metodológicos adotados para operacionalizar a pesquisa. Trata-se de um estudo localizado na Geografia Urbana, que dialoga com os campos das Geografias Cultural, Feministas, Negras, das Juventudes e com o pensamento decolonial, em que são acionados procedimentos oriundos de diferentes áreas do conhecimento, sobretudo das Ciências Sociais.

O Capítulo 3 apresenta as cenas da cultura periférica de São Paulo, Londrina e Presidente Prudente. Inicialmente, há uma contextualização sobre as suas estruturas urbanas, seguida de mapas de espacialização da cultura periférica, com o intuito de demonstrar as práticas espaciais de apropriação dos espaços públicos. Também

relacionamos os circuitos da cultura com a distribuição espacial das pessoas negras, tendo em vista que se tratam de manifestações culturais e artísticas majoritariamente formadas por jovens negras/os.

O Capítulo 4 discute as práticas espaciais desencadeadas pela Batalha Dominação, Sarau do Capão, Batalha da Máfia e Slam Quilombo de Dandara. São apresentados mapas que ilustram os deslocamentos casa-espço público realizados pelo público frequentador. Os fluxos nos possibilitam compreender as relações entre a cultura periférica e as lógicas socioespaciais de produção das cidades, a partir das interpretações, consideramos que as práticas espaciais juvenis são insurgentes.

O Capítulo 5 confronta as realidades apresentadas nos dois capítulos anteriores com a teoria sobre lógicas e fragmentação socioespaciais. A partir dos princípios do estudo urbano comparado, as cenas da cultura periférica das três cidades são interpretadas. São também elencados cinco pontos sobre como o processo de fragmentação interfere na experiência urbana de jovens da cultura periférica, ao passo em que contrapontos a cada um são apresentados.

O Capítulo 6 aprofunda nas trajetórias interseccionais de vida e de espaços das oito sujeitas da pesquisa, a partir de uma proposição de representação cartográfica que vincula interseccionalidades e práticas espaciais. Contribui também para o desenvolvimento do conceito de contexto geográfico, em que por meio da cultura periférica, pensamos na relação entre os fios biográficos e as urdiduras que configuram as diferentes cidades e os campos de possibilidades para que as sujeitas se realizem.

1

JOVENS MULHERES NEGRAS E A CULTURA PERIFÉRICA: INTERSECÇÕES NA PRODUÇÃO DAS CIDADES

Poesia Marginal - Tawane Theodoro

A poesia de nós sempre foi tirada
Ou melhor, mal era apresentada
E, quando era, sempre daquela forma
eurocentrada
Não tinha como a gente se sentir representada
Era necessário
Muitas vezes até um dicionário pra gente
entender
Não mostrava o nosso **lado-quebrado** de
viver

E ainda bem que conheci **o outro lado da
poesia**,

A deles é até legal,
Mas vocês já pararam pra ouvir a nossa
poesia marginal?

De **Luz Ribeiro** a **Jéssica Campos**

De **GTR** a **Gabriel Santos**

Slc...

Aí, o jogo muda
E a casa grande surta!

O opressor gela ao ver o **oprimido se
levantando**

Nossas lutas viram **combustível** e nós sai
recitando

Atirando... Poesia!

Falando da nossa **realidade**

Isso sim é sinônimo de felicidade

Porque a **nossa essência**

É pura **resistência**

[...]

E hoje

A cada palma batida

A cada sorriso dado

A cada **lágrima** escorrida

A cada **pow** gritado

Sinto que **não** escolhi o caminho errado

Desculpa se não sou aquela princesinha
que geral acha leal

Mas a culpa não foi minha e sim dela...**da
poesia marginal**

Que me escolheu

Acolheu

E assim me surpreendeu

E me tornou tudo que eu queria

Através da poesia

lhes apresento **meu novo eu**

A voz da periferia.

CAPÍTULO 1: JOVENS MULHERES NEGRAS E A CULTURA PERIFÉRICA: INTERSECÇÕES NA PRODUÇÃO DAS CIDADES

Este capítulo é destinado à exploração conceitual da tese, com o intuito de demonstrar como os eixos principais da pesquisa se entrecruzam: *jovens mulheres negras*, *práticas espaciais da/na cultura periférica* e *periferias em contextos urbanos formados por diferentes lógicas socioespaciais*.

Ao pensarmos em *jovens mulheres negras*, o conceito de *interseccionalidades* emerge e possibilita interpretar como as clivagens identitárias participam da produção das experiências urbanas e das *práticas espaciais* das/os sujeitas/os. Salientamos o movimento dialético existente entre interseccionalidades e espaço geográfico, fundamental de ser demarcado na produção científica da Geografia. A partir de um entendimento relacional do *espaço geográfico*, é possível pensar em outros projetos de sociedade e cidade que incorporem a pluralidade de sujeitas/os que o compõem.

As jovens negras da pesquisa compartilham a posicionalidade das *periferias* e atuam ativamente na organização de uma *cultura periférica* que ressignifica esses espaços e produz as cidades. De plano de fundo às suas ações, há uma estrutura socioespacial que interfere em suas trajetórias de vida espacializada, o que demanda compreender os conceitos da Geografia Urbana que se relacionam com a temática da tese, tais como: *fragmentação socioespacial* e *lógicas socioespaciais* (centro-periférica e fragmentária).

As periferias são cada vez mais plurais em termos de padrões de ocupação e de sujeitas/os. Como escolha conceitual nesta tese, optamos por utilizar o termo “periferia” para designar as áreas socialmente marginalizadas das cidades, historicamente expropriadas, mas que não necessariamente estão distantes dos centros, em função de sua maior incorporação ao tecido urbano ampliado das cidades. Tratam-se de áreas que combinam situação geográfica com posição social (Sposito, 2024). Os locais periféricos que passaram a ser ocupados pelas classes privilegiadas nas últimas décadas são chamados de áreas periféricas. Tal escolha deve-se ao fato de que as áreas periféricas não condizem com as características que historicamente compuseram as periferias urbanas, com exceção da localização geográfica, e que foram amplamente teorizadas nos estudos urbanos até a década de 1990, como empobrecimento sistemático, falta de infraestruturas providas pelo Estado e lutas sociais por reivindicação de melhores condições de vida.

Assim como a ação dos agentes hegemônicos tem modificado a morfologia urbana, também defendemos que as juventudes da cultura periférica atuam na produção

dos espaços, sobretudo contrapondo os processos urbanos, ainda que submetidos às estruturas socioespaciais. Trata-se de pensar na organização hegemônica das cidades e refletir sobre as insurgências das periferias.

O capítulo é dividido em três itens. No primeiro “Jovens mulheres negras da cultura periférica: a margem como potência”, discutimos como as interseccionalidades em conjunto com o espaço geográfico constituem as identidades das jovens negras da pesquisa. No segundo item “A cultura periférica na constituição de uma identidade periférica”, apresentamos o entendimento de cultura periférica que orienta a pesquisa e como os coletivos culturais são fundamentais para a afirmação da juventude. No último item, “Periferia: entre conceituações, reconfigurações e disputas de significado”, abordamos como as periferias foram tratadas no campo científico, a forma como esses espaços mudaram na contemporaneidade a partir de processos urbanos como a fragmentação socioespacial, e como as epistemologias periféricas reconfiguram essa posição do estigma para o orgulho.

1.1 Jovens mulheres negras da cultura periférica: a margem como potência

Jovens mulheres negras têm suas trajetórias de vida espacializada atravessadas por diferentes identidades que se entrecruzam, por isso não podem ser compreendidas somente pelo viés de raça ou de gênero, por exemplo. Cada marcador social possui seus próprios contornos e, quando interseccionados, tornam as vivências das jovens mais complexas. Para além disso, produzem e interferem em suas espacialidades, o que aponta para a necessidade de atribuir atenção para o papel do espaço geográfico na conformação das interseccionalidades.

Espaço geográfico e interseccionalidades constituem uma dialética. Massey (2004; 2008) orienta nosso entendimento de espaço geográfico, por não definir o conceito de forma mais verdadeira, mas sim por possibilitar pensar nas identidades e diferenças de modo não essencialista. A autora elenca três proposições na reflexão sobre o conceito: como produto de inter-relações, constituído por meio de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno; como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, em que trajetórias heterogêneas coexistem; como processo aberto, sempre em construção.

Essa reflexão nega a ideia de que o espaço geográfico é um mero palco da sociedade, imóvel e fixo, assim como demonstra que ele não pode ser subordinado ao

tempo. Pelo contrário, nas palavras de Massey (2008), o espaço geográfico é uma simultaneidade de histórias-até-então, de relações socioespaciais que se conectam e se desconectam, que negociam a coexistência e produzem dinâmicas imprevisíveis. Essa linha de pensamento também contrapõe os discursos do paradigma da modernidade/colonialidade (Quijano, 1992), não há uma história universal e única no espaço (a dos povos dominantes), mas sim diferentes formas de ser, pensar e existir.

Embora uma das premissas que formam o conceito de espaço geográfico seja a existência da multiplicidade, tal diversidade não possui as mesmas possibilidades de viver e modificar esse espaço, justamente pelos marcadores sociais e identitários que se interseccionam, constituem suas corporeidades e fazem com que suas práticas espaciais sejam mais ou menos condicionadas pela estrutura de poder desigual.

As interseccionalidades implicam em entender como “[...] discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras” (Crenshaw, 2004, p. 8). De acordo com Akotirene (2019), não se trata de hierarquizar ou somar opressões, mas sim de articular as clivagens identitárias. Ao entrecruzar os eixos de opressão, as interseccionalidades permitem reivindicar as identidades enquanto políticas e múltiplas, contra a matriz da modernidade/colonialidade e capitalista. Dentre os marcadores sociais e estruturais que compõem as interseccionalidades, podemos pensar em: raça, gênero, classe, sexualidade, etnia, idade e religião. Quando as/os sujeitas não integram o padrão hegemônico de identidade, estão vulneráveis a opressões, tendo em vista que a sociedade é constituída pelo racismo, patriarcalismo e heteronormatividade por exemplo.

Foram as feministas negras as responsáveis pelo desenvolvimento do conceito de interseccionalidades. Nos últimos anos, o termo vem ganhando destaque no pensamento social, tendo em vista seu potencial analítico e interpretativo e sua crítica à modernidade/colonialidade. Entretanto, consideramos importante pontuar que essa popularização também é responsável por gerar um certo esvaziamento, por exemplo, quando pesquisas que se dizem interseccionais não se atentam à raça. Foi Kimberlé Crenshaw (2004; 2017) a teórica responsável pela disseminação do conceito de interseccionalidades, na década de 1980. Entretanto, outras feministas negras já reconheciam a necessidade de evidenciar como as opressões se entrecruzavam nas vivências de mulheres negras, tal como Sojourner Truth, no século XIX (hooks, 2019b).

Defendemos que as interseccionalidades possuem conteúdo espacial, que lhes atribui sentido geográfico. Segundo McCall (2005), a interseccionalidade diz respeito à posição que a/o sujeita/o ocupa na sociedade e no espaço, em que diferentes marcadores

sociais e identitários são acionados conforme o contexto social, espacial e histórico. Na mesma direção, Rodó-de-Zárate (2014) afirma que ora determinado eixo de opressão é mais relevante e ora outro é mais associado ao desconforto. Todavia, Akotirene (2019) alerta que é fundamental analisar quais condições estruturais atravessam os corpos, entendendo que mesmo que uma marcação não esteja explícita em um contexto, ela ainda existe e exerce influência nas vivências, por isso da complexidade do conceito.

Interseccionalidades estão ligadas a processos de identidades. Nesse sentido, embora existam os marcadores sociais e estruturais que compõem os entrecruzamentos, McCall (2005) salienta que há outras identidades que são constituídas no curso de vida, que se agregam às/aos sujeitas/os e influenciam em suas práticas espaciais. Nesse sentido, os marcadores estruturais identificados que atravessam as jovens negras da pesquisa são: raça, gênero, classe, sexualidade e idade. Mas em seus cursos de vida também emergiu a cultura periférica, que influencia suas espacialidades e reposiciona afirmativamente os outros marcadores, que passam a ser vistos como potência, mas que quando não estão ligados a cultura, são sentidos como opressão. Ser poeta, cantora, MC ou organizadora de uma coletiva implica em práticas espaciais que não são instituídas por pessoas não ligadas à cultura periférica.

Conforme Hall (2014), Silva (2014) e Woodward (2014), a identidade não é essencialista, imutável e fixa, mas sim relacional e marcada pela diferença, trata-se de significados culturais e sociais atribuídos aos corpos. Tais características também conformam o espaço geográfico e já são um indicativo de que identidades e espaço se co-constituem, ambos em movimento constante. Dada essa relevância da identidade nas ações das/os sujeitas/os no espaço geográfico, ela se situa nas relações de poder e é alvo de disputas (Silva, 2014), para além disso, ela possibilita produzir classificações e hierarquizações que justificam as assimetrias entre grupos sociais.

Assim como as identidades são abertas, o espaço também é. Para Massey (2004; 2008) o espaço geográfico se faz no “entre” e possui um acaso que expressa sua abertura. Existem estruturas e configurações espaciais, mas é o movimento das/os sujeitas e o seu entrelaçamento que imprimem uma imprevisibilidade, em que diferentes temporalidades, intencionalidades e vozes empreendem estratégias para se espacializar, são devires coetâneos. Essa dimensão do acaso é crucial na trama da tese, pois permite que as juventudes da cultura periférica possam pensar em outros projetos de vida, uma vez que as estruturas não são definitivas, há esperanças de mudanças e insurgências ocorrendo na

simultaneidade de encontros das histórias-até-então, tal como as práticas espaciais que são desencadeadas pela cultura periférica e que também a produzem.

Nesse âmbito, quando Hall (2014) questiona “quem precisa da identidade?”, consideramos que os corpos não hegemônicos, como as jovens mulheres negras, são os que mais necessitam pautar isso, pois é a partir da reivindicação da identidade positiva, que podemos contestar aquelas impostas, entender as identidades em suas interseccionalidades e interpretar como se relacionam com os diferentes espaços (Hall, 1990; 1997).

Refletindo sobre as interseccionalidades que constituem as jovens negras da pesquisa, torna-se fundamental interpretar como os diferentes marcadores sociais, estruturais e também identitários, constituem as trajetórias de vida espacializada das sujeitas. A intenção não é produzir um resgate histórico sobre esses elementos que já foram amplamente teorizados nas Ciências Sociais e também na dissertação (Marques, 2021), mas sim destacar a dimensão espacial.

A raça é o primeiro marcador opressor e informa a classe e o gênero, conforme Berth (2023), em consonância com Akotirene (2019), Carneiro (2019) e Gonzalez (2020). Antes mesmo de *definir* o sexo em um exame de ultrassom, as pessoas já possuem uma ideia da cor da criança (pelo fenótipo da família) e, mesmo na barriga da mãe, o preconceito racial já começa a pesar em nossas vidas. Enquanto negras, temos nossas humanidades negadas e nossas trajetórias de vida espacializada impostas, uma vez que nos é relegado o lugar da subalternidade e da falta de oportunidades, além da posição de margem.

Trata-se de um conceito histórico e relacional (Almeida, 2018), produto do paradigma modernidade/colonialidade (Quijano, 2005), que por sua vez elegeu o padrão da branquitude como hegemônico (Bento, 2002). A raça é o fundamento do racismo, que no contexto brasileiro é estrutural (Almeida, 2018, p. 25): “[...] se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”. Pensar o racismo como estrutural permite reconhecer que não se trata de práticas individuais, mas sim de uma organização sistemática que possui dimensões políticas, sociais, econômicas e culturais, mas também possui uma dimensão espacial.

A raça inscreve o espaço geográfico e interfere nas espacialidades negras, controlando-as, invisibilizando as inscrições espaciais negras ancestrais e impondo barreiras socioespaciais que impedem que a população negra se aproprie dos diferentes

espaços. Segundo Santos (2007), o racismo é constituído por práticas conscientes e inconscientes, as pessoas também sabem onde a raça e o pertencimento racial são critérios reguladores das relações socioespaciais, assim, conforme apontado por Berth (2023, p. 51), há uma mensagem oculta em diversos espaços: “Esse lugar não é para você”, o que demonstra que o mito da democracia racial continua sendo difundido pela gestão racista do espaço (Oliveira, 2017).

Para além de ter sido produzida pela branquitude como um problema social (Kilomba, 2019), a negritude é entendida como um problema espacial: “Dos objetos espaciais marcados por intencionalidades racistas, a difusão de comportamentos raciais na apropriação e uso do espaço, o racismo anti-negro condiciona, interdita, interfere racialmente [n]a produção social do espaço” (Oliveira, 2019, p. 1). Três “soluções” são dadas ao problema espacial: interditar; torna-se branca/o pela negação de si e de sua coletividade; e extermínio de corpos e de modos de existência (Oliveira, 2019; 2020).

Dessa forma, as mulheres negras não se apropriam da cidade em toda sua potência, sendo necessário negociar suas identidades constantemente. Compreendemos que elas são prejudicadas por barreiras socioespaciais e com este termo pensamos nos cerceamentos impostos na experiência urbana, como muros, status social, vestimentas requeridas, dificuldades de mobilidade e falta de transporte público, mas também há os limites imateriais diretamente ligados às subjetividades. É preconizada uma ideia dos espaços que podem ou não ser acessados, e é introjetado um imaginário de que as mulheres não pertencem aos espaços de destaque nas sociedades, de que são subalternas, isso provoca um constrangimento que interfere, inclusive, em suas lutas para acessar esses espaços, trata-se do paradigma da modernidade/colonialidade atuando na construção de identidades afirmativas.

Tal como a cidade lhes é negada, a própria ideia de mulher também é. Embora o gênero possa ser entendido como uma construção social, binária e hierárquica, os papéis tradicionais de gênero foram negados às mulheres negras. Para Oyêwùmí (2021, p. 79), gênero é “uma instituição que estabelece padrões de expectativas para os indivíduos (com base em seu tipo de corpo), ordena os processos sociais da vida cotidiana e é incorporada às principais organizações sociais da sociedade, como economia, ideologia, família e política”. A autora complementa que se trata de uma invenção ocidental, de base determinista e biológica, que impõe as categorias homem e mulher como universais, binárias e opostas.

Porém, as mulheres negras foram secularmente desumanizadas, conforme salienta Sojourner Truth em seu discurso “E eu não sou uma mulher?” (hooks, 2019b). Não foram concebidas como universais, ligadas às ideias de sensibilidade, dependência e cuidado, mas sim como o “Outro do Outro” (Kilomba, 2019), em que desde o Brasil Colonial são exploradas e subalternizadas. Gonzalez (1984) estabelece três noções que compõem o imaginário social sobre mulheres negras: mulata, doméstica e mãe preta; ou seja, ideias que associam mulheres negras à lascividade, ao trabalho doméstico e à função materna. Tais posições foram naturalizadas no imaginário social e utilizadas para justificar a exploração da mão de obra de mulheres negras e a ultrassexualização de seus corpos (Ribeiro, 2018).

McDowell (1999) aponta que os homens são associados aos espaços públicos, trabalho, consumo e poder, enquanto que as mulheres são destinadas aos espaços privados, à dependência e ao cuidado. Porém, na estrutura racista, patriarcal e heteronormativa, mulheres negras são destinadas ao não-lugar, à invisibilização de seus modos de existir. Para as mulheres negras, instituir práticas espaciais sem negociação identitária é uma rara exceção, até mesmo espaços que teoricamente seriam de afirmação e acolhimento como a casa, também implicam em enfrentamentos, conforme demonstrado na pesquisa de mestrado (Marques, 2021).

Desse modo, Souza e Ratts (2008) destacam a importância de questionar se os espaços são acolhedores ou não para as mulheres negras e de que forma a sociedade branca delimita isso, uma vez que enquanto o gênero diferencia as experiências de cidade de homens e mulheres, o racismo incide em discrepâncias entre mulheres negras e brancas. E quando elas possuem sexualidades¹⁴ dissonantes da matriz de inteligibilidade (Butler, 2003), seus corpos ficam mais suscetíveis a violências.

O racismo é um dos veículos fundamentais da divisão de classes e dos antagonismos sociais, raça e classe são elementos diferentes, mas socialmente sobredeterminados (Almeida, 2018). A tríade raça, gênero e classe (Davis, 2016) localiza as mulheres negras na estrutura socioespacial e em um sistema capitalista que se fundamenta na exploração de uma classe pela outra e se (re)produz nas distinções, discrepâncias e crises. Ainda que pessoas brancas tenham sua mobilidade social cerceada

¹⁴ A respeito do debate sobre sexualidades, mas também identidades de gênero, reconhecemos a pertinência da *teoria queer*. Todavia, optamos por não aprofundar nessa discussão em virtude de não ter sido um dos focos da pesquisa etnográfica, o que não nos possibilitou reunir elementos suficientes, a partir da vivência das sujeitas da pesquisa, para tecer interpretações.

pela questão de classe, continuam contando com a proteção e alguns privilégios do grupo dominante do qual fazem parte, o que não ocorre para as pessoas negras (Berth, 2023).

A classe é um marcador social de opressão às mulheres negras por serem posicionadas na base da pirâmide social. Tratam-se de mulheres *empobrecidas* e utilizamos esse termo para destacar que sua posição econômica na estrutura de classes não é natural como o termo pobre pode denotar, mas sim sistematicamente produzida pelas desigualdades raciais, de gênero e de classe, em que suas possibilidades de ascensão social são constantemente negadas.

Esses delineamentos constituem as trajetórias interseccionais das jovens mulheres negras da pesquisa e as posicionam na margem, não somente social, mas também espacial. Nesse sentido, a periferia emerge nas interseccionalidades, como expressão no espaço geográfico. As desigualdades de classe são definidoras das parcelas da cidade que uma pessoa pode ocupar e, em combinação com o marcador racial, constituem as periferias e também as favelas como majoritariamente negras.

Segundo a pesquisa Data Favela 2023, promovida pelo Instituto Data Favela, o Instituto Locomotiva e a Central Única das Favelas, 67% das pessoas que vivem em favelas são negras (Data, 2023). Esse contexto reafirma as considerações tecidas por Gonzalez e Hasenbalg (1982), já na década de 1980: o lugar tido como natural da população branca são as moradias amplas, protegidas por vigilância e localizadas em áreas valorizadas, ao passo que à população negra são destinados os conjuntos habitacionais, as periferias e as favelas, marcados pela falta de equipamentos urbanos de qualidade e por necropolíticas (Mbembe, 2011).

A mesma pesquisa revela que 6,3 milhões de mulheres vivem em favelas brasileiras, sendo que 69% delas são negras (Data, 2023). Assim como são a base da pirâmide social desde o Brasil Colonial, as mulheres negras também estão na base das periferias brasileiras, por serem o lócus da classe trabalhadora e do empobrecimento sistematicamente (re)produzido pelo Estado. Carolina Maria de Jesus apresenta relatos em “Quarto de despejo: diário de uma favelada” que escancaram a exploração sofrida pelas mulheres e que é invisibilizada (Jesus, 2019). Davis (2016) ressalta o papel central que o trabalho tem na vida dessas mulheres, em que suas especificidades identitárias em relação aos homens negros foram ignoradas no processo de escravização, marcado pela exploração compulsória do trabalho.

Historicamente, as desigualdades aqui discutidas interferem na vida das mulheres negras, assim, quando jovens, enfrentam a transmissão geracional do racismo (Silva;

Barros, 2015), a negação de suas humanidades e o empobrecimento sistemático. Numa concepção de juventude enquanto uma transição, uma preparação para o futuro e um constante vir a ser (Dayrell, 2003), constituir-se na sociedade contemporânea é um desafio, uma vez que as/os jovens enfrentam dificuldades de inserção do mercado de trabalho e, no caso de jovens negras, a falta de oportunidades e o menor repertório social, cultural e espacial interfere em suas trajetórias.

Mas a concepção de juventudes¹⁵ que priorizamos na tese é discutida por Carrano (1999), Dayrell (2003), Pais (2003) e Turra Neto (2015), que entendem o conceito como uma condição social que, segundo Santos (2022), vincula-se à idade, mas não se restringe a um momento biológico, envolve também construções simbólicas. Nesse sentido, Pais (2003) defende pensar juventudes a partir de duas direções: enquanto aparente “unidade”, ao nos referirmos a fase de vida; e como diversidade, por ser articular a atributos sociais e culturais que diferenciam as/os jovens. Trata-se de um momento na trajetória biográfica das/os sujeitas, em que vivenciam experiências típicas dessa fase de vida e que impactam mais intensamente em suas identidades, como a construção de redes de sociabilidade e a participação em culturas juvenis.

Todavia, em uma sociedade estruturalmente desigual, não são todas/os as/os jovens que têm a possibilidade de vivenciar a juventude em sua potência. O conceito é uma invenção moderna (Reguillo, 2000), que construiu um modelo de ser jovem, mas que não se adequa na contemporaneidade para pensarmos na pluralidade de experiências socioespaciais. Dentre os conceitos da concepção moderna, estão o de moratória social, definido por Tommasi (2017) como o período em que as/os jovens podem aproveitar a suspensão de suas responsabilidades, antes de ingressar na vida adulta. Margulis e Urresti (1996) associam a moratória social aos tempos de lazer da juventude.

Jovens mulheres negras não possuem moratória social na sociedade brasileira. A moratória social evidencia o viés burguês do conceito moderno de juventude, em que para ser jovem é necessário suspender todas as responsabilidades, viver plenamente as possibilidades de experimentação e se preparar para o futuro. Porém, na realidade brasileira isso é um privilégio, algo que poucas/os jovens vivenciam. No caso das jovens mulheres negras, as suas experiências de juventude são limitadas, pois se torna necessário entrar precocemente no mercado de trabalho em busca de sobrevivência. Os dados da

¹⁵ Carrano (1999), Reguillo (2000; 2007), Turra Neto (2008; 2015), Cassab (2010); Tommasi (2017) e Santos (2022) apresentam pertinentes discussões sobre como a juventude foi entendida ao longo da história.

Síntese de Indicadores Sociais de 2023 ilustram esse cenário: mulheres negras representam 41,3% da população pobre do país e, quando jovens, correspondem a 47,8% das/os jovens pobres no Brasil (IBGE, 2023).

Além das experiências de juventude serem afetadas, as interseccionalidades também interferem nas experiências espaciais. Turra Neto (2015) defende a juventude como uma experiência espacial, em que é impossível não falar sobre espaço geográfico, onde as práticas espaciais juvenis se materializam. Barbosa (2013, p. 2) complementa este entendimento: “[...] a juventude como ser na Pólis produz espaço. A juventude se apropria e faz uso do espaço. E essa é uma condição, inclusive, para ser jovem como ser diverso, desigual e diferente”.

A juventude é uma fase determinante na construção das identidades das/os jovens e, para isso, é necessário estar com outras/os jovens, uma sociabilidade que se realiza no espaço. Tal sociabilidade pode ser mais autônoma, distante dos círculos primários como família, igreja e escola, o que faz com que as/os jovens transitem mais pelo espaço em busca de encontros e instituem práticas espaciais. Por isso, a participação na cultura periférica é tão cara às jovens mulheres negras, pois possibilita que sociabilizem e rompam com o lugar que lhes foi relegado que, segundo Carneiro (2018), é o da solidão.

O encontro das jovens negras com a cultura periférica modifica seus cursos de vida ao incentivar a constituição de identidades afirmativas por meio da arte e ao possibilitar a instituição de espacialidades distintas daquelas que lhes são impostas pela estrutura de poder hegemônica. Assim, a cultura periférica torna-se um marcador identitário nas trajetórias de vida espacializada das jovens, mas não necessariamente de opressão, e sim de insurgência, de posituação da existência, de ressignificação da posição de margem e do encontro com jovens que compartilham interesses e um mesmo referente urbano, a periferia.

Interessa-nos as práticas espaciais instituídas pelas jovens negras da cultura periférica e aquelas que são desencadeadas por elas, pois nos possibilitam compreender dois aspectos: como as/os jovens, em geral, se relacionam com as lógicas socioespaciais das cidades; e como as interseccionalidades que constituem as jovens negras da pesquisa constituem-se dialeticamente com o espaço geográfico.

De acordo com Souza (2013), as práticas espaciais são a ponte conceitual entre relações sociais e espaço geográfico:

[...] todas as práticas espaciais, repito, são sociais. Práticas espaciais são práticas sociais em que a espacialidade (a organização social, a territorialidade,

a “lugaridade”...) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social, é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais (Souza, 2013, p. 241).

As práticas espaciais revelam a dialética e a indissociabilidade existente entre sociedade e espaço geográfico. Referem-se aos traços sociais inscritos no espaço, ou seja, às ações espacializadas das pessoas. Por este motivo, são carregadas de histórias, símbolos e identidades. Para Lefebvre (2013), que discute práticas espaciais a partir da tríade espaço percebido, vivido e concebido, o conceito expressa a materialização dos aspectos, elementos e momentos da prática social, assim elas produzem espaço e dizem respeito a sua dimensão percebida, ou seja, a realidade cotidiana. Elas garantem a continuidade da produção e reprodução do espaço.

As práticas espaciais utilizadas para interpretar como as juventudes da cultura periférica produzem o espaço geográfico são deslocamentos urbanos até os eventos e apropriação dos espaços públicos para a realização dos eventos. Tais práticas são instituídas por diferentes jovens, mas desencadeadas pelas coletivas organizadas pelas jovens mulheres negras da pesquisa. Elas se localizam na estrutura socioespacial das cidades, imprimem pluralidade ao espaço, espacializam-se na organização desigual de poder e de espaço e estabelecem fissuras na ordem hegemônica, uma vez que me refiro a jovens com identidades marginalizadas e que historicamente foram excluídas/os pela sociedade. Suas próprias existências já são resistências.

Em relação especificamente às jovens negras da pesquisa, olharemos para as suas trajetórias de vida espacializada, para compreender a relação entre interseccionalidades e espaço geográfico. Segundo Massey (2008), o termo *trajetória* enfatiza o processo de mudança em um fenômeno e seu posicionamento em relação a outras trajetórias, existindo um sentido temporal e espacial, são as histórias-até-então espacializadas. Com a utilização do termo *trajetórias de vida espacializada*, estamos nos referindo às práticas espaciais pretéritas das/os jovens, assim como suas relações com práticas espaciais de outras/os sujeitas/os, em suas combinações, acúmulos e transformações. A expressão também possibilita pensar na interlocução constante com os próprios cursos de vida das jovens, que por sua vez possuem um sentido mais temporal. Além disso, utilizamos o termo *trajetórias interseccionais*, com o objetivo a evidenciar a atuação das interseccionalidades na instituição das práticas espaciais.

São essas trajetórias de vida espacializada que nos possibilitam contribuir no desenvolvimento do conceito de contexto geográfico, que vem sendo teorizado por Turra Neto (2023; 2024). Segundo o autor, o contexto geográfico envolve as relações socioespaciais, os arranjos e as combinações que se formam no tempo e no espaço, variando conforme as gerações. Ele é pensado a partir do cruzamento de fios biográficos que se cruzam a uma urdidura (Zusman, 2014). Os fios são as trajetórias das sujeitas, enquanto que a urdira é a estrutura socioespacial existente, que por sua vez influencia nos campos de possibilidades (Velho, 1994) que as/os jovens possuem para construir seus projetos de futuro. A exploração conceitual e prática desses temas será realizada no Capítulo 6.

Até este ponto da pesquisa, caracterizamos nossas interlocutoras e apresentamos conceitos geográficos que serão utilizados. Todavia, ainda há dois marcadores que precisam ser mais explorados: cultura periférica e periferia, pois ambos constituem as interseccionalidades. A posição periférica implica em opressões, mas também em afirmação identitária, que por sua vez é realizada justamente por meio da cultura.

1.2 A cultura periférica e uma identidade periférica

Desde a formação inicial das periferias, manifestações culturais anteriores fazem parte do cotidiano das/os moradoras/es desses espaços e caracterizam uma chamada cultura da periferia, como por exemplo, o samba e o forró. Embora o termo cultura periférica possa ser amplo e designar inúmeras atividades culturais, nosso foco é em um movimento que começou a ser gerenciado nas periferias paulistanas na década de 1990. Nas margens do circuito cultural, geográfico e simbólico, formou-se o que entendemos como cultura periférica: um conjunto de práticas artísticas e culturais denominadas como marginais e/ou periféricas, e praticadas majoritariamente por jovens periféricas/os.

D’Andrea (2022) oferece importantes aportes para nosso entendimento da cultura periférica. Por meio de seus trabalhos podemos compreender os delineamentos que possibilitaram a formação desse movimento e como a posição de periférica/o mudou de estigma para orgulho. Segundo o autor, essa cultura começou a ser constituída com o Hip Hop no centro, e a partir de cinco motivadores que caracterizavam as periferias na década de 1990: a possibilidade de uma outra forma de fazer política; a luta por pacificação; a organização de atividades no bairro; a necessidade de sobrevivência material que entendia

a arte como possibilidade; e a arte como forma de humanizar a si e as outras pessoas em um contexto marcado pelo descaso público.

Historicamente, a periferia esteve à margem da sociedade, não somente espacial e social, como também culturalmente. A cultura de centro, produzida pelas classes elitizadas, dominou o imaginário social e excluiu inúmeras pessoas do consumo e da produção artística e cultural. Desse modo, uma cultura produzida na periferia, pela periferia, para a periferia e entre a periferia, foi constituída por jovens que buscavam um caminho diferente daquele que seus contextos geográficos os impunha: o da violência e da desesperança.

Em um contexto marcado por altos índices de violência e repressão social e política¹⁶, de desmonte de políticas públicas com a chegada do neoliberalismo no Brasil e de ataques aos direitos trabalhistas, a juventude periférica era atingida pela falta de referenciais oriundos dos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, assim começou: “[...] a fazer política por meio de atividades culturais e artísticas, consolidando a periferia como um modo compartilhado de estar no mundo, um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser periferia” (D’Andrea, 2022, p. 81).

Ao longo de sua história, a cultura periférica recebeu diferentes nomenclaturas¹⁷, mas o que elas possuem em comum é que se trata da produção cultural da periferia, que emergiu às margens dos grandes centros de produção do conhecimento e de cultura nacional, ou seja, dizem respeito a posições sociais e geográficas. Investigamos três manifestações culturais específicas: as *batalhas de rima*, os *slams* e os *saraus*, elas possuem a palavra como central e se constituem em agrupamentos de jovens em espaços públicos com o objetivo de rimar e poetizar. Ainda envolvem artistas, projetos culturais, produtos artísticos e redes de articulação e comercialização.

O agrupamento das três manifestações culturais destaca a hibridização cultural (Canclini, 1997) que se desenvolve no Brasil, onde práticas que existiam de formas

¹⁶ Exemplos da violência nas/contra as periferias e das necropolíticas empreendidas pelo Estado são listados por Acuan Silvério de Oliveira no prefácio do livro *Sobrevivendo no Inferno* (Racionais MC’s, 2018): o massacre do Carandiru (1992), a chacina da Candelária (1993) e a chacina de Vigário Geral (1993).

¹⁷ Dentre as nomenclaturas estão: literatura marginal (Caros Amigos Especial, 2001), cultura periférica (Nascimento, 2011), literatura marginal/periférica (Eble; Lamar, 2015) e literatura marginal da periferia (Tennina, 2017). Ora o termo “marginal” foi mais utilizado, ora o termo “periférica”. “Marginal” ganhou força com Ferréz em 2001. A expressão utilizada pelo autor foi “literatura marginal”. “Periférica” passou a ser mais utilizada por volta de 2005, com a consolidação dos saraus na periferia, sobretudo a Cooperativa Cultural da Periferia).

separadas, desterritorializam-se, passam por processos socioculturais de combinação, adquirem novos significados e geram novas práticas. Assim, a cultura periférica pode ser entendida como uma cultura híbrida (Canclini, 1997). Ela foi criada a partir da oposição àquela cultura disseminada nos grandes centros, que ditavam os cânones literários e os estilos musicais hegemônicos, sendo assim desloca o espaço de produção cultural dos centros para as periferias empobrecidas, disputando o que é considerado cultura (Hall, 2003), mas também o que é periferia.

Enquanto uma combinação de gêneros impuros, reúne o movimento Hip Hop (Estados Unidos), os saraus (Europa) e os slams (Estados Unidos), cada qual com uma história, espacialidade e temporalidade específicas, já resultante de hibridizações, mas que têm suas ações articuladas ao comungarem da palavra poética e priorizarem as áreas periféricas das cidades brasileiras. E nesse contexto, dentre os novos significados adquiridos estão: são praticadas majoritariamente por pessoas negras, jovens e empobrecidas, utilizadas como forma de reivindicação por uma sociedade e uma cidade mais justas.

Batalhas de rima pertencem ao movimento Hip Hop, que questiona e desestabiliza o campo musical hegemônico, enquanto que os saraus e slam são associados ao movimento da Literatura Marginal, que por sua vez irrompe no campo literário, questionando os cânones. Faz-se necessário apresentar estes dois movimentos, assim como as manifestações que investigamos.

O Hip Hop é constituído por cinco elementos: DJ e MC (que resultam no rap), grafite, *break* e conhecimento. Foi criado nos guetos de Nova York (especificamente no Bronx) entre o fim dos anos de 1960 e início de 1970, tais locais enfrentavam uma série de problemas sociais e a população negra considerou o movimento como forma de expressão, lazer, sociabilidade e reivindicação política (Felix, 2005; Freire, 2018; Elemento, 2020). Entretanto, é resultado de uma série de ações anteriores à sua criação e da influência de diferentes grupos como jamaicanos, porto-riquenhos e afro-estadunidenses.

O movimento possui caráter particular e global, que se expandiu pelo mundo, principalmente por meio de LPs e CDs, e adquiriu especificidades de cada contexto geográfico (Simões, 2010). No Brasil, o Hip Hop chegou na década de 1980, primeiramente por meio dos bailes *blacks* de São Paulo e Rio de Janeiro, com maior ênfase no primeiro estado (Turra Neto, 2013). Tal como nos Estados Unidos, as áreas marginalizadas foram seu principal espaço de construção, disseminação e consolidação.

Todavia, no início do movimento, a área central foi o maior foco das manifestações, em que jovens negras/os empobrecidas/os que enfrentavam problemas sociais estruturais, se encontravam no centro, contestavam a segregação socioespacial e afirmavam suas existências. Foi somente na década de 1990 que a lógica cultural do Hip Hop foi invertida, principalmente na figura do Racionais MC's, e o movimento passou a concentrar suas ações nas periferias (Felix, 2005; Racionais MC's, 2018).

As batalhas de rima são competições de rap improvisado e podem ser divididas em: de sangue e de conhecimento. As batalhas de conhecimento consistem em rimar sobre um tema proposto pela organização ou pelo público. As batalhas de sangue consistem em atacar verbalmente a/o oponente com o objetivo de a/o derrotar. As competições são acompanhadas de uma/um MC que apresenta o evento e uma/um DJ que toca as batidas. Geralmente, competem 16 MCs, divididas/os em chaves de duas pessoas e com três rounds. De acordo com o voto do público, as/os MCs avançam de etapas até a final.

Embora as batalhas de rima estejam presentes no Hip Hop desde o início do movimento, nas décadas de 1990 e início dos anos 2000, as expressões que mais efervesciam eram os grupos de rap que realizavam shows pelo Brasil, a exemplo de Racionais MC's e Fação Central. Mas essa geração do Hip Hop envelheceu e em sua fase adulta trilhou diferentes caminhos, seja a continuidade na cultura, a priorização de projetos sociais, o mercado de trabalho formal, a universidade ou até mesmo a morte ou os presídios. Conforme constatamos no mestrado, enquanto a velha geração do Hip Hop londrinense estava mais associada aos projetos sociais, era a juventude que continuava propagando a cultura por meio das batalhas de rima e *crews*¹⁸ (Marques, 2021).

Na atualidade, as batalhas de rima marcam uma renovação geracional do movimento Hip Hop, são frequentadas majoritariamente por jovens, possibilitando que tenham experiências associadas à condição juvenil, como o lazer e a sociabilidade. Segundo Cassab (2021), as/os jovens cotidianamente produzem e (re)organizam o espaço e a si mesmas/os. Nesse sentido, as batalhas representam uma das principais formas de apropriação do espaço urbano pelo Hip Hop, potencializam a experiência de juventude para as/os jovens que participam dos eventos, ao mesmo tempo que também são construídas pela juventude.

Em meio às dificuldades de se inserir no cenário musical brasileiro, as juventudes encontraram nas batalhas de rima uma forma de sociabilidade, mas também de preparação

¹⁸ Grupos de artistas de grafite ou break.

para o sonho de viver do rap. As batalhas passaram a ocupar papel central no Hip Hop a partir dos anos de 2010, renovando a cena cultural das cidades e proporcionando a própria articulação entre as cidades por meio dos campeonatos locais, estaduais e nacionais. Nas cidades que integram a pesquisa, a maior parte das batalhas de rima surgiu entre 2015 e 2020, período de efervescência cultural nacional, ampliação das mídias digitais, que contribuem para a divulgação de coletivos, e maior protagonismo juvenil no cenário político do país, o que também impacta na organização cultural.

O segundo movimento que compõe a pesquisa e constitui a cultura periférica é a Literatura Marginal¹⁹, iniciado no final da década de 1990 e composto por um grupo de escritoras/es periféricas/os. De acordo com Dalcastagnè (2012), havia uma homogeneidade do campo literário brasileiro em termos de gênero, raça e classe, e a Literatura Marginal proporcionou que pessoas consideradas “comuns”, não privilegiadas e com profissões diversas, expressassem-se com a autoridade de suas vivências e tensionassem o que era considerado literário ou não. Nas palavras de Tennina (2013), a periferia é narrada com uma lupa, em que se reconhecem os problemas sem espetacularização, o foco principal é na produção de discursos de valorização.

O primeiro marco da Literatura Marginal e que atribuiu essa classificação às obras literárias periféricas foi a obra *Capão Pecado*, de Ferréz, lançada em 2000: “[...] me tomaram tudo, menos a rua” (Ferréz, 2000). Posteriormente, o escritor, poeta e rapper organizou três edições da revista *Caros Amigos/Literatura Marginal* (2001, 2002 e 2004), em que selecionou escritoras/es marginais para integrar as publicações com seus textos, o que reforçou as ligações com o Hip Hop, uma vez que a maior parte das/os autoras/es integravam o movimento (Patrocínio, 2010). Nos anos seguintes, os escritos multiplicaram-se²⁰ e dentre os principais marcos estão: a criação dos primeiros saraus e

¹⁹ Na década de 1970, surgiu uma modalidade de literatura classificada como “marginal”, formada por poetas e escritoras/es, que reinventaram as formas de divulgação e circulação de suas obras, utilizando estratégias de circulação fora do circuito editorial consolidado (Nascimento, 2005). Ferréz foi responsável pela ressignificação do termo “marginal”, que passou a designar as/os escritoras/es que vivem nas periferias brasileiras, em contextos de marginalidade social e cultural (Eble; Lamar, 2015). O diferencial do termo dos anos de 1970 para o atual, é que as/os escritoras/es não eram pessoas empobrecidas, pelo contrário, faziam parte de uma elite intelectual e das classes média e alta, mas escolheram formas marginais de circulação de suas obras em relação ao modo de comercialização dominante.

²⁰ Dentre as primeiras autorias periféricas estão: Sérgio Vaz, com obras como “O rastilho da pólvora: antologia do sarau da Cooperifa” (2004) e “A poesia dos deuses inferiores: a biografia poética da periferia” (2005); Ferréz com “Literatura Marginal: talentos da escrita periférica”; Sacolinha com “Graduado em marginalidade” (2005); Alessandro Buzo com “Suburbano convicto: o cotidiano do Itaim Paulista” (2004) e “O trem: contestando a versão oficial” (2005); e Allan Santos da Rosa, com “Vão”.

slams; a Semana de Arte Moderna da Periferia (2007)²¹; o lançamento do Manifesto da Antropofagia Periférica²²; e a criação de editais de fomento cultural.

Os saraus são reuniões culturais de compartilhamento de expressões artísticas como poesia, música, dança e teatro. São realizados em bares, centros culturais, praças e outros espaços públicos. Embora os coletivos tenham sido criados nos anos 2000, a prática não é recente, mas possuía outra configuração social. Segundo Tennina (2013), saraus eram realizados no século XIX na Europa e Estados Unidos, em que artistas, políticos e outras/os representantes da sociedade aristocrática e da intelectualidade se encontravam em casas luxuosas ou espaços exclusivos (clubes e livrarias), para tornar as criações artísticas públicas, mas também adquirir status social.

Vaz (2008) aponta que esse formato foi importado para o Brasil, inicialmente no Rio de Janeiro, por meio da Família Real, que tinha o intuito de atribuir um “ar europeu” ao país. No início do século XX passaram a ser promovidos pelos ricos fazendeiros de café, também com o intuito de se aproximar da cultura europeia. A partir de 1940, eram os intelectuais universitários que organizavam saraus, porém a quantidade de reuniões diminuiu drasticamente, até se tornar uma prática escassa.

Em 2001, Sérgio Vaz e Marco Pezão idealizaram a Cooperifa, inicialmente em uma fábrica abandonada em Taboão da Serra (SP), município que faz divisa com o distrito paulistano Campo Limpo: “[...] numa fria noite de outubro de 2001, criamos na senzala moderna chamada periferia o Sarau da Cooperifa, movimento que anos mais tarde iria se tornar um dos maiores e mais respeitados quilombos culturais do país” (Vaz, 2008, p. 89-90). Logo, a Cooperifa passou a ocorrer no Bar do Zé Batidão, localizado no distrito Jardim São Luís, na zona sul de São Paulo, que se tornou a casa da cooperativa e assim permanece até os dias atuais. Até 2004, a Cooperifa era o único coletivo regular na

²¹ Em alusão e provocação à Semana de Arte Moderna de 1922, o idealizador Sérgio Vaz desejou colocar a periferia no centro da produção cultural. Segundo Tennina (2017), a Semana de 2007 consistiu no diálogo da literatura marginal com a literatura canônica, em que há uma apropriação das ideias da Semana de 1922 e a atualização dos conteúdos da “cultura de centro” para a cultura periférica. Em entrevista a Eliane Brum (2007), Sérgio Vaz afirmou: “A arte sempre foi o pão do privilégio. Agora é servida no café-da-manhã da periferia. Com menos manteiga, talvez, mas arte. Nossa literatura tem menos esses, menos crases, mas é literatura. Agora que escrevemos sobre nós, o que os intelectuais vão fazer? Que comam brioches!”. Todas as atividades da Semana de 2007 aconteceram nas periferias paulistanas, invertendo o movimento de acesso à cultura que sempre teve o centro como lócus.

²² O Manifesto foi escrito por Sérgio Vaz como um dos resultados da Semana de 2007 e destacou a importância da cultura produzida na periferia, a predominância de pessoas negras nas periferias empobrecidas, a necessidade de as pessoas periféricas e empobrecidas adentrarem a universidade, a falta de equipamentos culturais (teatros, bibliotecas, museus e cinemas) nas periferias, a luta contra o racismo e as desigualdades socioeconômicas e a importância de investimentos públicos na cultura periférica.

periferia paulistana, depois surgiram os Saraus: do Binho, Sobrenome Liberdade, Elo da Corrente, da Brasa, das Pretas, do Grajaú e de Paraisópolis. Esses coletivos periféricos reconfiguraram as reuniões culturais e demonstraram que a periferia também tinha o direito de realizar manifestações culturais que lhes foram negadas. Além disso, possibilitam participação coletiva, engajamento, sociabilidade, discussão da posição periférica, reflexões críticas e fruição cultural (Duarte, 2015; Nascimento, 2011).

Em 2008, quando os saraus já haviam se consolidado nas periferias, os slams chegaram ao Brasil e se agregaram à cultura periférica. Trata-se de competições de poesia falada e performada, compostas por *slammaster* (mestre de cerimônias), poetas (ou *slammers*), cinco juradas/os escolhidas/os aleatoriamente (que atribuem notas de zero a 10 para as poesias performadas) e público. Também chamados de *poetry slam*, a palavra e o corpo são centrais nas competições. Cada slam possui características específicas de acordo com o contexto socioespacial e temporal em que ocorre. Entretanto, três regras são universais: as poesias devem ser autorais; cada poeta tem até três minutos para recitar sua poesia; e não é permitida a utilização de figurinos ou objetos nas performances (D’Alva, 2011).

As primeiras pesquisas sobre a história do *poetry slam* foram produzidas por Schmid (2000), Somers-Willett (2005; 2009) e Gregory (2009) e, que versam especificamente sobre o movimento nos Estados Unidos. De acordo com Somers-Willett (2009), o slam foi criado por Marc Smith, um trabalhador da construção civil e também poeta, que buscava extrapolar os espaços elitistas e acadêmicos em que as poesias circulavam e o tédio das declamações poéticas. Após testar diferentes modelos de recital, ele chegou ao formato atual dos slams: competição, recital e performance.

Em 1986, no bar Green Mill Bars, em Chicago, ocorreu o primeiro slam, que trouxe grande audiência e se tornou uma atração regular nas noites de domingo, era Uptown Poetry Slam. Rapidamente, a prática se espalhou para outros centros urbanos dos Estados Unidos como São Francisco e Nova York, e outros países como França, Reino Unido e Alemanha, sendo realizada em bares, livrarias, bibliotecas, cafeterias e espaços públicos (Somers-Willett, 2009). Embora essa seja a história mais difundida, Bortolozzo (2021) alerta que o slam não foi uma criação resultante de improvisação ou uma criação de uma única pessoa, ele é resultado de um movimento de um conjunto de artistas que intencionavam construir uma linguagem contemporânea de poesia, que rompesse com os cânones literários.

No Brasil, o slam chegou em 2008, especificamente em São Paulo, por meio de Roberta Estrela D’Alva. Após viagens internacionais e participação em diferentes eventos culturais, ela idealizou o ZAP! – Zona Autônoma da Palavra –, que foi realizado pelo coletivo artístico Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, do qual também é membra-fundadora. Segundo D’Alva (2019), em virtude da tradição oral do país, da produção poética popular urbana que já existia nas periferias brasileiras e da urgência de fala e escuta apresentada pelas pessoas periféricas, o slam teve rápido crescimento. Inicialmente, foram realizados com maior ênfase na área central de São Paulo e depois se expandiram para as periferias: “O slam é feito pelas e para as pessoas. Pessoas que, apropriando-se de um lugar que é seu por direito, comparecem em frente a um microfone para dizer quem são, de onde vieram e qual o mundo em que acreditam (ou não)” (D’Alva, 2019, p. 125).

Os slams democratizam a palavra, se afastam das métricas normativas das poesias e se expressam como um movimento poético-político-social (Bortolozzo, 2021). Quando adentram as periferias brasileiras, há o encontro com o Hip Hop e com os saraus, o que contribui para que as poesias tenham forte caráter social, versando sobre temas ligados às desigualdades sociais e com ampla crítica à estrutura de raça e gênero no Brasil. Isso não é marcadamente presente nos slams de outros países, como experienciado por exemplo em Portugal (durante estágio de doutorado internacional), onde as poesias tendem a ter um sentido mais lírico e não de crítica social. Competições como a Copa do Mundo de Slam também evidenciam como a poesia marginal brasileira utiliza a arte como forma de denúncia das desigualdades.

A cultura periférica se consolidou na figura das batalhas de rima, saraus e slams, inicialmente em São Paulo e, posteriormente, para outras periferias de cidades brasileiras. Há coletivos culturais em diferentes cidades do país, que assumem especificidades a depende do contexto geográfico. Podemos dizer que, nos últimos anos, a cultura periférica constituiu uma vertente no circuito inferior da economia urbana (Santos, 1979), em que há a produção e circulação de músicas, poesias, livros, fanzines, revistas, exposições artísticas e materiais audiovisuais. As/Os artistas e coletivos são majoritariamente independentes, assim como a maior parte de suas produções, que são financiadas por editoras e gravadoras independentes com a intenção de se opor ao circuito de circulação literário e musical hegemônico.

Como afirmado por Sérgio Vaz (2008) no Manifesto da Antropofagia Periférica: “A arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”, ou seja, não é a arte “do centro”

que proporcionará reflexão crítica e empoderamento à periferia, mas sim a arte produzida para/pelas/entre as periferias. Segundo o poeta, essa arte pode não revolucionar o mundo, mas não reproduz silenciamentos e proporciona a apropriação da palavra que historicamente foi negada, o que por si só já representa avanços e desestabiliza a estrutura de poder desigual.

A cultura periférica marca uma reconfiguração do que era entendido como periferia, rompendo com as narrativas sensacionalistas da mídia e com os conhecimentos provenientes das pesquisas acadêmicas que focavam nos problemas sociais das periferias. Nesse sentido, vejamos como a periferia se situa nas cidades contemporâneas e como se relaciona com os processos socioespaciais em um período que as/os jovens periféricas/os questionam as hierarquias socioespaciais e reivindicam o direito à cidade por meio da arte e da cultura.

1.3 Periferia: entre conceituações, reconfigurações e disputas de significado

A produção do espaço é capitalista, desigual e contraditória, formada nas ações de diferentes agentes, como o Estado e os incorporadores imobiliários, mas também nas/os ações de sujeitas/os não hegemônicas/os, como as juventudes da cultura periférica. Nesse âmbito, as periferias são resultado e condição para a reprodução do sistema capitalista. Elas têm sido alvo de disputas tanto em relação às suas conceituações quanto às condições de vida nas cidades. Assim como a cultura periférica foi iniciada em São Paulo, as primeiras produções científicas sobre periferia também pensaram a realidade da metrópole, e posteriormente se estenderam para outras cidades brasileiras.

O conceito de periferia no contexto latino-americano começou a ser utilizado na década de 1960 e se consolidou em 1970, com as periferias dos diferentes países possuindo muitas características em comum (Hiernaux; Lindón, 2004). No Brasil, segundo Tanaka (2006), a periferia é resultado de processos urbanos que ocorrem desde o fim do século XIX, mas que se consolidaram a partir de 1930 com o crescimento da economia industrial e das cidades. Industrialização, urbanização, migração para as cidades, trabalho assalariado, criação de um exército industrial de reserva e especulação imobiliária foram os processos sociais e geográficos que se combinaram na formação das periferias brasileiras. De acordo com Sposito (2004), ocorreu uma combinação de iniciativas públicas e privadas, em que empresas implantavam loteamentos que não atendiam a legislação urbana e que possuíam baixos preços, enquanto o poder público

propiciava financiamentos públicos para aquisição de terrenos e implantavam infraestrutura básica, mas não necessariamente de qualidade.

As periferias foram construídas como territórios da espoliação urbana (Kowarick, 1979), em que trabalhadoras/es exploradas/os cotidianamente eram destinadas/os a residir em áreas com limitado acesso a serviços de consumo coletivo e de qualidade. A partir dos anos de 1970, os loteamentos populares se tornaram a forma predominante de habitação da classe trabalhadora (Bonduki; Rolnik, 1982; Maricato, 1979) e a autoconstrução foi a solução para a questão da moradia (Kowarick, 1979; Mautner, 2015). Segundo Guimarães (2015, p. 10), a literatura urbana dos anos de 1970 e 1980 estabelecia esse como o único urbano possível para as pessoas empobrecidas, a periferia era “[...] criada e recriada a partir dos mecanismos especulativos sobre o solo, sobre a propriedade fundiária, que exclui e (re) inclui os indivíduos dentro de uma urbe estanquizada e precária”.

As teorizações sobre periferia se concentravam em discutir a reprodução social da força de trabalho, a luta por moradia, o empobrecimento sistemático, a violência e a irregularidade do solo. Esses discursos estão presentes por exemplo em uma das primeiras obras sobre o tema, “São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza” (Camargo *et al.*, 1976). Consolidou-se uma associação da periferia somente a elementos negativos, como carência, informalidade, criminalidade e violência, narrativas que foram reforçadas pelos veículos midiáticos. Eram espaços não vivíveis, construído a partir de necropolíticas (Mbembe, 2011)

A periferia foi construída como oposta, mas também complementar, ao centro das cidades que, por sua vez, concentrava comércios, serviços e fluxos de mercadorias, informações e pessoas, além de ser considerado espaço de prestígio e poder (Mautner, 2015). O padrão de urbanização brasileira se estabeleceu de forma monocêntrica, expresso no modelo centro-periferia, com relações entre proximidade e distância mais estabelecidas e sob controle, segundo Sposito (2024).

A lógica socioespacial centro-periférica predominou até meados da década de 1980, quando uma nova lógica começou a se configurar a partir de reestruturações urbanas (Caldeira, 2000). Sposito (1998; 2013; 2016b) aponta algumas dinâmicas responsáveis pelas redefinições de centralidades nas cidades: os interesses imobiliários na construção de novos equipamentos comerciais e de serviços fora do centro principal, que redefinem o centro, a periferia e a relação centro-periferia; rapidez das transformações econômicas que exigem mudanças na estruturação das cidades e de suas relações na rede urbana; a implantação, ampliação e melhoria de sistemas de transporte;

o aumento do uso do transporte individual; a expansão do tecido urbano de forma descontínua; as novas formas de habitat (enclaves urbanos e condomínios residenciais fechados); e o aumento da importância do lazer e do consumo, com maior busca por exclusividade.

As centralidades multiplicaram-se de modo planejado, principalmente pela ação de incorporadores e proprietários de terra (Sposito, 2013), resultando em novos centros, subcentros e centros especializados. As cidades monocêntricas se tornaram multicêntricas e, para além, multi(poli)cêntricas (Whitacker, 2017a; 2017b). Essas redefinições ocorreram inicialmente nas metrópoles, mas também se tornaram uma realidade nas cidades médias, principalmente na década de 1990.

A reestruturação do espaço urbano e as policentralidades configuraram o processo de fragmentação socioespacial, que por sua vez consolidou uma outra lógica socioespacial, a fragmentária, que passou a coexistir com o padrão centro-periferia, tornando o espaço urbano mais complexo. Nas palavras de Sposito (2022, p. 58), a sobreposição de lógicas socioespacial: “[...] não significa anulação da ordem pretérita pela nova, mas revela um conjunto grande de tensões e contradições que caracterizam a fragmentação socioespacial”. Desse modo, intensificaram-se os processos de diferenciação espacial, segmentação espacial, periferação e descentralização, impactando também na vida urbana, que se tornou profundamente orientada pela individualidade e pela competitividade (Sposito e Sposito, 2020).

A fragmentação socioespacial tornou-se uma realidade não somente nas cidades brasileiras, como em toda a América Latina (Prévôt-Schapira, 2001), polarizando as áreas do espaço urbano: “[...] sob a forma de um mosaico, de um arquipélago de fragmentos (pedaços, ilhas, enclaves, etc.) mal articulados entre si e com altos níveis de desigualdades em termos de acesso às infraestruturas e aos serviços urbanos” (Legroux, 2021, p. 239).

As teorizações sobre a fragmentação socioespacial²³ versam sobre a realidade das metrópoles e das cidades médias, existindo similaridades entre as densidades urbanas. O processo é pensado a partir de diferentes planos analíticos como centralidades, mobilidade, práticas espaciais, espaços públicos, habitação e consumo. Em linhas gerais,

²³ Dentre as importantes contribuições sobre o tema estão: no âmbito internacional, Navez-Bouchanine (2002), Barata-Salgueiro (2001), Prévôt-Schapira (2001), Duhau e Giglia (2016) e Capron e Hernández (2016). No âmbito das metrópoles brasileiras: Santos (1990), Caldeira (2000) e Catalão (2013). Em relação às cidades médias: Sposito e Góes (2013), Sposito e Sposito (2020); Calixto (2021) e Legroux (2021). As teorizações pensam a fragmentação socioespacial em função do consumo, das novas formas de habitat urbano e das práticas espaciais ligados ao habitar e ao consumir.

sob o discurso da violência urbana e da busca por segurança, os enclaves fortificados (Caldeira, 2000) e os espaços residenciais fechados (Sposito e Góes, 2013) se constituíram nas novas formas de habitat urbano, marcados pela autosegregação. Trata-se de espaços com certa homogeneidade de classe, cercados por muros e com sistema de vigilância e segurança privada, que conferem status social e exclusividade a quem reside. São vetores da fragmentação por conformarem uma cidade descontínua e menos integrada, impactando ainda nas centralidades, nas práticas espaciais, nos usos dos espaços públicos e no consumo (Sposito, 2016b).

Em cidades com menor coesão socioespacial, com espaços socialmente demarcados e especializados (Navez-Bouchanine, 2002), as formas de consumo e lazer também se diferenciam. Em áreas em que as classes populares residem, foram configuradas centralidades de consumo para atender a demanda das/os moradoras/es, de acordo com seu poder aquisitivo. Ao passo que os espaços residenciais fechados de alto padrão também foram acompanhados por estabelecimentos de comércio e serviços, como *shoppings centers* e hipermercados para consumo de alto padrão (Sposito, 2019). Esse cenário aprofunda a segmentação da vida urbana, uma vez que as pessoas não têm que realizar longos deslocamentos para suprir necessidades e evitam o contato com as/os “diferentes”.

Sob a lógica socioespacial fragmentária, as áreas periféricas assumiram novos conteúdos sociais e econômicos, sobretudo, com a instalação dos loteamentos residenciais fechados, acompanhados de novos equipamentos comerciais e de serviços (Sposito, 2004), configurando o que Sposito (2024) denomina de setores de expansão e valorização urbana. Legroux e Sposito (2024) defendem a ideia de poliperiferia para abranger a multidimensionalidade e complexidade que as áreas periféricas adquiriram com as novas formas de habitar, modos de vida, práticas espaciais e diferentes presenças do Estado.

Todavia, conforme mencionado no início do capítulo, nossa escolha conceitual é diferenciar *periferia* de *áreas periféricas*, estas últimas concentram os espaços residenciais fechados. Enquanto que a periferia é entendida a partir de seu conteúdo socioespacial, como lócus das/os sujeitas/os empobrecidas, como as juventudes da cultura periférica.

Assim como Sposito (2024) e Legroux e Sposito (2024), esta tese pode ser associada ao “*peripheral turn in global urban studies*” (Ren, 2021), ou seja, um movimento de giro periférico nos estudos urbanos, em que as periferias passaram a ser teorizadas também a partir da realidade e da perspectiva do Sul Global, considerando as

heterogeneidades. Nessa virada periférica, as produções científicas começaram a pensar nas práticas espaciais das/os periféricas/os, nas narrativas e nos modos de vida, atribuindo importância para as epistemologias periféricas (D’Andrea, 2022).

Conforme as áreas periféricas mudaram, as periferias também se transformaram. Segundo Sposito (2024), houve ampliação das infraestruturas, dos equipamentos públicos e dos serviços urbanos, embora ainda não sejam suficientes e distribuídos para todas as pessoas. Além disso, três novos agentes protagonizaram o cenário periférico e contribuíram para a pacificação do contexto de violência: as juventudes periféricas, a Igreja Evangélica e o Primeiro Comando da Capital (PCC), conforme D’Andrea (2022).

É justamente essa contradição de melhoria nas periferias, mas a persistência das desigualdades socioespaciais, que nos aponta para as diferenças entre “periferia objetiva” e “periferia subjetiva” (D’Andrea, 2020; Legroux e Sposito, 2024). A primeira diz respeito aos elementos negativos que impõem uma estigmatização das periferias. A perspectiva subjetiva se relaciona à reapropriação do termo periferia pelas vozes periféricas a partir da década de 1990, amplamente teorizada por D’Andrea (2022). Nossa intenção é focar na “periferia subjetiva”, destacando as insurgências das juventudes periféricas, sem negar a estrutura socioespacial.

Segundo D’Andrea (2022), o imaginário sobre as periferias começou a mudar a partir dos coletivos culturais e das/os artistas periféricas/os que entraram em cena e se apropriaram do termo. O intuito era unir diferentes quebradas por meio de discursos em comum, histórias e cotidianos compartilhados, o que propiciou o reconhecimento da experiência periférica e a criação de uma identidade periférica, nas palavras de D’Andrea (2022). Assim, por meio da cultura periférica emergiram sujeitas/os periféricas/os, que já não precisam de mediadoras/es, pois podem falar por si e fazer uso político do conceito de periferia.

As/Os sujeitas/os periféricas/os tornaram as periferias *vivíveis*. Esta ideia foi inspirada no conceito de vidas vivíveis, apresentado por Banerjee e Browne (2023)²⁴. Com o termo *periferias vivíveis* intencionamos demarcar que esses espaços, a partir da cultura periférica, são reconfigurados tanto no âmbito do discurso quanto na

²⁴ No livro “*Liveable Lives*”, Banerjee e Browne (2023) utilizam o conceito de vidas vivíveis para pensar como as vidas LGBTQIAPN+ são desejadas e alcançáveis momentaneamente/temporalmente/espacialmente. Inspiradas em reflexões de Judith Butler sobre habitabilidade, as autoras discorrem sobre o que seria uma vida habitável e desejável, comparando os contextos do Reino Unido e da Índia.

materialidade, tornando-se espaços em que se vale a pena viver. Embora as desigualdades ainda estruturam as periferias, com a emergência da cultura periférica nos anos de 1990 e a criação de uma identidade e uma consciência periféricas (D'Andrea, 2022), esses espaços se tornaram mais do que locais de empobrecimento e violência.

A cultura periférica juntamente com outros acontecimentos como a melhoria de infraestruturas (ainda que sejam limitadas), o ingresso de jovens nas universidades e as ações dos movimentos sociais, contribuiu para que as juventudes da atual geração tenham a oportunidade de traçar trajetórias distintas da vida do crime e da violência. Tornou-se possível ter experiências urbanas diferentes daquelas que as/os primeiras/os moradoras/es dos locais tiveram, geralmente associadas à precariedade. Esse não é um privilégio que se estende a todas/os jovens, mas que contribui para modificar o imaginário social e estabelecer um campo de possibilidades para as/os periféricas/os.

O vivível se realiza nas fissuras da estrutura de poder hegemônica e da produção desigual do espaço, ainda não é o ideal em virtude das desigualdades socioeconômicas e espaciais, que para muitas/os impõe somente a sobrevivência. Entretanto, marca a elaboração de outros campos de possibilidades e projetos de futuro para as/os jovens da atual e das próximas gerações, indo além das limitações e reivindicando novas oportunidades e anseios.

Nesse debate, torna-se coerente pensar nas periferias urbanas atribuindo destaque para as vozes periféricas, a partir de uma perspectiva *de dentro*, que reconhece as restrições, mas principalmente as potências, práticas políticas contra-hegemônicas e as insurgências. O Manifesto Periférico, lançado em 2014 pelo Fórum de Cultura da Zona Leste, como uma das movimentações em busca da Lei de Fomento à Cultura da Periferia em São Paulo, apresenta uma definição de periferia para defender os espaços que deveriam ser contemplados pela lei:

Pra entender os escritos e as vozes do lado de cá, antes, é preciso entender o que vemos como PERIFERIA. Compreendemos PERIFERIA como **espaço urbano geograficamente identificável**, abrigo das classes trabalhadoras brasileiras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes e cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) desta **convivência multicultural atravessada pela desigualdade social**. Periferia, não por acaso, substantivo feminino no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, **cujas geografia é território, marca identitária e também espaço de exclusão econômica**, com excesso de polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas. O termo

PERIFERIA convocado neste manifesto representa um ato político. **Assumi-la como marca identitária significa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, geográficas e culturais historicamente impostas**, assim como, neste contexto, considerar a desproporção de verbas públicas destinadas à produção cultural das quebradas. Reconhecer a **capacidade de sua população em mediar as contradições por meio da produção cultural e da elaboração cotidiana de mecanismos que garantam a sobrevivência coletiva**, é compreender este território periférico como lugar de **resistência política**. Ainda que as periferias tenham características específicas entre si, a unidade está aí: **relacionam-se com a questão urbana em posição de desvantagem política**, visto que historicamente os olhos das políticas públicas buscaram privilegiar investimentos nas áreas centrais da cidade, estimulando, mesmo que não intencionalmente, novas lógicas de convivência, sociabilidade e manifestações culturais nos territórios periféricos (Manifesto Periférico, 2014 – **grifos nossos**).

Tal noção possui elementos que são destacados pela produção acadêmica, e avança ao destacar as periferias como espaços de resistência política e de mediação das contradições, por meio da produção cultural e dos modos de vida. Nesse sentido, as vozes periféricas/os estão produzindo conhecimentos válidos, inclusive é a interlocução com os conhecimentos acadêmicos que fundamenta a reivindicação de políticas públicas, como a Lei de Fomento à Cultura da Periferia em São Paulo. A epistemologia periférica (D’Andrea, 2022) contribui diretamente para o giro periférico nos estudos urbanos (Ren, 2021).

A partir dos referenciais expostos ao longo do capítulo, entendemos a periferia como expressão do urbano, uma espacialidade marginalizada, que já não necessariamente possui uma grande distância geográfica do centro das cidades, em função de sua maior incorporação no tecido urbano, mas que ainda persiste distante da equidade social e com espacialidades restritas. São espaços fortemente marcados por desigualdades, (re)produzidas pelo Estado e pelos agentes hegemônicos da produção do espaço. Possuem uma demarcada dimensão racial, constituídos majoritariamente por pessoas negras, mas também são espaços plurais que abrigam diferentes identidades, com a presença de mulheres negras na base de sua manutenção.

São justamente os desafios impostos no cotidiano, que impulsionaram as periferias a se configurarem como espaços de organização política, social e cultural, em outras palavras, como espaços de cidadanias insurgentes (Holston, 2013), que se contrapõem à negação da cidadania e reivindicam direitos sociais, civis e políticos. Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, Clube de Mães, Periferia Viva, Central Única das Favelas, Nós do Morro, Frente da Maré e Mães de Maio são somente alguns exemplos de cidadanias insurgentes, há também as associações de bairros e aqueles movimentos

que não são propriamente das periferias, mas atuam nessas realidades como o Movimento Negro Unificado. Nesse contexto, a cultura periférica se somou às insurgências das periferias urbanas e vem estimulando a constituição de identidades emancipatórias, a reivindicação do direito de apropriação da cidade, o questionamento das barreiras socioespaciais impostas e a irrupção de outras insurgências, em um movimento constante. São esforços conjuntos na busca de tornar as periferias vivíveis.

Não podemos negar que a cultura periférica e as juventudes não têm sido suficientes para mudar as estruturas sociais e espaciais, mas elas as questionam e produzem fissuras na ordem hegemônica de poder, o que se torna relevante de ser estudado e interpretado. A cultura periférica possibilita que as juventudes periféricas tenham lazer, sociabilidade, expressão e maiores possibilidades de circular pelas cidades, todavia, as/os sujeitas/os periféricas ainda não vivem as cidades em sua completude. Segundo Sposito (2024, p. 20), mesmo que as periferias urbanas contemporâneas tenham mudado em função dos processos relacionados à fragmentação socioespacial e da emergência de sujeitas/os periféricas/os, a *condição urbana periférica* permanece: “[...] do ponto de vista dos que habitam esse espaço, várias das condições para viver a cidade como totalidade, como direito de apropriação do conjunto de suas possibilidades continua restrito e é cotidianamente restringido [...]”.

Nesse sentido, embora a condição urbana periférica persista e ser periférica/o implique em limites socioespaciais, a posição espacial cria identidades e pertencimentos, conforme Mano Brown afirma no prefácio do livro *Capão Pecado*: “No mundão eu não sou ninguém, mas no Capão Redondo eu tenho meu lugar garantido, morô mano? [...] Capão Redondo, uma escola” (Ferréz, 2000, p. 24). Nas palavras de Vaz (2008, p. 277): “[...] a gente não quer mudar da periferia, e sim mudar a periferia”. A luta é para tornar os espaços periféricos cada vez mais vivíveis. É nesse contexto que intencionamos discutir, como as sujeitas/os periféricas/os, sobretudo jovens mulheres negras, produzem as periferias vivíveis e as cidades, a partir de práticas espaciais desenvolvidas no âmbito da cultura periférica. São práticas espaciais que subvertem, conformam e reproduzem as lógicas socioespaciais e que merecem atenção ao estimular a formação de movimentos contra-hegemônicos.

* * *

Existem múltiplas periferias em uma mesma cidade e em cidades diferentes, ou seja, poliperiferias (Legroux e Sposito, 2024). As periferias das cidades médias são distintas das formações da metrópole, mas guardam similaridades que debatemos neste capítulo e que serão exploradas ao longo da tese. Por meio da cultura periférica, as periferias se conectam e as/os sujeitas/os periféricas/os formam redes de sociabilidade e tornam-se artistas e produtoras/es culturais. Nas palavras de hooks (2019a), o centro é feito na margem, invertendo um movimento consolidado ao longo da história que difundiu ideias e padrões do centro para a margem. Agora, é a margem que constrói suas próprias representações, disputando narrativas com o centro e com as convenções sociais hegemônicas.

A cultura periférica que interpretamos é aquela produzida por jovens mulheres negras, que assim como suas ancestrais também constituem a base das periferias (em conjunto com mulheres não negras, mas que são minoria nessa espacialidade e possuem o privilégio racial) que, por sua vez, representam o componente espacial das interseccionalidades. Embora prejudicadas pela transmissão geracional das desigualdades socioespaciais que lhes impõe a invisibilidade e a restrição de espacialidades, as jovens negras emergem como organizadoras de coletivas, que reivindicam o direito de ter uma experiência juvenil e urbana e, para além, desencadeiam práticas espaciais juvenis.

O que direciona os próximos capítulos desta tese é a interpretação de como as práticas espaciais das juventudes da cultura periférica interagem com as lógicas socioespaciais de diferentes contextos urbanos: as cidades médias Londrina e Presidente Prudente e a metrópole São Paulo. Antes de nos aprofundarmos nas realidades empíricas, apresentamos os procedimentos metodológicos que guiaram a construção da tese.

2

A TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA MULTILOCALIZADA - O DE VIR DA PESQUISA COLABORATIVA

Guarda - Ingrid Martins

Ô guarda

Guarda esse sorriso para mim

Ô guarda

Minha mãe espera por mim

Se eu não volto a nega chora

Minha **mãe** sente saudade e ora

E se eu me explicar agora

Eu perco agora, eu perco a hora

Não posso ficar mais tempo senão acaba o

busão

E pra mim não é mais cedo, pois pra Taipas
ainda é chão

Eu ficava se eu pudesse, se eu pudesse eu ficava

Mas quem me espera em casa se eu me atraso
fica brava

Eu ficava se eu pudesse, se eu pudesse eu
ficava

Mas quem me espera em casa se eu me atraso
fica brava

Ô guarda

Guarda esse sorriso para mim

Ô guarda

Minha mãe espera por mim

Guarda-me ao meu sair de casa

Reza o apreço que a reza me guarda

Sinto que sou **abençoada**

Enquanto mil cai à direita e sobre mim não cai
é nada

Eu temo sua chegada enquanto eu grito por
dentro e minha boca tá calada

Nos **beco**, nas **ruas** que ando amedrontada
nas madrugada ou nos mercados que entro
Nunca sozinha acompanhada de guarda,
guarda, guarda, guarda, guarda, guarda,
guarda,

Peço que não me machuque ainda sinto
o batuque do peito

Sinto que me sobra tempo não me acelera
Ei guarda espera disseram que tínhamos
anjos

Anjos que é pra guardar

Ainda não achei o meu, pensei em subir uns
andar

Disseram pra me guardar, mas me sinto bem
cansada

De me guardar de mim e me guardar de todos
guarda

De me guardar de mim e me guardar de todos
guarda

Ô guarda

Guarda esse sorriso para mim

Ô guarda

Minha mãe espera por mim

Ô guarda seu brinquedo de antecipar fim

Ô guarda

Guarda o que for melhor de mim

CAPÍTULO 2: A TRAJETÓRIA INVESTIGATIVA MULTILOCALIZADA – O DE VIR DA PESQUISA COLABORATIVA

A constituição de sujeitas/os periféricas/os possibilitou que saíssem da posição de objetos de conhecimento, e fossem reconhecidas/os como produtoras/es de arte e cultura, mas também conhecimento. Nos trabalhos de campo, muitas críticas à universidade foram ouvidas, como por exemplo: “O pessoal da universidade vem aqui, faz suas pesquisas e depois nunca mais volta, a gente nem sabe o que foi produzido”; “Já teve gente da universidade que fez pesquisa com o coletivo, mas a gente não sabe no que resultou”; e “Tem pesquisadores que vem nos eventos e nem entendem o que a gente faz, mas querem falar sobre”. Nesse cenário, muitos coletivos da cultura periférica se recusam a participar das pesquisas para serem tratados como objetos. Minha posicionalidade enquanto jovem mulher negra periférica e a própria participação no Slam Quilombo de Dandara foram pontos que me aproximaram das jovens da pesquisa e fizeram com que entendessem a proposta da pesquisa e que eu estava intencionando falar *sobre nós*, e não somente sobre elas.

Nesse sentido, objetivamos *falar com* e não *falar sobre* as jovens negras, as juventudes e a cultura periférica. Para tanto, diferentes caminhos epistemológicos e metodológicos tiveram que ser adotados para produzir uma narrativa que rompesse com a neutralidade e a objetividade defendida pela ciência moderna, e que contemplasse a realidade dos temas da pesquisa em suas complexidades e potências. No primeiro item “*As bases epistemológicas*” discutimos os fundamentos teóricos para a construção geográfica da investigação. E no segundo item “*As estratégias metodológicas*” discurremos sobre os procedimentos acionados.

2.1 As bases epistemológicas

A pesquisa versa sobre temas que podem ser abordados a partir de diferentes perspectivas. É importante ter em mente que não há um único e perfeito caminho a ser seguido. Pensar em noções estruturantes como práticas espaciais, jovens mulheres negras, cultura periférica, periferia em diferentes contextos urbanos e lógicas socioespaciais urbanas, nos localiza na Geografia Urbana. Em virtude do recorte espacial de três cidades, trata-se de um estudo urbano comparado que, para Sposito (2016a), é um desafio, mas

também uma oportunidade de compreender as interações espaciais entre cidades, desvelando como os processos se impõem e se articulam de modo contraditório.

No plano do método, Sposito (2016a) aponta que a comparação pode ser entendida como um procedimento intelectual, guiado por princípios que orientarão nossas interpretações sobre a cultura periférica no tempo e no espaço das cidades médias e da metrópole, entendendo em quais condições, momentos e qualidades ela se estabelece. Ademais, nos possibilita refletir acerca da epistemologia periférica discutida por D’Andrea (2022), indo além e co-teorizando em uma abordagem escalar sobre relações entre periferias de diferentes cidades, em que as cenas da cultura periférica, formadas a partir do referencial de São Paulo, se conectam por meio da cultura.

Além da Geografia Urbana, a reflexão sobre os temas da pesquisa nos conduziu aos caminhos epistemológicos das Geografias Cultural, Feministas, Negras e das Juventudes, além de contarmos com aportes do pensamento decolonial. Embora distintos, tais campos possuem pontos de confluência e consideramos que o diálogo entre eles enriquece as interpretações e sustentam as discussões, não na intenção de propor verdades, mas sim de apresentar possibilidades e tensionar conhecimentos universalistas. Vejamos como cada um contribui para as leituras.

O pensamento decolonial foi acionado na intenção de romper com a produção de conhecimentos universalistas e generalistas, defendidos pela ciência ocidental eurocêntrica. O mundo moderno e parte significativa dos conhecimentos sistematizados são fruto da colonialidade do poder (Quijano, 1992; 2005; 2007), do saber e do ser (Mignolo, 2004; 2007), que invisibilizou corpos não hegemônicos. Assim, para destacar as mulheres negras como sujeitas do conhecimento e do espaço é necessário romper com bases que as subjugaram, como o racismo, o patriarcalismo e o eurocentrismo.

A decolonialidade nos possibilitou priorizar a pluralidade epistemológica, sem “vestir uma camisa de força” (Bernardino e Grosfoguel, 2016), em que estabelecemos diálogos com referências do Norte e do Sul, priorizando as latino-americanas. A partir dos aportes decoloniais, interpretamos que o espaço geográfico também produz e reproduz o paradigma da modernidade/colonialidade, em que a lógica de produção hegemônica do espaço consolidou segregações e fragmentações, impondo espacialidades e restringindo experiências socioespaciais. Dessa forma, uma Geografia decolonial nos proporciona questionar a organização das cidades e pensá-las a partir da multiplicidade de existências.

A Geografia Cultural nos possibilita refletir sobre as implicações e os desdobramentos da cultura na produção do espaço geográfico (Corrêa, 1999; 2009). A ideia de cultura está em constante disputa e diretamente ligada às relações de poder, uma vez que possui centralidade no mundo contemporâneo ao estruturar a vida cotidiana e se relacionar a sentidos, valores e significados (Hall, 1997). O campo auxilia na interpretação de como a cultura periférica influencia na constituição de sujeitas/os em suas interações com o espaço urbano, nesse movimento se compõem identidades e se discorda da cultura hegemônica, historicamente produzida no centro, contribuindo assim para a positivação da periferia.

As Geografias Feministas proporcionaram interpretar a cultura periférica como uma possibilidade das mulheres negras, mas também não-negras, romperem com a restrição de suas espacialidades e reivindicarem equidade. Ao teorizar sobre as convenções tradicionais de gênero e de sexualidade e suas interferências na posicionalidade das pessoas no espaço (McDowell, 1997; Silva, 2003; 2009a; 2009b; Oberhauser *et al.*, 2018), as Geografias Feministas se opõem ao caráter androcêntrico da ciência e produzem conhecimentos corporificados, que reconhecem a diversidade de gênero na configuração das práticas espaciais e propõem alternativas para não invisibilização de existências.

A perspectiva feminista que orienta a construção da pesquisa é a do feminismo negro, buscando decolonizar o próprio movimento tradicional que não atribuiu devida importância à raça para abranger as experiências de mulheres negras em suas reivindicações. Em consonância com Ribeiro (2018) e Akotirene (2019), defendemos que o feminismo negro dialoga com as clivagens identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo que alimentam as desigualdades existentes, proporcionando nomear as opressões e refletir sobre as especificidades das vivências das mulheres negras. O que aponta para a necessidade de “enegrecer o feminismo”, nas palavras de Carneiro (2003).

As Geografias Negras proporcionam avanços no debate racial, uma vez que o campo destaca o papel da raça como estruturante na produção do espaço geográfico (Silva e Souza, 2022), defende a elaboração de conhecimentos a partir de uma perspectiva negra e antirracista (Guimarães, 2020) e propõe enegrecer a ciência geográfica, por exemplo, por meio de maior visibilidade às/aos teóricas/os negras/os, aos temas relacionados a racialidades e aos conteúdos epistemológicos, metódicos e metodológicos que contemplem a população negra (Cirqueira e Corrêa, 2014; Guimarães, 2018).

O diálogo com o campo representa um esforço de produção de uma narrativa antirracista, em que as interpretações de processos sociais e geográficos são tecidas em uma perspectiva racial, que reflete sobre como a população negra, especificamente mulheres, tem experiências urbanas atravessadas pela raça, interseccionada com outros marcadores sociais. A cultura periférica emerge como uma ferramenta na luta antirracista.

As Geografias das Juventudes teorizam sobre as interações juvenis vinculadas ao espaço geográfico, em sua produção e reprodução (Oliveira, 2023). Sendo a cultura periférica constituída majoritariamente por jovens periféricas/os, faz-se fundamental refletir em conceitos debatidos pelo campo em uma perspectiva geográfica como: sociabilidade, geração, moratória social, campos de possibilidades e contexto geográfico. Trata-se de refletir sobre a experiência juvenil e sobre como ela é negada à/a sujeitas/os periféricas/os, em sua plenitude.

Portanto, a interlocução entre o pensamento decolonial e as Geografias Cultural, Feministas, Negras e das Juventudes, proporcionam construir uma ciência corporificada. Vinculadas à Geografia Urbana, tais perspectivas possibilitam interpretar as periferias em suas potências e sua diversidade de sujeitas/os e identidades, pensando não somente nas formas de controle de corpos e espacialidades, mas também em outros modos de ser e de fazer, seja teórica, metodológica ou empiricamente.

2.2 As estratégias metodológicas²⁵

O fazer pesquisa exige metodologias que sejam consonantes aos seus objetivos. Buscamos traçar estratégias coerentes com as bases epistemológicas que estruturam a tese, que não necessariamente possuem metodologias próprias, mas defendem um conjunto de caminhos que proporcionam o desenvolvimento de pesquisas mais horizontalizadas e que contemplam a diversidade de recortes.

A pesquisa foi respaldada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FCT/UNESP, número do CAAE: 51443421.6.0000.5402. Trata-se de uma investigação etnográfica, na maior parte do tempo, e de “quase etnografia” quando as distâncias espaciais não permitiram um acompanhamento cotidiano e prolongado das coletivas. De todo modo, o exercício narrativo da tese segue inspirado nessa proposição metodológica que, segundo Geertz (1978), realiza uma descrição densa em que as interpretações críticas

²⁵ O item é escrito em primeira pessoa do singular para referir-se às experiências da pesquisadora em campo, mas também em terceira pessoa do plural para abranger as reflexões conjuntas com o orientador.

são subsidiadas pela imersão no cotidiano estudado. Além disso, podemos pensar na etnografia desenvolvida como multilocalizada²⁶ (Marcus, 2001), por abranger quatro coletivas de diferentes cidades.

A pesquisa também corresponde a um estudo urbano comparado (Sposito, 2016a) pois abarca três cidades: São Paulo, Londrina e Presidente Prudente. Sposito (2016a, p. 33-38) elenca cinco tipos possíveis de comparações urbanas, a que empregamos foi “entre conjuntos diferentes, a partir de um mesmo elemento”, ou seja, nosso componente comum é a cultura periférica (principalmente aquela produzida por mulheres negras), por sua vez interpretada em cidades com distintas densidades urbanas.

Desafiamo-nos a também construir uma pesquisa colaborativa. Com base em James Clifford, Rappaport (2007) defende a colaboração, em que mais do que uma teorização sobre os grupos investigados, ocorre uma relação dialógica e a co-teorização no campo. Significa falar *com* as/os sujeitas/os, que têm uma participação ativa no processo de construção do conhecimento. O campo se torna o lugar de (re)criar conceitualizações e não somente local de coleta de dados: “Entendo a co-teorização como a produção coletiva de veículos conceituais que se referem tanto a um corpo de teorias antropológicas quanto aos conceitos desenvolvidos por nossos interlocutores”²⁷ (Rappaport, 2007, p. 204). Trata-se de privilegiar tanto o campo quanto os conceitos científicos, rompendo com hierarquias entre pesquisadora/or e sujeitas/os de pesquisa.

A pesquisa colaborativa possibilita ir além do que Geertz (1989, p. 58) critica: “estar lá, escrever aqui”, não se refere a coletar dados em campo, voltar para a universidade e escrever o que foi apreendido, pelo contrário, exige ir e vir constantemente e, o mais importante, construir relações de criação com as/os sujeitas/os da pesquisa, suplantando as distâncias. Nas palavras de Rappaport (2007, p. 224), a co-teorização suscita produzir “além da escrita”.

Uma das formas de realizar experimentações com a pesquisa colaborativa foi me inserir na coletiva Quilombo de Dandara para contribuir com as atividades, fortalecer suas espacialidades e militar naquilo que acredito e compartilho com as coletivas: a cultura periférica enquanto transformação de realidades. Bartholl (2018, p. 54) ofereceu direcionamentos para a colaboração a partir do que denomina de pesquisa-militante, em

²⁶ Trata-se de uma (quase) etnografia multilocalizada, pois não foi possível estar presente em todas as coletivas das diferentes cidades na mesma intensidade.

²⁷ Do original: “*Entiendo la co-teorización como la producción colectiva de vehículos conceptuales que retoman tanto a un cuerpo de teorías antropológicas como a los conceptos desarrollados por nuestros interlocutores.*”

que há geração de saberes-*com*, configurando Geografias em movimento: “[...] feitas *juntos aos, nos e/ou pelos* próprios movimentos e seus sujeitos, no sentido de identificação com os objetivos gerais de suas resistências e perspectivas de luta, mas também no sentido epistemológico e, com isso, metodológico, conceitual e teórico”. Desse modo, a pesquisa-militante implica em relacionar pesquisa/teorização e prática/autorreflexão, ou seja, militar-refletir-pesquisar-teorizar.

Foi nesse ponto que tivemos que ir além de Rappaport (2007) no debate sobre a realização de trabalhos de campo. Ao me inserir em uma das coletivas, quando estava nas atividades, elas não eram entendidas enquanto campo, mas sim como parte de minhas funções no grupo, como sociabilidade e como militância. Minha atenção às dinâmicas que ocorriam era constante, pensava nos conceitos que vinha utilizando para estruturar a pesquisa, os tensionava com a realidade e dialogava com as jovens sobre as interpretações do vivido, entretanto, primeiramente eu era uma das organizadoras, ser pesquisadora era uma posição secundária.

Nesse sentido, o processo de elaboração desta tese se configurou em uma investigação militante que não se distinguiu especificamente o que foi trabalho de campo: “[...] milita-se investigando e investiga-se militando e continua-se militando” (Bartholl, 2018, p. 24). Para além de uma pesquisa, eu tinha/tenho compromissos com a coletiva da qual me tornei parte. Esse processo foi acompanhado do que Bartholl (2018, p. 80) denomina de participação observadora/investigadora em que: “[...] quem participa de processos de trabalho de base/luta social torna-se um observador no sentido de focar em e refletir questões específicas que surgem das práticas em que também está envolvido, questões que [...] orientam ciclos de uma investigação militante”.

A participação no Quilombo de Dandara propiciou outra perspectiva sobre as dinâmicas de coletivos culturais e ofereceu chaves de acesso e de reconhecimento quando a pesquisa foi situada em outros contextos urbanos, em que a colaboração não foi possível na mesma intensidade. Além disso, embora não pudesse estar constantemente presente em Londrina e São Paulo, e participar ativamente das coletivas, contribui dentro dos limites geográficos, por exemplo com a escrita de editais culturais.

A escolha dos recortes espaciais priorizou cidades com densidades urbanas distintas, para o estudo urbano comparado. A seleção de Londrina justifica-se pelo estudo sobre a cultura Hip Hop no mestrado (Marques, 2021), o que gerou mais inquietações e demonstrou a pertinência de continuar pensado na participação das jovens negras na cultura periférica londrinense, que já se expandiu desde a primeira

investigação. Presidente Prudente foi escolhida por ser a cidade onde morei durante toda a pós-graduação, o que proporcionou me aproximar da cena cultural local, conhecer a única coletiva de mulheres e identificar a pouca abordagem das interseccionalidades nos estudos sobre a cultura periférica prudentina. O recorte espacial de São Paulo se explica por ser a principal metrópole brasileira, local de surgimento da cultura periférica brasileira e por concentrar o maior número de coletivos culturais.

As coletivas que integram a pesquisa foram criadas e são protagonizadas por mulheres negras. Havia a possibilidade de escolher outros coletivos em cada cidade, que inclusive possuem maior visibilidade na cena cultural e que também nos possibilitariam gerar interpretações pertinentes. Entretanto, dado nosso objetivo de estabelecer interlocuções entre a cultura periférica e a participação de jovens negras, foi mais interessante criar relações com as coletivas organizadas por essas mulheres.

Em Presidente Prudente, a única coletiva da cultura periférica ativa e organizada por mulheres negras é o Slam Quilombo de Dandara. O contato com a cena de São Paulo começou a ser desenvolvido em 2022, inicialmente por meio de uma pesquisa exploratória sobre os coletivos que existiam na metrópole, incluindo a ida a alguns eventos. Compreendi que a Batalha Dominação e o Sarau do Capão se adequavam aos objetivos da pesquisa, eram organizadas por mulheres negras, uma acontece no centro principal e outro pertencente a periferia sul da metrópole, berço da cultura periférica brasileira. Entrei em contato com as organizadoras e apresentei a proposta da pesquisa. A posição de também ser uma organizadora de uma coletiva foi determinante para a criação de relações, eu não era uma pesquisadora somente em busca de dados, que após os conseguir nunca mais retornaria para a coletiva, pelo contrário, eu era uma delas e entendia muitas das situações que vivenciavam na manutenção das coletivas e na própria vida, sendo uma mulher negra.

Em Londrina, eu integrava a coletiva Batalha das Minas – Londrina, criada em 2020 e que foi base para a dissertação. Havia também o Slam Voz das Minas e LGBTQIA+ que realizava eventos esparsos. A priori, essas coletivas integrariam a tese, porém, após a pandemia de COVID-19, a Batalha das Minas se dissolveu em função da falta de disponibilidade das mulheres para a organização das ações. Em 2023, o Slam Voz das Minas e LGBTQIA+ realizou somente uma edição em março. A reaproximação do ativismo cultural de mulheres na cidade ocorreu a partir de 2023, quando foi criada a Batalha da Máfia. Nesse período, a investigação militante em Presidente Prudente e São Paulo já apresentava avanços, que também precisaram ser realizados em Londrina, com

relativa celeridade. Duas das quatro organizadoras da batalha já haviam participado da pesquisa de mestrado, existindo uma relação prévia que foi muito positiva.

Me aproximei das coletivas com questões de pesquisa previamente elencadas, pois também era necessário conciliar com os interesses do projeto de pesquisa, mas sempre questioneei os grupos: “O que vocês acham importante debater na minha pesquisa?”, dentre as respostas surgiu uma demanda em comum: a discussão de espaço público, em virtude da constante disputa pela apropriação dos locais em todas as cidades. Assim, tal discussão foi desenvolvida na tese. Diários de campo foram escritos durante todo o processo de investigação e tiveram função catártica, empírica e reflexiva/analítica, conforme orienta Winkin (1998).

A metodologia de questionários (elaborados no *Google Forms*) foi utilizada e aplicada durante os eventos, com o intuito de conhecer o público das coletivas, identificar seus locais de moradia e apreender sobre sua mobilidade. O Apêndice 1 contém as perguntas elencadas. Legroux (2021) destaca que para interpretar o processo de fragmentação socioespacial, faz-se necessário contemplar a dimensão das práticas espaciais cotidianas e as representações e discursos a respeito delas. As respostas possibilitaram sistematizar as informações sobre o público e construir os mapas (no software QGis) sobre as centralidades das coletivas, para assim verificar as lógicas socioespaciais urbanas reforçadas. Os mapas finais foram entregues às coletivas da pesquisa, como uma devolutiva, para que pudessem anexar nos portfólios que são apresentados nas propostas para editais de fomento.

Os mapas de espacialização²⁸ da cultura periférica nas cidades de Londrina, Presidente Prudente e São Paulo foram elaborados a partir de um banco de dados criado por meio de pesquisas nas redes sociais *Instagram* e *Facebook* sobre os coletivos existentes em cada cidade. Tendo em vista minha proximidade com a cultura periférica, a busca inicial ocorreu nas redes sociais dos grupos conhecidos, que por sua vez levaram a outros perfis. Como filtro para incorporação dos coletivos no banco de dados, o requisito foi a necessidade de ter realizado algum evento em 2024.

Com as jovens mulheres negras, nossas interlocutoras, foram realizadas entrevistas semiestruturadas. Com exceção de Lav²⁹, todas são organizadoras das

²⁸ Os mapas possuem uma estética condizente com a cultura periférica, em que as letras utilizadas são de estilo adotado pelo grafite, um dos elementos da cultura periférica. Tendo em vista que os materiais foram entregues para as coletivas, consideramos pertinente que se adequem à cultura vivida pelas jovens.

²⁹ A participação da jovem justifica-se por três motivos: ter integrado a Oficina de Freestyle, assim tem uma proximidade com a manutenção de coletivos; ser uma mulher negra trans, que nos possibilita

coletivas da pesquisa. De acordo com Turra Neto (2011), as entrevistas são uma forma de conhecer as sujeitas de pesquisa por meio de perguntas direcionadas e que estreitam a relação com a/o pesquisadora/or. O roteiro é apresentado no Apêndice B. Nas entrevistas busquei deixar as jovens confortáveis, destacando que não havia certo ou errado para as perguntas, a intenção da entrevista era conhecer sobre as suas histórias de vida, suas espacialidades, identidades e o encontro com a cultura periférica. Em função da proximidade criada com as jovens, os diálogos fluíram e não se restringiram às questões previamente estabelecidas. As entrevistas foram gravadas e transcritas de forma literal.

Por fim, desenvolvemos uma proposição de representação cartográfica que possibilita pensar nas relações entre interseccionalidades e trajetórias de vida espacializada das jovens mulheres negras. Ao longo da pesquisa, constatamos as dificuldades de apresentar as interlocuções entre identidades e espaço urbano somente por meio de trechos de entrevistas. A partir de diálogos com a pesquisadora Maria Rodó-de-Zárate em um intercâmbio para Barcelona (Espanha) durante o doutorado, da leitura de suas produções (Rodó-de-Zárate, 2014; 2015), da metodologia de *relief maps* proposta por ela e da utilização dessa proposição na dissertação, passamos a refletir sobre uma metodologia que possibilitasse representar o movimento dialético referido.

Desse modo, apresentamos a proposição que traça os espaços elencados pelas jovens, que foram importantes em suas trajetórias de vida espacializada, e demonstra quais marcadores sociais e identitários eram relevantes em suas experiências urbanas no contexto espacial e temporal. Questionamos as jovens: “Como você define sua identidade atualmente?” e “Quais espaços que você passou, ao longo de sua trajetória, que considera que contribuíram para constituir sua identidade?”. As interlocutoras foram incentivadas a pensar como se entendiam nos diferentes períodos.

Os mapas apresentam as cidades e espaços que foram listados pelas jovens e são compostos por linhas coloridas. Cada linha refere-se a um marcador social, conforme elas traçaram suas trajetórias, as linhas surgiram de acordo com a importância que o marcador possuía. Um fato importante, é que os marcadores sociais e identitários são elencados pelas jovens a partir do momento em que são positivados em suas experiências urbanas, assim não se tratam de mapas que representam opressões interseccionais, mas sim os *espaços que foram importantes para as jovens se reconhecerem e afirmarem suas identidades*. Consideramos que a proposição nos oferece aportes para desenvolver

interpretar vivências ainda mais dissonantes nas cidades; e por existir somente duas jovens negras disponíveis para serem entrevistadas e que organizam a coletiva Quilombo de Dandara: Alliblack e Emily.

interpretações espaciais, temporais e corporificadas, que atribuem visibilidade à pluralidade de marcadores que constituem as práticas espaciais.

* * *

A pluralidade de perspectivas epistemológicas e metodologias acionadas na pesquisa permitiram dialogar sobre as práticas espaciais *da* e *na* cultura periférica, que são múltiplas e precisam ser interpretadas em sua potência. As interpretações realizadas e os conhecimentos gerados são válidos no âmbito da co-teorização com as jovens negras e a interlocução com as teorias científicas. Não objetivamos estabelecer verdades únicas e universais, não há conhecimento mais importante que o outro, tanto a ciência quanto as sujeitas têm elementos a nos ensinar. A escrita da tese não contemplará toda a riqueza da militância construída na cultura periférica. Todavia, é fundamental destacar que as transformações pessoais e coletivas se refletiram na escrita.

O propósito é fortalecer as sujeitas de pesquisa e a própria cultura periférica, construindo conhecimentos emancipatórios e que proporcionem devolutivas efetivas para suas realidades. À medida que também modifiquem o campo científico por meio do reconhecimento das identidades marginalizadas não como objetos de pesquisa, mas como sujeitas/os sociais ativas/os no espaço geográfico e que produzem arte, conhecimento e política por meio de uma cultura que transforma suas vidas.

CULTURA PERIFÉRICA E OS CONTEXTOS URBANOS - AS JUVENTUDES SE FAZEM NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

Fê - Alliblack

Fomos impostos a viver um dia de cada vez como se fosse o último

E aproveitar como a primeira vez

E o preço do amanhã

Quando a cor da pele é **escura**

A vida de todo pretin pode acabar no fundo de uma viatura

Traumas, fissuras, dores, loucuras

Me mantenho longe das coisas erradas

Minha **fê** também é minha cura

E eles olham pra gente com descaso

Tortura quando o cano toca na nuca

Sem culpa, julgado pelo estilo da roupa, cabelo na régua e lupa

E truta,

Você já se sentiu como se aquela respiração fosse última?

Só consegue pensar na sua **família** ou fez algo que sujou sua conduta?

E aqueles que não me apaguem,

Rogai por nós minha mãe!

Eu disse, **intercedei por nós!**

[...]

Eu queria revisar, eu só pensava em revidar

Mas a voz da minha **vó** dizendo “às vezes será preciso de render para se **salvar**” martelava na minha mente

E nós, entre a morte e a redenção

Só queríamos sair dali **vivos**

Eu sei que com esse verso arrepio todos que já passaram por isso

Quantos?

Quantos não tiveram a mesma sorte de estar aqui recitando **poesia**?

Quantos?

Não viram raiar o sol de um novo dia

Quantos?

Em prantos pediram socorro e a resposta foi o silêncio

Quantos ainda precisarão ir para que parem de nos matar?

Quantos de nós iremos ver se **formar**?

Quantos de nós ocuparão cargos de **poder**?

Quantos terão o direito de escolher o seu **futuro**?

Quantos não deixarão as **mães pretas** em prantos?

Ein?!

Eu já perdi a conta de quantos se foram e a cada 23 minutos acontece de novo

E pela **vida** dos nossos meninos

E pela ascensão de nossas **mulheres**

E pelo conforto

E pela paz dos nossos viver em paz e ir

livres!

Nós resistimos, mas queríamos somente **existir**.

SEM MEDO.

CAPÍTULO 3: CULTURA PERIFÉRICA E OS CONTEXTOS URBANOS - AS JUVENTUDES SE FAZEM NOS ESPAÇOS PÚBLICOS

A cultura periférica se constrói nos espaços públicos das cidades. São para esses locais que as/os jovens se deslocam em busca de sociabilidade e expressão cultural, identitária e política. Para jovens periféricas/os, os espaços públicos asseguram a experiência de juventude pelo encontro. Sua gratuidade e centralidade permite que as/os jovens se apropriem deles, caracterizando um ato político de reivindicação da cidadania e da própria cidade.

A partir da cultura periférica, as periferias se afirmam enquanto expressões do urbano e produzem um deslocamento contra-hegemônico, em que se tornam centro da produção cultural e da reflexão crítica sobre si e sobre a sociedade. Quando as/os jovens transitam pela cidade para produzir cultura, levam consigo suas identidades periféricas, assim há trocas entre periferias, mas também interlocuções das periferias com o centro, por isso também afirmamos que as juventudes fazem periferia no centro.

Isto posto, este capítulo está dividido em três itens, onde apresentamos brevemente a estruturação do espaço urbano, relacionada com a questão racial, e detemo-nos às cenas da cultura periférica das cidades que integram a pesquisa: a metrópole São Paulo e as cidades médias Londrina e Presidente Prudente, respectivamente. Mapas espacializam os coletivos da cultura periférica e possibilitam confrontar as espacialidades com as lógicas socioespaciais centro-periferia e fragmentária, a fim de identificar os condicionantes e as insurgências. A prática espacial que os mapas representam é a de apropriação dos espaços públicos.

Metrópoles e cidades médias são materialidades e construções intelectuais, ou seja, produtos do processo de conhecimento orientado para a realidade material, que também é subjetiva. As ideias de Lencioni (2017) ao se referir às metrópoles, e Amorim Filho e Serra (2000) e Sposito (2001b) ao discutir as cidades médias, convergem na compreensão de que o tamanho demográfico não é suficiente para definir ambas as formações urbanas. É um critério que não deve ser desprezado, entretanto, é somente uma primeira aproximação.

A metrópole São Paulo possui características que lhe atribuem tal classificação, como: o papel dirigente; a diversidade de atividades econômicas, principalmente industriais e financeiras; a densidade de atividades relacionadas à administração pública, ao setor administrativo e ao poder público; e ser um nó relevante de redes e fluxos de

vários tipos e extensões (Lencioni, 2017). Há uma centralização de capital (Carlos, 2009), que torna suas dinâmicas extremamente complexas e com capacidade de interferência não somente na região metropolitana, mas também no estado e no país.

A relevância das metrópoles na rede urbana brasileira é tão expressiva que processos que anteriormente eram vivenciados somente nelas se expandem para as cidades médias, como a multi(poli)centralidade e a fragmentação socioespacial. Desse modo, as cidades médias possuem complexidades assim como as metrópoles e, considerando o tamanho de seus tecidos urbanos, as modificações são ainda mais impactantes, como por exemplo a instalação de uma nova indústria ou de um *shopping center* que altera fluxos e centralidades.

Sposito (2001b, 2006, 2007) afirma que as cidades médias possuem posição relativa e transitória que varia de acordo com suas situações geográficas, mas possuem em comum o fato de serem formações urbanas “[...] que desempenham papéis importantes de intermediação na rede urbana, sendo, portanto, tributárias das metrópoles e polarizadoras das cidades pequenas que estão em sua área de influência direta” (Sposito, 2013, p. 51-52).

Em função da posição relativa das cidades médias, Londrina e Presidente Prudente desempenham funções regionais e possuem situações geográficas distintas. Por exemplo, o estudo de Regiões de Influência das Cidades (REGIC) classifica Londrina como Capital Regional B e Presidente Prudente como Capital Regional C, ambas possuem alta concentração de atividades de gestão, mas a centralidade exercida por Londrina é mais expressiva, assim como sua região de influência (IBGE, 2020). Inclusive, Silva (2007; 2013) propõe o termo “cidade intermediadora de padrão complexo”.

Nesse sentido, as diferenças entre metrópole e cidades médias também interferem na cultura periférica, assim como nas próprias periferias. Vejamos onde a cultura periférica busca fazer-se nas cidades da pesquisa, relacionando-se com as lógicas socioespaciais e com as experiências urbanas limitadas, em função de barreiras socioespaciais.

3.1 A cena da cultura periférica de São Paulo

São Paulo é uma metrópole de contrastes e paradoxos, reúne múltiplas possibilidades, desde econômicas à culturais e tecnológicas, mas é permeada por disparidades socioeconômicas e desigualdades socioespaciais. Em seu espaço urbano, as

classes populares e as classes privilegiadas possuem relativa proximidade geográfica, mas com um “abismo social” que as separa, representado por muros, sistema de vigilância e outras barreiras socioespaciais, além de diferenças de acesso à cidade, equipamentos públicos e infraestruturas de qualidade. Foi no contexto periférico de expropriação urbana, que o Hip Hop surgiu na cidade e a consolidou como o berço da cultura periférica brasileira.

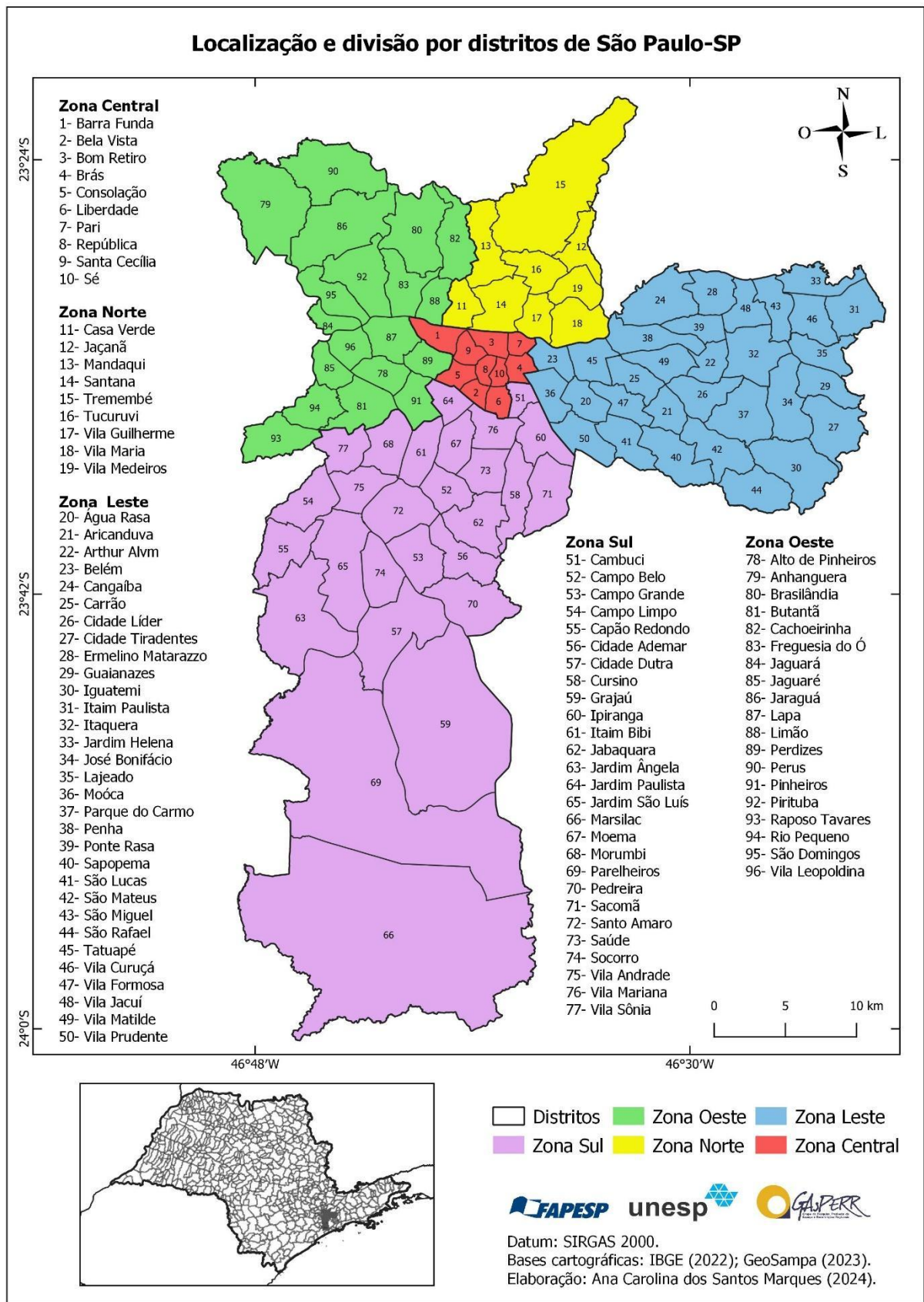
Segundo o Censo do IBGE de 2022, a população de São Paulo era constituída por 11.451.999 pessoas. É a cidade mais populosa do Brasil e sua Região Metropolitana é formada por 39 municípios, que totalizam cerca de 20.743.587 habitantes (IBGE, 2022a). Conforme alertado por Santos (1990), para pensar em São Paulo como uma metrópole, é fundamental incorporar sua Região Metropolitana, dado o alto nível de relação entre as cidades. O Mapa 1 representa os distritos de São Paulo.

A cidade foi fundada por padres jesuítas em 1554 e se tornou Vila de São Paulo em 1560 (Sposati, 2001). Porém, foi somente na segunda metade do século XIX, a partir do cultivo de café, que se tornou economicamente importante no cenário nacional (Rolnik, 2022). Desse modo, foi a cafeicultura que intensificou a urbanização de São Paulo e a implantação de estradas de ferro como pontos de conexão entre regiões produtoras, especialmente o porto de Santos e o Rio de Janeiro.

A partir de 1850, São Paulo começou a receber grande contingente de imigrantes, sobretudo europeus, que permaneciam na cidade ou se dirigiam para outras cidades em busca de trabalho nas lavouras, fato que também influenciou em seu crescimento. Tal vinda de imigrantes para o Brasil precisa ser entendida no contexto da escravização das pessoas negras que se encaminhava para a abolição (oficializada em 1888), sendo fruto de um projeto eugenista de embranquecimento da população brasileira.

Segundo Rolnik (2022), na virada do século XIX para o XX, São Paulo já acumulava capitais, atraía significativo fluxo de pessoas e possuía uma classe alta formada por latifundiários do café que se beneficiaram da escravização. Após a abolição, a cidade recebeu grande fluxo de negras/os que se somaram à/a mineiras/os, nordestinas/os e imigrantes da Europa, Ásia e América Latina.

Mapa 1: Localização e divisão por distritos de São Paulo-SP



Elaboração: a autora, 2024.

Logo no início do século, as pessoas de alto poder aquisitivo começaram a abandonar o centro principal para residir em espaços mais isolados. Assim, a população negra e nordestina empobrecida, que já coexistia nessa área, ocupou os casarões recém abandonados e formou vilas e cortiços. Em função dos projetos de branqueamento do território e do desejo de europeização (realizada por exemplo por meio da arquitetura dos edifícios), operações urbanísticas de higienização denominadas de “trabalhos de melhoramento da capital” foram realizadas pelo poder público com o intuito de eliminar os territórios negros (Rolnik, 1989). Isso provocou a expulsão das pessoas negras do centro principal e de suas imediações, evidenciando a segregação socioespacial que esteve presente desde o início da urbanização da cidade.

Com o processo de industrialização, a diferenciação socioespacial tornou-se mais intensa na cidade e um processo de reestruturação urbana ocorreu na década de 1940 (Caldeira, 2000). Foram formados bairros operários que atendiam a necessidade de mão-de-obra das indústrias e possuíam lotes superocupados, esgoto a céu aberto e ruas estreitas e sem pavimentação, enquanto os bairros burgueses, localizados na área central, recebiam investimentos públicos, perpetuando desigualdades. Ocorreu a ampliação do tecido urbano, acompanhada da periferização da classe trabalhadora e da expansão do transporte público, enfatizando a lógica centro-periferia (Rolnik, 2022).

A partir da década de 1960, a cidade, que já era o mais importante centro industrial e financeiro do país, deixou de ser monocêntrica. Segundo Frúgoli Jr. (2005), durante o “milagre econômico brasileiro” (1968-1973), teve início a estruturação de um novo centro ao longo da Avenida Paulista, marcado pela evasão de empresas e bancos do Centro Principal e migração para a Avenida e seu entorno. Ao passo que as expressões de centralidades foram se multiplicando, o Centro Principal novamente passou por um processo de popularização, com inúmeras pessoas imigrantes (sobretudo do Nordeste) desenvolvendo atividades informais como forma de sobrevivência. Ocorreu também o declínio do seu valor imobiliário e deterioração de parte de seus equipamentos urbanos.

Na década de 1970, os megaprojetos comerciais começaram a se proliferar, assim como os enclaves urbanos. Segundo Rolnik (2022) e Frúgoli Jr. (2005), eles imprimiram uma lógica fragmentada no espaço urbano paulistano. Nesse período, os *shoppings centers* foram os principais responsáveis por mudanças na estruturação da cidade. Entre a década de 1970 e 1980, a lógica fragmentária começou a se sobrepor à centro-periférica, marcada por “[...] espaços nos quais os diferentes grupos sociais estão muitas vezes

próximos, mas estão separados por muros e tecnologias de segurança, e tendem a não circular ou interagir em áreas comuns” (Caldeira, 2000, p. 211).

Enquanto a classe de alto poder aquisitivo priorizou os enclaves urbanos como tipo de moradia, as formas de habitar da classe média também passaram por mudanças por meio da aquisição de apartamentos próprios com subsídios do Banco Nacional da Habitação (BNH) (Santos, 1990; Maricato, 1996; Caldeira, 2000). Já as classes trabalhadoras empobrecidas se tornavam cada vez mais periféricas, “[...] suas casas autoconstruídas são claramente seu mais importante projeto de vida e consomem a maioria das suas energias e recursos por muitos anos” (Caldeira, 2000, p. 264).

Nos anos de 1980 e 1990, as dinâmicas desencadeadas pela passagem da acumulação fordista para a acumulação flexível envolveram reestruturação urbana e criação de outra área central com expressiva centralidade na direção do vetor sudeste, representada pela Avenida Luiz Carlos Berrini. Segundo Frúgoli Jr. (2005), tratou-se uma ruptura com o centro, crescente internacionalização, concentração de setores da economia transnacional e com uma reestruturação urbana de caráter monopolista. A construção do chamado “Centro Berrini” implicou em diversas desapropriações e remoções (Fix, 2001).

No decorrer da década de 1990 e dos anos 2000 e 2010, as transformações do espaço urbano de São Paulo foram aprofundadas e consolidadas: fragmentação socioespacial; policentralidade desempenhada por centros e subcentros; elevada concentração de renda; autoss segregação nos enclaves urbanos e espaços residenciais fechados; periferação e formação de “periferias das periferias”; ação arbitrária do Estado que privilegia as áreas valorizadas pelo capital; e diferenciação e segmentação socioespacial entre zonas, distritos e até mesmo bairros de um mesmo distrito. Segundo Sposati (2000, p. 18), é uma cidade em pedaços, de fragmentos não autônomos e que possuem diferentes níveis de desenvolvimento urbano e econômico: “[...] duas, três, quatro, *n* São Paulo(s) em múltiplos estágios e desestágios de cidadania, poder e capital”.

São Paulo foi construída como sinônimo da modernidade e do progresso, mas acompanhada de marginalização das pessoas empobrecidas. A questão racial foi um importante marcador da caracterização das desigualdades, as pessoas negras foram destinadas às periferias. O discurso que perpassou a história da metrópole para justificar seu sucesso econômico: “cimentou a associação amplamente aceita entre branquitude e civilização, entre branquitude e modernização, entre branquitude e produtividade” (Weinstein, 2022, p. 44). A discriminação se estendeu também a imigrantes nordestinos/as, que enfrentaram discursos regionalistas com forte caráter xenofóbico.

No início do século XX, as pessoas negras e empobrecidas já eram confinadas aos territórios negros (Rolnik, 1989) e esse cenário foi intensificado ao longo das décadas, configurando as periferias como os novos espaços negros a partir de meados do século. Uma urbanização que se relaciona com o mito da democracia racial, que buscou difundir a ideia de que as diferenciações socioespaciais têm somente um marcador de classe, porém, quando olhamos para a espacialização da população negra, é possível constatar a segregação socioespacial e também racial.

São as pessoas negras da metrópole as principais prejudicadas pelas barreiras socioespaciais demarcadas pelos agentes hegemônicos da produção da cidade. Convivem com as necropolíticas e com a estigmatização sobre as periferias, e enfrentam as dificuldades de mobilidade pela cidade, tendo que lutar cotidianamente pelo seu direito à existência. Na década de 1990, a cultura periférica significou, para além do lazer, a possibilidade de denunciar os cenários de desigualdades estruturais. É possível interpretá-la como um reflexo das diferenciações socioespaciais, em que as/os jovens constantemente interditas/os em seus deslocamentos e confinadas/os às periferias, tiveram que encontrar formas de expressão e sociabilidade, e nesse sentido, a insurgência tornou-se uma condição na busca pelo direito à cidade e à existência.

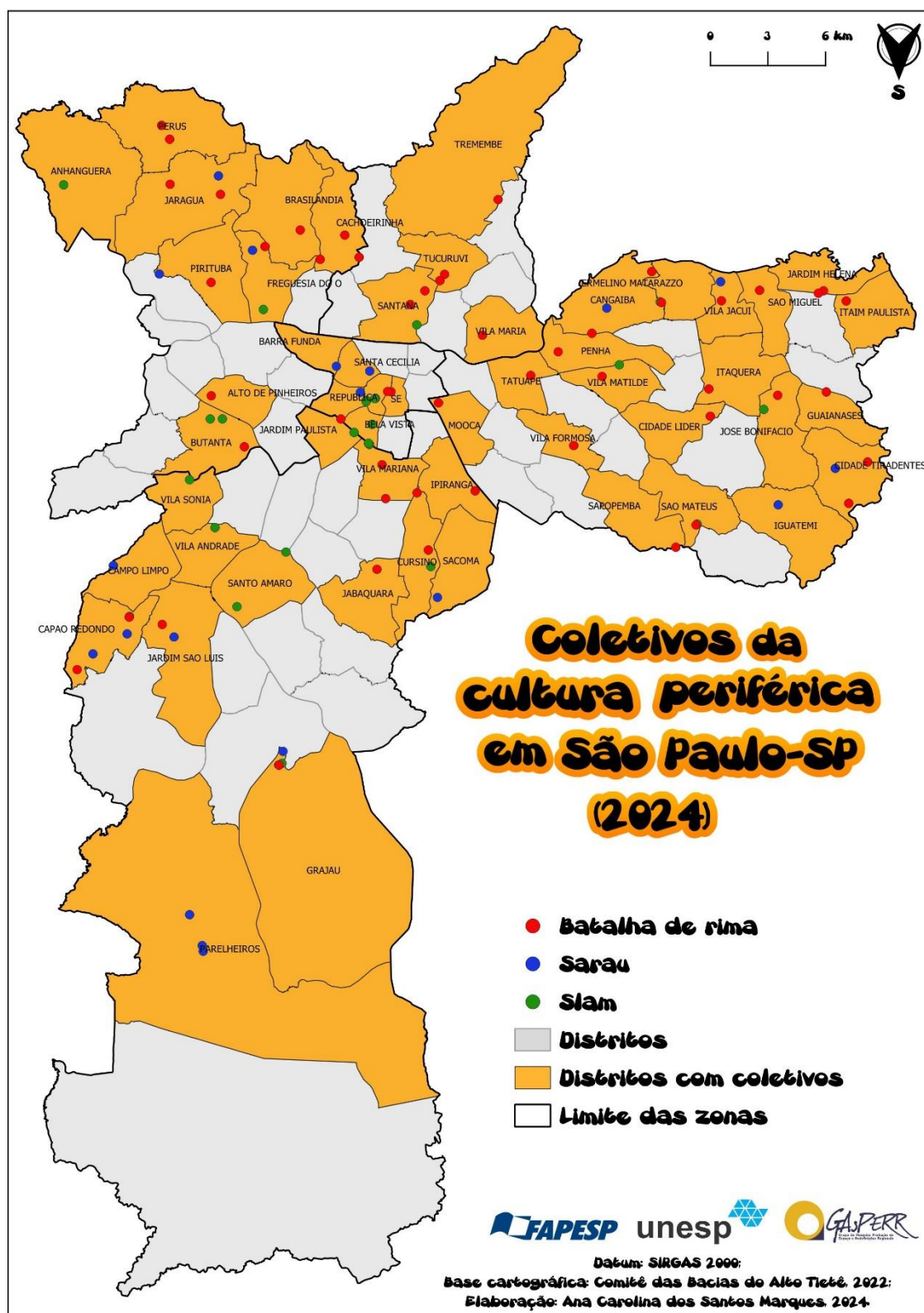
Por meio do levantamento de coletivos da cultura periférica, foi identificada a existência de 124 grupos ativos no espaço urbano paulistano. São 59 batalhas de rima, 37 slam e 28 saraus, distribuídos em 51 distritos, do total de 96, ou seja, 53%. No Quadro 1 há os dados quantitativos sobre a distribuição dos coletivos e o Mapa 2 apresenta a espacialização da cultura periférica.

Quadro 1: Coletivos da cultura periférica de São Paulo-SP, em números (2024)

Manifestação cultural / Zona geográfica	Batalhas de rima	Slams	Saraus	Total de coletivos
Centro	3	11	5	19
Norte	5	1	0	6
Leste	25	8	4	37
Oeste	15	6	6	27
Sul	11	11	13	35
Total de coletivos	59	37	28	124

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.
Organização: a autora, 2024.

Mapa 2: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em São Paulo-SP (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

Em função do elevado número de coletivos, os Apêndices C, D e E detalham os nomes dos grupos representados, assim como suas zonas geográficas e distritos. A zona com maior número de coletivos da cultura periférica é a leste, seguida da sul, oeste, centro e norte. É evidente que os coletivos não possuem uma preferência em realizar os eventos no centro da cidade, como ocorria no início do movimento Hip Hop, embora tal área ainda seja um importante local simbólico. As periferias paulistanas atuais reafirmam um movimento que vem sendo constituído desde o final dos anos de 1990: a priorização de produzir *cultura da periferia na periferia*.

A maior parte dos coletivos realiza seus eventos nos espaços públicos da metrópole, como praças e parques. Há um destaque para a ocupação dos arredores das estações de metrô, em função de facilitar a mobilidade urbana das juventudes que vão para as manifestações. Há grupos que buscam ocupar o interior ou a entrada das estações, mas os conflitos com a equipe de segurança geralmente impedem a realização dos eventos, por isso, é comum a ocupação de praças nos arredores, como por exemplo, o Slam da Guilhermina, a Batalha Dominação, a Batalha da Lilás e o Slam do 13.

Coletivos também utilizam casas de cultura ou outros equipamentos culturais públicos para realizarem seus eventos, como o Zap! Slam que costuma ocorrer na Biblioteca Mario de Andrade, o Sarau Enfrentamento Preto na Casa de Cultura Hip Hop Leste, e a Batalha do Fábrica na Fábrica de Cultura do Nova Cachoeirinha. Os coletivos firmam parcerias com esses espaços, que possuem a vantagem de contar com infraestrutura adequada. Isso demonstra a importância de equipamentos culturais nas periferias.

As batalhas de rima representam quase metade do total de coletivos, o que pode ser explicado pela longa história do Hip Hop paulistano, maior que a trajetória dos saraus e dos slams. A juventude periférica valoriza muito o movimento e as batalhas são também espaço de preparação para aquelas/es jovens que desejam se tornar MCs profissionais. Inclusive, muitas/os MCs de diferentes cidades têm o objetivo de deslocar-se até São Paulo, para participar das batalhas e projetar-se na cena cultural brasileira.

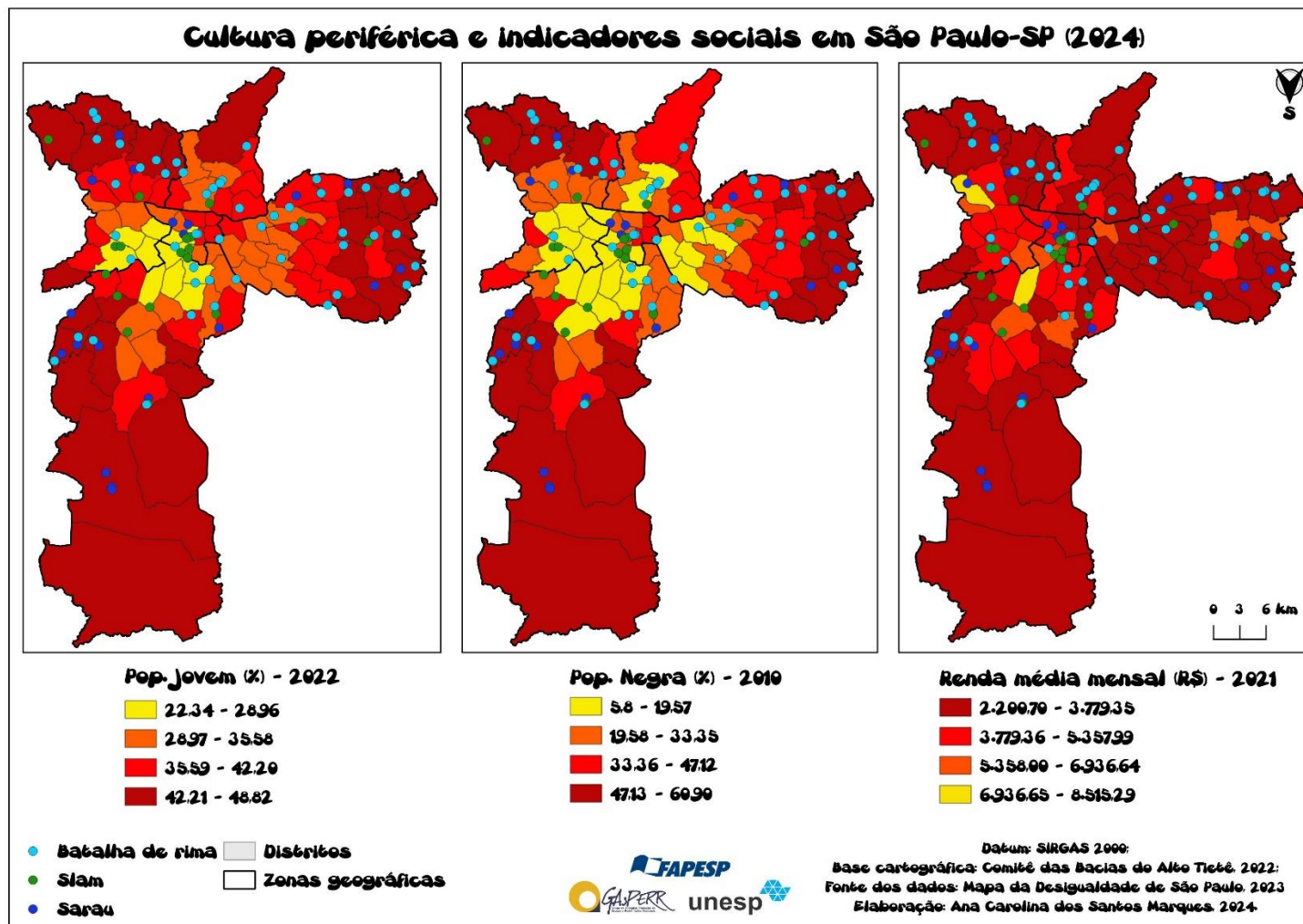
São também as batalhas de rima, as maiores responsáveis por ocupar as periferias paulistanas com a cultura periférica, de um total de 59 coletivos, somente três ocorrem na área central. Foi o Hip Hop que iniciou o movimento de inversão da produção cultural das periferias, o que foi acompanhado pela Literatura Marginal. Assim, as batalhas continuam reproduzindo e contribuindo para a manutenção da identidade periférica.

Os slams se concentram na área central e nos distritos em seus arredores, como Santo Amaro, Vila Sônia e Butantã. O contexto geográfico de chegada dos slams no Brasil justifica a sua espacialidade, sendo uma manifestação cultural iniciada em 2008 no centro, momento em já encontra uma forte cena periférica e não realiza o movimento de ir para os distritos que estão mais próximos das bordas do tecido urbano. Assim, há slams em periferias, mas são naquelas já incorporadas ao tecido. Entretanto, não podemos perder de vista que são as/os jovens periféricas/os que estão na organização dos coletivos e que demarcam sua existência no centro, implicando no deslocamento centro-periferia por parte das juventudes.

Os saraus são manifestações que estão fortemente presentes nas periferias e que possuem a especificidade de muitos deles ocorrerem em bares, entendidos como espaços privados de uso coletivo. Isso é justificado também pelo contexto histórico e geográfico desses eventos. Os primeiros saraus dos séculos anteriores eram realizados em casas da classe alta. Quando são apropriados pela periferia, assumem novas características, mas com um caráter de ocorrerem em locais com infraestrutura como palco e cadeiras, o que bares e teatros proporcionaram. Além disso, o fato de não se tratar de uma competição, faz com que a contemplação seja mais enfatizada. Por exemplo, o Sarau da Cooperifa ocorre no Bar Zé Batidão, o Elo da Corrente no Bar do Santista e o Resistência no Santa Breja Bar.

Em síntese, a espacialização dos coletivos demonstra a maior valorização das periferias em relação ao centro. O Mapa 3 apresenta a espacialização da cultura periférica em São Paulo e relaciona com indicadores sociais para compreendermos com mais propriedade os contextos geográficos que influenciam na distribuição. Os dados foram obtidos por meio do *Mapa da Desigualdade de São Paulo* de 2023, produzido pela Rede Nossa São Paulo (Rede, 2024). As informações sobre a população jovem (2022) são projeções para o ano de 2021, a partir do Censo do IBGE de 2010, e o percentual de população negra (2010) é referente ao Censo, resultante da soma de pessoas autodeclaradas pretas e pardas. Por fim, os dados de renda média mensal (2021) se referem aos empregos formais e são oriundos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS).

Mapa 3: Cultura periférica e indicadores sociais em São Paulo-SP (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

O mapa demonstra que a cultura periférica se concentra nos distritos de São Paulo que possuem os maiores percentuais de jovens e de pessoas negras e as menores rendas médias mensais, características que constituíram historicamente as periferias da metrópole. Isso demonstra que o contexto geográfico que proporcionou a criação dessa cultura, assim como a sua continuidade, é marcado pela vulnerabilidade social e pelo engajamento juvenil em busca de ressignificar as periferias e se expressar por meio da arte. O próprio conteúdo das produções periféricas reafirma essas posições socioeconômicas e espaciais, são raps e poesias de denúncia do racismo, das desigualdades sociais, da segregação socioespacial e da violência policial, por exemplo.

Há pontos de confluência entre os três indicadores representados no mapa e que destacam a estruturação socioespacial desigual de São Paulo, com forte caráter racial. Os distritos periféricos são aqueles que possuem o maior percentual de pessoas negras (a média da metrópole é de 37,1%) e de menores rendas médias mensais (a média é R\$3.722,70). São também esses distritos que possuem significativa população jovem (a média da cidade é de 37,45%), evidenciando os desdobramentos da perpetuação geracional do racismo e das discrepâncias socioeconômicas, essas/es jovens possuem muitas dificuldades de ascensão social, assim como de instituir práticas espaciais para além daquelas que lhes foram impostas, que são principalmente motivadas pelo trabalho.

O Mapa 3 também explicita que as práticas espaciais das juventudes da cultura periférica não costumam ocorrer naqueles distritos com maiores rendas salariais e menores percentuais de jovens e pessoas negras. A única zona que não se encaixa nessa constatação é a área central, o que é justificado pela importância da apropriação do centro pelas juventudes periféricas, a convergência do sistema de transporte público e o sentido simbólico de instituir práticas espaciais nessa área.

Nesse sentido, a cultura periférica enfatiza as complexidades da produção do espaço urbano de São Paulo, em que as lógicas socioespaciais coexistem de forma complementar e contraditória. A cultura enfatiza a centralidade do centro enquanto um polo cultural na cidade, demonstrando que sua importância e expressão persistem, mesmo em um contexto de fragmentação socioespacial. Porém, também demarca as periferias como centros culturais, que propagam uma cultura específica por toda a metrópole e, para além dela, na escala nacional. O que aponta para uma relevância do centro principal mais simbólica do que propriamente funcional, em que o ocupar é se opor à invisibilização, mas não uma necessidade tendo em vista que a periferia se tornou autossuficiente em termos de eventos da cultura periférica.

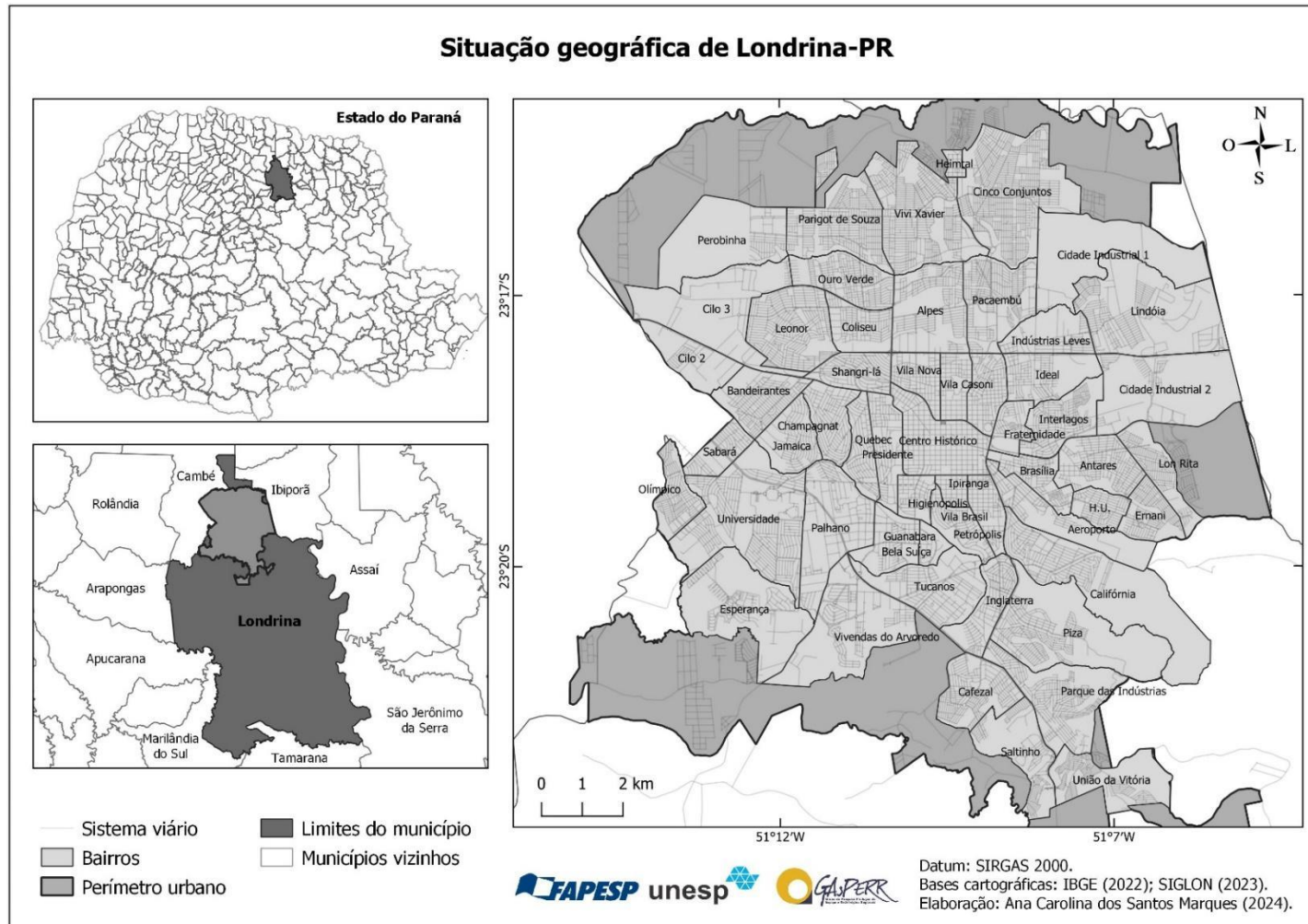
3.2 A cena da cultura periférica na cidade de Londrina

Londrina está localizada no norte do estado do Paraná (o Mapa 4 apresenta sua situação geográfica) e sua população estimada, em 2022, era de 555.965 habitantes (IBGE, 2022). A cidade teve sua gênese em 1929 e foi elevada a sede municipal em 1934³⁰, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), de capital inglês, foi responsável por sua construção, com o objetivo de formar um núcleo urbano para ex-colonos de café, imigrantes ou não, majoritariamente de São Paulo. O café foi fundamental para o desenvolvimento da cidade entre os anos de 1940 e 1970, possibilitando a concentração de riqueza e aceleração da urbanização (Fresca, 2002).

A partir da década de 1960, a cidade passou por novas transformações inicialmente ao processo de êxodo rural. O número de assentamentos urbanos e de favelas aumentou expressivamente nos sentidos sul, sudoeste, norte e oeste do centro principal, assim como a segregação socioespacial (Amorim, 2011). Na década de 1970, a expansão urbana ocorreu no sentido norte, direcionada pelo poder público local por meio de uma nova política habitacional, de nível nacional, operacionalizada pela Companhia Habitacional (COHAB) de Londrina, e que consistiu na construção de moradias populares para pessoas de baixo poder aquisitivo, em locais afastados do centro e com falta de infraestrutura básica (Beidack e Fresca, 2011). Nesse contexto, foi formada a área popularmente conhecida como “Cinco Conjuntos”, localizada na zona norte e que foi o berço da cultura periférica na cidade. Assim, por meio da ação do Estado, foram conformadas periferias em Londrina.

³⁰ Para informações mais detalhadas a respeito da construção da cidade, consultar: Amorim (2011), Fresca (2002; 2007) e Silva (2001; 2003; 2013). O “Atlas Ambiental da cidade de Londrina” (Barros *et al.*, 2008) apresenta mapas temáticos da cidade.

Mapa 4: Situação geográfica de Londrina-PR



Elaboração: a autora (2024).

A partir da década de 1990, o espaço urbano londrinense foi marcado pelo início da redefinição de centralidades e reestruturação urbana. O marco inicial foi a inauguração do Catuaí Shopping Center em 1990³¹ na porção sudoeste, área que anteriormente era pouco ocupada e destinada à produção de soja, com entorno de difícil acessibilidade. O empreendimento modificou toda a dinâmica do entorno exigindo obras de infraestrutura e logística para viabilizar a incorporação no tecido urbano, além de que foram construídos espaços residenciais fechados para pessoas de alto poder aquisitivo, que por sua vez abandonaram o centro principal. Nos anos seguintes, também ocorreu a verticalização na margem direita do Lago Igapó, constituindo a Gleba Palhano, uma das áreas mais valorizadas juntamente ao *shopping*, e que implicou na construção de novas avenidas e instalação de campus universitário e hotéis (Silva, 2006; 2013).

Concomitantemente à criação da subcentralidade da Gleba Palhano, outras áreas da cidade também passaram por transformações. Por exemplo, a zona norte continuou concentrando as classes populares, mas foi mais integrada ao tecido urbano, com maior diversificação do padrão socioeconômico e valorização fundiária. A Avenida Saul Elkind (e seu entorno) constituiu-se como um subcentro (consolidado no início dos anos 2000), com a instalação de franquias de grandes lojas, filiais de bancos, farmácias e supermercados. Nas palavras de Silva (2013, p. 246), trata-se de um “sub-centro comercial popular”.

Londrina deixou de ser monocêntrica. Nos anos seguintes, novas expressões de centralidade foram constituídas, mas não possuem a mesma autonomia que os subcentros da zona norte e da porção sudoeste. Paralelamente, o centro principal passou por diversas modificações ao longo das últimas décadas do século XX e também no século XXI: intensificação da verticalização; expansão da centralidade para a área pericentral; abandono das pessoas de médio e alto poder aquisitivo; inauguração do Shopping Royal Plaza (1999) que reforçou a centralidade; e popularização dos estabelecimentos comerciais (Silva, 2003; 2013; Fresca e Oliveira, 2015).

Nos anos 2000 e 2010, as transformações iniciadas na década de 1990 se tornaram mais intensas e complexas. As periferias se expandiram a partir da construção de conjuntos habitacionais, formação de favelas e ocupação de fundos de vale, evidenciando o déficit habitacional existente na cidade. Novos espaços residenciais fechados foram construídos, ainda com foco na porção sudoeste da cidade (Silva, 2013). Todavia, também

³¹ O Catuaí Shopping Center foi o segundo empreendimento deste tipo em Londrina. O primeiro *shopping* foi o Com-Tour, inaugurado em 1973 e de capital local.

foram instalados em outras áreas da zona leste, oeste e norte, com foco na classe média. Três novos *shoppings centers* destinados a diferentes padrões socioeconômicos foram inaugurados: Londrina Norte Shopping em 2012; Boulevard Londrina Shopping em 2013; e Aurora Shopping Londrina em 2016.

Silva (2013, p. 212) sintetiza as modificações urbanas em Londrina: “[...] a divisão social e territorial do trabalho torna-se cada vez mais complexa, com uma relativa mescla de padrões socioespaciais [...] demarcando uma complexidade de estruturação e uma diversidade de tendências espaciais de articulação e fragmentação”. Inicialmente, a diferenciação socioespacial era exercida pela ferrovia, ao sul localizava-se o centro principal, os serviços públicos e os bairros de classes média e alta, e ao norte estavam as camadas populares, o comércio atacadista e os estabelecimentos industriais (Amorim, 2011). Nas décadas seguintes, a segregação socioespacial passou a fazer parte da estruturação da cidade, atingindo os conjuntos habitacionais populares. Da década de 1990 em diante, novos delineamentos reestruturaram a cidade, o que mais tarde se configurou na fragmentação socioespacial da morfologia urbana.

Na cidade fragmentada, a cultura periférica se espacializa e as/os jovens periféricas/os e negras/os são atingidas/os pelas barreiras socioespaciais. A cultura periférica londrinense é constituída por batalhas de rima, não há slams ou saraus periodicamente. Assim como nos Estados Unidos e em São Paulo, o Hip Hop também foi constituído nas periferias da cidade, pela juventude negra em meados da década de 1980. Sua história é marcada pelo engajamento social nas periferias e os tensionamentos com o poder público em busca de editais de fomento e reconhecimento de suas potencialidades. Há ainda uma diferença geracional, sendo que a primeira geração está mais envolvida com projetos culturais e sociais, que difundem a cultura para crianças, adolescentes e jovens, e a nova geração constituída por jovens concentra suas ações nas batalhas de rima e *crews* de grafite ou *break* (Marques, 2021).

O Quadro 2 detalha a cultura periférica de Londrina. Há 14 batalhas de rima, número contrastante com os dados que sistematizamos na dissertação de mestrado em 2021, quando havia oito coletivos, dos quais três já não realizam mais atividades (Batalhas das Minas, do Vibe e do Antares). Nove novos coletivos surgiram desde então: Batalhas 1312, do Bosque, da Máfia, do RU, da Praça, da Pistinha, do UDV, da Leste e Arte Salva). Esse cenário demonstra as dificuldades encontradas pelas juventudes na manutenção dos coletivos, muitas/os jovens não conseguem conciliar o trabalho, que garante sua sobrevivência, com as atividades dos grupos. Conforme os coletivos ficam

inativos, novos grupos são formados na efervescência cultural da cidade e da própria juventude. Por exemplo, no caso da Batalha das Minas acompanhada durante o mestrado, a principal organizadora se mudou de Londrina e a mobilização do grupo foi enfraquecida.

Quadro 2: Coletivos da cultura periférica de Londrina-PR (2024)

Batalha de rima	Zona	Local	Dia
Cinco	Norte	Praça da Rua Gessi Eugênio da Silva, 535 - Maria Cecília	Terça
Galo		Malokobar - Rua Jose Ruzzon, n. 685 - Jardim Marieta	Quarta
Arte Salva		Lago Norte - Avenida Curitiba - Milton Gavetti	Domingo
Café	Sul	Centro Esportivo do Conjunto Cafezal - Av. Abraham Lincoln - Cafezal 4	Terça
UDV		Praça da Rua da Cidadania, 256 – União da Vitória	Sexta
Pistinha	Leste	Praça da Rua Ruth Ferreira de Souza, 152 - Residencial Abussafe	
Leste		Praça Acquaville - R. Akeo Hasuda - Cidade Industrial II	Domingo
Hemp	Oeste	Pista de Skate - Av. Serra do Flamengo - Bandeirantes	Segunda
RU		Restaurante Universitário da Universidade Estadual de Londrina – Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, km 380	Quinta
1312	Central	Relógio de Sol - Av. Jorge Casoni, 2215 - Vila Casoni	Segunda
Bosque		Bosque Central – Av. São Paulo,434 - Centro	Terça
Máfia		Praça da Rua Argentina, 693 - Vila Larsen	Quarta
Praça		Praça da Rua Grajaú 257 – Vila Nova	Quinta
Concha		Área de Recreação e Lazer Luigi Borghesi (Anfiteatro do Zerão) - Rua Júlio Estrela Moreira - Centro	Sexta

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.
Organização: a autora, 2024.

A cultura periférica de Londrina exalta a importância dos espaços públicos para seu acontecimento. Das 14 batalhas de rima existentes, 11 ocorrem em praças e parques, somente a Batalha do Galo ocorre em um bar. Entretanto, os enfrentamentos são frequentes em função do estigma em relação ao Hip Hop, sobretudo, quando os coletivos ocupam o centro. Por exemplo, a Batalha da Concha é a mais antiga da cidade e tem dificuldades na apropriação dos espaços públicos, em seu início acontecia na Concha Acústica (localizada no centro histórico da cidade) e em virtude de diferentes conflitos

com as/os moradoras/es do entorno e com a polícia³² (Miotto, 2017), a organização foi obrigada a deslocar a Batalha para o Zerão e até os dias atuais negocia sua presença no espaço público³³. A Batalha da Leste também já foi alvo de abordagens agressivas da polícia³⁴.

O Mapa 5 apresenta a espacialização da cultura periférica na cidade. Há batalhas em todas as zonas geográficas de Londrina, com destaque para a norte e a central que possuem três e cinco coletivos, respectivamente. O centro afirma a sua relevância para a cultura, é a área que congrega a maioria das manifestações e possui diferentes espaços públicos. Conforme Silva (2013), embora Londrina seja poli(multi)nucleada, o centro ainda exerce forte poder de atração de fluxos. A questão da acessibilidade da área é fundamental, o transporte público converge para o centro, e assim, jovens de diferentes zonas tem a possibilidade de participar das batalhas de rima em qualquer dia da semana, pois de segunda à sexta um coletivo organiza eventos.

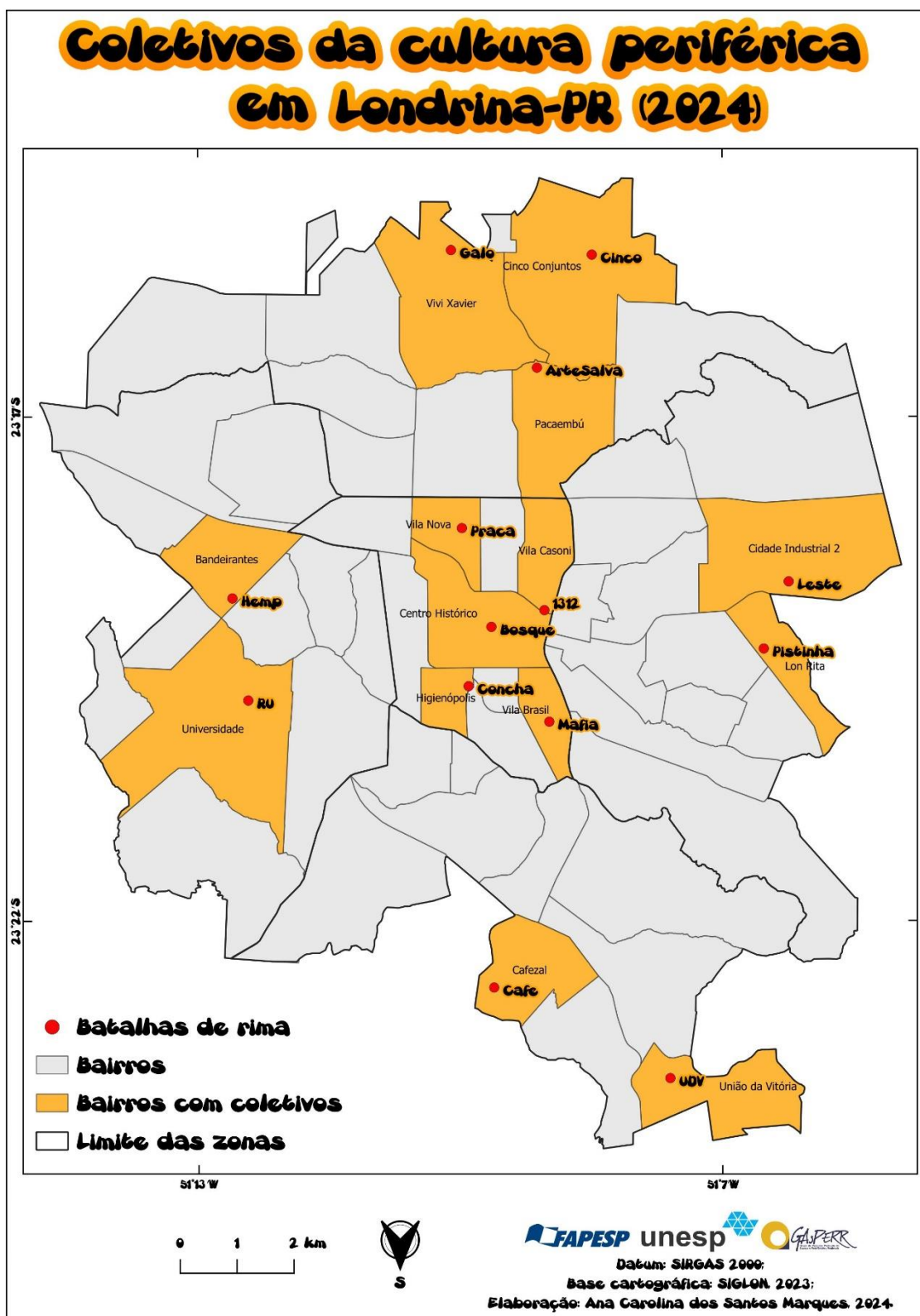
A zona norte possui grande importância para o Hip Hop londrinense, pois foi nela que as primeiras manifestações da cultura periférica foram realizadas. As três batalhas de rima estão localizadas na área do Cinco Conjuntos e seu entorno, que reúne as classes populares, sendo que juntamente com a porção sudeste da cidade, possui as maiores concentrações de pessoas negras, o que por sua vez está representado no Mapa 6.

³² Reportagem disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/nao-queremos-confronto-so-queremos-fazer-cultura-diz-organizador-da-batalha-de-rima-354412.html>.

³³ Reportagem disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/batalha-de-rimas-volta-ao-zerao-nesta-sexta-3-apos-liberacao-da-cmtu-3229231e.html?d=1>.

³⁴ Reportagem disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/grupo-de-batalhas-de-rima-aponta-abordagem-agressiva-da-policia-3239210e.html?d=1>.

Mapa 5: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em Londrina-PR (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

A zona sul de Londrina possui duas batalhas, a do Café (localizada no Cafezal 4) e a UDV (localizada no bairro União da Vitória), distribuídas na porção sudeste. Essa espacialidade evidencia a diferenciação socioespacial em uma mesma zona geográfica: enquanto a porção sudoeste é ocupada por pessoas de alto poder aquisitivo, concentradas sobretudo na Gleba Palhano, a porção sudeste abriga as classes populares e apresenta alto nível de vulnerabilidade, sendo onde as batalhas estão. O União da Vitória, por exemplo, teve sua origem ligada a movimentos de ocupação e luta por moradia na década de 1990, possui empreendimentos do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) Faixa 1 e concentra elevado percentual de pessoas negras (acima de 35,1%).

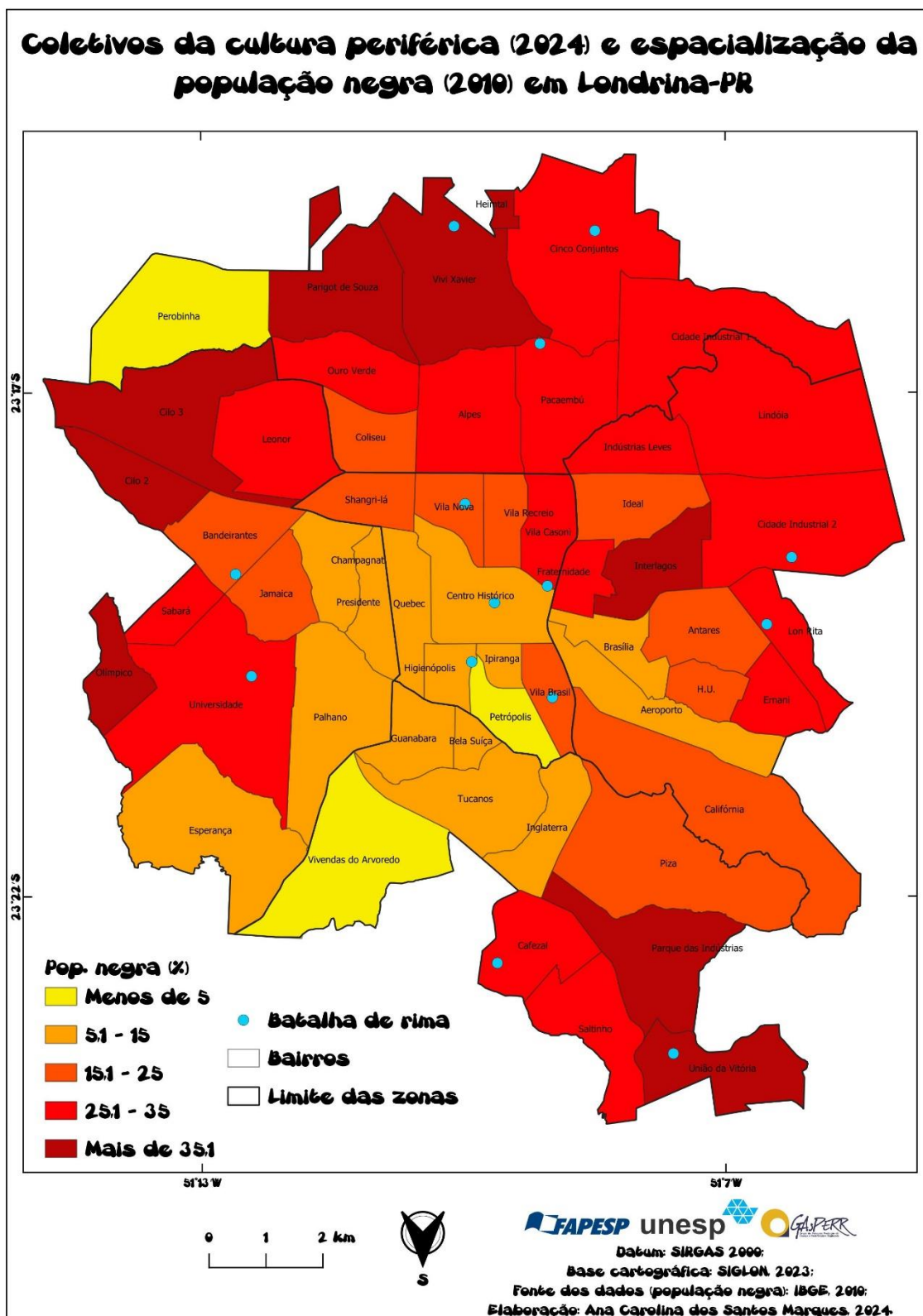
As zonas leste e oeste possuem duas batalhas de rima. No caso da zona leste, as Batalhas da Leste e da Pistinha estão na borda do tecido urbano e em bairros periféricos com relevante concentração de população negra (entre 25,1 a 35%). Trata-se de uma zona com diferentes padrões de habitação que coexistem em áreas próximas, desde espaços residenciais fechados (ocupados principalmente pelas classes médias) a periferias, justamente onde estão as batalhas.

A zona oeste possui a Batalha do Hemp, que acontece em um espaço público importante para o bairro Bandeirantes e que possui em seu entorno casas de médio padrão socioeconômico, diferenciando-se do restante dos coletivos que não se apropriam da zona central e escolhem as periferias para se estabelecerem. Um ponto interessante é a criação da Batalha do RU, que ocorre no pátio do Restaurante Universitário da UEL, e foi formada por estudantes periféricas/os que, ao adentrarem a universidade, resolveram demarcar a sua resistência cultural.

A Batalha do RU marca uma insurgência dentro da própria universidade, ela vai na contramão da crítica que coletivos fazem à distância entre a universidade e as/os jovens periféricas/os que não fazem parte dela. O grupo reivindica esse espaço como algo que a juventude periférica tem direito, e o fazem sobretudo por acessarem o espaço acadêmico por meio da Política de Cotas. A batalha ultrapassa os “muros universitários” ao levar a cultura periférica para dentro das instituições e demonstrar sua relevância na construção do conhecimento.

Por meio do Mapa 6, assim como em São Paulo, constatamos que a questão racial interfere na espacialização da cultura periférica em Londrina. Os bairros com maior concentração de pessoas negras são aqueles que possuem coletivos culturais, que por sua vez tem seu público constituído majoritariamente pela juventude negra.

Mapa 6: Espacialização dos coletivos da cultura periférica (2024) e da população negra (2010) em Londrina-PR



Elaboração: a autora, 2024.

De acordo com a autodeclaração da população de Londrina no Censo de 2022, a cidade é constituída por: 0,1% de pessoas indígenas; 3,2% de amarelas; 5,7% de pretas; 26,6% de pardas; e 64,2% de brancas. Ou seja, a população branca é maioria, enquanto que as pessoas negras representam 32,3%, número 7% maior em comparação com a autodeclaração do Censo de 2010.

Embora tenha uma população negra significativa, Londrina é marcada por uma urbanização racista, com invisibilização da contribuição negra em sua história e uma segregação socioespacial que é também racial, uma vez que as pessoas negras residem majoritariamente nas periferias. De acordo com Galdino (2017), uma política anti-negras/os circunscreve o espaço urbano londrinense, sendo que uma pessoa negra tem 60% de possibilidade de ser vítima de homicídio ao sair de casa, e a juventude tem sido o maior alvo das necropolíticas (MBEMBE, 2011).

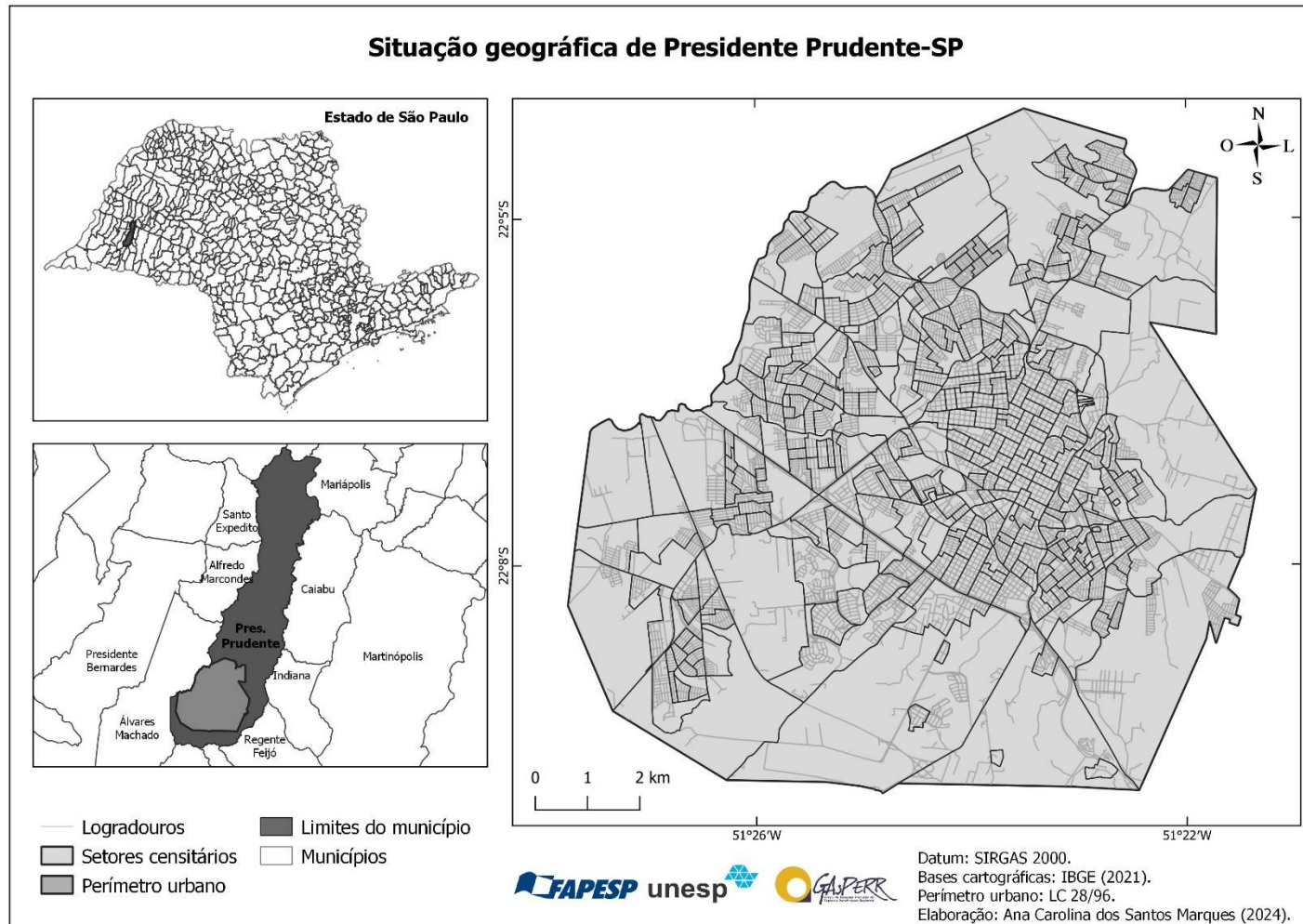
Nesse contexto, a cultura periférica constitui espaços negros na cidade. Nas periferias, as batalhas afirmam a potência desses espaços e na zona central, com menor concentração de pessoas negras, a juventude hip hopper demonstra sua arte e existência. Inclusive, muitos dos conflitos travados nos espaços públicos são em função da relação entre o estigma sobre o Hip Hop e a política anti-negras/os, que busca impor barreiras socioespaciais para que essa população não se aproprie da cidade.

Por fim, em relação às lógicas socioespaciais, o centro principal expressa sua importância para a cultura periférica, que reafirma a centralidade da área, sobretudo em termos de lazer, e implica em deslocamentos centro-periferia. Porém, as periferias também demonstram sua relevância, com inúmeros coletivos que permitem que as/os jovens tanto permaneçam circunscritas/os às suas quebradas, o que pode ser interpretado como consequência/reforço da fragmentação do tecido urbano, quanto transitem entre periferias em busca de cultura. Assim, a complexidade do espaço urbano londrinense demonstra as contradições das lógicas centro-periférica e fragmentária, discussão que será aprofundada no Capítulo 5.

3.3 A cena da cultura periférica na cidade de Presidente Prudente

Presidente Prudente está localizada no extremo oeste do estado de São Paulo e possuía população estimada, em 2022, de 225.668 habitantes (IBGE, 2022c). O Mapa 7 apresenta a situação geográfica da cidade.

Mapa 7: Situação geográfica de Presidente Prudente-SP



Elaboração: a autora, 2024.

Assim como Londrina e mesmo São Paulo, Presidente Prudente possui sua urbanização ligada à produção cafeeira, de modo que as três cidades compartilham da mesma formação socioespacial (Santos, 1977). No início do século XX, pessoas foram para o extremo oeste do estado de São Paulo, por meio da Estrada de Ferro Alta Sorocabana, objetivando adquirir terras para cultivo de café para além dos limites da ferrovia. Conforme as terras começaram a ser loteadas, tornou-se necessária a existência de um pequeno núcleo urbano que reunisse serviços como armazéns, hospital, capela e farmácia (Abreu, 1972).

Nesse período, precisamente a partir de 1917, entraram em cena dois coronéis que fundaram núcleos urbanos que, posteriormente, foram unidos. Os coronéis Francisco de Paula Goulart e José Soares Marcondes começaram a vender lotes para cultivo de café. A colonização de Goulart era mais individual, sem planificação e sem grande aplicação de capitais, com exceção das terras que foram herdadas. A colonização de Marcondes tinha caráter empresarial, suporte financeiro e investimentos em propaganda (Abreu, 1972). A ferrovia dividia os núcleos urbanos em Vila Goulart (caracterizada pela topografia mais suave e por facilidades de compra) e Vila Marcondes (que seguia as exigências legais do período e possuía lotes com preços mais elevados), essa constituição impactou na expansão territorial futura (Sposito, 1983).

A história da formação de Presidente Prudente³⁵ evidencia como o coronelismo esteve presente em diversas cidades do interior do Brasil. Porém, há uma invisibilização de trabalhadoras/es negras/es e migrantes (principalmente do sul de Minas e da região Nordeste) que foram determinantes para a constituição do núcleo urbano, assim como de indígenas da etnia Guarani que viviam no território que compreende a cidade atualmente. Santos (2015) denuncia a negligência com a dimensão da raça nos dados oficiais sobre a construção histórica da cidade.

Nas décadas de 1920 e 1930, foram criadas instituições político-administrativas e estabelecimentos comerciais, industriais e de serviços que formaram o centro principal, nesse período a cidade passou a polarizar a região. Além do café, outros produtos passaram a ser cultivados, como algodão e amendoim, além de criação de gado e introdução da agroindústria. O coronelismo imperava e priorizava seus interesses, o que se desdobrou no lento avanço da urbanização.

³⁵ Abreu (1972) e Sposito (1983) apresentam um histórico completo de formação de Presidente Prudente.

Nos anos posteriores, Presidente Prudente continuou sendo expandida. Na década de 1940 a tendência de crescimento foi na direção oeste e nas décadas de 1950 e 1960 foi para oeste, o que descentralizou a expansão territorial ao longo da ferrovia no sentido norte-sul (Sposito, 1983). A partir da década de 1970 e mais expressivamente em 1980 e 1990, a estruturação da cidade passou a ser fortemente delineada pelos processos de diferenciação e segregação socioespaciais, mediante ação do poder público e da iniciativa privada (Sposito, 1983). Dentre as dinâmicas de destaque estão: a proliferação de vazios urbanos à espera de valorização; predileção de determinadas áreas em detrimento de outras; remoção das classes populares; e construção de loteamentos para pessoas de baixo poder aquisitivo em áreas distantes da área central, por meio de políticas habitacionais (Dal Pozzo, 2015; Santos, 2017).

O centro principal permaneceu como área de concentração de atividades de comércio e serviços, mas passou por modificações relacionadas à verticalização, expansão, popularização dos estabelecimentos comerciais e adaptação de edifícios residenciais para o uso comercial, uma vez que as pessoas de médio e alto poder aquisitivo abandonaram gradualmente a área (Whitacker, 1997). A inauguração dos espaços residenciais fechados começou em 1975 e marcou o início da autosegregação na cidade (Sposito, 1983). Nos anos seguintes, o número de condomínios aumentou e consolidou a porção sul como área de concentração das pessoas de alto poder aquisitivo, diferenciando-a do restante da cidade. Concomitantemente, a quantidade de conjuntos habitacionais também cresceu e foi concentrada nas porções leste, oeste e norte (Dal Pozzo, 2015)³⁶. As habitações eram distantes do centro principal e não apresentavam infraestrutura adequada e qualidade de construção (Santos, 2017).

A inauguração de *shoppings centers* contribuiu para a constituição de multicentralidades em Presidente Prudente (Pereira, 2002). Em 1988 foi inaugurado o Shopping Center Americanas (mais tarde denominado de Parque Shopping Prudente), em área contígua ao centro principal, o que reforçou tal centralidade (Sposito *et al.*, 2019). E em 1990 a centralidade intraurbana foi redefinida com a abertura do Prudenshopping, localizado na Avenida Manoel Goulart e nas proximidades do Parque do Povo, importante espaço público da cidade. Ao longo dos anos, o Prudenshopping se tornou a

³⁶ A tese de doutorado do referido autor apresenta profundas discussões e mapas que contribuem para a compreensão da expansão urbana de Presidente Prudente, à exemplo do Mapa 16 (Dal Pozzo, 2015, p. 141) que representa a diferenciação e segregação socioespacial.

área comercial mais procurada pelas pessoas de alto poder aquisitivo (Sposito e Góes, 2019).

Ainda em relação às centralidades, em função das distâncias do centro principal, novos subcentros formaram-se gradualmente a partir da necessidade das/os moradoras/es por estabelecimentos comerciais próximos, como os subcentros da COHAB e Cecap e do Conjunto Habitacional Ana Jacinta (Dal Pozzo, 2015; Santos, 2017; Sposito *et al.*, 2019). Ambos atendem as necessidades mais imediatas da população, mas o centro principal permanece importante por concentrar atividades bancárias, grande comércio varejista e serviços médicos e hospitalares (Pereira, 2002). Um subcentro com características distintas também foi formado na área do Jardim Bongiovani e Cidade Universitária, destinado para pessoas de médio e alto poder aquisitivo, concentra estabelecimentos de comércios e serviços equivalentes ao padrão econômica das/os moradoras/es, contando com restaurantes, Correios, floriculturas, lojas variadas, bancos, salões de beleza, imobiliárias e boates (Pereira, 2002).

Nos anos 2000, o número de espaços residenciais fechados continuou crescendo e, paralelamente, as pessoas empobrecidas foram prejudicadas pelas dificuldades de compra de terrenos e casas. Na última década, o PMCMV propiciou a diminuição do déficit habitacional, mas não resolveu o problema (Dal Pozzo, 2015). Esses empreendimentos pertenciam a Faixa 1 do PMCMV e “[...] intensificaram o processo de diferenciação socioespacial que estava em curso desde a década de 1970, gerando ou reforçando, em alguns casos, segregação socioespacial” (Sposito *et al.*, 2019, p. 36-37).

Com base nos direcionamentos apresentados, a diferenciação socioespacial dividiu as porções da cidade a partir de padrões de poder aquisitivo. Na figura dos *shoppings centers* e dos espaços residenciais fechados, a multi(poli)centralidade tornou-se mais expressiva, mas ainda com grande relevância do centro principal que é complementado pelas outras centralidades. Atualmente, a fragmentação socioespacial está em curso na cidade, intensificando a diferenciação entre as áreas e influenciando nas questões habitacionais, de lazer, de mobilidade e de consumo. Cada vez mais, as pessoas de alto e médio poder aquisitivo optam pela autosegregação, enquanto as pessoas empobrecidas ficam suscetíveis às determinações dos agentes hegemônicos do espaço urbano.

A estruturação da cidade influencia na cena da cultura periférica a partir da relevância da lógica centro-periférica, mas também restringe as práticas espaciais juvenis em função da fragmentação socioespacial. Como em Londrina e São Paulo, o Hip Hop

está na base da cultura periférica prudentina, sendo que a metrópole foi fundamental para a constituição da cena, pois por meio de apresentação de artistas vindos de São Paulo, a juventude foi inspirada e identificou o Hip Hop em sua potência.

De acordo com Salvi (2023), baseado em pesquisa que desenvolveu com o coletivo Batalha do Vale e nos escritos da autora Afife Fazzano³⁷, jovens começaram a formar grupos de rap, a dançar e a grafitar no início da década de 1990, após dois shows que ocorreram na cidade, um do grupo Racionais MCs e outro da dupla Thaíde & DJ Huum. O autor defende que a discoteca Cockpit (1991-2001), que ficava localizada no bairro Jardim Everest (popularmente, constitui a área da COHAB), foi o embrião do Hip Hop de Presidente Prudente. A discoteca já reunia diferentes estilos artísticos e passou a congrega os elementos do Hip Hop, assim como as/os jovens que estavam dispersas/os pela cidade, para que cantassem raps, dançassem *break* e curtissem os eventos.

Os eventos que aconteciam na Cockpit podem ser associados aos bailes *blacks*, típicos da metrópole (Felix, 2000), que se estenderam para outras cidades por meio do que Santos (2011) denomina de corredores negros. Embora a Cockpit não se tratasse de um baile *black*, fez parte dos locais que contribuíam para a disseminação da cultura negra nas cidades brasileiras. Com *crews* de break e grupos de rap formados nas periferias, o Hip Hop expandiu-se para além da Cockpit. Entretanto, entre o final dos anos de 1990 e a primeira década do século XXI, a cultura periférica prudentina perdeu expressividade, o que pode ser explicado pela dissolução de grupos de rap e *crews* de *break*, em virtude da necessidade da juventude se dedicar ao trabalho para sobreviver e da falta de incentivos à profissionalização (Salvi, 2023).

A atual cena da cultura periférica de Presidente Prudente começou a se desenhar em 2015, com a criação da Batalha do Vale. Salvi (2023) apresenta uma etnografia detalhada do coletivo, que se consolidou como maior batalha de rima da cidade e foi uma oficina de formação para a constituição de outros grupos, porém, de forma dual. De um lado, novas batalhas de rima foram formadas pela juventude hip hopper que frequentava os eventos, motivada sobretudo pelo anseio de rimar durante os dias da semana, tendo em vista que a Batalha do Vale ocorre somente aos sábados. Por outro lado, coletivos de mulheres (como o Santo Útero, inativo atualmente) se constituíram, porque as jovens não se sentiam confortáveis nos eventos promovidos pela Batalha do Vale, uma vez que nesse

³⁷ A autora escreveu o livro “Do outro lado do mundo, do outro lado da escola: trajetórias de vida e tentativas de superação da marginalização”, publicado em 2001, em que aborda as trajetórias de vida de jovens em situação de rua que buscavam superar esse contexto por meio da cultura Hip Hop.

período era comum a circulação de discursos sexistas nas rimas. O Quadro 3 apresenta os coletivos da cidade: quatro batalhas de rima e um slam.

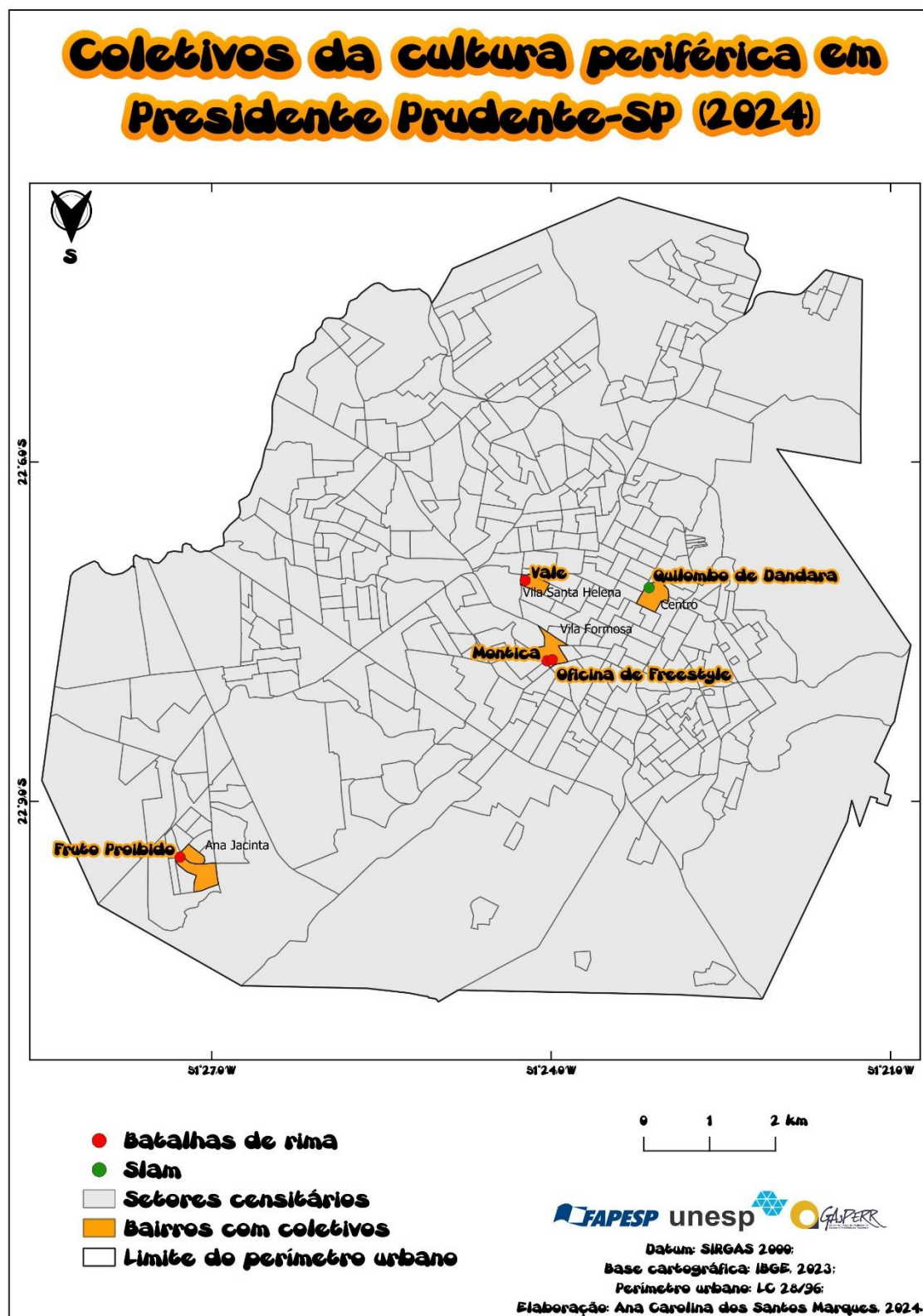
Quadro 3: Coletivos da cultura periférica de Presidente Prudente-SP (2024)

Coletivo	Porção	Local	Dia
Oficina de Freestyle	Sul	Pista de skate do Parque do Povo - Vila Formosa	Terça
Batalha da Mônica		Parque do Povo - entre as avenidas Onze de Maio e Quatorze de Setembro - Vila Formosa	Quarta
Batalha Fruto Proibido	Oeste	Pista de skate - Av. Sussumu Anzaí, 515 - Conjunto Habitacional Ana Jacinta	Quinta
Batalha do Vale	Leste	Praça do Vale - Avenida Manoel Goulart - Vila Santa Helena	Sábado
Slam Quilombo de Dandara	Central	Praça Dóbio Zaina - Rua Anita Costa, 231-299 – Centro	2º domingo do mês

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.
Organização: a autora, 2024.

A cena da cultura periférica de Presidente Prudente, se comparada com as outras cidades investigadas, é a menos ampla e mais recente. A Batalha do Vale é o coletivo mais antigo e a Batalha Fruto Proibido é o mais novo, ambos possuem seu público majoritariamente formado por homens, assim como a Batalha da Mônica. Os avanços do movimento feminista e do movimento LGBTQIAPN+ também penetraram a cultura periférica brasileira e foi possível identificar o crescimento dos coletivos com recorte de gênero e sexualidade, como a Oficina de Freestyle que é uma batalha inicialmente formada por duas pessoas LGBTQIAPN+ e que tem a proposta de acolher todos os corpos. O Slam Quilombo de Dandara é a única coletiva de slam da cidade e que tem a maior parte de sua organização constituída por mulheres, o que faz com que a questão de gênero seja fortemente pautada nos eventos. O Mapa 8 apresenta a espacialização dos coletivos.

Mapa 8: Espacialização dos coletivos da cultura periférica em Presidente Prudente-SP
(2024)



Elaboração: a autora, 2024.

Todos os coletivos se apropriam de espaços públicos da cidade para realizarem seus eventos. A única coletiva que ocupa o centro principal é o Quilombo de Dandara. Três batalhas de rima acontecem no Parque do Povo (Oficina de Freestyle, Batalha da Mônica e do Vale), que possui cerca de cinco quilômetros de extensão, perpassa por diferentes áreas da cidade e sua localização pode ser entendida como pericentral.

A construção do Parque do Povo foi iniciada na segunda metade da década de 1970, o projeto incluía a canalização do Córrego do Veado e a construção de pontes de acesso e circulação, de um conjunto poliesportivo e de áreas de lazer. Os loteamentos localizados na área e que eram ocupados por pessoas de baixo poder aquisitivo, tiveram suas populações removidas e direcionadas para os loteamentos populares. Todo o entorno do Parque passou por um processo de valorização nos anos seguintes, com concentração de pessoas das classes média e alta (Sposito, 1983; Dal Pozzo, 2015). Em termos de lazer, o Parque do Povo é o principal espaço público com esta finalidade na cidade, trata-se de um local com acesso gratuito, arborização e boa infraestrutura, o que motiva a sua apropriação por parte da população prudentina.

Desse modo, a centralidade exercida pelo Parque do Povo nas dimensões do lazer e do consumo, influencia a cultura periférica em Presidente Prudente, como também é reforçada por ela. Sua localização pericentral permite que as juventudes acessem o espaço público com mais facilidade, se comparado a deslocamentos entre periferias. A expressividade cultural do Parque complementa a centralidade do centro principal. Portanto, a lógica centro-periferia ainda opera fortemente no âmbito da cultura periférica na cidade. Esse contexto difere-se da cena cultural de Londrina em termos de alcance dos coletivos. Ainda que se tratem de cidades médias, há heterogeneidades no grupo.

Embora o Parque do Povo congregue a diversidade de pessoas da cidade e as juventudes periféricas se desloquem para a área central e pericentral em busca de lazer e cultura, as/os jovens negociam sua presença com as classes média e alta e com o poder público municipal. Por exemplo, a Batalha do Vale já foi impedida de acontecer com a justificativa de falta de alvará de funcionamento. Em um dos episódios, ocorrido em 2019, a Prefeitura ordenou o desligamento das luzes da praça³⁸. Segundo Salvi (2023), nos primeiros meses de Batalha do Vale, em 2015, o grande público começou a chamar atenção das autoridades, sendo que em junho ocorreu a primeira investida repressiva da

³⁸ Reportagem disponível em: <https://www.portalprudentino.com.br/noticia/cultura/musica-cultura/apos-intervencao--batalha-do-vale-e-garantida-em-praca>.

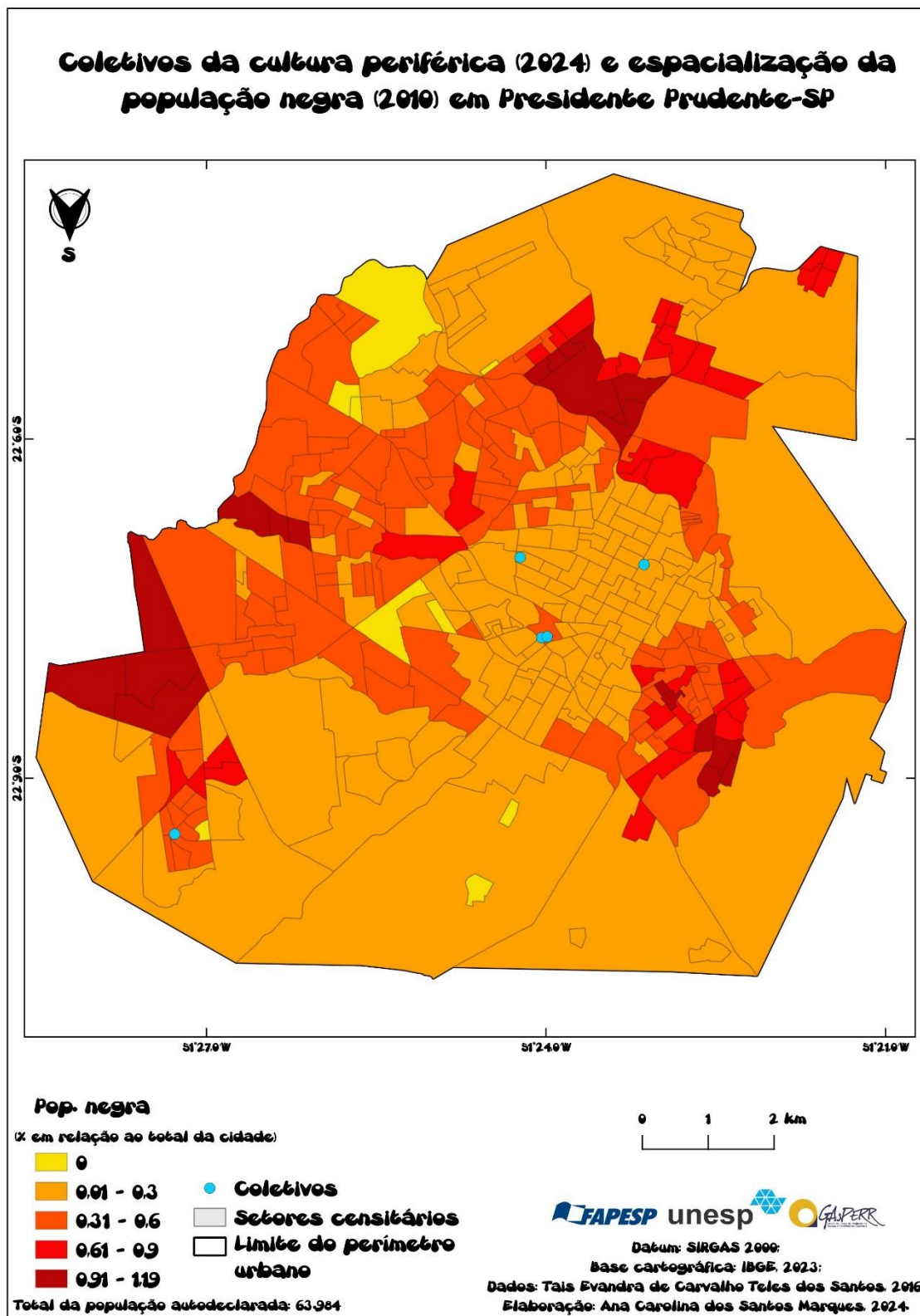
polícia militar, o que por algum tempo foi motivo para que parte das/os jovens deixassem de frequentar os eventos, com medo de novas repressões.

A Batalha Fruto Proibido é a única que ocorre na periferia. Em virtude da escassez de manifestações culturais nas periferias da cidade, jovens periféricos se articularam e formaram o coletivo Fruto Proibido em 2022, no Conjunto Habitacional Ana Jacinta, criando uma opção de sociabilidade mais próxima de suas residências em um dia de semana, tendo em vista que a “facilidade” de se deslocar para o centro é maior nos finais de semana. A partir do Mapa da Exclusão/Inclusão Social de 2010 (Camacho, 2013), o bairro Ana Jacinta apresentava nível médio de exclusão social e tinha dificuldade de integração na malha urbana, o que justifica, em parte, a formação do subcentro no conjunto habitacional. Assim, a Batalha Fruto Proibido utiliza e reforça a expressão de centralidade existente na área ao realizar seus eventos no principal espaço público do bairro.

O Mapa 9 apresenta a relação entre a espacialização da cultura periférica na cidade e a distribuição da população negra em 2010, de acordo com os dados do Censo do IBGE de 2010 e organização das informações realizadas por Santos (2015). Três coletivos estão localizados em áreas que possuíam entre 0,3 e 0,6% de pessoas autodeclaradas negras e dois se espacializam em áreas com 0,01 a 0,3%. Diferente de Londrina e São Paulo, a cultura periférica em Presidente Prudente não possui uma relação direta com a alta concentração de pessoas negras nas áreas em que os coletivos ocupam. Isso pode estar ligado ao fato de que os coletivos ainda buscam as áreas centrais da cidade, marcadas pela valorização e pela concentração de pessoas de médio e alto poder aquisitivo.

Conforme o Censo do IBGE de 2022, 59,3% da população prudentina se autodeclarou branca, 31,8% parda, 6,5% preta, 2,5% amarela e 0,08% indígena. O percentual de pessoas negras é de 38,3% e elas não estão concentradas no centro principal e na área pericentral. Dessa forma, a cultura periférica demarca os espaços centrais de Presidente Prudente com a juventude empobrecida e negra, que não possui muitas opções de lazer e afirmação nas periferias que residem.

Mapa 9: Espacialização dos coletivos da cultura periférica (2024) e da população negra (2010) em Presidente Prudente-SP



Elaboração: a autora, 2024.

Em síntese, a cultura periférica prudentina reafirma a importância que o centro principal possui para a cidade, e que é complementada pela expressão de centralidade que emergiu da conjunção do Parque do Povo e do Prudenshopping. A escolha em ocupar áreas centrais e valorizadas implica em maiores negociações com as populações privilegiadas e com o poder público, porém também enfatiza a heterogeneidade dos espaços públicos e os princípios da vida cotidiana pública.

Embora a fragmentação socioespacial interfira nas dinâmicas urbanas, a lógica centro-periférica ainda é muito relevante. Dal Pozzo (2015) concluiu que as práticas espaciais das pessoas empobrecidas são muito voltadas para o centro principal e para os subcentros populares, em função do consumo. Enquanto as práticas espaciais das pessoas de médio e alto poder aquisitivo, que se autossegregaram, se concentram no uso e consumo do Prudenshopping e dos estabelecimentos localizados nas imediações dos condomínios residenciais fechados, reforçando a multi(poli)centralidade. Porém, as pessoas privilegiadas ainda precisam do centro principal para questões relacionadas, por exemplo, à saúde, conforme constatado por Silva e Whitacker (2021). Nesse sentido, o centro tem significativa importância na cidade média em questão, e a cultura periférica reforça a lógica centro-periférica a partir da espacialização dos coletivos, mas também dos deslocamentos das/os jovens, conforme veremos no capítulo seguinte.

* * *

A partir da espacialização da cultura periférica nas cidades que integram a pesquisa, constatamos que as complexidades estão presentes tanto em cidades médias quanto em metrópoles, demonstrando que cada densidade urbana guarda suas particularidades conforme sua estruturação, e que não necessariamente a metrópole é mais importante que a cidade média ou vice-versa, ambas são complementares nas redes urbanas.

É fundamental demarcar que a cultura periférica enfatiza expressões de centralidade, assim como também as cria. Cada um dos coletivos existentes e espacializados nos mapas, interfere nas cidades no tempo em que os eventos ocorrem, seja aglomerando fluxos de pessoas, apropriando-se dos espaços públicos, negociando a permanência nos locais ou gerando fluxos de capital (uma vez que há venda de alimentos, bebidas, produtos artesanais e culturais).

Na metrópole, a espacialização dos coletivos expressa dinâmicas tanto da lógica centro-periférica quanto da lógica fragmentária. A periferia ainda busca os centros para fazer cultura, atribuindo vida e conteúdo simbólico a uma área que tem se tornado cada vez mais desvalorizada em São Paulo, principalmente devido à presença das classes populares e das pessoas em situação de rua, que são classificadas como uma representação de perigo e utilizadas como justificativa pelas pessoas de alto poder aquisitivo para se afastarem dessa área. Todavia, a cultura periférica, mais do que exaltar a importância que o centro ainda possui, prioriza a periferia como seu lócus. Esse movimento pode ser lido como interessante ao capital (na figura dos agentes hegemônicos da produção do espaço urbano), pois implica em pessoas periféricas deixando de transitar pela cidade e optando por acessar cultura em suas quebradas. Todavia, a preferência pelas periferias desdobra-se em articulação política nesses espaços, contribuindo para o fortalecimento da consciência e identidade periféricas, conceitos de D’Andrea (2022).

Embora Londrina e Presidente Prudente sejam cidades médias, a cultura periférica destaca as diferenças que existem dentro de uma mesma classificação urbana. A cena cultural de Londrina possui mais complexidades comparado a Presidente Prudente, a espacialização dos coletivos demonstra que, assim como em São Paulo, há evidências da influência tanto da lógica centro-periférica quanto da lógica fragmentária nas práticas espaciais juvenis. O centro possui expressividade na concentração de coletivos, mas as periferias tornam-se cada vez mais autônomas em termos de acesso à cultura.

Já em Presidente Prudente, a espacialização dos coletivos exalta o centro como lócus da cultura periférica. Há um indício de inversão dessa lógica a partir da criação da Batalha Fruto Proibido, que pode ser entendida como desdobramento da fragmentação socioespacial, mas ainda é uma iniciativa tímida que não contrapõe o reforço do padrão centro-periferia. Assim, as influências da fragmentação socioespacial são mais evidentes nas dimensões do consumo e da habitação para as classes populares, do que propriamente nas do lazer e da cultura, expressos nesta pesquisa pela cultura periférica.

Conforme destacado por Serpa (2012, p. 104), a constatação de que os espaços periféricos compartilham encontros, lazer e diversão, exige um novo sentido para o conceito de centralidade, pois nas palavras do autor se trata de “centralidades vividas [...] a partir da esfera da reprodução da vida e do cotidiano de relações socioespaciais em cada lugar, que é, sobretudo, intersubjetivo e relacional”. Desse modo, as práticas espaciais juvenis quando relacionadas às lógicas socioespaciais, demonstram sua pertinência para o entendimento da estruturação do espaço urbano e do próprio processo de fragmentação

socioespacial, assim como também representam desafios por incorporarem a diversidade de identidades e anseios.

Essas conclusões se concentram somente na espacialização dos coletivos da cultura periférica e na argumentação de que envolvem a apropriação de espaços públicos e geração de fluxos nas cidades. Para substantiar tais conclusões e verificar como as dinâmicas ocorrem em determinados coletivos, o próximo capítulo aprofunda-se nas práticas espaciais desencadeadas pelas coletivas da pesquisa. Isso também proporcionará refletir sobre a permanência de coesões no espaço urbano, bem como sobre a fragmentação na vida urbana. Além disso, será possível refletir sobre as ações de jovens negras em diferentes cidades brasileiras, considerando que elas são as organizadoras das coletivas.

4

COLETIVAS DE JOVENS NEGRAS DESENCADEANDO PRÁTICAS ESPACIAIS: A MARGEM COMO ABERTURA

* - Venezian

Eu quero escrever sobre a mina que eu gosto
Mas olha em volta pro destroço
Pobre ficando mais pobre
Rico cada vez mais no pódio
Pagando de Gandhi, mas expandem o ódio
Todo dia é o mesmo violento episódio
Destroí e manipula como o ópio
Nunca tive um controle então faz tempo que
me descontrolo
Eu amo **Londrina**, amo o **Paraná**
Mas amaria mais se parece de matar
Olha quantas **mulheres** assassinadas
Além do medo de ser assaltado
Medo do **corpo** alguém violar
Adivinha quem nessa parada saí de culpada
“Com que roupa você tava?”
Não é só Londrina e no **Brasil**
Viu **quebrada** é em toda área
Só queria tudo isso evitar
Proteger a nossa raridade, a mulherada,
primeira casa que viemos a morar
Eu ando com medo, mesmo com uma roupa
larga

Desculpa sobre a roupa é uma farsa

[...]

Será a hora de voltar aos **quilombos**?
Muitos fecham os olhos, cês querem mais
quantos?
É 8 ou 80 e eu não tô brincando
É guarda-chuva que tá atirando, tava
metralhando
Ele se molhou, mas não era só porque tava
chuviscando
Com o uniforme da escola, ensino segue
chorando
Se você for **negra** e querer pipoca vê se não
fica moscando
Com a segurança eu não tô contando
Onde de presidente está se calando e só
twittando
E o pior é que isso não me causa espanto
É tudo que o Brasil queria tá falando
São humanos, mas **humanidade** tá faltando.

CAPÍTULO 4. COLETIVAS DE JOVENS NEGRAS DESENCADEANDO PRÁTICAS ESPACIAIS: A MARGEM COMO ABERTURA

O capítulo discute as práticas espaciais decorrentes das coletivas culturais que compõem a pesquisa: Batalha Dominação (São Paulo), Sarau do Capão (São Paulo), Batalha da Máfia (Londrina) e Slam Quilombo de Dandara (Presidente Prudente). Essas coletivas têm o marcador de gênero como a principal motivação para sua criação.

O Hip Hop é um movimento predominantemente formado por homens, no qual, historicamente, uma série de discursos machistas e sexistas foi reproduzida. Com a incorporação dos slams e dos saraus àquilo que denominamos de cultura periférica, as vozes se tornaram mais plurais (Tennina, 2017). Todavia, a cultura ainda é formada majoritariamente por homens e, inserida no movimento da sociedade, alguns discursos e posturas misóginas continuam presentes.

Segundo Shabazz (2011), os homens negros do Hip Hop resistiram às desigualdades socioeconômicas e espaciais por meio da cultura, mas reproduziram as formas hegemônicas de masculinidade, que tiveram como referência o patriarcado branco. Isso marginalizou as mulheres dentro do movimento, criando uma esfera altamente masculinizada e uma geografia desigual do Hip Hop. Como reação, as mulheres criaram e continuam criando seus próprios espaços, denominados pelo autor como zonas de jogo livre seguro.

A hegemonia de homens na cultura periférica também se reflete nos estudos sobre culturas juvenis, segundo Weller (2005) há uma lacuna a respeito da presença de mulheres nas manifestações político-culturais. As pesquisas comumente tratam a categoria juventude como um todo, sem uma distinção de gênero, além de que a maior parte dos sujeitos de pesquisa são homens.

Nesse sentido, as mulheres criam coletivas que buscam construir redes de apoio e acolhimento a outras jovens, que desejam se expressar sem medo de repressão, conforme demonstrado no Prólogo desta tese. As coletivas evidenciam como as jovens participam da produção do espaço urbano e reelaboram a cultura a partir de disputas e inserção de repertórios feministas, como por exemplo, o combate às convenções tradicionais de gênero e a reivindicação de mais espaço e representatividade nas competições estaduais e nacionais.

As práticas espaciais a que nos referimos neste capítulo são os deslocamentos casa-espaço público, por isso consideramos que são desencadeadas pelas coletivas, pois

são motivadas pela participação nas manifestações. Tendo em vista que os fluxos convergem para uma mesma área, eles enfatizam uma centralidade existente ou criam uma expressão de centralidade, com conteúdo cultural. As centralidades são constituídas por nós de articulação e manifestam conectividades no espaço urbano (Sposito, 2013; Salgueiro, 2013; Fernandes, 2013), tal como os eventos da cultura periférica enquanto pontos de convergência de diferentes trajetórias de vida espacializada, que se encontram, modificam as dinâmicas urbanas e criam novas conectividades.

Entendemos as centralidades geradas pela cultura periférica como cambiantes, conceito desenvolvido por Sposito (2001a), pois relacionam-se com as variações de intensidade de fluxos nas áreas ao longo do tempo. Os eventos das coletivas possuem uma temporalidade específica (diferente das centralidades “convencionais”, vinculadas às atividades econômicas e políticas), costumam ocorrer em um dia da semana e no período noturno, por cerca de três a quatro horas. Ainda que com uma duração delimitada, os eventos alteram as dinâmicas urbanas, sobretudo porque as centralidades econômicas e políticas da cidade tornam-se menos expressivas durante a noite, que é quando os fluxos de jovens convergem para um mesmo espaço público em busca da cultura.

Desse modo, o capítulo está dividido em três itens, que analisam as coletivas de São Paulo, Londrina e Presidente Prudente, respectivamente. Mapas, produzidos a partir dos questionários aplicados ao público das coletivas, subsidiam o debate. Esse público evidencia que as centralidades cambiantes das coletivas possuem conteúdo cultural, mas também periférico, juvenil e racial.

4.1 Centro e periferia na produção cultural de São Paulo: Batalha Dominação e Sarau do Capão

“Estou voltando para Prudente após mais um trabalho de campo em São Paulo. A cabeça sempre fica com um turbilhão de pensamentos sobre o que pude apreender, fico pensando na realidade e na teoria. Sempre volto muito cansada de São Paulo, os deslocamentos ocupam muito tempo e, comparado com o interior, é tudo muito acelerado. Estou pensando justamente nos deslocamentos que realizei em todos os campos na metrópole e como me proporcionaram ter uma dimensão dos deslocamentos centro-periferia e periferia-periferia. Escolhi minhas hospedagens de forma proposital para ter uma dimensão dos trajetos que as/os jovens periféricas/os da metrópole têm que

realizar, afinal os deslocamentos que realizo em Londrina e Presidente Prudente são mais curtos e rápidos.

Nos dias que fui para a Dominação, me hospedei em um hostel no distrito Santana, bem próximo (10 minutos a pé) da estação de metrô que recebe o mesmo nome, e também me hospedei na casa de alguns parentes, no Jardim Letícia, que fica no distrito Jardim São Luís, na zona sul. Embora nenhum dos locais fosse muito próximo do Largo São Bento, foi mais rápido e fácil chegar até a Dominação quando eu estava em Santana. Eram somente 30 minutos de deslocamento.

Já quando eu estava no Jardim Letícia, era necessário andar cerca de 5 minutos até o ponto de ônibus, ficar 20 minutos no ônibus até a estação de metrô Giovanni Gronchi, em que eu passava cerca de 25 minutos na linha lilás, até fazer uma baldeação para a linha azul, em que eu ficava mais 15 minutos. Nesse trajeto ainda havia os momentos de espera de ônibus e metrô. Então, demorei cerca de 1h30min para chegar da zona sul até o centro histórico, onde a Dominação acontece, além de que gastei duas passagens de transporte público. Para voltar, foi a mesma coisa. Os deslocamentos em São Paulo nunca são rápidos. Transitar entre centro-periferia é muito cansativo. Quando voltei da Dominação para o Jardim Letícia, tive medo de ficar sozinha no ponto de ônibus (ah, o medo que persegue nós, mulheres) e pedi um carro de aplicativo, o que diminuiu o tempo de deslocamento, mas aumentou meu gasto financeiro.

Para ir para o Sarau do Capão, eu também quis ter as duas experiências, me deslocar no sentido centro-periferia e entre periferias. A primeira vez que fui ao Sarau, estava hospedada em um hostel na Barra Funda, próximo da estação de metrô. Havia possibilidades de ir somente de ônibus, passando por cerca de três linhas diferentes e levando em média duas horas. Porém, preferi ir de metrô por estar próximo da estação Barra Funda. Andei 12 minutos até a estação, fiquei cerca de 13 minutos na linha vermelha, 13 minutos na linha azul e 35 minutos na linha lilás. Depois peguei um ônibus e demorou 15 minutos até o ponto final e mais 10 minutos para chegar na Fábrica. Entre baldeações e esperas por metrô e ônibus, foram cerca de 2 horas de trajeto.

Na segunda vez, fiquei hospedada novamente na casa de meus parentes, o deslocamento era entre periferias, ir do distrito Jardim São Luís para Capão Redondo, duas periferias que, apesar de próximas, têm suas especificidades. Confesso que quando resolvi minha hospedagem, pensei que o deslocamento seria mais simples pela proximidade entre as periferias, se comparado ao centro, mas nada é simples quando o tema é mobilidade em São Paulo. Foi cerca de 1h05min para chegar até a Fábrica de

Cultura do Capão Redondo: 10 minutos andando até o ponto de ônibus, 40 minutos dentro de um ônibus (após esperar 5 minutos para ele chegar) e 10 minutos andando até o Sarau. Foi menos cansativo que o trajeto centro-periferia e mais barato também.

Estar perto de uma estação de metrô faz toda diferença, mas se o coletivo é periférico e você sai do centro, o trajeto não será rápido, porque nem sempre os coletivos estão próximos de estações, como o próprio Sarau do Capão. Os trajetos entre periferias de uma mesma zona geográfica não são rápidos também, mas duram menos tempo e você, comumente, não precisará pegar mais de um ônibus. Os trajetos entre periferias de diferentes zonas geográficas não são simples, geralmente é necessário pegar dois ônibus, além de baldeações em estações de metrô, trajetos que podem levar até 2h30min e, nesse sentido, o coletivo periférico realizar suas edições aos finais de semana faz toda diferença, é quando há mais disponibilidade de tempo”.

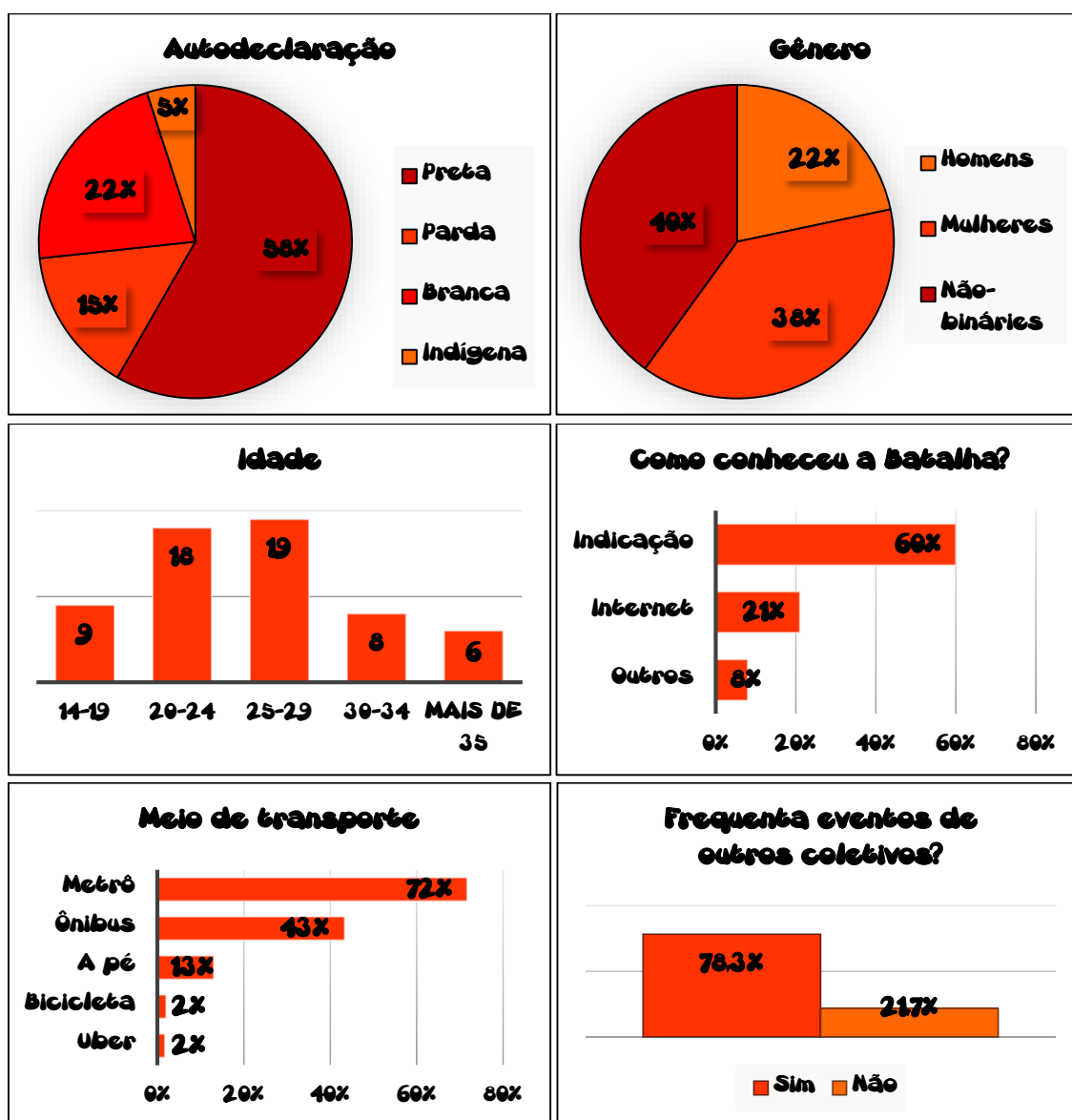
(Diário de campo, 17 de março de 2024)

A metrópole de São Paulo possui extenso tecido urbano. Isso se reflete nos longos deslocamentos necessários para transitar na cidade, a exemplo dos trajetos citados no diário de campo. A escolha de duas coletivas para discutir as lógicas socioespaciais deve-se justamente à sua complexidade e à necessidade de compreender como diferentes posicionalidades interferem nas práticas espaciais. Uma coletiva que ocupa o centro principal, a Batalha Dominação, e uma coletiva que se materializa na margem, o Sarau do Capão. Vejamos as dinâmicas.

4.1.1 Batalha Dominação

Na Batalha Dominação, 60 participantes responderam ao questionário e possibilitaram a elaboração do Mapa 10 e dos gráficos da Figura 4, que apresentam informações mais “objetivas” sobre as juventudes que fazem a coletiva.

Figura 5: Gráficos sobre o público da Batalha Dominação - 2023



Organização: a autora, 2024.

A maior parte do público é composta por pessoas negras (soma de pretas e pardas), 73,3%. O recorte de gênero e de sexualidade que a batalha possui materializa-se no público respondente, 40% das pessoas definiram-se como mulheres e 38,3% como não-binárias. Há um predomínio de pessoas jovens, que representam 70%³⁹. A Batalha Dominação segue o padrão da cultura periférica como negra e juvenil, e demarca uma mudança ao concentrar mulheres e LGBTQIAPN+.

³⁹ Para tal consideração de fins estatísticos, utilizamos os critérios institucionais do Estatuto da Juventude que define que jovens no Brasil são pessoas entre 15 e 29 anos. Entretanto destacamos que, conforme Carrano (2011) e Reguillo (2000), não podemos entender as/os jovens somente pelo fator da idade para não correr o risco de simplificar suas complexas realidades. As transições das fases de vida não são universais, mas sim dinâmicas, complexas e variáveis (Pais, 2003).

A forma que as pessoas afirmam ter conhecido a Batalha Dominação reflete a importância das redes de sociabilidade e das redes sociais virtuais para a disseminação da cultura periférica, 60% conheceram a coletiva por indicação de amigas/os e 21% tiveram acesso por meio da internet. Além disso, há pessoas que estavam circulando pela estação São Bento e se interessaram pela Batalha e também pessoas que curtiam Rap Plus Size⁴⁰. Por meio das respostas, também foi possível apreender as ligações entre coletivos, 78,3% do público respondeu que frequenta eventos de outros coletivos de São Paulo, dentre eles: Batalha da Encruzilhada, da Leste, da Zil, do Point; Slam Marginália, das Minas e Resistência; e Sarau da Cooperifa e Pretas Peri.

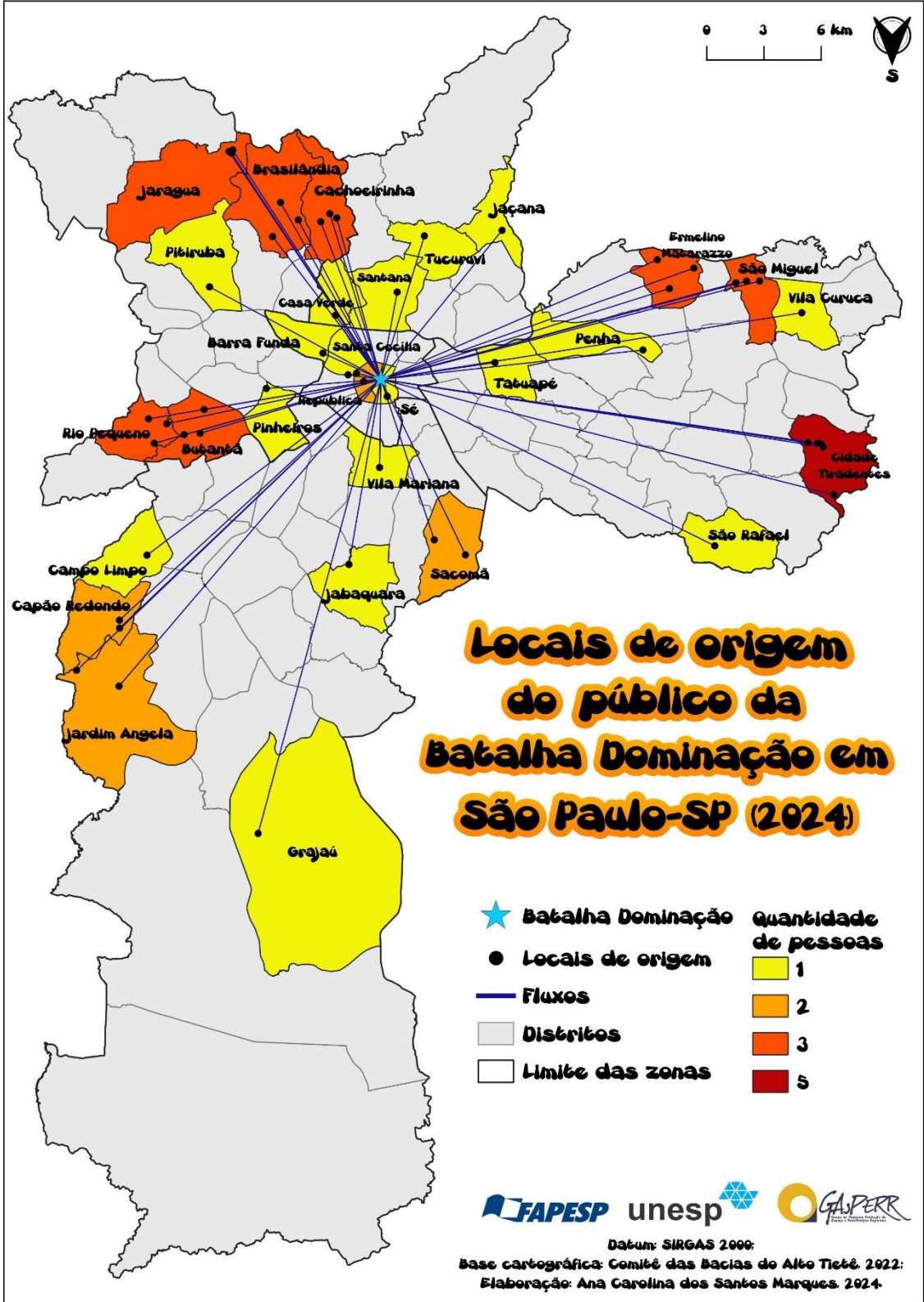
O Mapa 10 apresenta os deslocamentos casa-espço público das pessoas que frequentam a Batalha Dominação. As linhas que representam os fluxos do mapa são “simbólicas” por não consistirem exatamente na trajetória espacial realizada pelas pessoas. Conforme Sposito (2006, p. 73), a centralidade “[...] não se pode percorrê-la ou mesmo vê-la, embora possa ser sentida, percebida, representada socialmente, componha nossa memória urbana e seja parte de nosso imaginário social sobre a vida urbana”. Assim, os mapas são representação cartográficas que “imaginam geograficamente” os deslocamentos.

São representadas 51 pessoas⁴¹ por meio de pontos de cor preta, que correspondem ao seu local de origem. Optamos pela visualização por distritos para facilitar a interpretação, além de que possuem cores diferentes de acordo com o número de pessoas que reside na área. As linhas azuis simbolizam os fluxos que convergem para a Dominação, que por sua vez é retratada pela estrela de cor turquesa.

⁴⁰ Rap Plus Size é uma dupla paulista de rap constituída por Sara Donato e Jupi77er. As músicas da dupla possuem viés feminista, versam sobre gênero, sexualidade e problemas sociais, além de se vincularem ao movimento *body positive* que estimula a imagem positiva sobre a diversidade de corpos existentes. Sara Donato e Jupi77er fizeram parte da formação da Batalha Dominação e continuam frequentando os eventos da coletiva, assim estimulam que outras pessoas também participem.

⁴¹ Embora o total de pessoas respondentes seja de 60 pessoas, são representadas 51 no mapa em função das outras residirem em locais que não fazem parte da cidade de São Paulo. Inclusive, isso é indicativo do alcance da Batalha Dominação.

Mapa 10: Locais de origem do público da Batalha Dominação em São Paulo-SP (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

O Mapa 10 evidencia que a maior parte do público da Batalha Dominação é composto por pessoas periféricas, sobretudo jovens, reforçando deslocamentos na lógica centro-periferia. Mais de 50% das pessoas representadas saem de periferias de distritos como Capão Redondo, Grajaú, Campo Limpo, Jardim Ângela, Cachoeirinha, Brasilândia, Ermelino Matarazzo e Cidade Tiradentes para se encontrarem no centro, em torno de uma cultura oriunda da periferia.

Conforme destacado por Ingrid Martins, a escolha do local de realização da Batalha Dominação é simbólica e estratégica. Simbólica, pois o Largo São Bento é o berço do Hip Hop nacional. Assim, são corpos dissidentes ocupando esse espaço e reconfigurando a cultura periférica. Estratégica, pela acessibilidade da área central e por ser ao lado da estação de metrô São Bento. A Dominação conseguiu consolidar sua relevância na cena da cultura periférica da metrópole e para além dela, isso também influencia na atração que exerce. As pessoas entendem a coletiva como uma vitrine que possibilita projeção no meio artístico. O próprio recorte de gênero também influencia nas práticas espaciais, é uma batalha que acolhe os diferentes corpos. Por meio dos trabalhos de campo, ficou evidente a forte presença de corpos dissidentes, sobretudo pessoas trans, que não se sentem confortáveis nas batalhas de rima constituídas majoritariamente por homens.

Chama atenção os deslocamentos oriundos de Cidade Tiradentes, que está a cerca de 30 km do centro. Essa longa distância, assim como a de outras periferias, é expressa nos tempos de deslocamento do público. Cerca de 26 pessoas responderam que demoram mais de uma hora em seus trajetos até a batalha, a média de tempo gasto é entre 1h15 e 1h45, além da necessidade de utilização de dois meios de transporte público: ônibus e metrô.

Em relação aos meios de transporte⁴², conforme a Figura 5, 71,7% das pessoas utilizam metrô para ir à Batalha e para retornar para suas residências, 43,3% usam ônibus, 13,3% têm a possibilidade de ir a pé (aquelas pessoas que residem nos distritos Sé, República e Santa Cecília, além de três pessoas que informaram que vão à Dominação diretamente de seus locais de trabalho) e somente 1,7% das pessoas se desloca por meio de aplicativos (Uber e 99, por exemplo) e de bicicleta.

Portanto, as distâncias se expressam como desafios à mobilidade das juventudes periféricas da metrópole. Todavia, justamente pela maior parte do público ser constituído

⁴² Tais dados são relativos, pois a pergunta permitia que mais de uma opção fosse assinalada, tendo em vista o metrô (principal meio de transporte utilizado) não abrange todo o tecido urbano da metrópole.

por essas pessoas, é possível interpretar que, para a expressão e acesso cultural, as distâncias não são tidas como empecilho para todas as/os sujeitas/os, que vão até o centro da metrópole para participar da Batalha. Paulo (2018) constatou algo semelhante ao discutir os deslocamentos de pessoas em datas festivas e religiosas e em manifestações políticas, o autor entende esses percursos em busca de cultura como *itinerários simbólicos*, que destacam a força simbólica dos lugares.

Salientamos que não são deslocamentos simples, pois exigem tempo e, no mínimo, o investimento de R\$10,00⁴³ para custear o transporte público, o que configura barreiras socioespaciais, ainda assim as juventudes continuam instituindo as práticas espaciais. Dessa forma, os fluxos gerados pela Batalha Dominação demonstram que a coletiva usufrui da centralidade e da acessibilidade do centro principal, ao mesmo tempo em que enfatiza essa centralidade em um caráter cambiante, pois no período noturno, quando a batalha ocorre, o centro já não tem a mesma capacidade de atração de fluxos que apresenta durante o dia.

4.1.2 Sarau do Capão

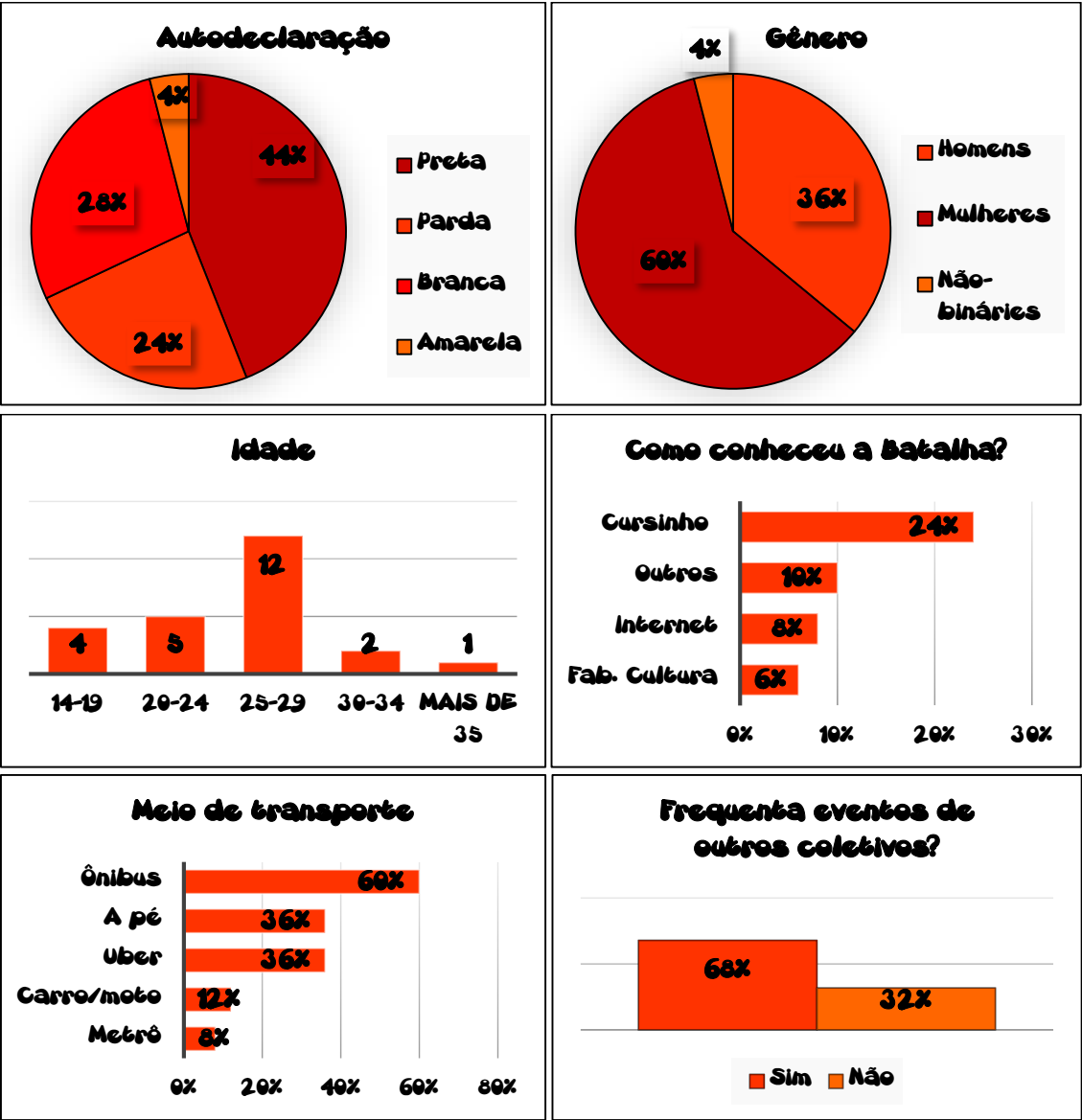
O Sarau do Capão ocorre na zona sul de São Paulo, que possui diferentes padrões socioeconômicos e de moradia, ou seja, uma mesma zona geográfica é marcada pela diferenciação socioespacial na metrópole. Ao passo que possui áreas valorizadas como os distritos Santo Amaro e Campo Belo, ela é comumente lembrada pelos altos índices de exclusão social de distritos como Capão Redondo, Jardim São Luís, Jardim Ângela e Grajaú, em que as juventudes negras sofrem com as necropolíticas.

A história do Capão Redondo segue a regra da formação das periferias paulistanas. Localizado a cerca de 12km do centro principal, é constituído pela ocupação popular e, até a década de 1990, foi considerado um dos distritos mais violentos de São Paulo, formando o chamado “Triângulo da Morte”, juntamente com o Jardim São Luís e o Jardim Ângela. Foi nesse contexto que a cultura periférica emergiu na figura dos Racionais MC’s, possibilitando uma mudança social para as juventudes, a criação de uma identidade periférica e a resignificação da posição de margem. Embora os índices de vulnerabilidade do Capão Redondo tenham melhorado nos últimos anos, a população ainda enfrenta dificuldades em termos de mobilidade e investimentos públicos.

⁴³ Em 2024, o preço da passagem de metrô de São Paulo era de R\$5,00.

Sendo uma coletiva periférica, a menor quantidade de público foi um elemento observado no Sarau do Capão, e que se reflete no número de pessoas respondentes ao questionário, que totalizaram 25. A Figura 6 apresenta gráficos com as características do público.

Figura 6: Gráficos sobre o público do Sarau do Capão – 2024



Organização: a autora, 2024.

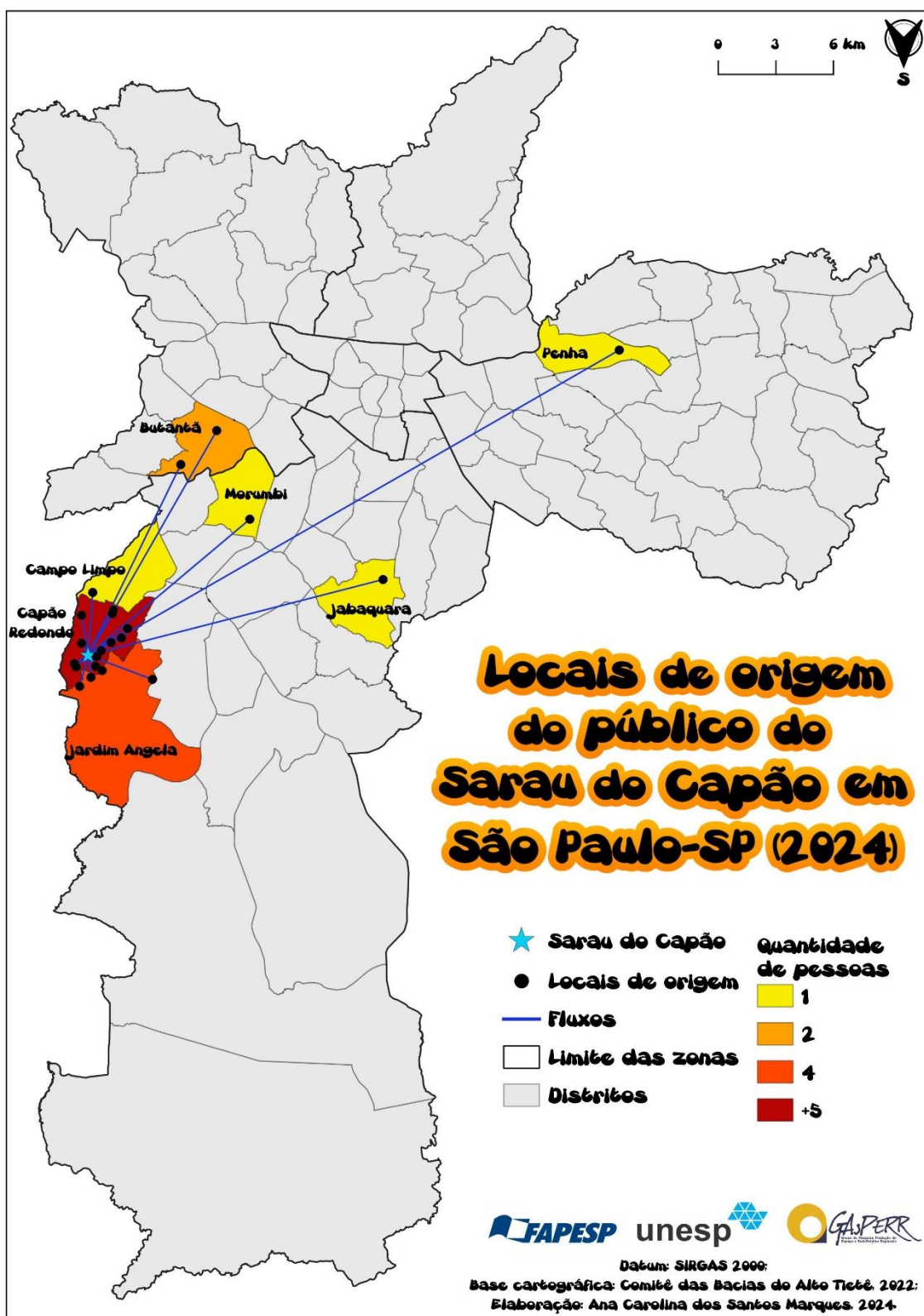
A autodeclaração demonstrou que 68% do público é constituído por pessoas negras e as idades variaram entre 16 e 48 anos, sendo que 88% das pessoas eram jovens. Novamente, o caráter negro e juvenil da cultura periférica é visualizado. Apesar do Sarau do Capão ser organizado por mulheres negras, não há um recorte de gênero para as/os

artistas, homens cis também podem se apresentar (representam 36%), o que demarca diferença em relação à Batalha Dominação.

A forma como as pessoas conheceram a coletiva demonstra a forte ligação existente entre o Sarau do Capão e espaços educativos, mais de 30% tiveram acesso a informação sobre a coletiva nesses locais, especificamente na Fábrica de Cultura do Capão (que incentivou a ideia do Sarau) e no Cursinho Popular Carolina de Jesus (onde Tawane Theodoro e Jéssica Campos se conheceram). Tratam-se de espaços de aprendizado para as jovens e que continuam incentivando outras pessoas a buscarem a cultura periférica.

O Mapa 11 apresenta os fluxos do Sarau do Capão. A coletiva utiliza a infraestrutura da Fábrica de Cultura do Capão Redondo e gera uma expressão de centralidade, porém em uma escala menor que a Batalha Dominação. Essa constatação não diminui a sua importância, considerando que ela é produtora de espacialidades e também modifica a área em que ocorre. O Sarau expressa centralidade entre os bairros próximos e as periferias de outros distritos no entorno do Capão Redondo. Desse modo, o Sarau do Capão cria centro na periferia na figura de centralidade cambiante na zona sul de São Paulo, reforçando a conexão entre periferias próximas.

Mapa 11: Locais de origem do público do Sarau do Capão em São Paulo-SP (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

A coletiva expressa sua relevância para a juventude periférica do distrito em que se espacializa, das 25 pessoas respondentes, 12 residem em bairros do Capão Redondo. O distrito Jardim Ângela também tem expressividade na origem das práticas espaciais. Embora os fluxos sejam originados majoritariamente na zona sul, há pessoas que residem nas zonas oeste e leste, sendo que a temporalidade em que os saraus ocorrem “facilita” a circulação de longas distâncias, os eventos costumam ocorrer aos sábados, quando muitas pessoas não estão trabalhando e tem a possibilidade de empreender mais tempo em seus deslocamentos.

Os meios de transporte utilizados refletem as distâncias percorridas pelas/os participantes dos eventos. Poucas pessoas utilizam metrô, somente aquelas que residem em áreas mais distantes da zona sul, porém muitas pessoas movimentam-se de carro/moto própria (12%), a pé (36%) e por meio de aplicativos (36%), uma vez que pelas distâncias não serem longas, como seria por exemplo na circulação da periferia para o centro, o valor de uma corrida não fica tão elevado.

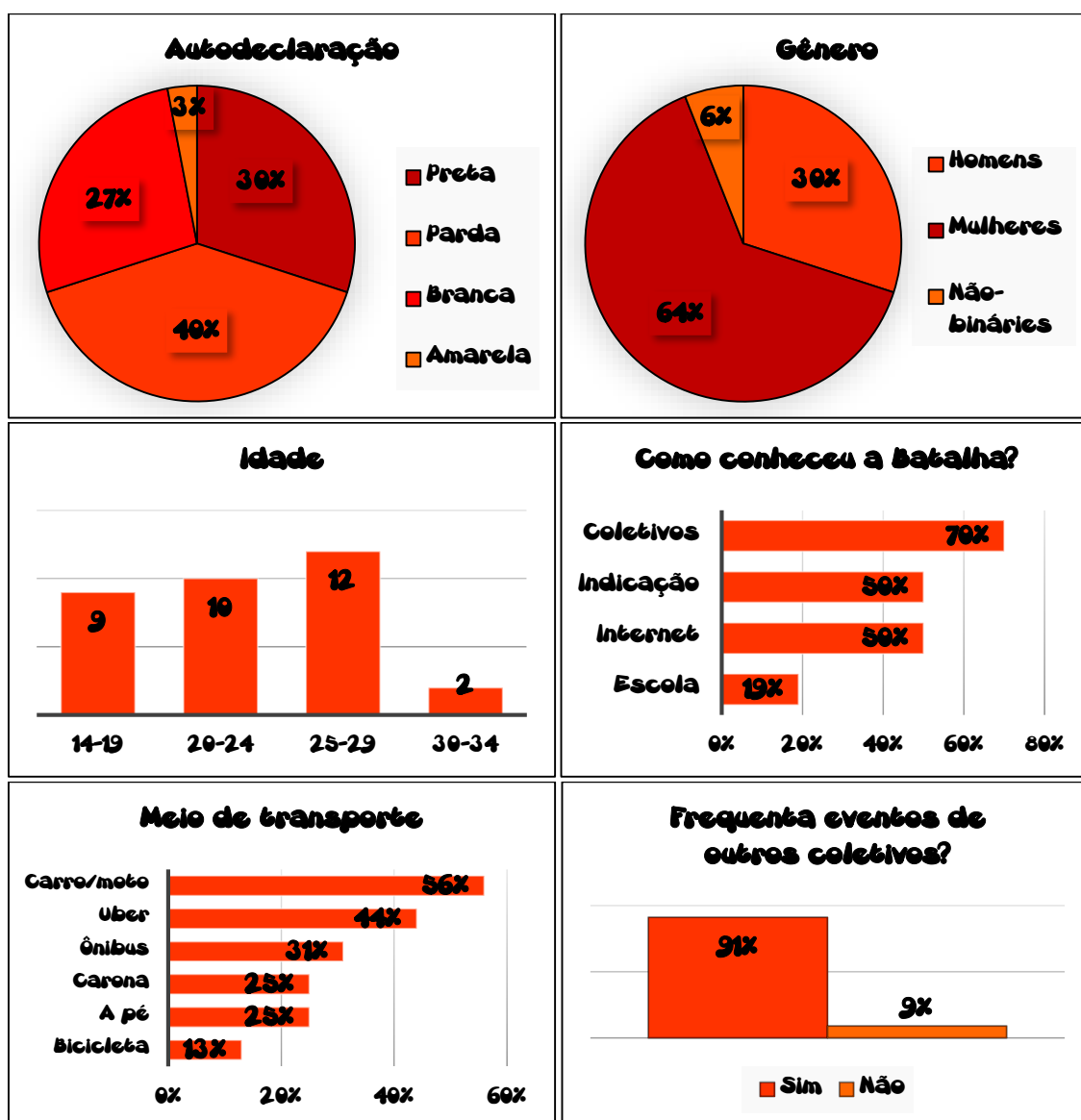
Um número expressivo de pessoas se locomovem de ônibus até o Sarau (60%), dentre elas estão as que residem nos distritos próximos ao Capão Redondo, mas também aquelas que utilizam o metrô e ainda necessitam usar ônibus da estação até a Fábrica de Cultura. Mesmo em distritos próximos, pode ser preciso utilizar ônibus em deslocamentos entre periferias de uma mesma zona, em função das distâncias na metrópole.

Quando questionadas se participam de eventos de outros coletivos, 68% das pessoas responderam que sim e dentre os grupos estão: Batalha do Capão e Slam das Minas, do Capão, da Guilhermina, do 13, Ousadia e do Bronx, isso aponta para uma preferência por instituir práticas espaciais em coletivos que também são da zona sul, o que reforça a escala de menor abrangência que os coletivos periféricos possuem, mas também destaca a autossuficiência das periferias na produção de cultura.

4.2 Londrina: Batalha da Máfia

A Batalha da Máfia se materializa em uma praça na zona central de Londrina, especificamente na área pericentral e que não usufrui da centralidade do centro principal, em termos de fluxos gerados pela presença de estabelecimentos de comércio e serviços no período diurno, o que se aprofunda no período noturno. A Figura 7 apresenta características do público, no total 33 pessoas responderam o questionário.

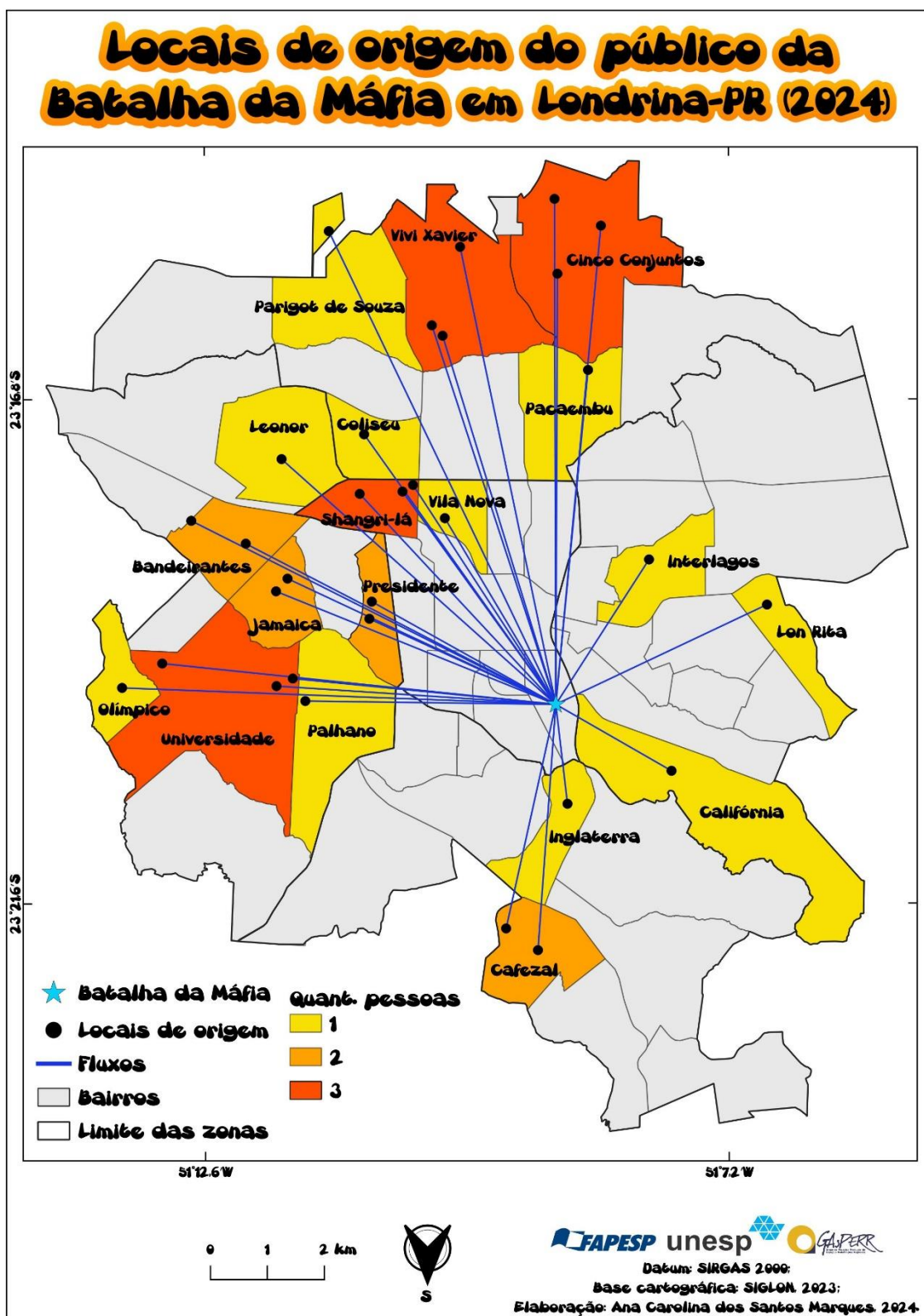
Figura 7: Gráficos sobre o público da Batalha da Máfia – 2024



Organização: a autora, 2024.

A autodeclaração do público demonstra que 70% das pessoas são negras, o que contrasta com o pouco mais de 30% de população negra em Londrina e também reforça o marcador racial da cultura periférica, que institui espaços negros na cidade. Em relação à idade, 87,8% de respondentes são jovens. As mulheres são predominantes nos eventos da coletiva, porém não são maioria na competição de rima, que ainda é formada por mais MCs homens. Todavia, a Máfia demarca uma mudança na cultura periférica londrinense, pois incentiva mulheres a rimarem e reproduz ideais feministas e antirracistas nos eventos, o que teoricamente proporciona maior acesso a conhecimentos aos homens sobre temas como desigualdades de gênero e equidade de direitos. O Mapa 12 apresenta a espacialização do público que frequenta a coletiva.

Mapa 12: Locais de origem do público da Batalha da Máfia em Londrina-PR (2024)



Elaboração: a autora, 2024

O mapa demonstra que pessoas se deslocam de todas as zonas geográficas para a Batalha da Máfia, tanto de bairros centrais quanto periféricos. No que diz respeito aos deslocamentos centro-periferia, as distâncias são expressivas, por exemplo, a localização de bairros como Cinco Conjuntos, Parigot de Souza, Olímpico e Lon Rita implica em, pelo menos, uma hora de trajeto, sendo necessário a utilização de, no mínimo, duas linhas de ônibus. Quando os deslocamentos são realizados de carro, o tempo médio é de 20 a 25 minutos.

Predominam os deslocamentos centro-periferia, com expressividade de fluxos provenientes das zonas norte e oeste. Chama a atenção, a pouca presença de fluxos originados das zonas leste e sul. O caso da porção sul pode ser explicado por, pelo menos, dois fatores inter-relacionados: a existência de duas batalhas de rima (UDV e Café), que consequentemente estão mais próximas das juventudes dessa área; e os desafios de mobilidade espacial enfrentados pelas pessoas que residem na zona, considerando que não há ônibus que levem diretamente a Batalha da Máfia, sendo necessário pegar um ônibus até o terminal do Acapulco, em seguida outro até o Terminal Central e um terceiro ônibus até a praça. A zona leste também enfrenta desafios de mobilidade, sendo preciso passar pelo Terminal Central para chegar até a Máfia. Esses contextos podem ser entendidos como desdobramentos da fragmentação socioespacial: a morfologia urbana torna-se mais segmentada e as barreiras para a mobilidade se multiplicam.

Em relação aos meios de transporte utilizados para o deslocamento até a praça, observa-se uma alternância entre diferentes opções, de modo que as pessoas assinalaram mais de uma alternativa: 12,5% chegam à batalha de bicicleta; 25% tem a possibilidade de ir a pé; 25% mencionaram “pegar carona” em alguns eventos; 43,8% informaram que se deslocam por meio de aplicativos de carro; 31,3% utilizam ônibus; e 56,3% possui carro ou moto própria para chegar ao evento.

O ato de “pegar carona” não foi identificado entre o público das coletivas da metrópole, embora a opção estivesse presente nos questionários. Isso nos leva a refletir que a prática tem sido mais frequente nas cidades médias na busca pela cultura periférica, uma vez que as distâncias percorridas são menores. Assim há jovens que se deslocam com seus próprios carros ou motos e, na construção das redes de sociabilidade, oferecem caronas para amigas/os. Além disso, para as mulheres, as caronas são mais seguras em comparação ao uso do transporte público, por exemplo.

A maior parte dos deslocamentos leva de 15 a 30 minutos, mas há também aquelas pessoas que demoram 1h30min a 1h40min para chegar à batalha. As menores distâncias

da cidade média implicam em deslocamentos mais rápidos, mas ainda existem desafios de mobilidade restrita, em virtude da abrangência dos meios de transporte público e da baixa oferta no período noturno. Isso também faz com que as/os jovens organizem caronas ou dividam o valor de uma corrida em aplicativos.

A elevada participação das/os jovens em outros coletivos culturais de Londrina (91%) influencia no elevado número de respostas indicando que o público conheceu a Máfia por meio de outros grupos (70%). Entre as batalhas frequentadas estão: Leste, Concha, Hemp, Praça, Cinco, Bosque e 1312. Dessa forma, as pessoas participam de mais de uma batalha ao longo da semana, fortalecendo e ampliando as redes de sociabilidade.

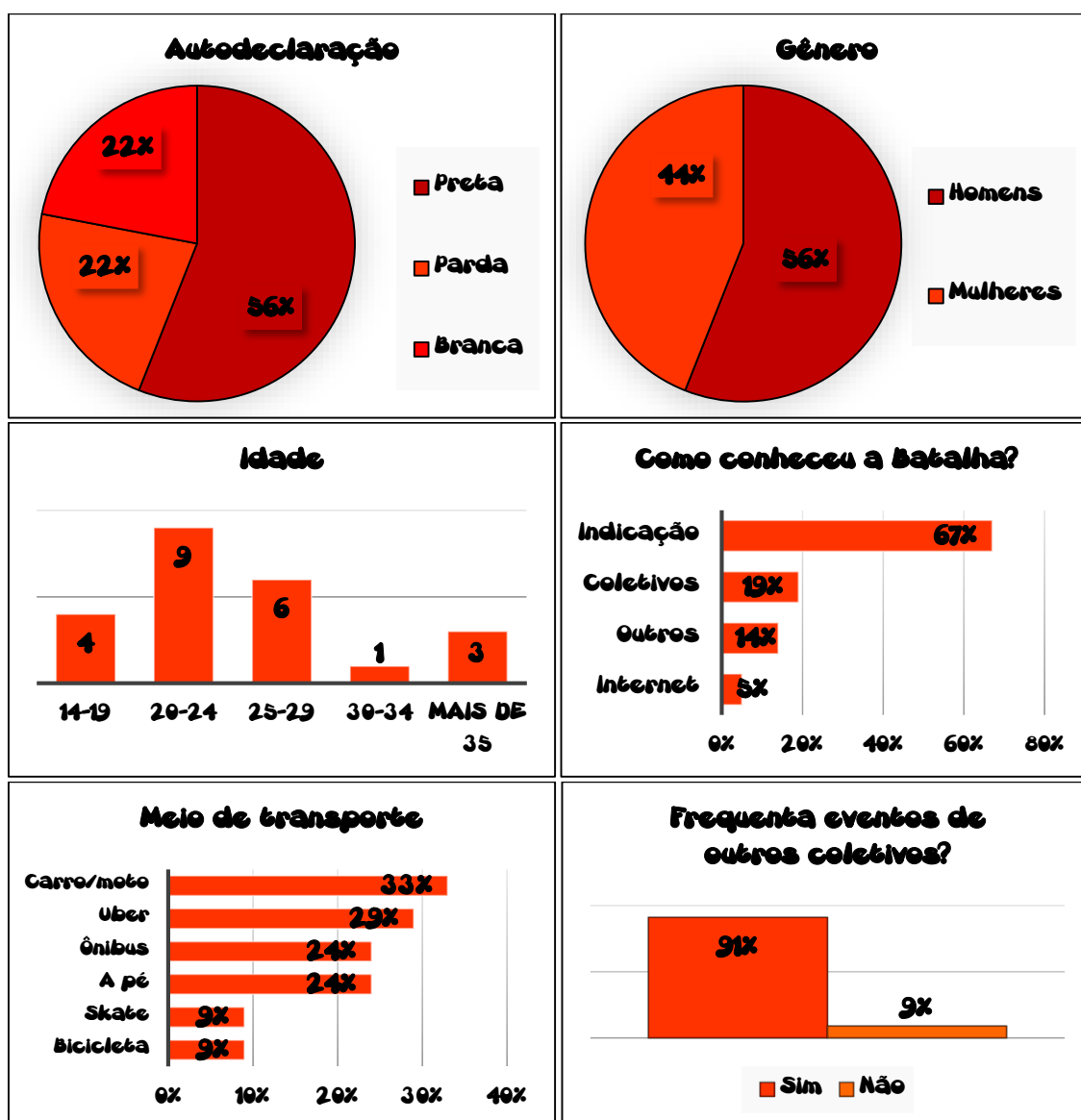
A partir das práticas espaciais e dinâmicas desencadeadas na coletiva Batalha da Máfia, torna-se evidente que as lógicas socioespaciais centro-periferia e fragmentária coexistem sob a perspectiva da cultura periférica. A Batalha da Máfia reforça o padrão centro-periferia, mas os tempos de deslocamento apresentam-se como indícios da fragmentação socioespacial em Londrina.

4.3 Presidente Prudente: Slam Quilombo de Dandara

A cultura periférica de Presidente Prudente apresenta uma escala de influência menor em comparação a Londrina e, principalmente, à metrópole de São Paulo. Isso não diminui os desafios enfrentados pelas juventudes periféricas na vida cotidiana. O questionário aplicado no Slam Quilombo de Dandara foi respondido por 23 pessoas que correspondem praticamente à totalidade do público. A Figura 8 apresenta um resumo das respostas.

Diferente das outras coletivas da pesquisa, o Slam é a única que possui público respondente majoritariamente formado por homens, o que também está refletido nas/os poetisas que competem. Há uma representação de mulheres, mas como em todos os coletivos de Presidente Prudente, os homens são maioria entre as/os artistas. As/os jovens correspondem a 83% do público, mantendo uma prevalência similar à observada nas outras cidades. A composição racial do público é de 78% de pessoas negras, contrastando com pouco mais de 30% da população negra da cidade.

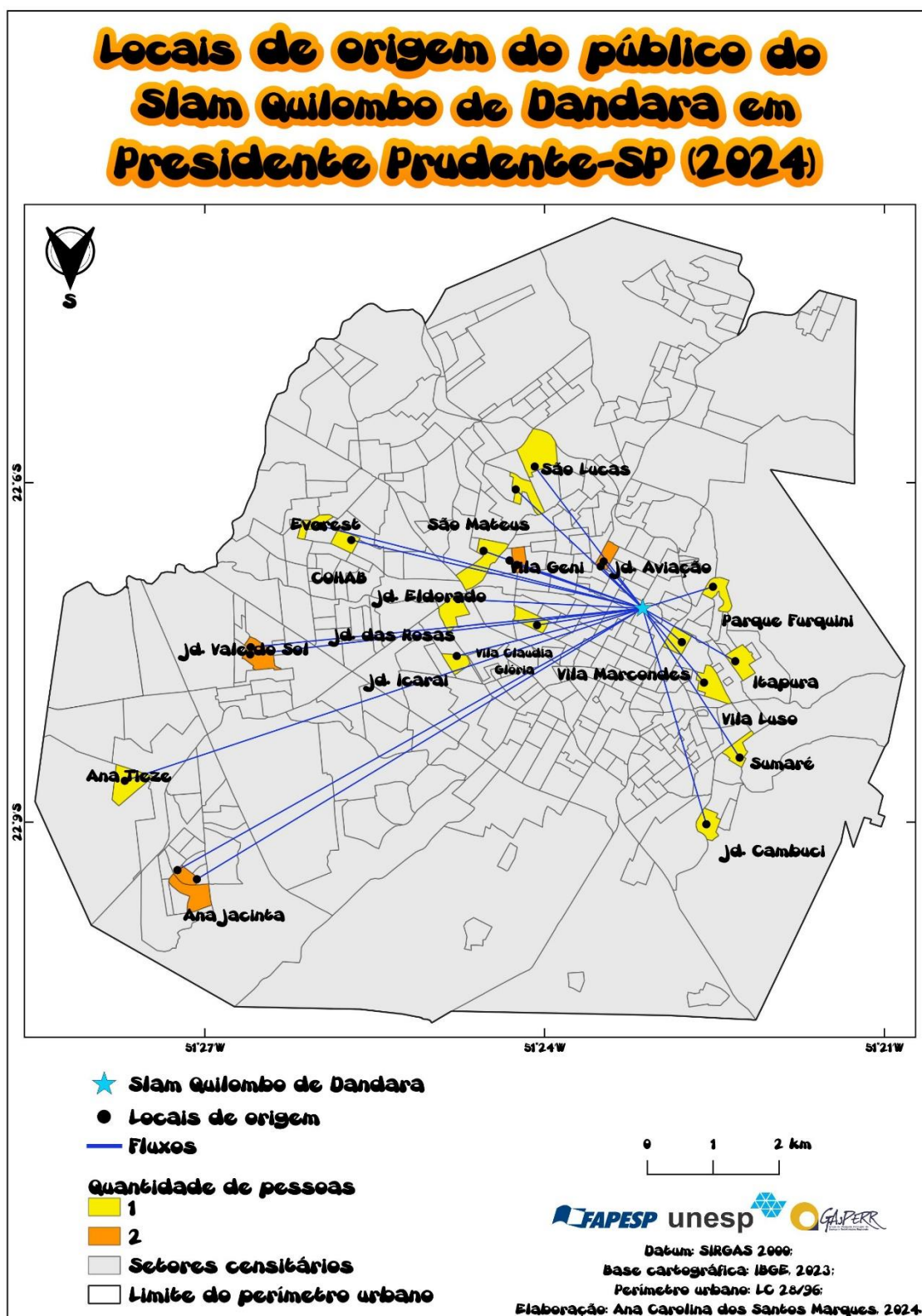
Figura 8: Gráficos sobre o público do Slam Quilombo de Dandara – 2023



Organização: a autora, 2024.

Em relação a como o público conheceu o Slam, as redes de sociabilidade são evidentes: 67% foi por indicação de amigas/os e 19% por meio de outros coletivos da cidade. Entre as respostas classificadas como “Outros” (14%), o local mais citado foi o Lar Santa Filomena, no qual AlliBlack é educadora social e ensina a arte da poesia para as crianças, adolescentes e jovens. A artista pode ser entendida como uma “ponte” entre jovens em situação de vulnerabilidade e o encontro com o Slam. O Mapa 13 representa os fluxos do Slam Quilombo de Dandara.

Mapa 13: Locais de origem do público do Slam Quilombo de Dandara-SP (2024)



Elaboração: a autora, 2024.

As práticas espaciais de deslocamento casa-espço público desencadeadas pelo Slam Quilombo de Dandara enfatizam a lógica centro-periférica, assim como a espacialização da cultura periférica na cidade. Cerca de metade das pessoas respondentes se deslocam da periferia para o centro, enquanto o restante circula pela área central e pericentral da cidade.

Há uma expressiva movimentação das porções oeste e leste da cidade. Embora os locais de residência que compõem a porção leste não sejam extremamente distantes do centro (como Sumaré), é importante destacar que se trata de bairros situados do lado não valorizado da linha do trem, estigmatizados socialmente. Conforme Dal Pozzo (2015, p. 125), o traçado da linha férrea “[...] funcionou como um dos mais emblemáticos elementos de diferenciação socioespacial no processo de expansão do espaço urbano Prudentino”. Na porção oeste, as distâncias percorridas pelas/os jovens são significativas. Bairros como Ana Jacinta, Ana Tieze, Jardim Vale do Sol, Cohab e Everest, representados no mapa, estão localizados a cerca de 1h de transporte público da praça onde o Slam ocorre.

Por concentrar os coletivos da cultura periférica, as/os jovens persistem se deslocando para o centro, até mesmo aquelas/es que possuem uma batalha de rima próxima de suas casas, como é o caso do Conjunto Habitacional Ana Jacinta. Os maiores fluxos estão no centro e o Slam se expressa como o “rolê de fim de semana”, que proporciona sociabilidade, expressão e conhecimento.

Os meios de transporte utilizados explicitam as menores distâncias percorridas pelo público, com uma maior possibilidade de custear um transporte por aplicativo (29%) e de deslocar-se a pé (24%) ou por transporte individual (33%). Os tempos de deslocamento variam, majoritariamente, entre 10 e 30 minutos. Somente duas pessoas demoram 50 minutos e 1 hora para chegar até a praça, justamente aquela que residem no Conjunto Habitacional Ana Jacinta e não possuem transporte individual. As barreiras socioespaciais para essas/es jovens demarcam dificuldades nos trajetos, uma vez que em um domingo à noite não há grande oferta de transporte público, expressando uma “quase imobilidade”. Pensar em frequentar um evento cultural no centro implica em planejamento para chegar antes do início do evento e voltar para a casa.

A maior parte do público do Slam frequenta eventos de outros coletivos da cidade (91%), entre os citados estão: Batalha do Vale, da Mônica, do Fruto Proibido e a Oficina de Freestyle. Um espaço relevante citado, mas que não faz parte propriamente da cultura periférica, foi o Galpão da Lua, um ponto de cultura que reúne apresentações artísticas de

diferentes estilos. Foi no Galpão da Lua, por exemplo, que AlliBlack conheceu as batalhas de rima, em um evento especial que o coletivo organizou.

A partir do panorama apresentado, a lógica centro-periferia é predominante em Presidente Prudente, em termos de acesso à cultura. A fragmentação socioespacial interfere nas práticas espaciais das juventudes ao impor barreiras socioespaciais na ocupação do espaço público, por exemplo como os longos trajetos de quem reside nas periferias e a falta de público advindo das áreas enriquecidas da cidade, como os espaços residenciais fechados da porção sul.

4.4 Práticas espaciais insurgentes da cultura periférica: as coletivas em relação às lógicas socioespaciais

As/Os jovens que participaram da pesquisa transformam a posição de margem social e espacial em lugar de insurgência. São jovens que, como canta o grupo Racionais MC's⁴⁴, estão resistindo e contrariando as estatísticas, tanto as das necropolíticas que as/os atingem quanto as barreiras socioespaciais que lhes são impostas e que elas/es objetivam transpor ao transitar pelas cidades em busca da cultura periférica, não se restringindo às suas áreas de moradia ou aos trajetos casa-trabalho ou casa-escola. Esses deslocamentos em que a cultura está no centro, uma cultura de resistência, que estabelece um discurso contra-hegemônico, com forte conteúdo político e que incentiva as/os jovens a se reconhecerem como sujeitas/os periféricas/os.

A articulação política nem sempre é consciente desde o início da participação na cultura periférica. Geralmente, o desejo inicial é reunir-se e sociabilizar em torno da cultura, com pessoas que compartilham interesses sociais, políticos, culturais e artísticos, além de uma experiência periférica comum. É no encontro com a cultura periférica que a criticidade sobre temas sociais tende a se desenvolver, possibilitando a resignificação de trajetórias de vida espacializada. Posteriormente, as articulações políticas se consolidam e as/os jovens passam a questionar estigmas e discriminações, e a agir conscientemente no espaço geográfico, em busca de fazerem-se visíveis nas cidades.

Com base nas discussões realizadas nesta tese, nas reflexões de Turra Neto e Alves (2022), nos trabalhos de campo e na práxis com a coletiva Slam Quilombo de Dandara, entendemos as práticas espaciais das juventudes da cultura periférica como *insurgentes*.

⁴⁴ Rap “Capítulo 4, versículo 3”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YLa77FGfkY8>.

Souza (2013, p. 250) nomeia práticas espaciais insurgentes como aquelas que possuem sentido e conteúdo político e social opostos às práticas hegemônicas, elas “[...] remetem à ideia de práxis, ou seja, à ação (ou conjunto estruturado de ações) visando à transformação da realidade, politicamente falando”. São práticas espaciais decorrentes e fundantes da cultura periférica e da constituição de sujeitas/os periféricas/os, diferenciam-se das espacialidades cotidianas, como aquelas ligadas ao trabalho, que ocorrem em outros dias e horários e são fortemente moldadas pelas imposições hegemônicas. É nessa contradição que as práticas se fazem insurgentes, são mais autônomas e rompem barreiras socioespaciais.

Com o termo barreiras socioespaciais pensamos nas formas de contenção de corpos utilizadas pelos agentes hegemônicos da produção da cidade e que são intensificadas pela fragmentação socioespacial, como por exemplo a baixa disponibilidade de transporte público e o alto custo, a pouca integração de transporte entre diferentes zonas geográficas, o medo da violência policial e a política anti-negras/os. Assim, a cultura periférica estimula que jovens periféricas/os, negras/os e empobrecidas/os questionem a imobilidade urbana que lhes é imposta. Quando consideramos que estamos falando de práticas espaciais insurgentes desenvolvidas por mulheres negras e desencadeadas por suas coletivas, a resistência torna-se ainda mais explícita.

Souza (2013) apresenta seis tipos de práticas espaciais insurgentes. Defendemos que a cultura periférica promove todas elas: *Territorialização em sentido estrito* ocorre quando os espaços públicos são apropriados para a realização dos eventos, configurando centralidades cambiantes. *Territorialização em sentido amplo* manifesta-se em elementos como o grafite da cultura Hip Hop ou os lambe-lambe⁴⁵ de poesias quem ai serem materializados na paisagem urbana, transmitem significados a quem os observa. *Refuncionalização/reestruturação do espaço material* não ocorre na mesma escala e permanência que as reestruturações hegemônicas, mas, enquanto resistência, promove intervenções físicas em espaços públicos por exemplo, utilizando uma forma espacial preexistente com modificações para atender às demandas dos coletivos, como a grafitação das paredes ou a instalação de iluminação e som próprios.

⁴⁵ Intervenção artística feita com papel e cola e que transmite uma mensagem, geralmente de cunho crítico-social. É como um cartaz de rua, fixado em postes, muros e viadutos.

Ressignificação de lugares ocorre ao disputar a ideia de periferia com a mídia e outros agentes hegemônicos, demonstrando que esses espaços vão além de estigmas e generalizações. *Construção de circuitos econômicos alternativos* refere-se à criação de redes de comercialização e circulação alternativas constituídas pela cultura periférica, como editoras e gravadoras independentes, além de mídias ligadas ao *underground*, que se opõem à indústria cultural de massa e ao esvaziamento de mensagens e significados das obras. *Construção de redes espaciais* engloba redes de sociabilidade com dimensões espaciais, que incluem o circuito cultural em uma mesma cidade e as redes de eventos em diferentes escalas: local, regional, nacional e internacional. Esses eventos, como campeonatos, reúnem pessoas de diversas localidades e ampliam as conexões socioculturais e espaciais.

As centralidades cambiantes da cultura periférica conectam centros, periferias e jovens. As práticas espaciais insurgentes convergem para diferentes coletivos, se fundem e também se divergem, mas sempre estão em busca da cultura e do que ela proporciona: sociabilidade, interlocuções, afirmação identitária, expressão e lazer, em suma, a possibilidade de falar e ser ouvida/o.

Os mapas evidenciam a produção desigual e contraditória do espaço urbano, em que os processos geográficos ocorrem, impõem conformações e, dentro de suas possibilidades, a população marginalizada realiza mais contornamentos do que, necessariamente, rompimentos às barreiras socioespaciais, que são estruturais. Ainda assim, a cultura periférica resiste às imposições da fragmentação socioespacial ao constituir um circuito (Magnani, 2005) nas cidades onde se materializa, discussão que aprofundaremos no Capítulo 5.

De acordo com o coletivo e com a densidade urbana da cidade, ora a lógica centro-periférica predomina, ora a fragmentária. No entanto, constatamos um movimento insurgente constituído pelo par periferia-periferia, que também pode ser entendido como parte constitutiva da lógica fragmentária, conforme discutiremos no Capítulo 5. É evidente que, em todas as cidades da pesquisa, o processo de fragmentação socioespacial interfere nas práticas espaciais das/os jovens da cultura periférica. Assim, nosso foco passa a ser refletir sobre as possibilidades de insurgência à fragmentação, seja nos deslocamentos ou na apropriação dos espaços públicos.

No contexto geográfico da metrópole fragmentada, é possível estabelecer dois pontos principais. O primeiro é que a Batalha Dominação afirma a importância que a área central ainda possui na metrópole e enfatiza a lógica centro-periferia, que permanece

relevante para compreender as cidades e coexiste com a lógica fragmentária. O segundo ponto é que os fluxos de pessoas da coletiva Sarau do Capão demonstram os desdobramentos da fragmentação socioespacial, ou seja, quando um evento é realizado na periferia, é mais provável que seu público seja formado por pessoas da zona. Não obstante, práticas espaciais insurgentes no movimento periferia-periferia ocorrem, pois dentro de uma mesma zona geográfica da metrópole, diferentes periferias existem e as/os jovens circulam entre elas, adquirindo consciência espacial da heterogeneidade que é a cidade.

Em Londrina, as práticas espaciais desencadeadas pela Batalha da Máfia apontam para a lógica centro-periferia, mas nos desdobramentos da segmentação socioespacial, as dificuldades de mobilidade evidenciam-se e apontam a influência da fragmentação socioespacial na morfologia urbana. Todavia, as/os jovens não têm ficado restritas/os às suas zonas, nem possuem dependência em relação ao centro em termos de cultura, considerando que as práticas espaciais periferia-periferia são frequentes e orientadas pela cultura periférica. Londrina demarca a diversidade entre cidades médias, que reúnem complexidades antes mais comuns somente nas metrópoles.

Presidente Prudente foi a cidade em que a cultura periférica mais evidenciou a influência da lógica centro-periferia na conformação da cidade. O Slam Quilombo de Dandara reúne uma quantidade significativa de jovens das periferias, que buscam o centro para acesso à cultura, além das/os jovens que já residem nessa área. As dificuldades de mobilidade são significativas e interferem nas práticas espaciais, todavia, o tecido urbano menos extenso ainda permite que as/os jovens organizem caronas em carros de aplicativo ou em seus próprios meios de transporte. O centro ainda continua a garantir certa coesão para o tecido urbano, do ponto de vista da cultura e das pessoas situadas nas margens, isso implica na coexistência das lógicas centro-periferia e fragmentária, sem que o movimento periferia-periferia possa emergir, uma dinâmica tão cara às manifestações culturais da pesquisa, uma cultura da periferia para a periferia.

Isto posto, Sposito (2016b, p. 78) afirma que a superação de uma lógica pela outra é: “[...] é sempre relativa, tanto porque a cidade do passado permanece e, sobre ela, as novas ações se estabelecem, como porque as novas ações se combinam com outras que reafirmam a estrutura espacial pretérita”. O que se observa é uma sobreposição e coexistência de lógicas. Algumas pessoas permanecem vinculadas à dinâmica centro-periferia sob um ponto de vista específico, como o da habitação, mas em outros aspectos têm suas práticas diretamente afetadas pela fragmentação, como no consumo (Sposito,

2022). Na cultura periférica, as/os jovens, em suas condições urbanas periféricas (Sposito, 2024), vinculam-se a ambas as lógicas, de forma contraditória e paradoxal, pois estimulam coesões e encontros em cidades segmentadas, ao passo que em alguma medida reforçam fragmentações, sobretudo em coletivos periféricos. Todavia, consideramos que as juventudes periféricas sofrem mais interferências impostas pelo processo do que propriamente o criem.

No processo de instituir práticas espaciais insurgentes, as/os jovens “saltam” escalas (Smith, 2000). A cultura periférica produz novas escalas e ressignifica aquelas já existentes, tendo em vista que de acordo com Smith (2000, p. 139), a construção da escala é um processo social: “[...] a escala é produzida na sociedade e mediante a atividade da sociedade que, por sua vez, produz e é produzida por estruturas geográficas de interação social. Por fim, a produção da escala geográfica é um lugar de luta política potencialmente intensa”.

O salto de escalas pode ser pensado enquanto possibilidade a partir de *táticas* que “[...] não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam” (Certeau, 1994, p. 97). As/Os jovens empreendem esforços para romper com as barreiras socioespaciais, deixando em segundo plano as dificuldades de mobilidade (como longos tempos de deslocamentos e custo financeiro) e os constrangimentos no processo de apropriação do espaço urbano, por serem consideradas/os problemas sociais (Oliveira, 2020). No cerne de suas práticas espaciais está a busca por cultura, encontro e projeção no cenário cultural nacional.

* * *

A Figura 9 apresenta uma nuvem de palavras constituída a partir da pergunta realiza ao público de todas as coletivas da pesquisa: “O que te motiva a participar dos eventos da coletiva?”. Conforme maior a palavra, mais vezes ela foi citada.

Figura 9: Motivação do público para frequentar os eventos das coletivas da pesquisa



Elaboração: a autora, 2024.

Essas motivações que estimulam a instituição de práticas espaciais insurgentes. *Poesia, aprendizados, cultura, encontro, fala, expressão, periferia, movimento, acolhimento, visão, amizades, rap e rua* são palavras que sobressaem. Desse modo, enquanto uma *cultura* produzida por pessoas da *periferia*, saberes circulam nos *raps* e nas *poesias*, proporcionando *aprendizados*. A possibilidade de *fala* e *expressão*, o *encontro*, a construção de *amizades* e a *visão* compartilhada sobre a sociedade atrai as/os jovens para os eventos, entendidos enquanto espaços de *acolhimento*. Diante dessas potencialidades, as/os jovens buscam fortalecer o *movimento* de *rua* por meio da frequência nos eventos. Além disso, outras palavras definem o público e destacam a importância da cultura periférica: *trocas, resistência, escuta, arte, protagonismo preto, representatividade LGBTQIAPN+, inspiração e sonho*. São esses os elementos que as coletivas da pesquisa e a cultura periférica proporcionam às juventudes.

A partir da discussão apresentada nos Capítulos 3 e 4, o próximo capítulo aborda as principais conclusões sobre a relação entre a cultura periférica e as lógicas socioespaciais. Após a interpretação das cenas culturais e dinâmicas urbanas das coletivas, torna-se importante comparar as cidades, estabelecendo interlocuções entre densidades e estruturações urbanas, à luz da cultura periférica e das práticas espaciais das/os jovens.

5

ENTRE INSURGÊNCIAS E SUBORDINAÇÕES: CONTEXTOS URBANOS, CULTURA PERIFÉRICA E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

Nyarai - Quebre as algemas

Quebre as algemas
Perceba suas prisões
Palavras e ações trazendo **contestações**
Diretamente da **quebrada** pode pá
A voz nunca calada que cês fingem não escuta
Viemos ser problema na porra do sistema
Quando nosso grios ataca, vocês entra em
quarentena

Fica em choque
Fica em choque
Favela ocupando rolezinho lá no shopping
Fica em choque
Fica em choque
Ocupando altos cargos e saindo dos estoques

Rap de **mensagem**
Mensagem a milhão
Se cês faz de brincadeira, essa é nossa
motivação
Queimando colchões
Serrando as grades
Auto demarcando antes que fique tarde

Terra, planeta, água não
Terra, planeta, sangue vulgo extinção
Navio negreiro circulando nas quebradas
Sirene de ambulância chega a dar uma aliviada
Pra quem vem da quebrada
Tá ligada qual é
Que eles chega atirando sem saber nem quem é

E o que cês chama de escravo, eu chamo de
escravizado
Cês apaga nossa **história**, mas não nosso **legado**
Antiga conexão, com a terra pagã
Eu vou dançando na fogueira até ficar de manhã
Heresia é vocês querer impor
Como eu devo ser feliz ou sentir minha dor
Santa inquisição, de santa não tem nada
Até quando corpos mortos vão ser só coisa contada

Tão rindo da nossa cara, maior tiração
E eu não vejo solução, se não a **rebelião**
E eu vou te dizer o objetivo é a paz
Mas se eles tão na maldade, estamos muito mais
Com o plano eficaz, não ficaremos pra trás
Aqui residiremos e não aqui jaz
Eu e minhas parceira, na contenção a milhão
Cada linha nesses **versos**, pura **refutação**.

CAPÍTULO 5: ENTRE INSURGÊNCIAS E SUBORDINAÇÕES: CONTEXTOS URBANOS, CULTURA PERIFÉRICA E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAL

A cultura periférica apropriou-se das cidades estudadas como um *Rastilho de Pólvora*, título de uma antologia poética da Cooperifa. Vaz (2008, p. 148) explica: “Quem deu o nome do livro de Rastilho da pólvora foi o Pezão, ele dizia que o nosso movimento estava se alastrando pela cidade [...] A poesia da periferia estava começando a ganhar força, tanto espiritual como geográfica [...]”. O título faz referências aos saraus em São Paulo, mas pode ser ampliado para abarcar a cultura periférica e outras cidades. Tanto a Cooperifa foi um rastilho de pólvora, quanto a cultura periférica que começou a ocorrer em São Paulo e se expandiu pelo Brasil. As cenas culturais de Londrina e Presidente Prudente são desdobramentos dessa pólvora, que, onde repercute, provoca a “explosão” das convenções sociais tradicionais e dos processos desiguais de produção do espaço urbano. Esse movimento questiona a estruturação das cidades e transforma a vida de inúmeras/os jovens, que passaram a traçar outras trajetórias de vida espacializada, mais afirmativas e fortalecidas por meio da cultura.

Nosso intuito com este capítulo é comparar a cultura periférica da metrópole e das cidades médias, em seus limites, potências e contradições. No primeiro item, apresentamos interlocuções entre interseccionalidades e fragmentação socioespacial, pautando que o processo precisa ser entendido por outros marcadores sociais, além da classe. No segundo item, utilizamos os princípios do estudo urbano comparado para interpretar as cenas culturais das cidades. Por fim, no terceiro item, discutimos os processos urbanos relacionados à cultura periférica e às práticas espaciais das juventudes.

5.1 Uma leitura interseccional do processo de fragmentação socioespacial

O processo de fragmentação atravessa todas as pessoas, de diferentes formas. Por exemplo, enquanto as classes média e alta podem optar pela autoss segregação, as pessoas empobrecidas sofrem com a imposição de barreiras socioespaciais e não conseguem viver as cidades em sua potência e isto já estava evidente na lógica urbana centro-periférica, em que vigorava a segregação socioespacial. Todavia, para além do marcador de classe social, o processo também aprofunda as desvantagens e os privilégios das pessoas, conforme suas identidades interseccionais. Assim, quando discutimos sobre cultura

periférica e jovens mulheres negras, é fundamental explorar como a fragmentação socioespacial intensifica a restrição de suas experiências urbanas a partir das interseccionalidades.

A fragmentação socioespacial prejudica o exercício da vida pública, ao ser marcada pela defesa da exclusividade e pela propagação do individualismo (Prévôt-Schapira, 2001). A justificativa dada por pessoas que residem em espaços residenciais fechados, de que a escolha do tipo de habitação é função da insegurança urbana e do medo da violência (Caldeira, 2000; Sposito e Góes, 2013), não explicita quem lhes causa tamanho desconforto. Para além da conclusão de Sposito e Góes (2013), de que o desejo de separação social está relacionado ao afastamento de pessoas empobrecidas, consideramos que há também a influência do marcador racial, em que o objetivo é distanciar-se de pessoas negras, frequentemente associadas às periferias, ao empobrecimento e ao crime. Nesse contexto, podemos pensar que a fragmentação socioespacial aprofunda os estigmas do imaginário social e da gestão racista das cidades.

O movimento de autossegregação e de frequência em espaços que proporcionam a manutenção do status social enquadram-se em um modo de gestão da diferença (Prévôt-Schapira e Pineda, 2008), em que privilégios são mantidos e exacerbados, na mesma medida em que a escassez de oportunidades e as barreiras socioespaciais são intensificadas para as classes populares e pessoas negras.

Nesse sentido, a divisão racial do espaço urbano é mantida e renovada pela fragmentação. O processo usufrui do racismo e das discrepâncias dele recorrentes para consolidar segmentações socioespaciais. Desse modo, se não incorporamos a dimensão racial na leitura sobre as cidades contemporâneas, corremos o risco de contribuir para a naturalização das desigualdades raciais e para a própria propagação do mito da democracia racial.

Segundo Sposito (2024), a maior incorporação das periferias no tecido urbano não implica no rompimento da condição urbana periférica. Embora as pessoas periféricas, empobrecidas e negras circulem mais pelas cidades e tenham tido acesso a infraestruturas nas periferias, não significa que ainda não sofram cerceamentos. Inclusive, as melhorias podem ser interpretadas como vantajosas para as classes altas e médias que não desejam o encontro entre as/os diferentes.

Por exemplo, na cidade marcada pela multi(poli)centralidade, a presença de subcentros nas periferias diminui a necessidade de as pessoas transitarem pela cidade. Em certa medida, isso pode ser considerado benéfico, pois as/os sujeitas/os não precisam

realizar longos deslocamentos em busca de suprir suas necessidades. Entretanto, esse “isolamento” reforça o imaginário de que pessoas periféricas negras devem ficar restritas ao espaço da periferia, naturalizado como seu lugar de pertencimento, e que seus deslocamentos devem ocorrer exclusivamente em função do trabalho. O problema não consiste na existência dos subcentros, mas sim em como a colonialidade urbana utiliza desse artifício para diminuir a presença física de pessoas negras no restante da cidade.

Uma leitura racial sobre a fragmentação socioespacial também detém o olhar sobre pessoas brancas empobrecidas, que historicamente são exploradas pelo sistema capitalista, e também não vivem as cidades em sua potência. Porém, conforme Berth (2023), existe uma colonialidade urbana que ainda protege alguns privilégios, apontando para os pactos narcísicos da branquitude (Bento, 2022). O grupo de pessoas brancas possui: “[...] maior força de coletividade por exercer uma espécie de codificação racial silenciosa. Esse pacto, em maior ou menor grau, impede que seus iguais sociais permaneçam nas mesmas condições de precariedade impostas aos grupos formados por não brancos” (Berth, 2023, p. 58). Dessa forma, o controle exercido sobre corpos negros é mais rigoroso.

Quando pensamos nas mulheres negras periféricas, o cenário aqui exposto adquire novas nuances. A cidade não foi construída pelas e para as mulheres e assim como o racismo participou e participa da produção da cidade, o patriarcalismo também interfere nas dinâmicas urbanas. O medo é um dos elementos que mais persegue as mulheres em suas experiências urbanas. De acordo com Berth (2023, p. 157-158), mulheres compartilham a experiência de serem corpos indesejados, invalidados e aptos a serem limitados: “A liberdade de ir e vir nos é permitida, mas não com a integridade e a segurança com que os homens podem desfrutar. A começar pelos trajetos que raramente são escolhidos por nós, mas impostos pelas condições de violência urbana [...]”. A autora pontua que embora exista a possibilidade de se locomover pelas cidades, não há qualidade nos deslocamentos. O que existe são limites simbólicos e psicológicos, bem como regras e códigos ocultos, que reforçam que nem todos os espaços são para todas.

Os deslocamentos diários representam desafios para as mulheres, mesmo aqueles impostos e necessários à reprodução do sistema capitalista, como os trajetos casa-trabalho-casa. Segundo um levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de São Paulo, com base em dados da Pesquisa Origem Destino 2017 da Região Metropolitana de São Paulo e da Pesquisa de Orçamentos Familiares, as mulheres utilizam mais o transporte público e se deslocam a pé, enquanto os homens são

maioria no uso de modos individuais de transporte e de bicicleta. Entre as mulheres, são as negras as que mais utilizam o transporte público (43%). Contudo, somente 9% delas residem próximas de uma estação de transporte de média e alta capacidade (Rodrigues, 2023). Além disso, o uso do transporte público também as expõe a diversos tipos de assédios.

Nesse sentido, a mobilidade urbana é um direito negado às mulheres, sobretudo, para aquelas que são negras. Em cidades fragmentadas, com sistemas de transporte insuficiente, locomover-se é um desafio. Porém, para os agentes hegemônicos da produção da cidade, a mobilidade é um instrumento valioso, pois reproduz opressões, contribui para a consolidação da fragmentação socioespacial e define quem, por quanto, onde e como a cidade será percorrida (Berth, 2023).

A (i)mobilidade também afeta as vivências na cultura periférica. A ausência de transporte público integrado, acessível e de qualidade dificulta os deslocamentos para eventos culturais. Além disso, o fato de os coletivos realizarem suas edições no período noturno, somado à mobilidade precária e ao medo de violências de gênero, faz com que jovens deixem de frequentar os eventos.

As cidades também são espaços adultificados (Ortiz, Prats e Baylina, 2014). Quando as/os jovens instituem práticas espaciais que desafiam a estruturação espacial e os códigos de regras que orientam os usos dos espaços, a ordem hegemônica busca confinar as/os sujeitas/os em seus espaços de origem. O espaço geográfico é condição para as/os sujeitas/os se fazerem jovens e, mais do que em outras fases da vida, as/os sujeitas/os precisam transitar pelos espaços para constituir redes de sociabilidade e formar suas identidades. Os cerceamentos intensificados pela fragmentação socioespacial interferem nas experiências juvenis.

Nesse contexto de impedimentos, constatamos que a cultura periférica oferece repertório para que as insurgências se desenvolvam. Embora as/os sujeitas/os periféricas/os sejam influenciadas/os pela fragmentação socioespacial e pela própria estruturação das cidades, seus campos de possibilidade são ampliados a partir dos desdobramentos da produção cultural em suas vidas. Na ambição de projetar-se no cenário artístico nacional e tornar a arte seu trabalho principal, as/os jovens precisam frequentar diferentes eventos, para se preparar e divulgar suas produções.

Assim, para muitas/os jovens, a cultura periférica vai além de sociabilidade, expressão e aprendizado, ela também significa um anseio de vida e implica em diferentes trajetos pela cidade. Com isso, não intencionamos romantizar as práticas espaciais, que

são permeadas pelos desafios que foram pontuados, entretanto, trata-se de reconhecer que assim como os condicionantes, também existem as resistências.

O entrecruzamento dos marcadores sociais e identitários interferem na forma como as/os sujeitas/os se espacializam e vivem as cidades fragmentadas. Quanto mais os marcadores são identificáveis na corporeidade da/o sujeita/o, mais as experiências urbanas são limitadas. Desse modo, pensar em um processo complexo como a fragmentação socioespacial somente pelo viés da classe não caracteriza a pluralidade de sujeitas/os que compõem o espaço urbano.

5.2 O estudo comparado que nos direciona para os contextos geográficos da cultura periférica

A partir dos princípios da pesquisa urbana comparada (Sposito, 2016a), pares dialéticos são trazidos à tona como fundamentos do método: par qualidade e quantidade; relações entre geral, particular e singular; par processos e formas; articulação entre escalas geográficas; e par espaço e tempo. Com eles intencionamos interpretar as cenas da cultura periférica da metrópole e das cidades médias, discorreremos sobre cada fundamento individualmente, porém, eles se imbricam para pensar na cultura periférica como um todo.

Par qualidade e quantidade

As condições, frequências e intensidades em que um fenômeno ocorre revelam as suas dinâmicas qualitativas (Sposito, 2016a). A quantidade de coletivos da cultura periférica, a sua espacialização e a articulação entre eles, faz com que as cenas culturais da metrópole e das cidades médias sejam qualitativamente diferentes. Os coletivos constituem circuitos nas cidades⁴⁶.

O circuito não possui continuidade espacial, pode ser formado por pontos distantes, mas com coerência entre si, “alimentado” pela movimentação das pessoas (Magnani, 2014). Coletivos, lojas, locais de encontro no centro, centros culturais e

⁴⁶ O conceito de circuito foi cunhado por Magnani (1992; 2014): “[...] circuito seria “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”. Isso posto, algumas observações merecem, mais uma vez, serem enfatizadas [...] Assim, por seu intermédio, é possível identificar e descrever um conjunto de pontos localizados espacialmente ao longo dos quais determinadas pessoas, objetos, mensagens se movimentam durante certo período de tempo [...]” (Magnani, 2014, p. 9).

projetos sociais são pontos que constituem os circuitos da cultura periférica, possuem certa coesão entre si e usufruem das continuidades do espaço urbano (Sposito, 2004).

Dentre os pontos de coerência dos circuitos estão as manifestações que tem a palavra como central, as juventudes majoritariamente negras e o referente urbano da periferia. Os circuitos são criados e recriados constantemente pelas práticas espaciais das/os sujeitas/os periféricas/os e ocorrem de forma reticular, em que não há a restrição aos fragmentos urbanos, mas sim a conexão entre diferentes áreas da cidade. Embora as lógicas socioespaciais interfiram nesses circuitos, como pela influência em suas escalas de abrangência e nos trajetos desenvolvidas pelas/os jovens, eles mantêm-se insurgentes por serem abertos a todas as pessoas e pelos coletivos incentivarem que se desloquem de suas áreas de residência em busca da cultura em outros bairros e mesmo no centro da cidade.

Os Mapas 2, 5 e 8 representam os circuitos da cultura periférica que existem nas cidades. Dada a densidade urbana da metrópole, o circuito de São Paulo é o mais amplo e diversificado, composto por 124 coletivos, em que mais de uma manifestação acontece nos mesmos dias e horários, porém, em locais distintos. Considerando a extensão do tecido urbano da metrópole e das dificuldades de tempo nos deslocamentos, ter opções de eventos próximos torna-se um atrativo para as/os jovens. Essa gama implica em uma cena diversa e que recebe atenção de jovens da cultura periférica de todo o país que veem São Paulo como uma referência cultural. Assim, as juventudes não conseguem participar de todos os eventos, mas formam uma base de coletivos que costumam frequentar mais, os critérios variam, como a distância da residência, o recorte de gênero, o horário, os meios de transporte necessários para chegar ao espaço público e/ou a identificação com o coletivo e o público.

No caso de mulheres e pessoas LGBTQIAPN+, como se sentem é um fator crucial na escolha dos grupos, o que frequentemente as leva a realizar deslocamentos mais longos para participar de ações de coletivas formadas por outras mulheres e LGBTQIAPN+. Para algumas dessas pessoas, a distância torna-se impedimento, especialmente ao ter que conciliar o trabalho com os tempos excessivos de deslocamento. Entretanto, a partir dos questionários com a Batalha Dominação, por exemplo, constatamos que corpos dissidentes enfrentam as barreiras socioespaciais em busca de coletivas que respeitem a diversidade de gênero e sexualidade.

Os circuitos culturais das cidades médias são menos amplos e demonstram que essa classificação é heterogênea, com diferentes complexidades. O circuito de Londrina

é mais expressivo que o de Presidente Prudente, fruto de uma cena cultural que vem sendo construída há mais tempo, que possui maior visibilidade no estado e redes de articulação mais significativas com a cena de São Paulo e com cenas de importantes cidades do Paraná, como Maringá e Curitiba. Tais redes são estabelecidas, sobretudo, por meio das competições estaduais e nacionais, que incentivam o encontro entre jovens de diferentes cidades. Em busca da projeção nacional, as/os jovens deslocam-se para participar das competições, como é o caso de Cleópatra que já competiu na Batalha da Aldeia (Barueri-SP) e foi vice-campeã do Duelo Paranaense de MCs - 2024, campeonato estadual de batalhas de rima do estado do Paraná e seletiva para o Duelo Nacional de MCS.

A oferta de batalhas em todos os dias da semana e a densidade urbana de Londrina, possibilitam que as/os jovens circulem pelo circuito, considerando que as distâncias são menores. Embora a oferta de transporte público entre periferias não seja significativa, as/os jovens articulam-se e dividem caronas. É nesse movimento que interpretamos a emergência também da movimento periferia-periferia.

Em Presidente Prudente, existe um circuito menor que não se articula em todas as porções da cidade, mas que é significativo por possuir eventos regulares em quatro dias da semana. A cena da cultura periférica ainda é centralizada na área central e pericentral, com destaque para o Parque do Povo. Embora possua uma cena cultural menos ampla, Presidente Prudente exerce influência nos municípios do entorno. Alguns coletivos participam de eventos em outras cidades, bem como jovens das cidades vizinhas se deslocam até Presidente Prudente, especialmente nos finais de semana. Além disso, redes de maior escala vêm sendo construídas nos últimos anos por meio da participação em competições estaduais como o Slam SP e o Circuito Paulista de Batalhas de MCs.

Com base nos contextos discutidos, os coletivos que fomentam os circuitos culturais atuam como terminais de conexão nas cidades. Segundo Carrano (1999), os terminais de conexão são os pontos de encontro das/os jovens. Em consonância, Turra Neto (2008) aponta que o termo se refere a espaços de encontros em que diferentes trajetórias se cruzam e formam redes, ampliando aquelas já existentes ou se desconectando da rede inicial. Por meio do aprendizado adquirido em um coletivo cultural, há a possibilidade do surgimento de novos coletivos. Assim, a quantidade de coletivos também influencia na qualidade das cenas e em suas escalas. A cultura periférica de São Paulo, por exemplo, territorializou-se pela metrópole e suas conexões a extrapolaram, formando uma ampla cultura periférica praticada por jovens em diferentes cidades brasileiras.

O fundamento também se reflete nos editais culturais das cidades e no campo de possibilidades das/os jovens. A relevância da metrópole no cenário cultural nacional, os recursos econômicos, o número de coletivos, a articulação entre eles e a importância da cultura periférica para as/os jovens, fazem com que São Paulo possua diversos editais de fomento à cultura, que proporcionam acesso a financiamentos. Há editais como o Programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI), o Programa de Ação Cultural (PROAC) e o Programa de Fomento à Cultura da Periferia, além de projetos aprovados pelo Serviço Social do Comércio (SESC) para ocorrerem em seus centros culturais, e todos oferecem verbas consideráveis para execução das propostas.

A partir dos trabalhos de campo, diálogos informais com artistas e entrevistas com as sujeitas da pesquisa, é possível constatar que há oportunidades de viver da produção cultural em São Paulo, proporcionando que artistas tenham a arte como sua principal fonte de renda e que coletivos realizem eventos na cidade, embora seja necessário salientar que os incentivos não são suficientes e equitativamente distribuídos. O campo de possibilidades de dedicação exclusiva à cultura em São Paulo, fomenta mais os circuitos culturais e as economias alternativas. Ou seja, há uma relação dialética entre a *qualidade* da cultura periférica paulistana e a sua própria escala, quanto mais as/os jovens conseguem se dedicar à cultura, mais ela cresce.

O cenário de São Paulo difere-se do de Londrina e Presidente Prudente, onde as/os artistas e coletivos possuem muitas dificuldades para acesso aos fomentos, o que aponta para as diferenças de contexto geográfico. As cidades médias ainda caminham na construção de políticas voltadas para a cultura. Em Londrina há o Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), em que os projetos sociais e festivais culturais que já possuem histórico de atividades conseguem o financiamento com mais “facilidade”. Entretanto, os desafios são maiores para as batalhas de rima, que geralmente ocorrem de forma independente. Há também os editais referentes à Lei Paulo Gustavo e Lei Aldir Blanc, tratam-se de recursos nacionais, mas cuja gestão e seleção são atribuídas à municipalidade. Os valores dos financiamentos são menores em relação a São Paulo.

Em Presidente Prudente há também os financiamentos da Lei Paulo Gustavo e Lei Aldir Blanc, além de um fomento municipal do Programa Cultura e Arte por Toda Parte. Todavia, os recursos são distribuídos para a realização de um único evento e não garantem a manutenção dos coletivos. Os coletivos também têm a possibilidade de participar do PROAC que abrange o estado de São Paulo, no entanto, o fato da cena cultural da cidade ainda não ser referência estadual dificulta as aprovações no edital.

Portanto, no contexto das cidades médias, em que os coletivos culturais periféricos ainda batalham por reconhecimento por parte do poder público, os projetos de futuro de viver da cultura são mais improváveis. É justamente a impossibilidade de se dedicar exclusivamente à cultura que faz com que as/os jovens tenham trabalhos paralelos, que garantem sua sobrevivência, mas que não possibilitam que concentrem todas suas energias no crescimento das cenas culturais.

Relações entre geral, particular e singular

Sposito (2016a, p. 46) destaca que o esforço da tríade é para “[...] reconhecer processos gerais, por meio dos modos como eles se consubstanciam diferentemente no plano particular e, tanto mais, singularmente, sempre com o objetivo de avaliar as razões pelas quais as desigualdades e as diferenças se expressam [...]”. No plano geral, os contextos investigados nos revelam a constituição de insurgências nas periferias e cidades brasileiras, por meio da cultura produzida por sujeitas/os periféricas/os. Esse processo geral nos leva a pensar em uma “unidade” da ideia de periferia, que percorremos no próximo subitem.

O processo geral da irrupção de insurgências, quando pensado em outra escala de análise, também se expressa a nível de América Latina, em que as heranças coloniais dos países e a produção da cidade neoliberal culminam em desigualdades que guardam similaridades. Assim, jovens periféricas/os tendem a articular-se, como uma sociabilidade própria dessa fase de vida, e instituir práticas espaciais de oposição à estruturação socioespacial. Por exemplo, Sixto (2017) identificou os limites espaciais que a cidade fragmentada impõe a jovens skatistas periféricas/os em Buenos Aires (Argentina), bem como as estratégias de resistência utilizadas.

Como plano particular, que expressa a articulação entre o geral e o singular (Sposito, 2016a), temos a metrópole e as cidades médias, em que as densidades urbanas implicam na conformação de diferentes campos de possibilidades para as práticas espaciais insurgentes juvenis, mas também demonstram que não há uma hierarquia rígida entre as formações. A relação da cultura periférica com as lógicas socioespaciais também se particulariza de acordo com as densidades urbanas, guiadas por processos gerais de produção das cidades. Em São Paulo e Londrina, as periferias possuem maior autonomia cultural, enquanto que em Presidente Prudente não há uma autossuficiência das margens em termos de produção cultural.

As similaridades entre Londrina e São Paulo, ainda que cidades de diferentes densidades urbanas, demonstram a complementaridade entre as formações. Além disso, nos leva a refletir sobre como um mesmo fenômeno pode ter diferentes impactos, por exemplo a instalação de um *shopping center*, que na metrópole pode representar somente mais um empreendimento em meio a vários existentes, porém, na cidade média, demarca mudanças que impactam a morfologia urbana. Em menor escala, esse movimento também se expressa pelo surgimento de coletivos culturais. A Batalha Fruto Proibido, criada no Conjunto Habitacional Ana Jacinta, pode ser o início de um movimento de inversão da produção cultural, que ainda avança a passos lentos, mas já representa uma pequena desestabilização das lógicas hegemônicas em Presidente Prudente.

E na reverberação de processos gerais relacionados à cultura periférica de São Paulo para as cidades médias, com a particularização conforme as formações, chegamos à singularização, que diz respeito às especificidades que a cultura de cada cidade adquire. Enquanto a cena cultural paulistana é efervescente, com consideráveis oportunidades, temos Londrina e Presidente Prudente em que os limites da densidade urbana impactam no número de coletivos e de editais de fomento.

Articulação entre escalas geográficas

Segundo Sposito (2016a, p. 47), a articulação entre escalas geográficas é ponto de partida e de chegada, a partir do entendimento de como instituições e pessoas movimentam-se entre as escalas: “[...] acionando e deslocando espacial e temporalmente matérias-primas, produtos, ideias, valores etc.”.

Pensando brevemente nas escalas estadual, nacional e internacional, a organização de competições da cultura periférica, sobretudo batalhas de rima e slams, evidencia as interlocuções entre jovens. São nos campeonatos que as/os sujeitas/os com diferentes trajetórias e de distintos lugares do Brasil se encontram e constituem novas redes. Essas competições podem ser entendidas como terminais de conexão (Carrano, 1999; Turra Neto, 2008), de maior escala e influência na cultura periférica. E tais ligações são possíveis a partir das redes sociais *online*, em que os eventos são divulgados e as pessoas interagem.

No caso das batalhas de rima, por exemplo, temos seletivas locais que indicam uma pessoa para participar do campeonato estadual. A/O vencedora/or avança para a competição nacional como representante de seu estado. Já no caso dos slams, os coletivos

se inscrevem para a competição estadual e, a partir de suas seletivas, indicam uma/um representante. A/O campeã/ão e a/o vice-campeã/ão participam do Slam BR, que, por sua vez, encaminha a/o vencedora/or para o Abya Ayla Poetry Slam (envolve países da América Latina) e para a Copa do Mundo de Slam. Ou seja, as competições extrapolam os limites nacionais e há o encontro entre pessoas de diferentes países. Para jovens periféricas/os é uma das maiores oportunidades de romper com as barreiras socioespaciais que lhes impõe o lugar da periferia.

Mas nosso foco com este fundamento é pensar na ligação das periferias das diferentes cidades, a partir da cultura periférica. D’Andrea (2022) teorizou sobre a formação das/os sujeitas/os periféricas/os e a existência de identidade, consciência e epistemologia periféricas, que se constituem na vivência das periferias, onde pessoas com trajetórias semelhantes compartilham referenciais socioespaciais e culturais, que passaram do estigma para o orgulho. Embora tais conceitos tenham sido teorizados a partir de cidade de São Paulo, especialmente da zona sul, consideramos que possibilitam compreender outras periferias brasileiras, tanto de metrópoles quanto de cidades médias.

Nesse sentido, a partir do percurso de pesquisa traçado, *pensamos na existência de “coesão” entre periferias* ou, em outros termos, *na existência de uma identidade periférica, que extrapola as escalas de uma única cidade e estabelece interlocuções com outras periferias*. Não se trata de pensar que há uma única periferia ou uma única experiência periférica, pelo contrário, existem periferias, no plural, com heterogeneidades entre si. Porém, queremos salientar que existe uma identidade periférica que permeia esses espaços, mesmo que estejam localizados em cidades distintas, e propicia uma certa coesão às vivências.

A coesão é pensada, principalmente, a partir da cultura periférica e das sujeitas/os periféricas/os. Segundo D’Andrea (2022, p. 204), as vivências não se reproduzem em um mundo isolado, há “[...] um entrecruzamento onde se reconhecem as experiências comuns e compartilhadas nas periferias. Este entrecruzamento faz possível a percepção de pertencimento a um espaço com características distintas de outros espaços da cidade”. Esse movimento não ocorre somente na periferia que a/o sujeita/o periférica/o habita, mas também no convívio coletivo com pessoas de diferentes periferias, que compartilham situações comuns de uma posição geográfica e social. É justamente esse encontro que a cultura periférica proporciona por meio de seus circuitos locais, estaduais e nacionais.

O compartilhamento do referente periferia abrange relações sociais e históricas comuns. São Paulo, Londrina e Presidente Prudente possuem diferentes contextos

geográficos, mas histórias comuns ligadas à cafeicultura, à industrialização, à diferenciação socioespacial e à estruturação desigual do espaço urbano, elementos que se expressam em distintas intensidades. As/Os sujeitas/os periféricas/os dessas cidades também compartilham trajetórias, ligadas ao referente urbano da periferia, à herança da colonialidade, ao marcador racial e às desigualdades dele decorrentes, à condição juvenil (que, em certa medida, lhes é negada) e à proximidade com a cultura periférica, pois já não é a relação entre capital e trabalho que as/os caracteriza como na década de 1980, agora são jovens que se tornaram artistas e produtoras/es culturais.

Embora as interseccionalidades configurem sujeitas/os com identidades plurais, a participação na cultura periférica que as/os atravessa, possibilita a ressignificação de suas posições geográfica e social e se suas experiências juvenis, quase como um *unísono*. São vivências incompletas de cidade e em periferias com problemas estruturais, que por sua vez fazem com que as/os jovens tenham que reivindicar cidadanias e o próprio direito à cidade (Lefebvre, 1991) através da cultura e das redes de sociabilidade.

Esse compartilhamento de vivências periféricas, acompanhado de uma articulação entre as periferias brasileiras a partir da cultura, nos possibilita pensar na existência de uma *identidade periférica transescalar*, com certa coesão de experiências e anseios. Quando as/os jovens se deslocam para os centros para manifestar-se culturalmente, “carregam consigo a periferia”, ou em outros termos, carregam sua condição urbana periférica (Sposito, 2024), assim como quando se deslocam para outras cidades. Além disso, a identidade periférica transescalar é reforçada por meio dos conteúdos dos raps e poesias, em que as/os jovens se reconhecem no que ouvem e se inspiram para fazer o mesmo, sendo que a internet tem papel determinante na circulação de informações.

E na ideia de coesão entre periferias, também não podemos esquecer da particularização das ideias, conforme a densidade urbana. As periferias da metrópole diferenciam-se entre si, tendo sido formadas principalmente por meio da autoconstrução em loteamentos, sobretudo de iniciativa privada. Com sua maior incorporação no tecido urbano, surgiram as “periferias das periferias”. Atualmente, algumas delas possuem uma relativa proximidade com pessoas de alto e médio poder aquisitivo, que residem nos espaços residenciais fechados (Sposito, 2019).

Nas cidades médias, as periferias estão mais vinculadas às políticas públicas habitacionais, com abertura de loteamentos por parte do Estado (mas não somente) e atuação do BNH, as COHABs e o PMCMV. Agentes privados interferem diretamente em tais políticas e estão em permanente articulação com o Estado, mas foram mais ativos na

formação inicial da metrópole de São Paulo por exemplo. Também há os bairros periféricos produzidos pela própria população, sem ação inicial do Estado. É fato que nas cidades médias há uma verdadeira segmentação socioespacial, em que as zonas ocupadas pelos espaços residenciais fechados são opostas às periferias das cidades, existe um abismo social entre as diferentes classes.

Essa particularização das periferias nas densidades urbanas interfere na cultura periférica e em suas relações com as lógicas socioespaciais, conforme pontuamos. Mas a influência da cultura na constituição de sujeitas/os periféricas/os guarda inúmeras similaridades entre as diferentes cidades, expressando a coesão entre periferias. Existe ainda um elemento presenciado nas cidades médias que evidencia a identidade periférica compartilhada, por meio dos mapas é possível constatar que há jovens que não vivem a situação geográfica da periferia, mas frequentam as ações das coletivas. Tais jovens já residiram nas periferias, mas se mudaram, e há aquelas/es que nunca moraram em uma periferia, mas possuem marcadores associados a ela (como a raça) e já tiveram experiências urbanas nesses locais. Assim, carregam a identidade periférica, pois a condição urbana periférica permanece.

Por fim, refletindo sobre a condição urbana periférica (Sposito, 2024), podemos inferir que talvez ela pese mais sobre as/os jovens, negras/os e empobrecidas/os das periferias das cidades médias. Na metrópole São Paulo, o campo de possibilidades é mais amplo, por exemplo na questão da mobilidade urbana (embora os custos não sejam baixos), em que o sistema de transporte público atende toda a cidade, mesmo que em qualidade e quantidade insuficientes. Ao passo que nas cidades médias, as periferias tendem a ficar mais “isoladas”, a mobilidade urbana é precária, sobretudo aos finais de semana, quando as/os jovens trabalhadoras/es têm mais tempo para se dedicar à cultura. Desse modo, as segmentações socioespaciais das cidades médias estabelecem grandes distâncias entre pessoas de diferentes segmentos de renda.

Par processos e estruturas espaciais

Outro fundamento proposto por Sposito (2016a) é o par *processos e formas*, em que a autora reflete sobre os processos que engendram as formas e possibilitam compreender seus conteúdos. Para adequar o par à leitura que realizamos na tese, consideramos que *processos e estruturas espaciais* é mais pertinente, pois nos referimos

a combinação entre lógicas socioespaciais e eventos da cultura periférica em suas relações com as estruturas espaciais que constituem os espaços urbanos.

Os processos de instituição de práticas espaciais insurgentes e o reforço ou geração de centralidades cambiantes se destacaram no processo de pesquisa. Em São Paulo, evidencia-se que as/os jovens da cultura periférica utilizam das estruturas espaciais e de centralidades existentes, com a finalidade de manutenção de seus coletivos, como quando ocupam entorno das estações de metrô ou realizam os eventos em Casas de Cultura. Mas também há aqueles coletivos que ocorrem em espaços públicos que não possuem centralidade significativa e esses são responsáveis por gerar as centralidades cambiantes.

Em Londrina, somente a Batalha da Concha usufrui da centralidade da área central, por realizar seus eventos no Zerão às sextas-feiras, um dos principais espaços públicos, que recebe grande fluxo das juventudes londrinenses nos finais de semana. O restante dos coletivos configura expressões de centralidades cambiantes em áreas que, de segunda à sexta, não possuem fluxos significativos de pessoas no período noturno. Essas centralidades são geradas especialmente nas periferias, como é o caso das Batalhas da Leste, do Cinco, UDV e do Café, que fazem das periferias seus centros.

Em Presidente Prudente, a cultura periférica reforça a centralidade existente no Parque do Povo, que já é caracterizado por receber significativo fluxo de pessoas durante todos os dias da semana no período noturno. Assim, as três batalhas de rima que ocorrem nesse espaço público se beneficiam de sua centralidade e a tornam mais expressiva, sobretudo para a juventude periférica. Já os coletivos Quilombo de Dandara e Fruto Proibido configuram outras expressões de centralidade. Ainda que o Quilombo de Dandara usufrua da acessibilidade da área central, seus eventos ocorrem no período noturno de um domingo, momento em que os comércios da área central estão fechados e a movimentação diminui, ou seja, em função do slam há uma convergência de fluxos para o centro. O Fruto Proibido realiza um movimento similar no Ana Jacinta, porém, em uma escala menor por se tratar de um bairro periférico.

Embora cambiantes e concentradoras de um público específico, isso não diminui a importância das expressões de centralidades da cultura periférica, pois alteram as dinâmicas do espaço urbano e implicam em mais práticas espaciais insurgentes, instituídas por jovens marginalizadas/os que rompem barreiras socioespaciais.

Quando os saraus surgiram em São Paulo, Sérgio Vaz (2008, p. 81) disse: “O centro, ainda que discretamente, começava a mudar de lugar”. A cultura periférica

complexificou a estruturação das sinergias e fluxos nas cidades e produziu centros na margem. Berth (2023, p. 27) contribui para esse debate ao afirmar que o “[...] o lugar de subalternidade social que se materializa nas cidades merece se consolidar como lugar de insurgência, de reivindicação histórica de poder social e de reconhecimento da importância de cada cultura excluída”. É justamente isso que a cultura periférica proporciona para as juventudes das cidades, que atuem ativamente na produção do espaço urbano, resistindo às imposições e também se aproveitando das estruturas espaciais para gerar insurgências.

Par espaço e tempo

De acordo com Sposito (2016a), o par espaço e tempo atravessa e une os fundamentos anteriores. Consiste na articulação entre o movimento e o espaço, ou seja, como o espaço pode ser compreendido nos acontecimentos temporais e como o tempo pode ser apreendido nas relações posicionais. Aqui o conceito de contexto geográfico torna-se muito pertinente, pois permite pensar que na variação do tempo e do espaço, novos ou diferentes contextos emergem e conformam campos de possibilidades para as juventudes (Turra Neto, 2023).

A cultura periférica está em constante mudança no tempo e no espaço, os mapas apresentados na tese referem-se à 2024, sendo que as cenas culturais em anos anteriores eram distintas, assim como serão nos anos seguintes. E isso também se deve às mudanças da própria juventude. As/os jovens da cultura periférica não dispõem de moratória social e de recursos suficientes para viverem plenamente suas juventudes, o que as/os obriga a conciliar a condição juvenil e o engajamento nos coletivos culturais com o trabalho formal. A sobrevivência é a maior prioridade, além de que é justamente o trabalho que pode proporcionar meios financeiros para os raros momentos de lazer. Esse cenário faz com que exista uma certa volatilidade de coletivos, que comumente aparecem e se extinguem em curto prazo.

Mas o constante acender e apagar de pontos nos circuitos da cultura periférica se difere na metrópole e nas cidades médias. Em São Paulo, há uma rotatividade entre os pontos, ao passo que coletivos deixam de existir, outros também são formados, além de que há muitas/os jovens engajadas/os e é mais comum ocorrer trocas na organização dos grupos, mas não propriamente a desativação deles. Trata-se de uma cena cultural mais consolidada no tempo e no espaço.

Paralelamente, nas cidades médias a volatilidade dos coletivos impõe maiores mudanças, tendo em vista que o apagamento de um ponto do circuito, pode significar desconexões de uma rede e novos coletivos não surgem com rapidez. Geralmente, a desativação de um coletivo ocorre em virtude da necessidade das/os jovens se desligarem da organização para se dedicarem a seus trabalhos, que lhes provêm meios financeiros de sobrevivência.

5.3 Cultura periférica e fragmentação socioespacial

Uma série de elementos da cultura periférica, assim como as centralidades e as práticas espaciais insurgentes das juventudes, foram interpretados, nos permitindo inferir sobre as suas relações com a fragmentação socioespacial, compreendendo como a cultura se incorpora, ao mesmo tempo que se opõe a esse processo.

Questionamos: As juventudes e a cultura periférica enfatizam a fragmentação socioespacial? Como a fragmentação socioespacial produz e interfere nas práticas espaciais desencadeadas *na* e *pela* cultura periférica? Elencamos cinco pontos a partir do processo de construção da tese, que podem ser utilizados quando refletimos sobre como a fragmentação socioespacial (re)produz as dimensões da vida urbana.

Todavia, um dos intuitos da tese é justamente pensar em contratendências e fissuras existentes no espaço urbano, que possibilitam que as populações marginalizadas instituam práticas espaciais e reivindiquem sua cidadania. Nesse sentido, apresentamos contrapontos para cada um dos cinco elementos. Eles destacam que a fragmentação não pode ser generalizada em função das complexidades da morfologia urbana.

1. A existência da cultura periférica pode ser lida como um indício da fragmentação, no plano social por se tratar de uma expressão das classes populares e no plano espacial por se materializar nas periferias.

A cultura periférica que investigamos (batalhas de rima, slams e saraus) emergiu no contexto geográfico das periferias das décadas de 1980 e 1990, marcado pela espoliação urbana, pela repressão policial e pela consolidação de estigmas em relação à população periférica. A juventude constituiu essa cultura como uma reação às desigualdades socioespaciais que impunham barreiras de acesso não somente à cultura, mas também à própria cidade.

Nesse sentido, o desenvolvimento da cultura periférica pode ser entendido como um desdobramento da segregação socioespacial, que mais tarde é intensificada pela fragmentação socioespacial. Porém, restringi-la à essa visão pode ser limitante, considerando que sua constituição ocorre justamente para questionar os estigmas, denunciar as necropolíticas, romper como silenciamento que as periferias sofriam e reivindicar o direito à cidade. E tal cultura não se restringiu às periferias, mas realizou um duplo movimento de insurgência: a ocupação dos centros e a transformação das periferias em polos de produção cultural.

Os processos espaciais são contraditórios e não se realizam plenamente sem oposição, assim as pessoas segregadas nas periferias formam movimentos contra-hegemônicos que vão além da cultura periférica, como a criação de associações de bairro, movimentos de luta por qualidade de vida, movimentos de mães e cursinhos populares, que unidos fortalecem a identidade periférica preconizada pela cultura periférica desde 1990.

2. A espacialização da cultura periférica tem contribuído para a fragmentação da morfologia urbana ao se concentrar no centro e nas periferias, mas não nas áreas periféricas ocupadas por espaços residenciais fechados e nos bairros altamente valorizados, formados por pessoas de médio e alto poder aquisitivo.

A cultura periférica é praticada por pessoas marginalizadas, sendo justamente deste grupo que ela objetiva estar próxima. Ocupar espaços prestigiados torna-se um desafio em virtude das barreiras simbólicas e materiais que existem nesses locais, como muros e sistemas de vigilância, além da própria falta de participação da população residente. Apropriar-se do centro já implica em enfrentamentos, mas que é empreendido pelas centralidades e conteúdos simbólicos, porém ocupar uma área enriquecida apresenta mais dificuldades, do que pontos positivos.

Magrini e Catalão (2019) discutem que as pessoas não se apropriam da cidade em sua integralidade e afirmam que a fragmentação socioespacial é produzida por todos os segmentos socioeconômicos, pois diz respeito à vida cotidiana que se torna cada vez mais privatizada por práticas espaciais e espaços restringidos a grupos específicos. Assim, em certa medida, a cultura periférica e as/os jovens podem contribuir para a reprodução das segmentações socioespaciais. Entretanto, mais do que uma escolha em não ocupar áreas valorizadas, trata-se de uma imposição da estruturação socioespacial desigual que

consolida barreiras socioespaciais para que não ocupem toda a cidade. E, mesmo com cerceamentos, as/os jovens reivindicam a cidade que lhes é possível no processo de produção desigual do espaço urbano.

O que está em pauta quando reivindicam o direito à cidade, bem como quando afirmamos que não possuem uma experiência urbana plena, não é ocupar as áreas enriquecidas, mas sim ter o direito de apropriar-se de espaços que lhes foram negados e que, em teoria, deveriam abrigar a diversidade, como os espaços públicos e os centros das cidades. Portanto, ainda que reproduzindo segmentações, a cultura periférica insurge também insurge a elas.

3. A cultura periférica atua como uma expressão da dimensão cultural da fragmentação socioespacial, considerando que destina-se a um público específico e intensifica a partição cultural e identitária⁴⁷.

As identidades juvenis são múltiplas e fragmentadas, constituídas na diferença, não como consequência da fragmentação socioespacial, mas como reflexo da construção humana. O individualismo interfere na construção identitária das/os sujeitas/os, entretanto, antes da formação das cidades, já existiam diferenças entre os marcadores sociais, indicando que as identidades distintas e plurais precedem a urbanização. A estruturação desigual do espaço urbano intensifica as barreiras socioespaciais com base dos marcadores sociais das pessoas, ou seja, a fragmentação socioespacial implica na restrição e imposição de espacialidades às pessoas com identidades marginalizadas, mas não cria essas identidades.

A existência de culturas das periferias pode apontar para uma fragmentação socioespacial de dimensão cultural, em que um dos entendimentos possíveis é de que as pessoas tendem a ficar no entorno de suas periferias para o acessar à arte, sem se deslocar para o centro em busca de eventos. Porém, defendemos que nesse âmbito a cultura periférica subverte a fragmentação, ao possibilitar o encontro e a coexistência da diferença, mesmo que somente nas periferias (ainda que saibamos que as/os jovens também se deslocam para os centros). Identidades socialmente fragmentadas, mas que em sua sociabilidade realizam encontros espaciais e se contrapõem à uma cidade que incentiva a individualidade e a segmentação socioespacial.

⁴⁷ Esse elemento é elencado a partir de Navez-Bouchanine, quando o autor discute a fragmentação cultural.

A cultura periférica não é como a “cultura de centro” marcada pela seletividade, pelo contrário, valoriza a periferia e abre a possibilidade de participação de qualquer pessoa, independentemente de sua situação geográfica, desde que se tenha respeito por todas as identidades. Assim, não se trata de produzir novas segmentações, embora seja reflexo daquelas já existentes, mas sim incentivar o encontro.

Ao longo dos trabalhos de campo, também constatamos como a cultura periférica utiliza do próprio sistema ao seu favor. Em diálogos, algumas/uns artistas de São Paulo disseram que comumente vão a bares frequentados por pessoas de maior poder aquisitivo, por exemplo na Vila Madalena, vender seus produtos artísticos, pois em suas palavras (com certa ironia): “as pessoas ricas gostam de consumir arte da periferia”. Nesse sentido, as/os jovens se aproximam desses circuitos com o intuito de conseguir dinheiro para sua sobrevivência. Ao mesmo tempo que existem artistas que preferem o *underground*, há aquelas/es que se aproveitam do sistema e estabelecem fissuras *de dentro*.

4. *A relação entre cultura periférica e espaço público pode demonstrar a diminuição da interação entre as diferentes pessoas e grupos. Além disso, os conflitos existentes na apropriação dos locais são intensificados pela fragmentação socioespacial, que incentiva a individualidade e a pouca convivência entre as diferenças.*

As sociabilidades produzidas no espaço público nunca abrangeram todas as pessoas que frequentam esses locais. As identidades são fragmentadas e as vivências das pessoas se realizam em grupos específicos desde os primórdios da sociedade, nesse sentido, quando a cultura periférica se expressa enquanto mais um grupo materializado nos espaços públicos, ela segue um movimento histórico, em que ainda há compartilhamento de um mesmo espaço. Os espaços públicos pressupõem a coexistência da diversidade, enquanto a fragmentação se realiza no afastamento. A cultura periférica estimula a convivência, possibilitando que jovens com identidades marginalizadas se reúnam em um local da cidade e demonstrem suas insurgências. Os eventos são abertos à todas as pessoas, diferente de encontros realizados em espaços considerados de prestígio, em que a participação foi e é implicitamente negada às pessoas empobrecidas e periféricas.

Em relação aos conflitos nos espaços públicos, estes foram aprofundados a partir da fragmentação socioespacial. Os espaços públicos que a cultura periférica se apropria

são praças, ruas e parques de acesso gratuito. Com base em Souza (2018), o público está ligado ao Estado, ao bem comum e ao acesso e ao interesse de todas/os. O autor estabelece componentes fundamentais do espaço público, a partir do que seria atividade pública: 1. Normatizações de funções, comportamentos e usos; 2. Co-presença de uma heterogeneidade de sujeitas/os; e 3. Poder comunicacional de características individuais ou coletivas (comportamentos, estilos, repertórios, linguagens e outros). Assim, as práticas espaciais atribuem significados aos espaços públicos, constituídos pela alteridade.

A fragmentação socioespacial implicou no crescimento de espaços privados ou privados de uso coletivo (*shoppings*, parques temáticos, centros de convenção e clubes) e na preferência por tais locais (Serpa, 2007; Duhau e Giglia, 2016). Espaços públicos, como ruas e praças, foram privatizados dentro dos espaços residenciais fechados: “[...] o perigo que a cidade fragmentada representa é a exclusividade de grupos em relação a outros, transformando a cidade em áreas privadas diferenciadas, discriminantes” (Sposito e Sposito, 2020, p. 7). A exclusividade sobre os espaços determina a maior valorização das novas formas de habitar.

Nesse sentido, a fragmentação diminui o nível de imprevisibilidade de encontro que os espaços públicos possuem, ao passo que implica em maiores negociações no processo de apropriação, uma característica que já era constituinte dos locais (Gomes e Ribeiro, 2018), mas que é intensificada. Forma-se um incômodo com a presença de jovens em determinados espaços públicos que se tornaram valorizados com o tempo, como é o caso da Batalha da Concha, que ocorre no Zerão em Londrina, e da Batalha do Vale, que ocorre na Praça do Vale, em Presidente Prudente. Neste último caso, a organização da batalha conseguiu consolidar sua presença na cena cultural prudentina como o maior coletivo de Hip Hop, contando inclusive com o apoio do poder público para realização de algumas ações. Porém, em Londrina, os enfrentamentos ainda são constantes e a Batalha da Concha ficou alguns meses sem ocorrer, pois, o espaço público foi interditado com a justificativa de obras, que não ocorreram.

Apesar das constantes ações dos agentes produtores do espaço para cercear a apropriação dos espaços públicos, Souza (2022, p. 139) defende que há contestações nos interstícios da cidade, onde existem lugares centrais da vida pública cidadina: “É óbvio que a dinâmica de funcionamento desses espaços não pode ser completamente dissociada dos processos mais gerais que caracterizam a urbanização [...] Contudo, há algum nível de autonomia da vida pública que não pode ser simplesmente ignorado [...]” (Souza, 2022,

p. 139). Segundo o autor, ainda há pessoas que ocupam os espaços públicos, demonstram a sua importância na cidade contemporânea e negociam sua presença, mesmo que a individualidade seja um dos valores preconizados na sociedade fragmentada.

Nos espaços públicos das periferias a vida pública também pulsa, segundo Souza e Legroux (2024, p. 37), ao investigarem as relações entre periferias e espaços públicos dos distritos Cidade Tiradentes em São Paulo e Pimentas em Guarulhos (SP), existe forte representatividade das ruas: “[...] a vida pública periférica, em certo sentido, corrobora processos fragmentários e, simultaneamente, evidencia reconfigurações complexas de práticas espaciais públicas que resistem e não desapareceram”.

Dentre as coletivas da pesquisa, o Sarau do Capão é a única que possui uma boa relação com a gestão da Fábrica de Cultura, evidenciando como equipamentos culturais são importantes nas periferias. A Batalha Dominação, ao ocupar o centro principal de São Paulo, é constantemente vigiada pela polícia e sofre com tentativas da equipe do metrô de impedir que o evento aconteça no Largo São Bento. As/os seguranças fecham as entradas mais próximas do espaço para dificultar o ingresso das/os jovens na estação, quando vão retornar para as suas casas.

O Slam Quilombo de Dandara é atingido pela falta de energia na praça, pelos banheiros fechados durante os eventos e pelo descaso do poder público com as reivindicações de mudança desse cenário. Desde abril de 2023, não há luz no teatro arena da Praça Dóbio Zaina para a realização dos slams, a fiação elétrica foi roubada e o poder municipal se recusa a realizar o conserto, com a justificativa de que será novamente roubada caso não reforcem a segurança, o que não tem sido possível devido às limitações de orçamento. Entre os meses de dezembro de 2023 a março de 2024, a coletiva deslocou as atividades para o Museu e Arquivo Histórico Municipal - Antônio Sandoval Netto, que possui uma infraestrutura adequada. Todavia, a praça representa a “casa” do Slam e deixar de ocupá-la significa aceitar a omissão do poder público. O Slam voltou a ocorrer na praça em abril de 2024 e o local ainda permanece sem eletricidade.

A Batalha da Máfia também sofre com a falta de energia na praça, em que as/os moradoras/es do entorno desativam o poste de energia para que as/os jovens não utilizem o local. Torna-se necessário que os jovens se ajudem para alcançar a fonte de energia e ligá-la novamente, ação presenciada nos trabalhos de campo. Há também uma pressão das/os moradoras/es para que a batalha termine às 22h. Quando o evento passa desse horário, as jovens da organização recebem mensagens exigindo que abaxem o som e

terminem a batalha. Além disso, a presença da polícia é constante, rondando a praça e realizando abordagens.

As dificuldades enfrentadas pelas coletivas demonstram o incômodo com a/o outra/o, que nesse caso são em sua maioria jovens, negras/os, periféricas/os, empobrecidas/os e praticantes de uma cultura estigmatizada. Conforme Serpa (2018), sendo locais de co-presença e simultaneidade, os espaços públicos também demonstram as desigualdades entre grupos, classes, raças, gêneros e culturas.

Em cidades fragmentadas e com individualidades exacerbadas, apropriar-se de espaços que não são considerados disponíveis para as juventudes da cultura periférica resulta em conflitos. Para além do encontro com as/os jovens, não é interessante aos agentes hegemônicos, assim como às pessoas enriquecidas, escutarem raps e poesias de críticas ao sistema que as/os beneficia em “alto e bom som” e em “praça pública”.

Os enfrentamentos não impedem que as/os jovens resistam e continuem realizando seus eventos. O Slam Quilombo de Dandara é um exemplo disso, mesmo em meio às dificuldades, a coletiva compreendeu que deixar de frequentar o espaço público seria aceitar as barreiras socioespaciais, sem questionamento. Nesse movimento de negociação, apropriação e permanência dos espaços públicos, fazem parte das insurgências da cultura periférica: “Permanecer nos espaços públicos, com todos os direitos que eles asseguram, é um exercício político na vida social. Afirmar a livre expressão da heterogeneidade nestes espaços constitui outro fundamento da vida democrática” (Gomes, 2018, p. 116). São jovens que reivindicam cidadanias.

5. O movimento periferia-periferia compõe o processo de fragmentação socioespacial ao estimular a restrição das práticas espaciais das/os sujeitas/os periféricas/os às margens.

O circuito da cultura periférica nas cidades de São Paulo, Londrina e Presidente Prudente, e as práticas espaciais das/os jovens nas coletivas da pesquisa, oferecem aportes para compreender as relações entre a cultura periférica e as lógicas socioespaciais de produção das cidades. Quando as/os jovens se deslocam para o centro ou para outras periferias distintas de suas quebradas, estão saltando escalas (Smith, 2000) e transgredindo barreiras socioespaciais, em que fomentam a existência de circuitos que conectam jovens, coletivos e periferias.

A cultura periférica em sua relação com a fragmentação socioespacial se faz em contradições, contratendências, reforços e simultaneidades. Ela demonstra que os centros ainda são importantes, tanto na metrópole quanto nas cidades médias, e reforça a coexistência das lógicas centro-periférica e fragmentária, sendo influenciada por ambas e também as influenciando. Em São Paulo e Londrina, vimos que as periferias são autônomas na produção cultural, mas que em Presidente Prudente o padrão centro-periferia segue orientando a cultura periférica de forma mais intensa que a lógica fragmentária, que por sua vez aprofunda a mobilidade precária.

E no contexto de São Paulo e Londrina, emerge o movimento periferia-periferia. Caso uma/um jovem não queira ir para o centro para participar de uma manifestação cultural, ela/e não precisa, pode transitar entre periferias. Nessas cidades, o circuito da cultura periférica ocorre em um sentido reticular, e não zonal. Em São Paulo essa lógica está consolidada há alguns anos, enquanto que em Londrina ela vem se formando nos últimos cinco anos, a partir da criação de mais coletivos nas periferias, sendo comum encontrar com as/os mesmas/os jovens em diferentes batalhas ao longo da semana. Quando os deslocamentos periferia-periferia ocorrem entre uma mesma zona, o sistema de transporte permite transitar com “mais facilidade”, porém, quando ocorre entre periferias de distintas zonas geográficas, ainda é necessário passar pelo centro, para onde o transporte público converge, todavia, é uma passagem e não propriamente a frequência do centro para o acesso à cultura. Além disso, conforme os questionários nos mostraram, nas cidades médias o uso de transporte individual, aplicativos, skate, bicicleta ou organização de caronas⁴⁸ é mais comum do que na metrópole, o que proporciona esses deslocamentos periferia-periferia, ainda que não em condições adequadas de mobilidade urbana provida pelo Estado.

A relação periferia-periferia pode ser entendida de duas formas, que podem ser pensadas de forma dialética. Primeiro, como um *movimento que compõe a lógica fragmentária*, ou seja, está ligado a uma lógica maior e a reforça nas diferenças, marcações e separações no que tange ao restante da cidade. Segundo, como um *movimento insurgente, que se relaciona, mas se diferencia das lógicas centro-periférica e fragmentária*. A partir das práticas espaciais da cultura periférica, defendemos o segundo entendimento.

⁴⁸ De acordo com Legroux e Sposito (2024), conforme aumenta a periferização nas cidades fragmentadas, muitas pessoas são obrigadas a recorrer a outros tipos de transporte não coletivos.

Nesse âmbito, o movimento periferia-periferia, embora seja reflexo e resultado da segmentação da morfologia urbana, *conecta* diferentes partes fragmentadas. Ele é criado a partir das separações e barreiras socioespaciais, como a distância do centro e o alto custo com transporte, mas insurge a essas cisões pois realiza *conexões orientadas por uma identidade periférica transescalar*, a partir de práticas espaciais mais autônomas, distintas daquelas impostas em função do trabalho, por exemplo. São práticas motivadas pela cultura e realizadas por escolha, expressam *a troca entre quebradas, nas quebradas*. É uma insurgência à uma lógica que incentiva a busca pelo centro e à outra lógica que estimula o confinamento a uma área específica do espaço urbano.

Não afirmamos que o movimento periferia-periferia pode ser aplicado para compreender outros planos analíticos urbanos, como a habitação e o consumo, e que ele possui o mesmo impacto sobre a organização da cidade como as lógicas hegemônicas. Porém, do ponto de vista das práticas espaciais da cultura periférica, consideramos que ele existe, ao mesmo tempo que as orienta é também orientado por elas. Além disso, proporciona a constituição de identidades, consciências e epistemologias periféricas (D'Andrea, 2022) que extrapolam os limites de uma única periferia.

E na existência de diferentes lógicas socioespaciais, as experiências urbanas das/os jovens se realizam sobre todas elas. Ora estão mais vinculadas a um padrão e ora a outro, a depender da dimensão da vida urbana em questão. Em termos de trabalho e habitação, por exemplo, a fragmentação pode pesar mais sobre as/os jovens. Mas em termos da cultura periférica, esses corpos ainda se expressam como reminiscência da lógica centro-periferia, com vivências vulnerabilizadas pela lógica fragmentária contemporânea, mas que constituem um campo de possibilidades insurgente em que também transitam entre periferias. Sem conseguir romper com a condição urbana periférica (Sposito, 2024), elas/es se adaptam às cidades, demarcam resistências às barreiras socioespaciais e criam circuitos culturais e redes de sociabilidade.

* * *

A partir dos pontos e contrapontos elencados, destacamos as relações entre cultura periférica, juventudes, periferia, lógicas socioespaciais, fragmentação socioespacial e densidades urbanas. Tratam-se de inferências que surgiram no processo de pesquisa, às quais reforçamos que partem de uma leitura da juventude periférica.

Até este ponto da tese, focamos nas coletivas e nas/os jovens que as constituem. O próximo capítulo é dedicado às trajetórias interseccionais das jovens negras que organizam as coletivas da pesquisa e que são responsáveis pelo desenvolvimento das práticas espaciais insurgentes. Sobre elas também pesam as lógicas socioespaciais e as densidades urbanas, aspectos que abordaremos, mas o foco principal é compreender como as suas identidades se relacionam com a instituição de espacialidades.

6

TRAJETÓRIAS INTERSECCIONAIS DE JOVENS NEGRAS: O CONTEXTO GEOGRÁFICO DAS CIDADES MÉDIAS E METRÓPOLE

Liberta - Cleópatra

E eu tenho me encontrado em cada **batida**
Eu tenho me aceitado em cada **linha escrita**
Tenho me perdoado em cada rima lírica
O **ódio** e o **amor** falam no meu ouvido todo o dia
Essa é a dualidade que eu conheci nos livros
Gregório de Matos tem feito mais sentido
Brasileira, mas não como manda o roteiro
É o rótulo que eu mais me orgulho e que eu mais odeio
E se a minha filha vai ter que viver o que eu vivi
Se um dia ela vai ter que ver as coisas que eu vi
Isso desanima, mas não me faz desistir
Se eu for metade da mãe que eu tive me dá **força**
para insistir
É transformar coisas pequenas em **gigantes**
É agradecer por respirar mais um instante
Se afastar um pouco do sangue e das lágrimas
E entender que meu passado nunca mais vai voltar
Mas eu queria que voltasse não pelos meus erros
Eu queria que aquele homem me olhasse e não
tivesse tido desejo e
Eu era apenas uma criança sorrindo
E os anos se passar e se repetiu enquanto eu tava
dormindo
Tempos depois foi mais agressão e treta
E a cada dia é mais difícil ser uma **mulher preta**
Quando criança eu ouvia, mas não entendia

Que o meu corpo só é apreciado no samba com uma
cervejinha
Meu erro foi ter ido onde eu não devia
Foi ter abraçado as ideia que eu não devia
Foi ter defendido quem eu não devia
E isso eu descobri quando eu tava chorando no meu
quarto sozinha Eu falo sobre choro isso não é
fraqueza
Se eu fosse fraca, eu tava fria em cima de uma mesa
O meu choro aqui é **fortaleza**
O meu choro é água fervendo no seu mar de frieza
Mais um relato testemunhado pelo **microfone**
Ele que me dá **voz**
Ele que me esconde
É o peito de aço que eu queria tanto ter
E é o único olho que realmente consegue me ver
Consegue me entender e me escutar
E a minha a verdade para vocês ele que vai liberar
E a minha **liberdade** hoje que vai cantar
Porque minhas correntes o mic que vai
destravar
Mas é uma **poeta**
Pedindo socorro **rimando**
Eu só vou me **salvar**
Quando eu salva quem tá me
escutando.

CAPÍTULO 6: TRAJETÓRIAS INTERSECCIONAIS DE JOVENS NEGRAS: O CONTEXTO GEOGRÁFICO DAS CIDADES MÉDIAS E METRÓPOLE

As jovens mulheres negras, nossas interlocutoras, possuem trajetórias de vida espacializada orientadas pela cultura periférica. Atravessadas por interseccionalidades, elas encontraram na cultura uma ferramenta de afirmação identitária, construção de redes de sociabilidades e possibilidades de protagonismo social. São jovens que se tornaram intelectuais (Xavier, 2019) e produtoras culturais, que constroem arte e conhecimento para as periferias e desafiam a hegemonia masculina na cultura periférica, assim como na estruturação socioespacial desigual das cidades.

O intuito deste capítulo é apresentar as trajetórias de vida espacializada das jovens negras da pesquisa: Ingrid Martins, Nyarai, Tawane Theodoro, Cleópatra, Venezian, Alliblack, Emily Souza e Lav. Exploraremos como as interseccionalidades que as constitui formam-se em consonância com a instituição de espacialidades, para assim tecermos as tramas que se combinam e estabelecem os campos de possibilidades e os contextos geográficos da metrópole e das cidades médias.

O capítulo é estruturado em quatro itens. Inicialmente, discutimos sobre os conceitos de contexto geográfico e campos de possibilidades. No segundo item, apresentamos as trajetórias interseccionais das sujeitas. No terceiro item, refletimos sobre a urdidura que constitui a cultura periférica e os contextos geográficos das cidades médias e da metrópole. Por fim, debatemos como as trajetórias das jovens se relacionam com as lógicas socioespaciais de produção das cidades.

6.1 Interseccionalidades e contexto geográfico

As vivências das jovens negras são atravessadas por uma série de intersecções que se relacionam com a sociedade construída e a estrutura socioespacial dominante, marcadas por desigualdades que tornam as experiências urbanas incompletas. Consideramos que o conceito de contexto geográfico possui potencialidades na interpretação de como as identidades das jovens são construídas em seus cursos de vida, a partir das interseccionais e das suas espacialidades, na relação com a macroestrutura.

Da mesma maneira que Turra Neto (2023; 2024), realizaremos uma interpretação em *trama* inspirados em Zusman (2024, p. 146), com o objetivo de compreender o “[...] conjunto de combinações através das quais múltiplas trajetórias espaço-temporais se

transformam em uma geografia”⁴⁹. Em sentido figurativo, teceremos os conjuntos de fios que se entrelaçam à uma urdidura, em que os fios representam as trajetórias de vida espacializada das jovens negras e a urdidura diz respeito ao cenário geral em que se realizam.

Esse exercício nos possibilita pensar no conceito de *contexto geográfico*, proposto por Turra Neto (2023; 2024) a partir da Geografias das Juventudes, vinculando-o à discussão do estudo urbano comparado da metrópole e das cidades médias. O autor parte da ideia de situação geográfica (Silveira, 1999), que se refere à sucessão e combinação de eventos no espaço e aos seus fixos e fluxos, e incorpora a esse debate as dimensões subjetivas, os agenciamentos, as formas de vida e as gerações:

Um novo ou diferente contexto representa tanto uma variação no tempo, quanto no espaço. No tempo, porque cada geração dispõe (ou dispunha) de um contexto para realização de sua juventude, das suas práticas de sociabilidade, cuja realização acaba(va) por atuar sobre os próprios limites do contexto. No espaço, porque se muda a cidade que é considerada, os arranjos e combinações que ali acontecem recolocam a unicidade do lugar e vão formar outros campos de possibilidade para as ações co-criadoras do contexto geográfico (Turra Neto, 2023, p. 62-63).

Assim, os contextos geográficos possuem uma dimensão temporal que está ligada à ideia de geração, ou seja, estão constantemente se articulando a elementos de momentos anteriores, se modificando e sendo (re)criados em suas dimensões histórica, social e espacial. Eles interferem nos *campos de possibilidades* das/os sujeitas/os, que nas palavras de Velho (1994, p. 40) são: “[...] o espaço para formulação e implementação de projetos [de vida]”.

Embora o contexto geográfico envolva a estrutura socioespacial, em que se combinam elementos pretéritos e atuais, Turra Neto (2023, p. 72) defende que as/os jovens têm papel ativo em sua construção: “O contexto geográfico como um movimento será pensado também como sendo criado, em parte, pelas ações dos próprios sujeitos, considerando a forma como [...] vivem/viveram a juventude estendendo o campo do possível”. Nesse sentido, ainda que existam estruturas, papéis e organizações impostas pela ordem hegemônica de poder, as/os jovens têm possibilidades de resistências e insurgências.

As jovens negras da pesquisa constituem-se em uma sociedade racista, patriarcal, heteronormativa e classista, que oferece um campo de possibilidades restrito e marcado

⁴⁹ Do original: “[...] conjunto de combinaciones mediante las cuales las múltiples trayectorias espacio-temporales se transforman en una geografia”.

por imposições. Nesse cenário, instituir práticas espaciais e ter uma experiência de juventude implica em enfrentamentos. Por meio da cultura periférica, as trajetórias biográficas e espaciais das jovens se encontram, elas colocam em prática seus projetos individuais, mas também coletivos, quando unem-se e organizam coletivas culturais. É nesse movimento que seus campos de possibilidades são ampliados, combinados a aberturas resultantes de lutas e conquistas pretéritas, empreendidas por outras mulheres negras e movimentos sociais. Isto também se desdobra na reconfiguração do contexto geográfico inicial, e mesmo, na emergência de um novo contexto para as suas vidas.

Para interpretar as vivências das jovens, partimos da perspectiva de *curso de vida* de Hutchison (2011), que busca compreender como se desenvolvem os caminhos das vidas das pessoas, em suas continuidades e reviravoltas. A autora possui uma abordagem comportamental, que pensa nas experiências, transições significativas e histórico de eventos da vida. Com base em seus direcionamentos, relacionamos os cursos de vida com o espaço geográfico, elencando os espaços que as jovens consideram importantes em suas trajetórias.

Entre os conceitos básicos da perspectiva de curso de vida estão: coorte, transição, trajetória, evento de vida e ponto de virada. Coorte refere-se ao grupo de pessoas que nasceram em um mesmo período de tempo e que vivenciam mudanças sociais específicas. Transição é a mudança de funções e posições em relação ao tempo pretérito. Trajetória é o padrão de longo prazo de estabilidade e mudança, marcado por múltiplas transições. Evento de vida representa um acontecimento significativo, que envolve uma mudança relativamente abrupta. Ponto de virada diz respeito a um evento de vida ou transição, que produz uma mudança duradoura na trajetória do curso de vida (Hutchison, 2011).

As trajetórias interseccionais de nossas interlocutoras serão interpretadas a partir desses conceitos, sendo relacionadas com a urdidura, para assim compreendermos os contextos geográficos da metrópole, das cidades médias e da cultura periférica, como um conjunto em permanente movimento. Nesse debate, a leitura interseccional faz-se fundamental, pois embora o contexto geográfico apresente-se de forma similar para uma geração de jovens, os atravessamentos identitários e as posicionalidades interferem no campo de possibilidades e fazem com que as próprias estruturas de opressão recuem ou atuem de forma diferente. No caso de jovens, negras, empobrecidas e que compartilham uma condição urbana periférica, as oportunidades são diferentes.

A geração (coorte) das jovens negras da pesquisa abrange a década de 1990 e início dos anos 2000, elas possuem entre 22 e 31 anos e que nasceram em um período em

que a cultura periférica estava se constituindo. Conheceram a cultura periférica quando estavam na adolescência, por meio de raps que “falavam sua língua”. Assim que se tornaram jovens ou adquiriram mais autonomia em seus trajetos pela cidade, elas encontraram as materializações dessa cultura no espaço geográfico: batalhas de rima, slams e saraus.

Conheceram a cultura periférica por meio do rap e esse encontro se constituiu tanto em um evento de vida quanto em um ponto de virada, em que um novo campo de possibilidades se abriu. Por meio da cultura, as jovens negras estabeleceram redes de sociabilidade e conheceram ou se aproximaram de outras jovens, isso também marca a emergência de novos eventos de vida: Tawane Theodoro se aproximou mais de Jéssica Campos; Ingrid Martins conheceu Nyarai; Cleopatra, Venezian, Dayo e Preta Mar se aproximaram; e Alliblack e Emily Souza se conheceram.

Na potência desses encontros e trajetórias, a organização das coletivas representou outro ponto de virada na vida das jovens. As coletivas nasceram para oportunizar um espaço seguro de expressão e afirmação para mulheres, considerando que uma sequência de eventos marcados por discriminações de gênero, explicitaram para as jovens os desafios do que é ser mulher em uma cultura majoritariamente formada por homens.

Os cursos de vida das jovens foram traçados dialeticamente com suas identidades e espacialidades, por isso utilizamos os termos *trajetórias interseccionais* e *trajetórias de vida espacializada* para se referir a eles. Ao passo que transições, eventos e pontos de virada aconteceram, as jovens também modificaram as cidades e o próprio imaginário sobre mulheres negras, pela forma como têm ganhado visibilidade no espaço público. Do mesmo modo que suas ancestrais foram fundamentais nas conquistas de direitos, as jovens se mostram como inspirações para outras mulheres.

No movimento de interpretação das trajetórias de vida espacializada de nossas interlocutoras, constatamos que vivem a cidade de forma paradoxal. Segundo Rose (1993), o conceito de *espaço paradoxal* destaca as diferentes posições que as pessoas ocupam simultaneamente, oscilando entre o centro e a margem, o dentro e o fora, em suma, as pessoas estão plurilocalizadas nas relações de poder e no espaço geográfico. Na década de 1980, hooks (2019a; 2019b; 2020) já defendia que as mulheres negras estavam nas margens, mas havia possibilidades de chegar ao centro.

Nesse sentido, as jovens são marginalizadas pela estrutura socioespacial, mas por meio da cultura periférica elas possuem a possibilidade de assumir posição de centro. Uma centralidade que ainda é permeada pelos desafios de uma cultura em que o

machismo é reproduzido, sobretudo no âmbito do Hip Hop por meio das performances de masculinidade hegemônica (Shabazz, 2011).

Para além da cultura, elas também alcançam o centro quando ingressam em universidades por exemplo, porém suas posições oscilam no mercado de trabalho e nas próprias vivências universitárias. Ou seja, as jovens negociam suas existências constantemente e, além dos marcadores interseccionais, sua condição urbana periférica (Sposito, 2024) intensifica as espacialidades paradoxais. Estar nas periferias pode representar uma centralidade simbólica, principalmente na atuação cultural, mas ainda se trata da margem quando olhamos para a cidade como um todo. E quando vão ao centro, em busca da cultura, a condição de serem periféricas persiste em marginalizá-las por meio dos cerceamentos na apropriação dos espaços públicos e na mobilidade urbana precária.

Com base nesses direcionamentos, no próximo item interpretamos as trajetórias interseccionais de cada uma de nossas interlocutoras. Após a apresentação da trama de fios individuais, discutiremos a urdidura que forma os contextos geográficos.

6.2 As trajetórias interseccionais das jovens negras da cultura periférica

A interpretação em trama que planejamos relaciona as trajetórias de vida espacializada das jovens mulheres negras e a constituição de suas identidades, que ocorrem em cidades desigualmente estruturadas e participam da formação de contextos geográficos. Pensamos em quais espaços foram importantes para elas e como participam da organização de uma cena cultural mais ampla, que se relaciona com temas sociais e estruturais como periferização, mobilidade, políticas públicas e movimentos sociais.

Para atribuir um caráter ainda mais geográfico para essa discussão, propomos um modelo de representação cartográfica, que nos possibilita relacionar as interseccionalidades ao espaço geográfico. Uma de nossas inspirações foi a metodologia de *relief maps* criada por Rodó-de-Zárate (2014; 2015). A autora reflete sobre as experiências das pessoas de acordo com os marcadores identitários e os espaços, demonstrando o dinamismo existente em que ora determinado marcador está ligado ao desconforto e ora ao conforto, a depender do local. Worth (2011) também nos inspirou com os *life maps*, ou seja, mapas de cursos de vida, em que a autora trabalhou com as transições para a vida adulta de jovens com deficiência visual, em que os incentivava a registrar as experiências, lugares e pessoas importantes nesse movimento.

Nesse sentido, nossa proposta não é demonstrar os espaços que as jovens frequentam atualmente e como se sentem nesses locais. Mas sim, apresentar os espaços que foram importantes para constituírem suas identidades, salientando quando os marcadores sociais passaram a ser entendidos e/ou afirmados na sua trajetória de vida e de espaço. Trata-se de pensar nas interseccionalidades não somente sob o viés da opressão, mas sim da afirmação identitária. Para tanto, incentivamos nossas interlocutoras a refletirem sobre suas trajetórias de vida espacializada, tendo sido comum ouvir: “*eu nunca havia parado para pensar nisso*”.

Cada linha do mapa refere-se a um marcador social e aparece no mapa a partir do espaço em que é positivado na experiência urbana. As linhas dos mapas apresentam curvas, que não necessariamente ilustram o percurso exato traçado pela jovem, mas em sentido figurativo representam que os caminhos, que não são lineares, mas sim atravessados por eventos que os potencializam ou desestabilizam.

Embora os marcadores estejam separados, salientamos que eles se interseccionam e constituem as identidades. Separá-los foi uma forma demonstrar quando se tornaram importantes para as jovens se afirmarem, o que também não significa que anteriormente não influenciavam as suas vivências. Inclusive, várias das jovens afirmaram que, por exemplo, já reconheciam como o racismo afetava suas vidas, porém, ainda não haviam se reconhecido enquanto negras. O reconhecimento das opressões e a positivação da identidade são imprescindíveis para a contestação das imposições sociais e reivindicação de novas formas de ser e de se posicionar na cidade. A partir desse reconhecimento inicial, as jovens tendem a buscar apoio entre suas semelhantes, ou seja, se unem à outras mulheres negras, igualmente positivadoras da sua identidade.

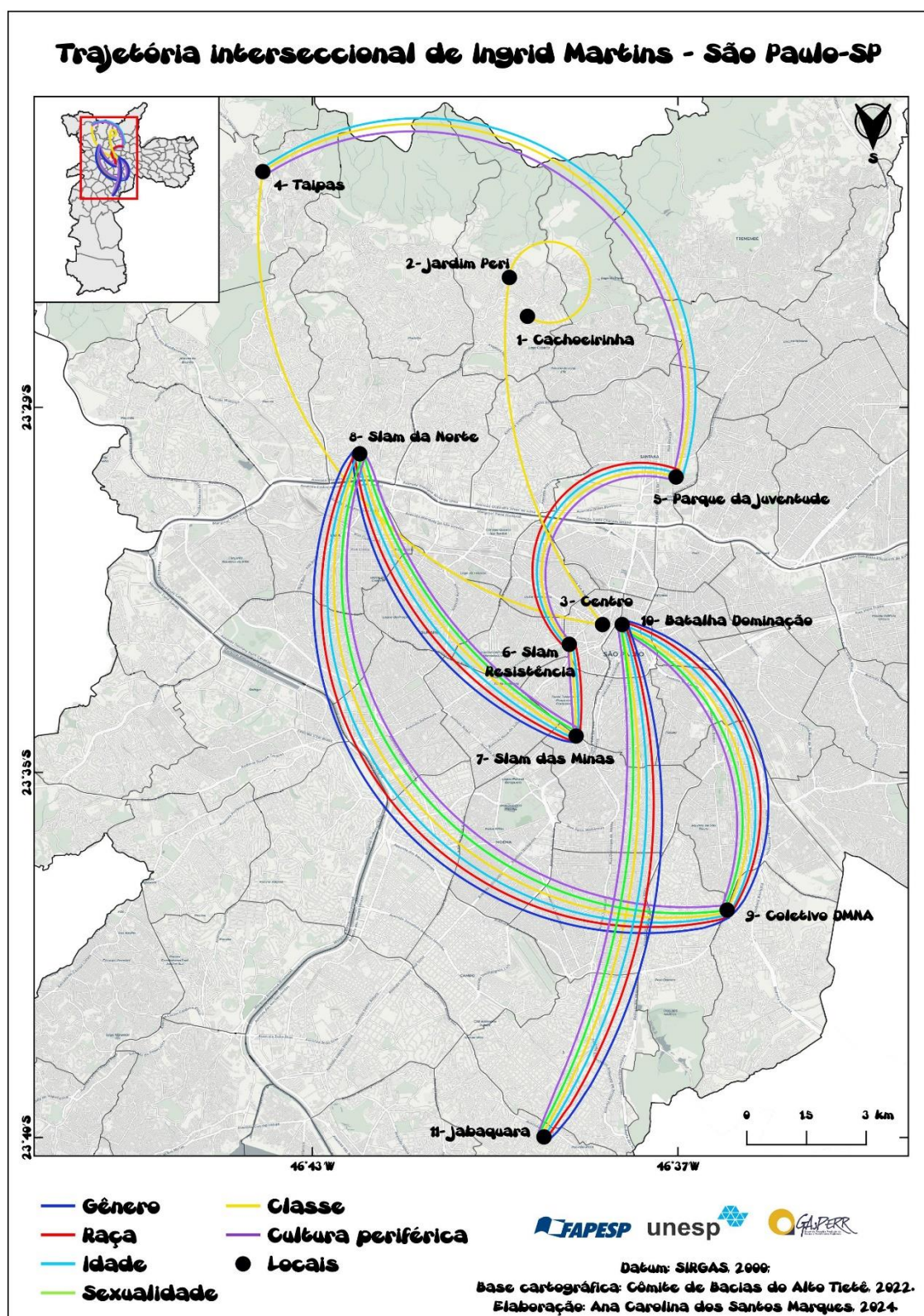
A seguir, traçamos os fios das trajetórias interseccionais. Os marcadores de classe e idade acompanham as jovens desde o primeiro espaço representado, por entenderem os limites impostos por serem empobrecidas e também as ações que suas famílias autorizavam que realizassem de acordo com suas idades.

Ingrid Martins – “preta da cor da caneta que escrevi esses versos”⁵⁰

Ingrid Martins residiu na maior parte de sua vida nas periferias da zona norte de São Paulo. O Mapa 14 representa sua trajetória.

⁵⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Kkun9Os7ViM>.

Mapa 14: Trajetória interseccional de Ingrid Martins



Elaboração: a autora, 2024.

A jovem nasceu no distrito Cachoeirinha e residiu no bairro que recebe o mesmo nome. Mudou-se para o Jardim Peri em sua infância. Nessa fase de vida, Ingrid já compreendia que era periférica e empobrecida: “[...] *Eu nunca fui de outra situação a não ser de quebrada [...] tudo pra nós é mais distante*”, mas tinha a possibilidade de ir ao centro com certa frequência:

[...] minha mãe trampava no centro e vira e mexe eu ia trombar ela lá. A gente ia comprar coisas, tipo um tênis. E eu gosto de dizer que eu sempre tive acesso ao centro porque acho que isso muda alguns pontos também, porque eu sinto que algumas pessoas da quebrada têm muita dificuldade de colar no centro, justamente pela distância e pela burocracia, ou muitas vezes cola no centro só para tramar, e aí é conhecer o centro de uma outra maneira [...] (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Embora existissem dificuldades de mobilidade, ir ao centro possibilitou que Ingrid conhecesse uma realidade distinta das periferias. A principal motivação de deslocar-se até o centro era o consumo de produtos que não chegavam às periferias, uma vez que naquele período, no início dos anos 2000, os subcentros estavam em formação nas periferias, além de que a diversidade era menor e os preços mais elevados.

Na adolescência, Ingrid conheceu o rap, na figura do Racionais MC’s, o pai de uma de suas amigas possuía uma caixa de DVDs de rap: “[...] *depois disso acho que eu entendi que eu poderia escrever também aquelas paradas. Então, eu fui escrevendo... mas tudo muito despretensiosamente. Eu não sabia que eu escrevia poesia né, eu não sabia que o que eu escrevia poderia ser considerado arte [...]*”. Nesse período, a jovem também relata que os cliques na MTV (um canal de televisão) estavam em seu auge e ela adquiriu uma série de referenciais do rap nacional e internacional.

Com 19 anos, Ingrid saiu da casa da mãe e foi morar no distrito de Taipas, mesmo momento em que conheceu os eventos da cultura periférica. A jovem andava de skate no Parque da Juventude, quando se deparou com uma batalha de rima. Esse evento destaca as ligações do skate, enquanto uma cultura juvenil, com o Hip Hop. Após isso, também começou a frequentar shows de rap. Nessa sequência de acontecimentos, a jovem positivou o fato de ser negra, sendo antes já havia passado por várias situações de discriminações racial: “[...] *eu fui me entendendo mais com uma mulher negra né, de quebrada, o que isso significa, como é isso no mundo e como isso influencia no meu eu e nas minhas idas e vindas*”.

Quando já conhecia o rap e frequentava batalhas de rima, Ingrid encontrou os slams. A jovem assistiu um vídeo de Luz Ribeiro recitando a poesia “Menimelímetros”⁵¹, no Facebook: “[...] é um clássico, um grande hit da carreira dela [risos], vi o vídeo dela recitando essa poesia e eu achei foda tá ligado?! Até hoje eu sinto o impacto de ter visto essa poesia nesse dia, a partir dela eu conheci o Slam Resistência”. Foi o acesso às mídias que levaram a jovem ao encontro do rap e do slam e, no caso dessa última manifestação, ver uma mulher falando palavras tão impactantes marcou um ponto de virada em sua trajetória.

Posteriormente, Ingrid conheceu o Slam Resistência em 2016, momento em que o grupo estava em seu auge, era o coletivo com maior público na metrópole e acontecia no centro de São Paulo, na Praça Roosevelt. Nesse período, a cultura periférica como um todo efervescia na cena cultural paulistana e rapidamente Ingrid conseguiu torná-la uma fonte de renda. O interesse pelas manifestações e pela produção de raps e poesias fez com que a jovem formasse seu próprio coletivo, junto com outras pessoas que faziam parte de sua rede de sociabilidade constituída nos eventos da cultura periférica. Trata-se do Slam da Norte, que encerrou suas atividades no final de 2022.

Em uma de suas idas ao Slam Resistência, Ingrid encontrou as artistas que organizavam o Slam das Minas. Elas estavam divulgando panfletos de um evento que realizariam na semana seguinte. Ingrid se animou em ir junto com uma amiga que conheceu no Slam. Esse evento marcou um ponto de virada em sua trajetória:

E aí chegou lá no Slam das Minas e mano... abriu um portal [...] surgiu alguma coisa muito doida... porque ali eu conhecia a Nyarai e todo mundo do meu ciclo atual [...] Nesse dia eu batalhei a primeira vez lá e foi ali que eu falei, mano, isso aqui é foda e eu quero seguir nisso [...] E aí as meninas do Slam das Minas gostaram muito de mim e eu gostei muito delas, e me possibilitam acessar outros lugares, porque elas sempre me convidavam como poeta convidada para os eventos. Então, a primeira vez que eu participei de um evento do SESC foi com elas, a primeira vez que eu viajei para fazer poesia, para fazer arte foi com elas, tá ligado?! Tipo a primeira vez que eu ganhei um cachê com arte foi com elas. Então, tipo elas... foi esse grande ‘vamo aí, vamo junto!’ [...] o Slam das Minas tem grande influência no que eu sou hoje, elas foram uma grande referência de possibilidade (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Slam das Minas é uma coletiva formada por mulheres e para mulheres, criada em 2016 e que se consolidou como uma das maiores coletivas de São Paulo. As juventudes que participam dos slams, apontam que o período entre 2015 e 2019 representa uma efervescência cultural na cena dos slams, com inúmeros coletivos sendo criados. As poetisas organizadoras tornaram-se referência para jovens ingressarem na cultura

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CTY8Fs2K3k8>.

periférica, como por exemplo Luz Ribeiro e Mel Duarte. A trajetória de Ingrid Martins demonstra a importância da coletiva. Foi por meio do encontro e das interlocuções, que a jovem positivou os marcadores de gênero e sexualidade (ela entende-se como lésbica). As suas práticas espaciais também foram potencializadas e a jovem passou a transitar mais pela cidade, ampliando seu campo de possibilidades:

As minhas andanças oficialmente começaram a partir dos slam, eu colava nos bagulho e a partir disso eu fui colando em outras paradas [...] Eu passei a conhecer São Paulo de modo geral a partir das minhas idas a slams, porque slam tinha em todo lugar, em várias regiões e vários extremos, então um dia eu poderia estar na zona sul, outro dia eu poderia estar na zona leste e oeste, tudo indo atrás de slam e quando eu comecei eu realmente ia em muitos, então eu tive acesso a cidade a partir disso (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Nessa trajetória traçada pela zona norte, pelo centro e por periferias de São Paulo e outras cidades, Ingrid formou suas redes de sociabilidade, o que a levou a conhecer o coletivo DMNA e, posteriormente, a Batalha Dominação. As palavras da jovem explicitam uma sequência de eventos e a conexão entre eles:

[...] meio que uma coisa está vinculada na outra né. Tem nós no Slam das Minas, meu encontro com a DMNA e aí depois nós na Batalha Dominação, então as coisas estão meio assim conectadas, por isso que o Slam das Minas foi um grande portal. [...] O coletivo DMNA finalizou, mas a Nyarai queria continuar com a Batalha [...] Eu lembro que eu já tinha ido algumas vezes, porque essas pessoas que organizavam era quem eu tinha conhecido na Slam das Minas, então, a Dominação teve acesso na minha vida a partir dessas pessoas e aí eu colava para assistir, mas como eu já tinha muito vínculo isso foi fazendo com que eu do nada eu tava ajudando a carregar uma coisa e fazendo umas paradas tá ligado?! Quando eu vi, eu já era organizadora e estou até hoje (Ingrid Martins em entrevista, abril de 2024).

Atualmente, a jovem reside na zona sul de São Paulo, em uma periferia do distrito de Jabaquara, onde também tem ligação com uma produtora cultural independente. Assim, aos poucos, ela assumiu protagonismo como poeta e organizadora de uma coletiva. Sua trajetória é marcada pela potência do encontro entre mulheres, que formam redes de apoio e incentivo mútuo. Em sua infância e adolescência, seus percursos enfatizam a atuação da lógica centro-periférica, porém, quando conheceu a cultura periférica, a jovem ampliou suas especialidades e passou a conhecer a metrópole, não somente para o acesso à cultura, mas também para trabalho, pois, diferente da maioria de participantes da cultura, Ingrid conseguiu fazer a profissão artista ser sua fonte de renda.

Nyarai – “Eles tão jogando bomba e eu tentando colher flores”⁵²

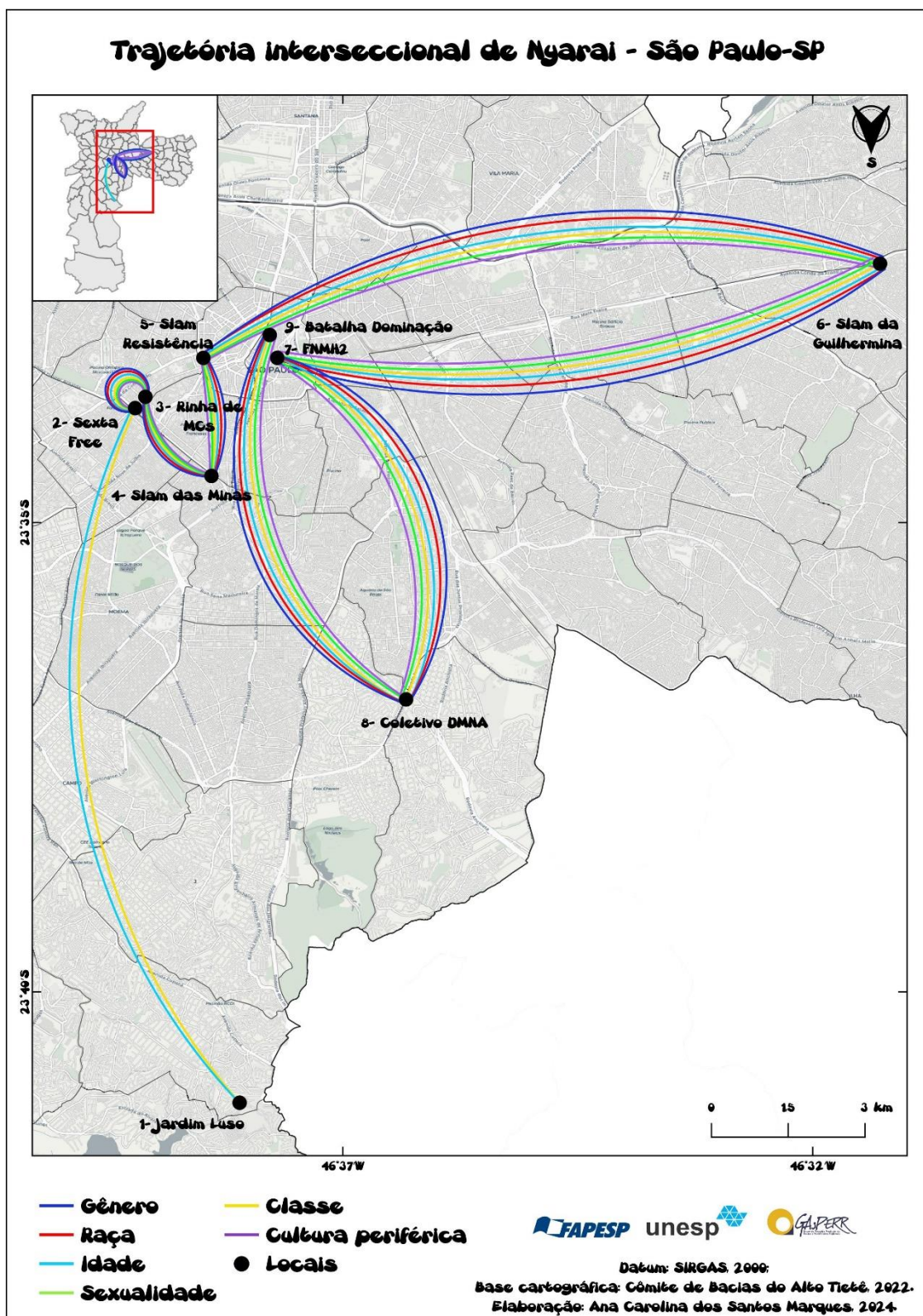
Nyarai sempre residiu na zona sul de São Paulo. Seu primeiro bairro foi o Jardim Luso (distrito Cidade Ademar) e, ao longo da infância e adolescência, mudou-se algumas vezes, circulando pelos distritos Jabaquara e Grajaú. O Mapa 15 apresenta sua trajetória.

Atualmente, retornou para o Jardim Luso: “[...] *uma brisa essa minha relação com o território que eu moro, né, porque eu nasci, cresci aqui, saí e depois de muito tempo voltei, mas de outra forma, já morando sozinha, tendo minha independência*”. Desde os 12 anos, Nyarai já escrevia, mas não entendia a escrita como algo possível de se tornar trabalho. O primeiro contato da jovem com a cultura periférica foi por meio da irmã e de seus amigos, que tinham CDs de rap e sempre ouviam as músicas. Logo depois, os clipes de rap na MTV tiveram bastante expressão, dentre eles Racionais MC’s e Sabotage. A jovem também ouvia uma emissora de rádio que tocava raps durante todo o dia. Em determinado momento, deslocava-se para feiras livres para adquirir CDs. O encontro com um evento da cultura periférica foi um ponto de virada no curso de vida de Nyarai, quando tinha cerca de 14 anos:

Como eu encontrei o rap... na verdade eu fui encontrada e isso é uma coisa que norteou muito a minha vida [...] Eu fazia um curso curto na Paulista e um dia eu estava andando pela avenida e esbarrei com uma batalha de rima, a Sexta-Free, totalmente por acaso, não sabia que existiam batalhas de rima [...] Foi a batalha que é de conhecimento, então pra mim foi ótimo o primeiro contato [...] eu digo que eu fui encontrada porque eu sinto que ali já abriu um universo de possibilidades pra mim, eu fique ‘caraca, as pessoas rimam e tipo, as outras pessoas param pra ouvir isso e elas votam’, pra mim foi muito doido pensar nessa lógica, era algo que eu gostava muito de fazer (Nyarai em entrevista, setembro de 2024).

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IJVq8-ra6Dg>.

Mapa 15: Trajetória interseccional de Nyarai



Elaboração: a autora, 2024.

A batalha de rima era a Sexta-Free, também conhecida como Batalha Racional, que acontece às sextas-feiras na Avenida Paulista. Nas semanas seguintes, Nyarai marcou presença na batalha e começou a rimar frequentemente. Nesse acontecimento, a jovem positivou o marcador racial, pois tratava-se de uma cultura negra, e o gênero e a sexualidade (identifica-se com lésbica) também assumiram formas de afirmação. No contexto das batalhas, por volta de 2010, a cena era formada por mais homens comparado aos dias atuais, e o fato de Nyarai não ter um estilo associado à feminilidade, implicou em menos desafios para inserir-se no universo das batalhas.

O gênero foi positivado em sua trajetória pois havia poucos referenciais de mulheres que batalhavam e ela se tornou uma representatividade: *“Às vezes quando eu subia no palco, as minas já começavam a gritar muito pra mim, antes mesmo de eu rimar [...] só de eu tá lá, já era um bagulho muito louco para as minas [...] foi a primeira vez que eu me enxerguei como um ponto de referência dentro do gênero”*. Nesse contexto, destaca-se o espaço vivido de forma paradoxal: Nyarai era uma sujeita marginalizada, encontrou as batalhas e tinha uma posição mais associada ao centro, porém, ainda sofria discriminações de gênero, e foi por meio da visão de outras mulheres que ela se colocou no centro novamente.

A Rinha de MCs também foi um espaço que Nyarai considera que foi acolhida, o coletivo possuía grande reconhecimento na cena cultural do início dos anos de 2010. Rapidamente, a jovem adquiriu notoriedade na cultura periférica paulistana e passou a transitar mais pela cidade:

Eu amo muito rap e ele sempre me levou para muitos lugares, eu atravessava a cidade e também ia para outras cidades e estados. Eu ia para muitos lugares que eu nem sabia como eu ia chegar e não tinha um GPS disponível, então tipo assim, a minha relação com a cidade sempre foi assim, óbvio que, né, teve ali seus atravessamentos de violência, que era estar na cidade de noite, ser uma menina super nova, eu andava muito sozinha, mas era isso, eu queria ir numa batalha ou cantar num lugar muito longe, mas eu nem pensava e ia. Então eu sinto que eu vivi muito a cidade, muito mesmo, de ir para extremos, ir para zona leste, zona sul, zona norte, qualquer lugar que me chamasse eu ia [...] Sempre tive uma relação de atravessar a cidade, de ir em quebrada e favela pra cantar (Nyarai em entrevista, setembro de 2024).

A jovem percebe a diferença de sua relação com a cidade, comparada a de seus familiares. Relata que a mãe, que é de uma outra geração (outro coorte), tem uma percepção diferente da cidade, por exemplo considerando que Osasco (SP) é extremamente longe, enquanto que para Nyarai é “do lado” de São Paulo, em que basta utilizar metrô e trem para chegar. Isto posto, a cultura periférica amplia o campo de possibilidades das/os sujeitas/os e a experiência urbana, elas/es relativizam as distâncias

quando objetivam deslocar-se em busca de manifestações artísticas, instituindo um outro contexto geográfico para suas vidas.

Por volta de 2016, Nyarai conheceu os slams e passou a frequentar eventos da Slam das Minas, Slam Resistência e Slam da Guilhermina, o que a levou a começar a escrever e recitar poesias. A jovem destaca a importância da Slam das Minas, a primeira vez que foi a um evento foi para vender geladinhos (relata que aproveitava as edições para comercializar comidas e conseguir dinheiro). As minas a convidaram para competir e a incentivaram a recitar suas músicas: *“A partir da Slam das Minas eu conheci a poesia como algo bom. Depois que eu coleí essa primeira vez, realmente comecei a ir sempre, e as minas começaram a me chamar para outras ações, elas me inseriram na literatura”*. A construção dessa rede de apoio foi fundamental para a trajetória de Nyarai. Os eventos tinham cachê e isso contribuía para a sua renda. Tratava-se também de um espaço de mulheres, em que as relações eram mais horizontais, diferente do cenário das batalhas.

Também foi importante a participação na Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop (FNMH2), uma rede de mulheres que possuem ligação com o Hip Hop e reivindicam pautas comuns como a equidade de gênero e o reconhecimento na cultura: *“[...] foi a maior escola que eu tive dentro do rap”*. Nesse sentido, as coletivas organizadas por mulheres foram pontos de virada para Nyarai, contribuindo para a construção de referenciais feministas e cada vez mais reconhecimento das opressões de gênero: *“[...] eu comecei a sentir o peso do freestyle, de você estar frequentemente sendo criticada, tendo suas questões físicas, apontadas. Então, eu comecei a alimentar esse lado de estar em outros públicos, debatendo coisas como LGBTfobia, racismo e política”*.

Esse contexto incentiva Nyarai a buscar outros grupos de mulheres e a construir sua própria coletiva, assim a DMNA surgiu em sua vida, como um projeto conjunto que se propunha a ser uma produtora e possuía a Dominação como uma das manifestações agregadas. O projeto possibilitou que Nyarai entendesse sobre produção cultural e criasse um público. Logo, a Batalha Dominação tornou-se independente e passou a fazer ainda mais parte da história da jovem, representando um evento duradouro e um ponto de virada: *“A Dominação mudou minha vida, ela realmente deu outro sentido, me proporcionou muitas coisas e guia muita coisa, porque eu trabalho muito com a Batalha desde então, me tornei produtora cultural e tenho que vender a ideia, algo que vai além da minha arte”*.

A trajetória interseccional de Nyarai exalta a importância das redes de apoio, baseadas na dororidade⁵³ (Piedade, 2019) com outras mulheres negras, mas também não-negras e pessoas LGBTQIAPN+, uma vez que ela é um corpo dissonante. Uma jovem periférica que iniciou seu percurso sem referenciais sobre gênero, que ampliou seus horizontes transitando pela cidade e entre cidades, e que, no movimento da cultura e da própria sociedade, tornou-se crítica e empreendeu a práxis quando constituiu uma coletiva aberta à diversidade de corpos.

Tawane Theodoro – “A melhor poesia que estou criando ainda sou eu!”⁵⁴

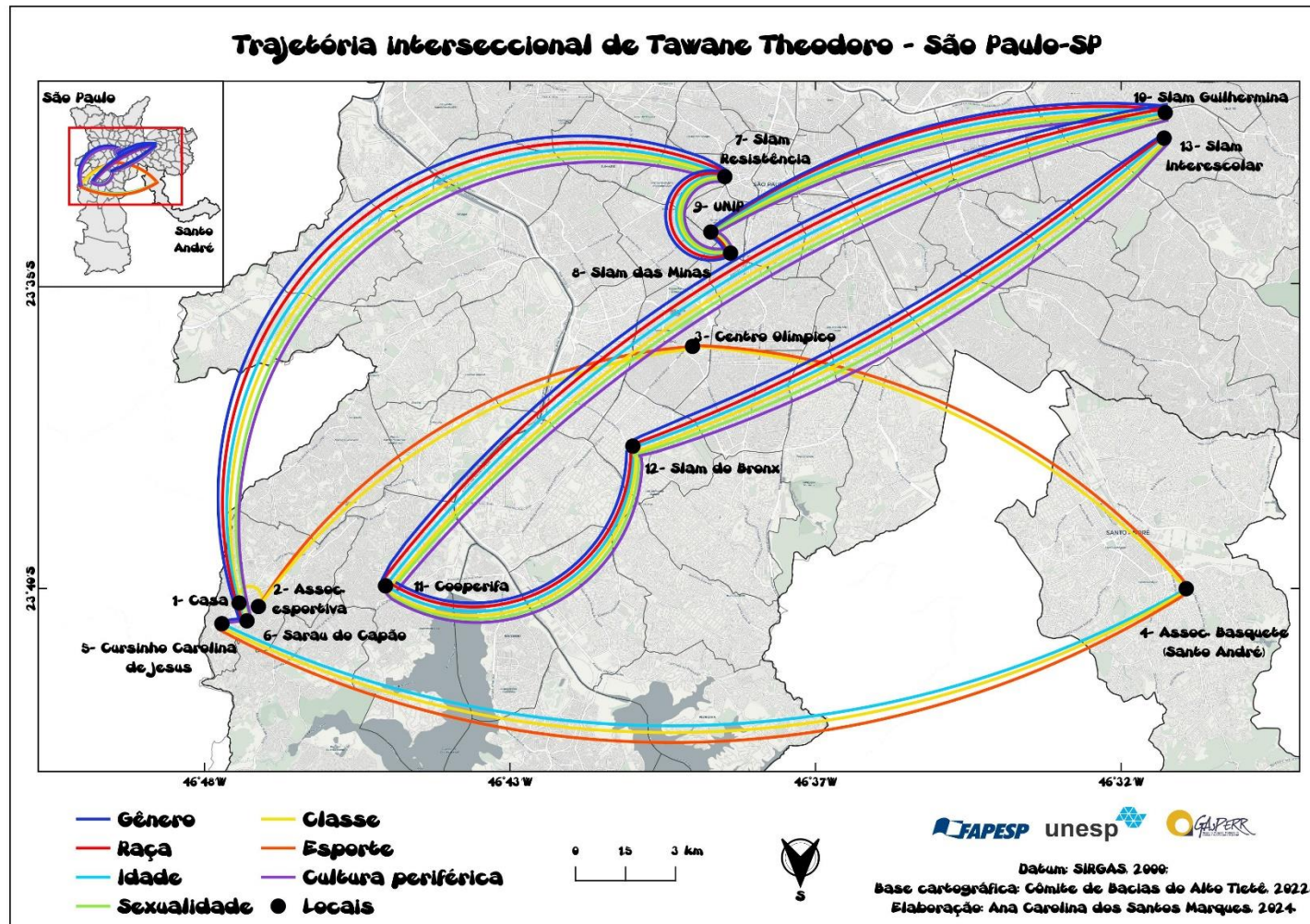
Nas palavras de Tawane Theodoro, ela é “*nascida e criada no Capão*”. A jovem constituiu-se na periferia da zona sul e hoje organiza uma coletiva que leva o nome do distrito, famoso pelas músicas de Racionais MCs e pelo livro do poeta Ferréz. O Mapa 16 representa sua trajetória interseccional.

Sua infância e adolescência tem o esporte como principal orientador. Com seis anos, começou a participar de uma associação esportiva que ficava ao lado de sua casa: “*Foi muito da hora ter isso na quebrada*”. Aos oito anos, a poeta iniciou no basquete e se apaixonou, considerando que o esporte contribuiu para construir sua identidade: “[...] *eu comecei a viver o basquete*”. Com 11 anos ingressou no Centro Olímpico, no distrito de Moema, para jogar profissionalmente. Com 15 anos, começou a treinar em uma associação de basquete, localizada em Santo André (SP), em que gastava mais de três horas por dia somente em deslocamentos de ida e volta, além de R\$14,00 para custear o transporte. As dificuldades de mobilidade eram grandes e após um ano e meio, a jovem perdeu a ajuda de custo que ganhava para pagar o transporte e sem ter como suprir a quantia necessária por mês, deixou de treinar basquete, marcando um evento de vida ligado à ruptura.

⁵³ Dororidade é um conceito que une as palavras “dor” e “sororidade”, para representar a união e solidariedade entre mulheres negras, que se reconhecem nas dores em comum atravessadas pelas interseccionalidades e que são transmitidas geracionalmente (Piedad, 2019). O conceito estabelece uma crítica ao termo “sororidade”, que possui base no movimento feminista tradicional e não contempla a diversidade de experiências entre as diferentes mulheres.

⁵⁴ THEODORO, Tawane. “.”. In: THEODORO, Tawane. A pluralidade da poeta. São Paulo: Blucher, 2022. p. 45-49.

Mapa 16: Trajetória interseccional de Tawane Theodoro



Elaboração: a autora, 2024.

Logo depois, em 2016, Tawane ingressou no Cursinho Popular Carolina de Jesus, pois objetivava ser aprovada em algum vestibular, uma vez que era incentivada pelos pais. O Cursinho foi um ponto de virada em sua trajetória, que a levou a reconhecer-se como uma mulher negra:

Eu não tinha ideia de militância, tá ligado?! Eu só sabia sobre basquete, se me perguntassem os jogadores da NBA, eu sabia todos, agora sobre militância? 'Não me pergunte meus queridos'. Quando eu entrei no cursinho, ele também é um movimento social no qual acontecia sarau, e aí foi esse o estalo, tá ligado?! Eu falo muito que eu sou filha da educação popular e da arte periférica. Quando eu entrei no cursinho foi um baque de tudo... lá eu tive ideia de militância, tem os círculos de cultura de Paulo Freire e eu aprendi sobre vários temas sociais. E minha cabeça foi abrindo para algumas coisas, eu já era colocada no mundo para questionar as coisas, e no cursinho entendi isso (Tawane Theodoro em entrevista, setembro de 2023).

Por meio de incentivos de um professor do Cursinho, que decidiu organizar uma atividade de sarau, Tawane começou a escrever suas primeiras poesias, justamente quando conheceu Jéssica Campos na instituição. Foi também o Cursinho que a levou ao encontro da cultura periférica. A jovem já tinha contato com o rap em casa, desde a infância, pois seu pai ouvia Racionais MC's, mas ela não entendia que poderia ser escritora: “[...] eu pensava que não poderia ser poeta, porque poetas não tinham o meu rosto”. Até que o Cursinho convidou Luz Ribeiro para o sarau, a poeta negra explicou o que eram os slams e tornou-se uma inspiração para Tawane, que passou a consumir os vídeos de slam disponíveis no YouTube.

Juntas, Tawane e Jéssica passaram a viver em função de saraus e poesias, ansiosas pelos eventos que o Cursinho promovia. Porém, no período de férias, os saraus não eram realizados, até que elas tiveram a ideia de criar a sua própria coletiva, o Sarau do Capão, com o apoio da Fábrica de Cultura do Capão, que já era um espaço muito frequentado pelas jovens: “O Sarau do Capão é um dos projetos da minha vida, eu cresci junto com ele, diz muito da artista que sou hoje”.

Além de se apresentar no sarau realizado pelo Cursinho, o professor também convidou Tawane para conhecer o Slam Resistência. Ela foi, gostou e, por cerca de quatro meses, apenas assistiu as performances, com o intuito de aprender. Posteriormente, por meio da internet, Tawane conheceu a Slam das Minas: “[...] vi que a Luz já fazia parte da slam e decidi ir. Quando cheguei lá, eu tive ataque de fã, porque eu vi meninas que eu só assistia nos vídeos do Youtube: Luz Ribeiro, Mel Duarte, Ingrid Martins, Nyarai e outras”. Tawane conheceu pessoalmente as poetas negras que a inspiravam e recebeu incentivos delas. O fato de a coletiva Slam das Minas ser um espaço para mulheres foi

determinante para a jovem sentir-se encorajada em recitar, foi a primeira vez que participou de uma competição de slam. A Slam das Minas marcou a entrada de Tawane na cena da cultura periférica como poeta, que já era organizadora de uma coletiva, mas tinha receios de apresentar-se fora do espaço cultural da zona sul.

Em 2017, Tawane iniciou a graduação em Nutrição, em uma faculdade particular de São Paulo. Porém, dois meses depois, um vídeo seu recitando “Eu não queria ser feminista”⁵⁵, no Slam da Guilhermina, viralizou na internet e ela, que antes se inspirava em jovens que assistia no Youtube, tornou-se inspiração para outras jovens: “*Até então era como um hobby, eu recitava para 50 pessoas em um sarau ou slam, e em poucas dias meu vídeo tinha mais de 100 mil visualizações [...] Eu fui chamada para alguns trabalhos e passei a receber por isso, então percebi que poderia ser artista*”. Os pais de Tawane não permitiram que a jovem abandonasse a faculdade e ela conciliou os estudos com a sua carreira artística, que despontava.

Tawane passou a se dedicar muito aos slams, participou de diversos eventos, ganhou competições e chegou à finais do Slam SP. Um dos coletivos que frequentava na época e que marcou a constituição da cultura periférica foi a Cooperifa, localizado próximo de sua casa. A jovem vivia para a cultura periférica e, em 2019, uniu-se com outras/os poetas e fundou o Slam do Bronx, que ocorre na estação de metrô Brooklyn, na porção não periférica e mais valorizada da zona sul: “*A gente tinha a ideia de ressaltar a importância do Brooklyn nos Estados Unidos para o movimento Hip Hop, além de ressignificar aquele território no entorno da estação que hoje é um território tipo de classe média ali né [...]*”. A escolha do local demonstra que, apesar da cultura periférica comumente não ocorrer próxima dos espaços residenciais fechados, ela ainda questiona a estruturação de outras áreas prestigiadas do espaço urbano. Assim, manifestar-se em uma estação de metrô aproxima-se das classes populares, mas demarca a resistência em uma área valorizada da cidade. Em 2022, Tawane deixou a organização do Slam do Bronx, em função da dificuldade de conciliar os inúmeros trabalhos que mantém como poeta

Em 2019, Tawane Theodoro iniciou seu trabalho como poeta formadora do Slam Interescolar, um projeto que leva o slam para escolas público e que foi criado em 2012 por Cristina Assunção e Emerson Alcalde, responsáveis pelo Slam da Guilhermina. Em

⁵⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Fu7cAQzK1k>.

2021, o projeto venceu o Prêmio Jabuti, na categoria Fomento à Leitura, e em 2023 mais de 300 escolas participaram do campeonato:

O Slam Interescolar mudou a minha vida, eu trabalho com isso há cinco anos e é o que eu quero fazer daqui para frente. [...] levar a poesia pra dentro das escolas é algo que sempre me tocou muito, por ser uma filha da educação popular também sabe, poder voltar com a poesia pra dentro da escola e fazer com que os adolescentes ali conheçam a poesia antes do que eu conheci, é muito lindo. Temos relatos incríveis de todos os poetas formadores, do quanto mudou a escola ter um momento no qual o aluno tem autonomia, que pega um microfone e fala (Tawane Theodoro em entrevista, setembro de 2023).

Assim como conheceu a poesia, os saraus e os slams em um espaço educacional, Tawane ensina outras/os adolescentes e jovens. Atualmente, sua renda provém 100% da cultura. Desde que ingressou na cultura periférica, a jovem participou de diferentes projetos, como organização de coletivos, apresentação de programas e eventos e publicação de dois livros: “Afrofênix: a fúria negra ressurgiu” (2019) e “A pluralidade da poeta” (2022). Tawane é uma das poetas mais conhecidas na cena dos slams de São Paulo.

Em toda a sua trajetória narrada, a percepção de cidade da jovem ampliou-se, assim como seu campo de possibilidades. O esporte já proporcionava transitar pela cidade, com predomínio da zona sul. A participação na cultura periférica desdobrou-se em deslocamentos por São Paulo e por outras cidades e estados:

A cultura ampliou tudo [...] eu comecei a desbravar São Paulo, principalmente depois do Slam Interescolar. E aí é para todo lado. Nesse ano, por exemplo, em fui em escolas de todas as zonas. Tive escolas, por exemplo, no Fundão de Sapopemba, no Fundão de Itaquera, papo de duas horas e pouco para chegar, e aí pega ônibus porque não é perto de estação e é quebrada, organiza carona com professora. Mas é isso, é o que eu gosto de fazer (Tawane Theodoro em entrevista, setembro de 2023).

Nessa combinação de acontecimentos, a trajetória de Tawane foi traçada, marcada pela educação popular, pelos equipamentos de esporte, lazer e cultura nas periferias, e pelas redes de sociabilidade estabelecidas com outras mulheres. Em 2024, Tawane segue trilhando o caminho da cultura periférica e ampliando seu protagonismo, atualmente na organização do Slam SP, o campeonato estadual de poesia falada.

Cleópatra – “Leia as minhas linhas como se você lesse um livro”⁵⁶

Cleópatra define sua identidade como “mulher cis, preta, bissexual, artista, estudante de psicologia, espiritualizada e uma sobrevivente de violências, salva pela arte”. Destaca ser uma sobrevivente, pois afirma que apesar de a conhecerem como uma artista que tem alcançado cada vez mais protagonismo, também é importante que a conheçam enquanto pessoa. Relata que violências de gênero e sexuais foram marcadores constantes em diversos períodos de sua vida e que a arte “[...] foi a forma de me manter viva, a minha sede por fazer arte é o meu anseio de ficar viva”.

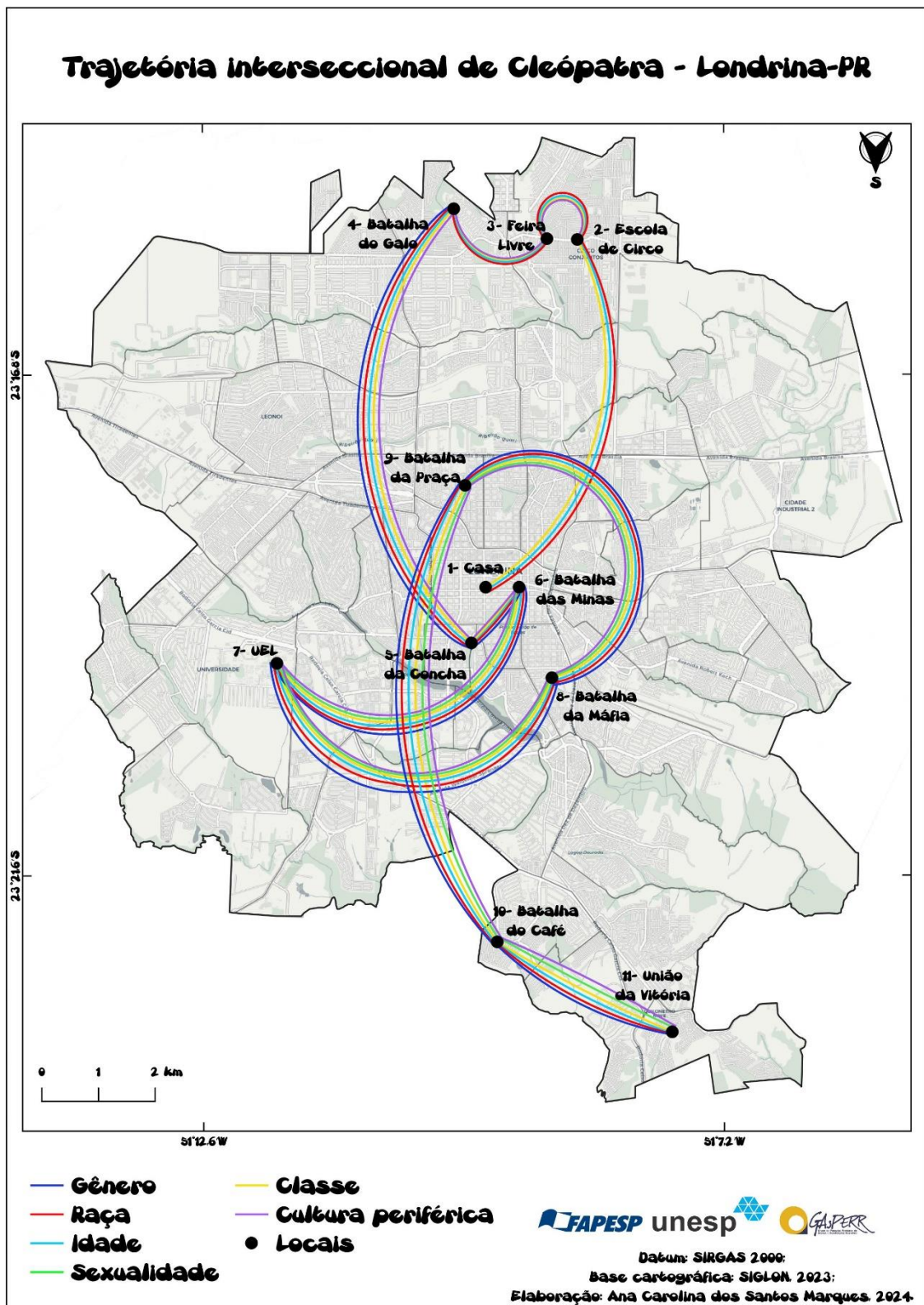
Embora não tenha residido nas periferias de Londrina, a jovem entende-se como uma sujeita periférica, pois passou boa parte da infância na casa dos avós, em uma periferia da zona norte de Londrina, e constituiu sua identidade nas periferias da cidade: “[...] eu me vejo numa ligação muito forte com os extremos da zona sul e da zona norte. Esses dois polos me formaram muito artisticamente. Eu comecei com o rap no extremo da zona norte até chegar no extremo da zona sul, onde atuo com meu projeto social”. O Mapa 17 apresenta sua trajetória interseccional.

A casa foi o primeiro espaço importante para compor a identidade de Cleópatra, sobretudo em relação à raça: “O meu pai é um homem negro retinto e atuava dentro do Movimento Negro, então, desde pequena, ele me ensinou que eu era uma menina preta e que eu não tinha que me contentar com a violência, sabe?”. O letramento racial da jovem começou desde muito nova, assim como sua inserção em espaços que debatiam a questão racial.

Por meio de uma escola de circo ligada a um projeto social na zona norte de Londrina, Cleópatra conheceu o movimento Hip Hop quando tinha cerca de 10 anos, marcando o primeiro ponto de virada em sua vida. O espaço era todo grafitado e enquanto as crianças treinavam, escutavam rap. Inicialmente, a jovem dançava *break* e treinava circo, posteriormente, adentrou o universo da música. Nesse contexto, a Feira Livre da Avenida Saul Elkind também foi um importante local, onde Cleópatra conheceu o projeto Freestyle de Rua e começou a aprender a rimar.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FWbRWCdY4qA>.

Mapa 17: Trajetória interseccional de Cleópatra



Elaboração: a autora, 2024.

Após adquirir um pouco de experiência, a jovem começou a frequentar batalhas de rima. A primeira foi a Batalha do Galo, que acontece em uma periferia na zona norte, marcada pela luta por moradia: “[...] *eu aprendi muito sobre a vida naquele bairro*”. A primeira competição que venceu foi uma edição da Batalha do Galo e o coletivo foi determinante para entender-se enquanto uma mulher preta, de forma paradoxal. Ao mesmo tempo que ela era uma referência de rapper mulher, rimando e chegando às finais das batalhas, ela também passou por discriminações de gênero em um ambiente majoritariamente frequentado por homens.

Posteriormente, Cleópatra começou a também frequentar espaços do Hip Hop no centro da cidade, o Zerão tornou-se um importante local, pois abrigava a Batalha da Concha, além de reunir outras manifestações da cultura de rua, como o skate e a pichação: “[...] *tenho muitas lembranças de eu rimando lá e das pessoas gritando para mim, de eu estar no palco gigante com um monte de pessoas me olhando*”.

Em 2020, ocorreu outro ponto de virada em sua trajetória, o encontro com a Batalha da Minas - Londrina, que se tornou referência de uma posição de centralidade que as mulheres poderiam assumir na cena da cultura periférica: “[...] *a gente conseguiu plantar muitas coisas bacanas e a gente colheu também muitas coisas, tá ligado?!*”. O coletivo foi fundamental para Cleópatra positivar sua identidade, não em termos de negociação como vinha ocorrendo nas outras batalhas de rima, mas sim a partir da construção de uma rede de apoio.

Em 2021, ela ingressou no curso de Psicologia na UEL: “[...] *tem pessoas que não me validam quando falo sobre o rap, mas quando falo que sou estudante de Psicologia, o olhar muda*”. A jovem adentrou uma universidade pública, estando no centro da produção do conhecimento, o que evidenciado em seu relato, em que as pessoas se impressionam com o espaço que ela alcançou sendo uma mulher negra. Porém, a universidade é vivida de uma maneira paradoxal:

É um espaço que foi negado e que ainda é excludente pra caramba. Tem sido difícil e até hoje é difícil permanecer lá, é permeado por diversas violências. As políticas de permanência foram importantes para eu continuar. E hoje eu consigo estar lá fazendo arte-cultura, minha experiência como arte-educadora me possibilitaram fazer projetos de extensão com o rap. Eu ingressei na universidade por causa da minha nota na minha redação em que eu citava o Black Alien e o Djonga, então, eu entendo muito que eu estou lá dentro por causa do Hip Hop e me mantenho lá também por causa do Hip Hop e consigo fazer Hip Hop estando lá, entende?! (Cleópatra em entrevista, setembro de 2024).

Entre a margem e o centro, Cleópatra levou o Hip Hop para a universidade. Ela tem mudado a estrutura por dentro. O apoio de uma professora e de um professor foi

fundamental nesse processo. Com a série de referenciais que foi reunindo, em 2023 a jovem uniu-se a amigas e decidiu constituir a Batalha Máfia: *“A Máfia surgiu e foi outra quebra de perspectiva, outros horizontes que eu pude ter acesso”*. Conforme explicado ao longo da tese, a coletiva foi criada a partir do repúdio das mulheres às violências de gênero que sofriam na cena.

No encontro de quatro jovens negras, a identidade de Cleópatra foi mais positivada: *“[...] a gente compartilha vivências, se fortalece e temos feito coisas que são muito grandes, fizemos uma Super Máfia, um baile, participamos de seletivas são coisas que parecem pequenas, mas para a gente é uma grande quebra de paradigmas e de estigmas por serem mulheres”*. A jovem relata que vê diferenças na cena cultural de Londrina em comparação a anos atrás, atualmente há mais mulheres rimando: *“[...] a gente não lida mais sozinha com as coisas, entendeu?”*.

A partir das mudanças proporcionadas pela Máfia, Cleópatra adquiriu maior visibilidade na cena cultural londrinense e também passou a selecionar mais as batalhas que frequenta, repudiando todo tipo de discriminação, o que a levou ao encontro de coletivos como Batalha da Praça, do Café e UDV. Nesse contexto, a jovem chegou ao outro extremo mencionado por ela, a zona sul, em que o bairro União da Vitória adquiriu importância em sua trajetória a partir de suas ações com o projeto social Freestyle de Rua e com o estágio que faz na universidade.

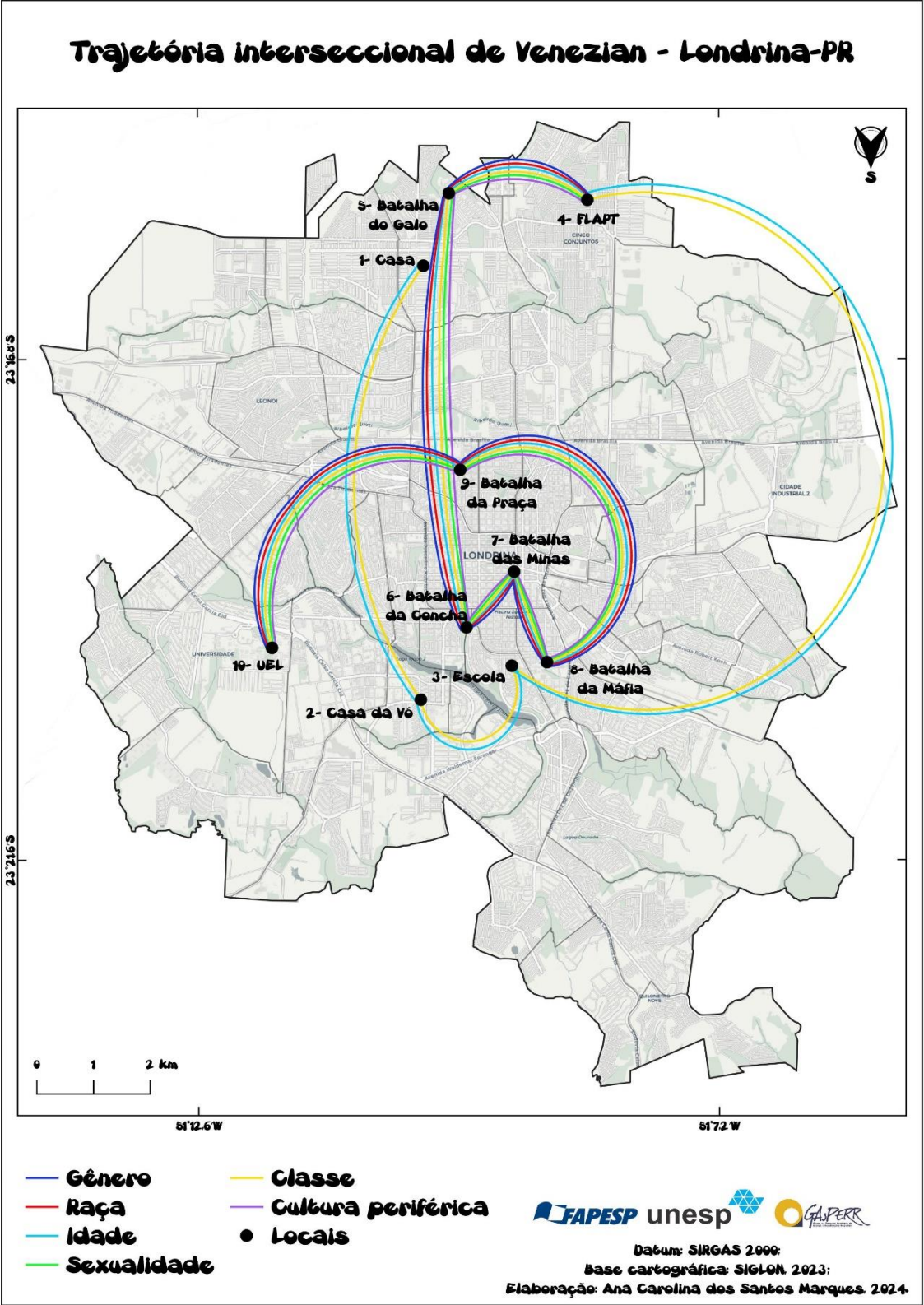
A cultura periférica ainda não proporciona uma renda que seja suficiente para ser seu trabalho principal, Cleópatra ainda precisa fazer *freelances* esporádicos, recebe auxílios de permanência na UEL e reside com a família (o que implica em menos custos, comparado a morar sozinha). A jovem entende que ainda está no começo de sua carreira e todos os seus projetos de futuro envolvem o Hip Hop.

Venezian – “Pego minha revolta, caneta, papel e vou lutar”⁵⁷

Venezian é uma jovem mulher negra, cis, lésbica, artista, enfermeira e, em suas palavras, uma pessoa que *“[...] foge de estatísticas desde o começo, várias restrições apontaram para eu não seguir com esse caminho, mas é o que me preenche de verdade”*. Ela se refere ao caminho da arte, tendo em vista as dificuldades da carreira e os constantes desencorajamentos. O Mapa 18 apresenta sua trajetória.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rHEdziL2QXc>.

Mapa 18: Trajetória interseccional de Venezian



Elaboração: a autora, 2024.

A jovem nasceu e reside na zona norte de Londrina. O que mais recorda de sua infância é que gostava de jogar bola. Sua casa foi um espaço importante para o encontro com a cultura periférica, ela conheceu o rap e as batalhas de rima por meio do irmão, quando tinha cerca de 15 anos: “[...] *ele foi minha principal influência, sempre quando a gente tá junto, a gente manda rima, faz freestyle*”. Todavia, começou a escrever por volta dos 10 anos, ainda sem entender sobre poesia e música, sendo que a casa da avó foi fundamental no processo: “[...] *é um lugar que mexe com meu sentimento de querer escrever*”. Diferente de outras interlocutoras, Venezian também elenca a escola como um espaço importante para a sua constituição: “[...] *eu gostava da escola, porque foi onde eu tive uma professora de português que me fez gostar de literatura*”.

A primeira batalha em que rimou foi em uma Batalha das Minas em 2017, promovida pela Batalha do Cinco, que no momento ocorria na Vila Cultural Flapt!, localizada na zona norte de Londrina. Foi o ponto de virada em sua trajetória, Venezian ficou sabendo do evento por meio das redes sociais e o fato de ser uma edição especial para mulheres, no formato batalha de conhecimento, a encorajou a competir. Esse acontecimento destaca a importância de equipamentos culturais nas periferias.

Após sua primeira batalha, Venezian começou a participar de edições de diferentes coletivos que foram importantes para treinar e melhorar suas rimas, como a Batalha da Concha e a Batalha do Galo. A partir do seu encontro com as batalhas, os marcadores de gênero, raça e sexualidade passaram a ser mais afirmativos, destaca que “[...] *antes não era uma coisa essencial para mim, hoje em dia é super essencial, porque se eu não souber da minha identidade, eu vou saber o que? [...] se não fosse o Hip Hop, eu não teria encontrado minha identidade*”. Antes das batalhas, o gênero e a raça não eram pautados na vida de Venezian, mas o caráter paradoxal das batalhas impôs que pensasse sobre o que é ser uma mulher negra. Ela se tornou mais crítica em relação à raça e teve que negociar sua presença nos eventos por ser mulher. Sua sexualidade também se tornou afirmativa. Quando era criança entendia que era errado não se enquadrar na heteronormatividade, no entanto, por meio da escrita e do rap, percebeu que poderia ser quem desejava e que havia outro campo de possibilidades.

O encontro com o coletivo Batalha das Minas - Londrina representou um evento em sua trajetória de vida espacializada, Venezian se apresentou em um dos eventos, juntamente com outras mulheres negras (Cleópatra era uma delas). Posteriormente, a jovem se afastou um pouco da cena da cultura periférica, caracterizando uma transição em seu curso de vida, pois formou-se em Técnica em Enfermagem e começou a trabalhar,

diminuindo o tempo disponível para frequentar as batalhas de rima. Tornou-se necessário priorizar sua sobrevivência, que não era garantida pela arte: “*Infelizmente eu estou na correria, a gente precisa do dinheiro, né?! E aí eu tive que deixar de ir em várias batalhas*”. Em 2023, constituiu a Máfia com as outras organizadoras da coletiva, o que a possibilitou manter o contato com a cultura:

Eu estou trabalhando com quem eu admiro como artista e amiga, sabe?! A Máfia me deixa em contato com a cultura. Antes eu batalhava com mais frequência, mas comecei a tramar muito e às vezes na folga eu só queria descansar, estava muito cansada. E a Máfia me ajudou bastante a não desfocar da cultura por conta de dinheiro que é uma necessidade, né?! É uma parte dos meus sonhos e eu to fazendo a minha mente trabalhar nisso, se que eu não posso deixar para depois, preciso continuar escrevendo. [...] A Máfia me dá inspiração (Venezian em entrevista, setembro de 2024).

Nos poucos momentos que tem disponível para dedicar-se à cultura periférica, Venezian prioriza uma coletiva construída por ela, em que se sente acolhida e está entre as/os suas/seus. Também frequenta a Batalha da Praça esporadicamente: “[...] *eu me sinto muito bem lá, me sinto confortável*”. Outro espaço de transição na trajetória da jovem foi o ingresso no curso de Enfermagem da UEL, em que vivencia o espaço de forma paradoxal, como Cleópatra.

A trajetória de Venezian evidencia como uma mulher negra periférica constituiu-se nos espaços da zona norte e foi apropriando-se do centro a partir das batalhas de rima. O movimento Hip Hop marcou sua identificação com gênero, raça e sexualidade. Formar-se em Técnica em Enfermagem lhe possibilitou ter um salário e, pelas longas distâncias percorridas na cidade por ser periférica, tornou-se necessário ter um carro. É assim que Venezian se desloca entre a zona norte, o centro e a zona oeste, pois segundo ela, de transporte público seria muito difícil. A opção pelo transporte individual reflete a segmentação e a fragmentação socioespacial. E nessa trajetória, Venezian estabelece projetos de futuro ligados ao Hip Hop, porém, ora adiando anseios por não dispor de moratória social.

Alliblack – “*Iluminada, nada vai me parar*”⁵⁸

A trajetória de Alliblack começou em Bataguassu, onde morou até os 20 anos e teve sua vida orientada pelo esporte, praticando modalidades como atletismo, basquete e futsal. A poeta coleciona medalhas de competições locais e estaduais. Porém, um evento

⁵⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i5-UoHIRgZE>.

mudou seu curso de vida e marcou uma ruptura, em que se classificou para uma competição nacional, mas sua inscrição não foi efetivada. No mesmo período, o avô, que era um grande incentivador de sua carreira, faleceu e Alliblack se afastou do esporte. Com 19 anos, mudou-se para Presidente Epitácio (SP), município próximo de Presidente Prudente, para cursar graduação em Direito por meio de uma bolsa de estudos. No terceiro ano do curso, decidiu interromper e mudar-se para Presidente Prudente, quando encontrou as batalhas de rima. O Mapa 19 apresenta sua trajetória interseccional.

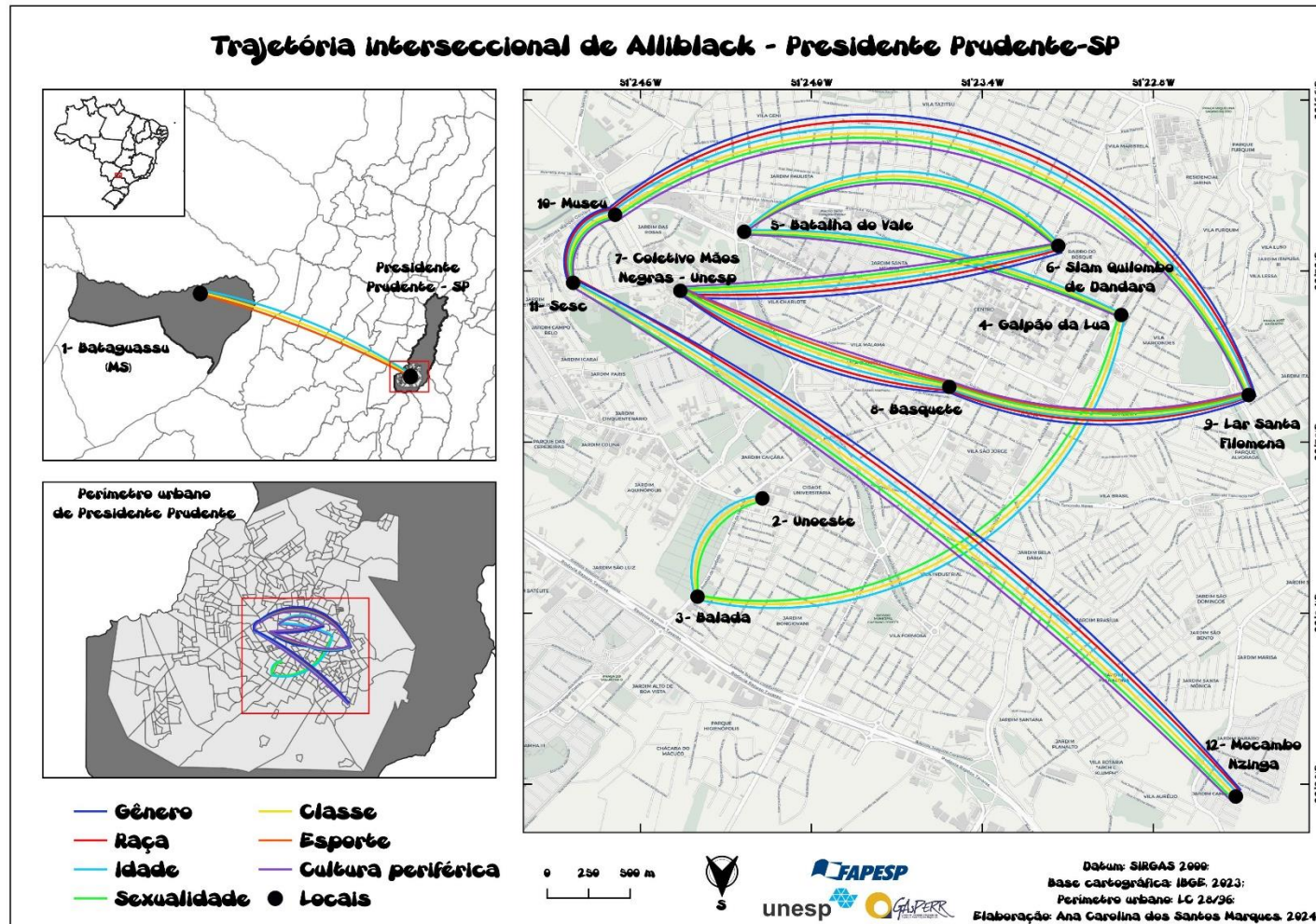
Desde os nove anos, Alliblack escrevia versos, porém, aos 14 anos iniciou a escrita de poesias completas, ainda sem entender que era arte. Seu contato com a cultura periférica começou por meio do rap:

Eu ouvia rap por causa do meu primo, Racionais MC's e Facção Central, e ele foi uma inspiração para mim gostar de rap, porque ele colocava a música que era considerada de preto e de bandido, que minha mãe falava para mim não escutar, mas eu pensava: 'é essa música que eu quero escutar' [...] A minha mãe também foi uma grande influenciadora para mim, ela nem sabe disso até hoje. Toda vez que ela passava na banca, ela trazia um DVD de clipe e a maioria dos cliques eram da MTV, de Hip Hop. Naquela época dos cliques, anos 1990, a galera usava roupa de basquete e de baseball, cantava rap, e eu queria ser igual os caras [...] Eu morava em Bataguassu, uma cidade pequena que dominava o sertanejo. E eu curti ver os cliques de Hip Hop e imitar as pessoas, eu acreditava que teria possibilidade de eu ser artista (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023).

Foi por meio da televisão que o rap chegou até a cidade pequena de Alliblack, que começou a pensar em alguns projetos de futuro, mas ainda sem ver um campo de possibilidades, o que se transformou quando chegou à Presidente Prudente, em 2014. Sua irmã já havia se mudado para a cidade, pois havia conseguido uma bolsa de estudos para cursar Psicologia, e Alliblack sentiu-se incentivada a também se mudar.

Um amigo insistiu para que Alliblack se inscrevesse novamente em uma graduação e a jovem conseguiu uma bolsa de estudos para o curso de Publicidade, na faculdade privada Unoeste: *“Eu me formei, mas pensei em desistir várias vezes, eu tinha que trabalhar para me manter e era muito cansativo. Na faculdade tinha muito playboy e na minha sala só tinha dois pretos, e a minha vida era outra, eu trabalhava o dia todo, não tinha tempo para dormir [...]”*. Uma jovem, sem moratória social, que foi obrigada a se submeter a diferentes empregos para sobreviver. Entre eles está o de organização de festas universitárias, onde adquiriu diversos contatos de pessoas da cidade e começou a trabalhar de *promoter* em uma balada, até tornar-se DJ no local e também nas festas que continuou promovendo.

Mapa 19: Trajetória interseccional de Alliblack



Elaboração: a autora, 2024.

Nesse contexto, Alliblack foi em um evento no ponto de cultura Galpão da Lua, em que estava ocorrendo uma batalha de rima:

[...] estava tendo uma batalha, aí sabe aquela menininha que ficava escutando os raps do primo, que vivia na rua escutando funk, escutando rap e tal?! Resgatou toda essa menina, eu falei: ‘mano, olha o gigante adormecido, na minha cidade não tinha uma coisa dessas, eu só via na tv’. Então Prudente para mim era o que eu via na tv na época, porque lá em Bataguassu começou a ter batalha de rap faz só [há] uns 3 anos. Aí teve várias apresentações, show e a batalha. Foi ali que eu falei ‘mano, onde estava essa Aline?’, e aí eu comecei a ir nos rolês de rap e foi quando eu vi as pessoas recitando. Não sabia o que era aquilo e fui procurar na internet, aí quando eu vi os vídeos da Carol Dall Farra eu falei ‘é isso!’, aí eu comecei a acompanhar ela e outras poetisas, como a Kimani, e também o movimento de slam” (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023).

O Galpão da Lua levou Alliblack ao encontro das batalhas de rima, que por sua vez a direcionou para outros coletivos como a Batalha do Vale e, posteriormente, ela conheceu os slams. Um evento que desencadeou uma série de outros eventos que marcaram pontos de virada na vida da jovem. A internet e os vídeos de poetisas de São Paulo e do Rio de Janeiro foram fundamentais para ela entender o que eram os slams e se interessar pelo movimento. E na falta de um coletivo em Presidente Prudente, a jovem decidiu criar um slam, inspirada no que já acontecia nos grandes centros, plano que saiu do papel a partir da rede de sociabilidade que a apoiou.

Antes da criação do Slam Quilombo de Dandara, Alliblack já havia iniciado sua carreira musical, que nos anos seguintes se consolidou: *“O slam foi uma parada muito louca que aconteceu na minha vida porque ele me ensinou a ter confiança, andar de cabeça erguida, levantou minha autoestima porque eu sempre tive muitos problemas com autoestima, o slam me trouxe a Alliblack”*. A poeta começou a se dedicar mais para a cultura periférica, lançou músicas e poesias, foi convidada para apresentações e seu campo de possibilidades foi ampliado, em suas palavras: *“foi abrindo portas”*.

Até então, o esporte e a cultura haviam guiado seu curso de vida. E na trajetória entre dois espaços, a poeta se entendeu como uma mulher negra: o Slam Quilombo de Dandara e o Coletivo Mãos Negras, um projeto vinculado à UNESP e que discutia questões raciais. Na rede de sociabilidade formada por Alliblack, havia estudantes da UNESP que participavam do coletivo e incentivaram a jovem a conhecer: *“[...] eu entendi que eu era uma mulher negra e tudo que eu tinha passado, as violências que eu passei e não entendia, eu fui entender quando eu cheguei em Prudente, eu demorei praticamente 20 anos para entender como era a estrutura que uma mulher negra vive”*. As referências

negras que tinha eram de atletas como Daiane dos Santos e Formiga, mas ela não possuía letramento racial. Na interlocução entre a cultura e a universidade, esse cenário mudou.

Em Presidente Prudente, Alliblack também encontrou um coletivo de basquete que a possibilitou continuar próxima do esporte. E outro ponto de virada em sua vida ocorreu a partir da cultura periférica, a jovem tornou-se educadora social no Lar Santa Filomena, que acolhe crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade:

Eu fui num evento com o Sérgio Vaz, para mediar uma roda de conversa com ele no Galpão da Lua. O diretor do Lar estava lá, se interessou pelo meu trabalho e me ofereceu uma vaga de trabalho. Eles precisavam de alguém como eu, que tivesse desenvoltura para falar a mesma língua das crianças e estou lá até hoje. Quando eu entrei no Lar, mudou várias coisas pra mim, eu fui entendendo outra parte da minha vida, porque existe a parte da minha vida de me entender como mulher negra, como atleta e no Lar eu entendi meus traumas. E a poesia e o Sérgio Vaz que me levaram até lá [...] Hoje eu trabalho com poesia, incentivo as crianças a escreverem as suas poesias, uso o livro do Sérgio Vaz como exemplo e faço edições de slam no Lar (Alliblack em entrevista, dezembro de 2023).

Trabalhar como educadora social proporcionou estabelecer conexões entre a arte e a educação. Alliblack ensina várias crianças e adolescentes sobre a cultura periférica, as/os aproxima de uma arte que “fala sua língua” e demonstra a potência das periferias, de onde muitas/os das/os estudantes vieram.

Nos anos seguintes, ela continuou com o Slam Quilombo de Dandara e outros trabalhos artísticos, até alcançar posições de centralidade que historicamente lhes foram negadas, como ser artista convidada de eventos no Museu da cidade e no espaço cultural SESC. Por fim, nos últimos anos, o Mocambo Nzinga também se tornou importante para a poeta, trata-se de um grupo de fortalecimento da cultura afro-brasileira localizado no território do Jardim Cambuci, bairro da periferia leste de Presidente Prudente.

Atualmente, Alliblack reside na área pericentral de Presidente Prudente, mas entende-se como uma sujeita periférica:

Eu vim de um bairro muito periférico lá em Bataguassu. Bataguassu, se você for olhar, é uma cidade muito pequena, que você fala assim ‘ah não tem como falar que aqui tem periferia’, mas se você for analisar onde é a parte mais pobre da cidade, é a periferia, pô. E eu morava na parte mais pobre da cidade por um grande tempo [...] Na vila era aquilo, de um lado tocava funk, do outro lado tocava sertanejo, do outro lado pagode e do outro lado toca rap, e eu sempre tava nas rodinhas. [...] Hoje eu me considero uma mulher periférica que está no centro. Aqui eu me sinto um pouco isolada, né? Porque a gente é diferente de todo o redor das pessoas que estão em volta, a gente sempre sente isso quando a gente aluga casa no centro [...] Aqui a gente sente que nós somos as pessoas olhadas com maus olhos [...] principalmente pelo meu estilo, né? Eu sou uma pessoa negra de black power, sou uma lésbica não afeminada. Quando eu falo que eu sou professora é um afronte para as pessoas, né? Elas não acreditam [...] Mas eu também tenho direito de estar aqui (Alliblack em entrevista, dezembro de 2024).

A trajetória de Alliblack é marcada pelo salto de escalas, a poeta foi de uma cidade pequena para uma cidade média, ampliando seu campo de possibilidades no encontro com uma cultura periférica possível de se realizar na densidade urbana em questão. Ela marca uma ruptura na cena cultural prudentina ao criar a primeira coletiva de slams e formada por mulheres negras. Além disso, dissemina a poesia por meio de um projeto social de educação e tem projetos de futuro de projetar-se no cenário nacional. Em 2024, lançou o álbum *Reza*⁵⁹, com músicas que falam sobre a fé em se manter viva.

Emily Souza – “Brindar nossa liberdade de escolher ficar”⁶⁰

Emily define sua identidade como uma mulher negra, cis e bissexual. O Mapa 20 representa sua trajetória, que começou em Sandovalina (SP), uma cidade pequena de 3.645 habitantes (IBGE, 2022), localizada a cerca de 64 km de Presidente Prudente.

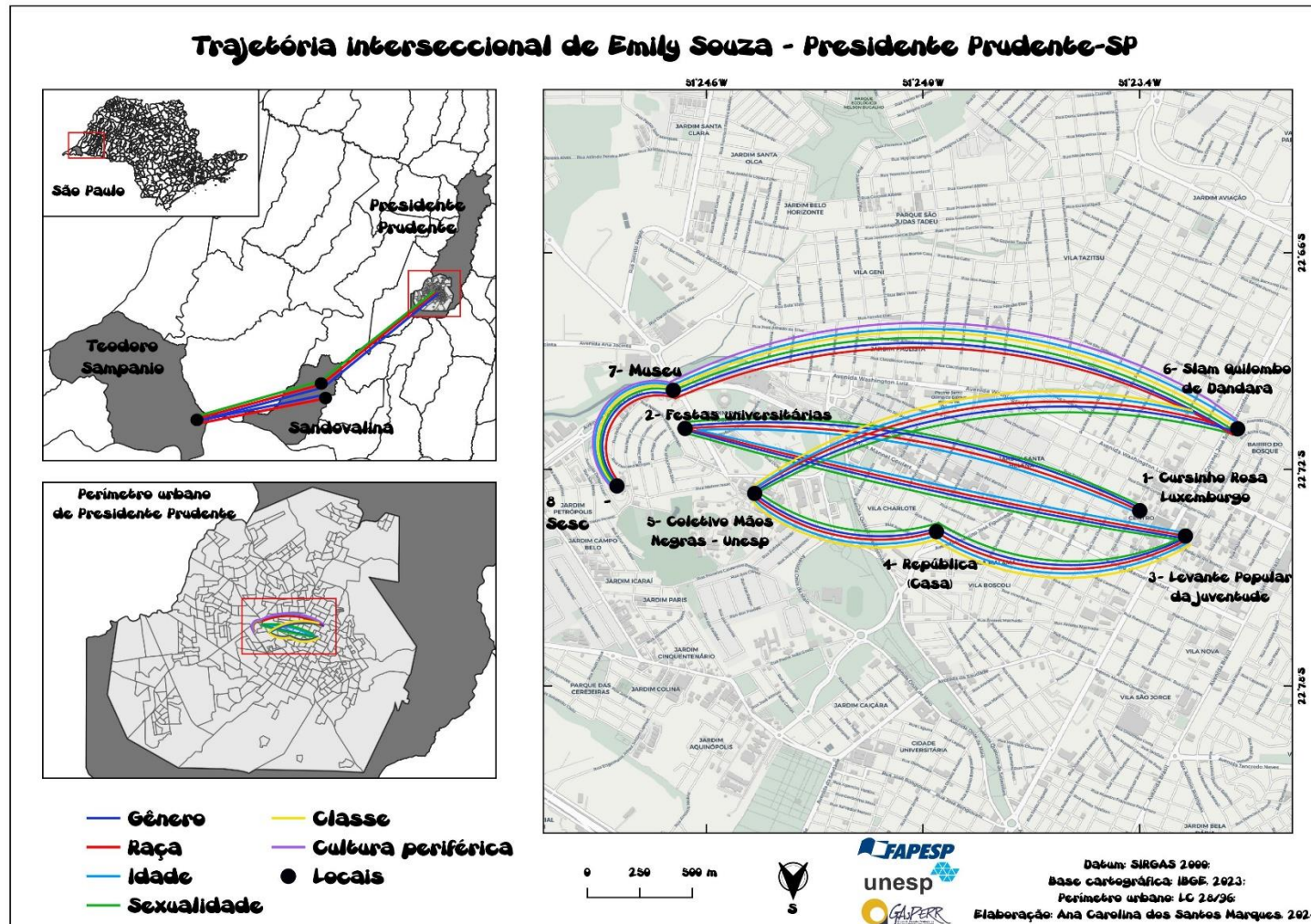
A casa de sua família em Sandovalina foi um espaço importante, pois vivia com oito mulheres (mães, irmã, avó e tias) que foram determinantes para que entendesse sobre gênero. Com 16 anos, Emily mudou-se para Teodoro Sampaio (SP), que possuía cerca 22.173 habitantes (IBGE, 2022) e está localizada a cerca de 114 km de Presidente Prudente. Embora também seja uma cidade pequena, Teodoro Sampaio apresentava mais possibilidades:

[...] fui fazer ETEC e foi diferente. Acho que eu fiquei mais adulta e foi quando eu me descobri como uma mulher negra mesmo. Morava só eu, minha mãe, meu padrasto e o filho dele. E nessa época eu usava muita rede social, via muito vídeo no YouTube, gostava de ver muita finalização de cabelo, minha mãe já tinha parado de alisar o cabelo dela e aí eu acho que fiquei nessa expectativa: ‘será que o meu cabelo é assim?’. Até então eu sempre alisava. E eu tava num momento radical na minha vida, eu andava de skate e usava alargador, aí parei de alisar o cabelo [...] e foi quando eu cortei o cabelo e fiquei com ele totalmente crespo, bem curtindo. E isso foi importante (Emily em entrevista, agosto de 2024).

⁵⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@alliblacknacena/videos>.

⁶⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MbzN_KIb5P8. Música composta e cantada por Alliblack para Emily Souza.

Mapa 20: Trajetória interseccional de Emily



Elaboração: a autora, 2024.

A jovem passou a ter acesso à internet, o que possibilitou reunir referenciais que circulavam em cidades maiores. Para mulheres negras, o cabelo é um elemento relevante na constituição da identidade e da autoafirmação. Segundo hooks (2005) e Freitas e Ferreira (2019), o cabelo crespo é um ato de resistência das mulheres negras contra a dominação racial, que defende padrões hegemônicos de beleza, em que o cabelo crespo não se encaixa. Não se trata somente de estética, mas de disputas culturais e políticas.

A mudança para Teodoro Sampaio também representou a constituição de uma rede de sociabilidade que proporcionou maior autonomia e deslocamentos pela cidade, foi nesse período que Emily se entendeu como uma mulher negra bissexual. A jovem morou somente um ano em Teodoro Sampaio, e em 2018 retornou para Sandovalina:

Quando eu voltei, eu voltei diferente, porque eu vivi tudo isso em Teodoro Sampaio, e aí em Sandovalina não me cabia. Era uma coisa, tipo assim: ‘Aqui tá a mesma coisa. Eu mudei, mas aqui tá a mesma coisa’. E foi quando eu comecei a fazer o Cursinho Rosa Luxemburgo aqui em Prudente e aí eu vinha todos os dias. Parecia que era uma busca de: “Ai, preciso sair de Sandovalina” [...] Sair de Sandovalina nem tanto pelo cursinho, mas pra viver mesmo, eu falei: “Sandovalina não dá mais, não me cabe” (Emily em entrevista, agosto de 2024).

Embora tenha vivido em duas cidades de mesma densidade urbana, o campo de possibilidades de Emily se ampliou em Teodoro Sampaio, o que fez com que Sandovalina já não se encaixasse em seus projetos de futuro. Quando retornou para sua cidade natal, ela sentiu que retrocedeu e, por já conhecer Presidente Prudente em função da sua importância na rede urbana regional, que polariza outras cidades do interior paulista, a jovem viu a oportunidade de buscar outras experiências de vida e de cidade.

Foi a partir de um Cursinho Popular, criado por estudantes da UNESP, que Emily teve contato com mais pessoas e também passou a frequentar festas universitárias. A jovem realizava deslocamentos pendulares entre Sandovalina e Presidente Prudente. Em 2018, decidiu mudar-se para Presidente Prudente, passou a dividir casa com uma amiga e arrumou um emprego. Emily tinha anseios por viver sua condição juvenil, nesse momento o marcador da idade tornou-se relevante em suas práticas espaciais, mas enquanto uma jovem empobrecida, que não dispunha de moratória social, tornou-se necessário encontrar um emprego para sobreviver e conciliar com os estudos e os *rolês* que queria realizar.

Emily também ingressou no Levante Popular da Juventude. Já tinha influências familiares na participação em movimentos sociais (sua mãe militou no Movimento Sem Terra), e foi com o Levante que ela viajou para cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O movimento social fez com que Emily entendesse a importância do marcador

de classe em sua vida, uma jovem secundarista que realizava atos com outras/os jovens em busca de transformação social.

Concomitante ao início de sua participação no movimento social, Emily se mudou da casa que dividia com a amiga, para uma república em que moravam três jovens negras, estudantes da UNESP: *“As meninas eram muito politizadas, bem feministas, participavam do movimento negro e defendiam ‘nós somos mulheres negras’.* *Era tudo muito intenso e para mim era incrível, eu tinha 17 anos e eu falava: ‘nossa, eu também sou!’”*. Foi o encontro com as jovens negras feministas, que levou Emily a participar do Coletivo Mãos Negras. Porém, a jovem não compreendia muito a “linguagem universitária” e por isso optou por prosseguir no Levante Popular da Juventude, em que se socializava com outras/os secundaristas.

A república em que Emily passou a morar foi onde o Slam Quilombo de Dandara começou a se formar. Alliblack era amiga das pessoas que moravam no local e encontrou apoio para constituir a coletiva. Distintas trajetórias juvenis se cruzaram nessa república. A criação da coletiva se expressou como um evento e, por estar inserida nesse espaço, Emily encontrou a cultura periférica. Pouco tempo depois, a jovem iniciou um relacionamento afetivo com Alliblack e sua ligação com o Slam se estreitou, passando a fazer parte da organização da coletiva.

A partir do encontro com o Slam e com Alliblack, as práticas espaciais de Emily passaram a ser orientadas pela cultura periférica e a jovem acessou espaços que, historicamente, foram negados às mulheres negras. Ela começou a trabalhar como DJ (além do trabalho CLT que possuía) e a tocar em diferentes locais de Presidente Prudente, como o Museu e o Sesc, que são majoritariamente frequentados por pessoas de médio e alto poder aquisitivo. Para além da cidade média, Emily também já divulgou seu trabalho artístico em outras cidades, como Belém (PA), São Paulo e Marília (SP). Ou seja, a cultura periférica modificou a trajetória de vida espacializada da jovem e seus projetos de futuro.

A trajetória de Emily destaca a importância dos espaços educativos formais e não formais, como o cursinho popular, a universidade e o movimento social, que influenciam nas redes de sociabilidade e nos entendimentos sobre si e sobre o mundo. O acesso à internet e outras mídias possibilitou que a jovem se aproximasse da cultura periférica. A vinda para uma cidade média, com uma cena cultural mais dinâmica, proporcionou o contato com os eventos. A partir desse acontecimento, um novo campo de possibilidades se apresentou à jovem.

Lav – “Sonhava em ser artista, hoje sou a prova de quem espera sempre alcança”⁶¹

Lav é uma mulher trans negra, o que implica em atravessamentos distintos das outras jovens da pesquisa. Desde criança, ela não se identificava com brinquedos e roupas consideradas “de menino”: “[...] eu sempre fui muito atraída pela feminilidade”. Embora tenha enfrentando desafios na busca pelo respeito de sua família, a sua casa foi um espaço importante na formação de sua identidade de gênero: “[...] eu pegava maquiagens da minha irmã, roupas escondidas, me vestia e ficava me olhando no espelho, eu sempre sonhei em ser uma artista, eu me identificava com o desenho, a atuação e a música”.

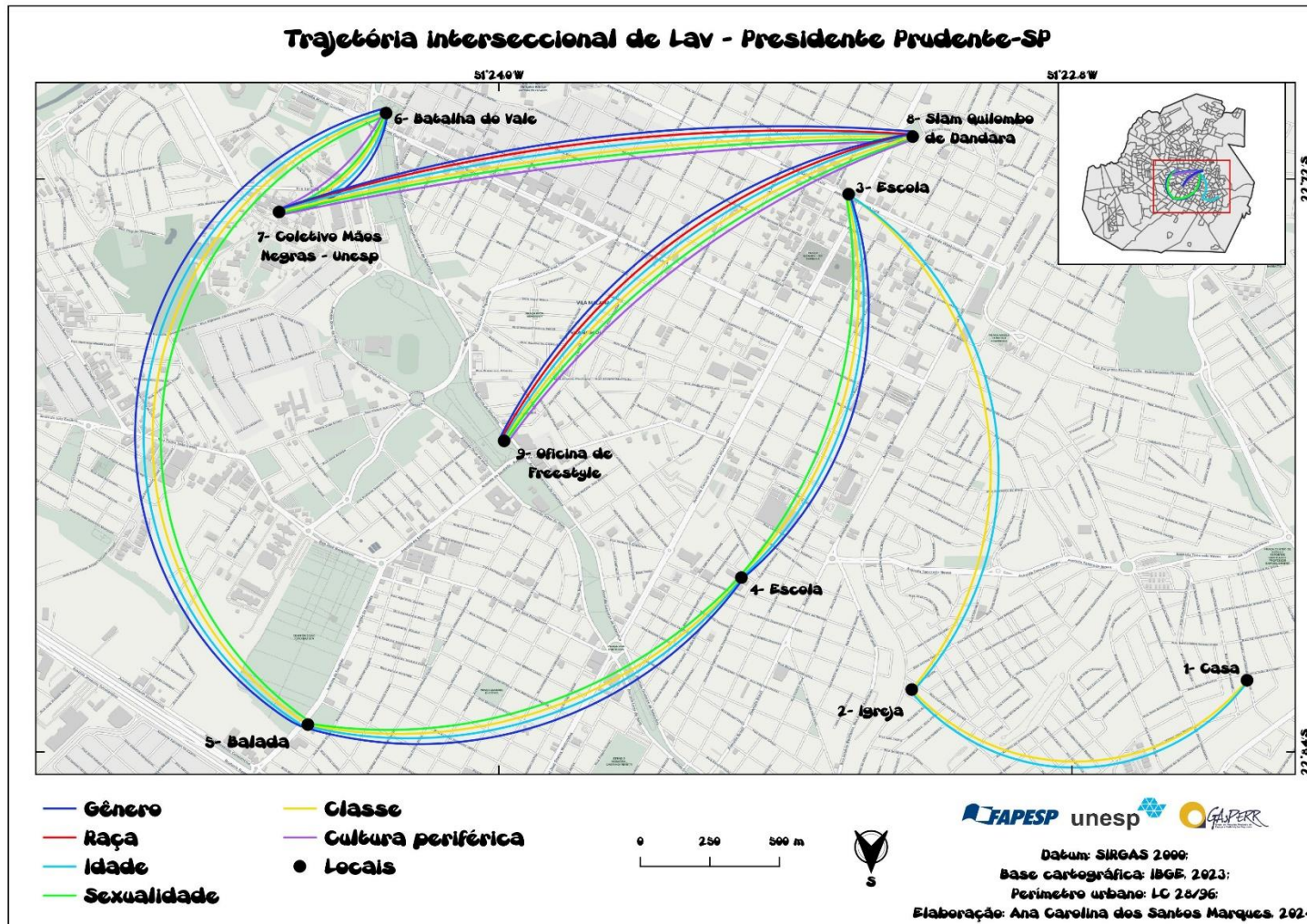
É a única jovem que elenca a igreja em sua trajetória: “Ainda criança eu comecei a cantar na igreja e eu fiz um amigo que não me discriminava. Eu ia na casa dele, jogava videogame e a gente ensaiava os louvor”. A igreja representou uma primeira possibilidade de cantar e lhe proporcionou o estabelecimento de uma amizade. O Mapa 21 apresenta sua trajetória.

Durante sua adolescência, Lav passou por três escolas em que sofreu LGBTQIAPN+fobia, sendo esse o motivo para tentar recomeçar em uma nova escola. Duas delas foram importantes para que se afirmasse como uma mulher trans, em meio a violências, a jovem teve que impor sua identidade na primeira escola: “[...] eu comecei a poder me expressar mais como pessoa, eu tinha o meu estilo próprio, era uma pessoa mais popular na escola, tinha respeito mesmo sendo feminina”. Porém, vivendo o espaço escolar de modo paradoxal, ela teve que mudar de instituição, após sua mãe ser “orientada” para isso.

Na segunda escola, quando Lav já possuía cerca de 18 anos, ela fez um grupo de amigos que a respeitavam e foram eles que a levaram ao encontro do rap e do skate: “[...] os moleques que faziam rap e andavam de skate, e eu comecei a me identificar muito com isso, eles viraram os meus melhores amigos e é aí onde começa a Lav dentro do hip hop, a gente saía da escola e ia pra casa de algum deles e ficava fazendo freestyle”. Segundo a jovem, os meninos eram discriminados por serem associados ao crime e ela era discriminada em função do gênero e da sexualidade, nessas vivências atravessadas por opressões, construíram uma rede de sociabilidade e solidariedade.

⁶¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cpvBeqhZe38>.

Mapa 21: Trajetória interseccional de Lav



Elaboração: a autora, 2024.

Nesse contexto, Lav frequentava baladas da cidade, em que havia espaço para se expressar em sua pluralidade. Até que a poeta encontrou as batalhas de rima e suas espacialidades se modificaram:

[...] eu comecei a frequentar a cena do Hip Hop, junto com os moleques, fazer mais letras com eles e foi muito incrível essa passagem deles na minha vida. Quando eu olhei para mim e falei que 'eu sou uma mulher trans, vou começar a me aceitar e a transicionar', eles foram as primeiras pessoas que eu contei e eles me acolheram muito, ninguém me reprimiu, eles me deram mais força (Lav em entrevista, dezembro de 2023).

O Hip Hop foi fundamental na constituição da identidade de Lav como cantora:

Meu primeiro vínculo foi com a Batalha do Vale, de eu começar a frequentar todo final de semana. No início eu ia como público, porque eu não me considerava boa e só tinha homem, eu ficava com medo, era diferente de fazer freestyle com meus amigos [...] mas eu dava rolê com a galera da organização e eles começaram a me incentivar a rimar, falavam que era muito necessário eu começar a batalhar, porque eu falava coisas que ninguém falava na batalha, seria um choque social (Lav em entrevista, dezembro de 2023).

Após meses frequentando a Batalha como público, Lav decidiu começar a competir, o que implicou em inúmeras violências por parte de MCs e da organização de outros coletivos de rima da cidade. Isso a afastou da cena entre 2020 e 2022. Quando retornou, Lav já estava com seu processo de aceitação mais avançado, ainda assim sofreu transfobia, diversas pessoas não aceitavam chamá-la de Lav e insistiam em utilizar seu antigo nome. Nos dias atuais, ainda negocia sua permanência nos espaços, de forma paradoxal, porém com um diferencial: “[...] agora eu não fico mais quieta, é uma briga de ideologia nas batalhas, e eu contesto a transfobia”.

Em sua trajetória, a jovem conheceu o Coletivo Mãos Negras através de amigas/os, em que se reconheceu como uma mulher negra, antes não refletia sobre raça:

“A minha identificação como pessoa preta começou com as vivências dentro da UNESP, quando eu ia nos rolê do Coletivo Mãos Negras, antes eu não aceitava por exemplo o meu cabelo [...] a UNESP me ajudou muito, inclusive no processo de transição, fez eu me identificar como mulher trans preta, porque a maioria das mulheres trans que eu conhecia eram brancas, e elas ainda conseguiam trabalhar dentro de um shopping” (Lav em entrevista, dezembro de 2023).

A partir do letramento racial, Lav começou a entender sobre as intersecções que a atravessavam e tornavam suas vivências mais vulneráveis que a de outras mulheres negras e mulheres trans não-negras, que também não estão em uma posição de privilégio social. A solidão da mulher negra é um tema que envolve as vivências da jovem, que se sente sexualizada e preterida.

Lav encontrou na poesia uma forma de expor as violências que sofre, ela começou a escrever na adolescência, mas foi na juventude que a escrita se fez mais presente. Quando conheceu o Slam Quilombo de Dandara, se sentiu respeitada: *“No Slam eu consigo realmente expressar tudo que eu quero falar, e às vezes a batalha me desestabiliza emocionalmente, eu não consigo expor tudo que eu sinto sabe?! Eu acho a batalha um ambiente um pouco mais hostil. O Slam ele já é mais acolhedor”*.

Mulheres poetisas de Presidente Prudente, como Alliblack, e de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro tornaram-se inspiração para ela. E havia MCs que também foram exemplo, Lav relata que assistiu um vídeo de Monna Brutal vencendo uma competição na Batalha da Aldeia e isso marcou sua trajetória: *“A Monna Brutal, uma mulher trans foi campeã e eu comecei a consumir os vídeos dela batalhando, eu me senti mais forte, na época eu ainda não transicionava, mas eu tive força de me identificar como trans”*.

Em 2022, Lav começou a integrar a organização da Oficina de Freestyle, uma batalha de rima que propõe incluir a diversidade de corpos. No coletivo aprendeu sobre produção cultural e estimulou outros corpos dissonantes a participar da cultura periférica. No entanto, a jovem ainda sofreu violências dos MCs que a desrespeitavam nos duelos, o que era repudiado pela organização.

Atualmente, Lav está investindo em sua carreira como cantora. Ainda não ganha dinheiro suficiente com a cultura, por isso trabalha como garçoneiro, objetivando ter recursos para financiar gravações em estúdio: *“No futuro eu quero estar em muitos palcos, palcos maiores do que os que eu já estive”*.

6.3 O contexto geográfico das cidades médias e da metrópole para as jovens mulheres negras da cultura periférica

O item 6.2 nos possibilitou compreender o movimento indissociável entre constituição de identidades e instituição de práticas espaciais, conforme as jovens traçaram suas trajetórias de vida espacializada, suas identidades tornaram-se afirmativas. Neste item refletimos sobre os contextos geográficos, “[...] o ponto de chegada ao qual as trajetórias biográficas nos conduzem, ou que desenham nas suas tramas [...]” (Turra Neto, 2024, p. 199-200), que estão em permanente movimento e foram construídos nas camadas de tempo e de espaço, ligando geografias singulares à urdidura.

As trajetórias interseccionais de nossas interlocutoras, são atravessadas por pontos partilhados: negras, mulheres, jovens, empobrecidas, artistas e sujeitas periféricas, que

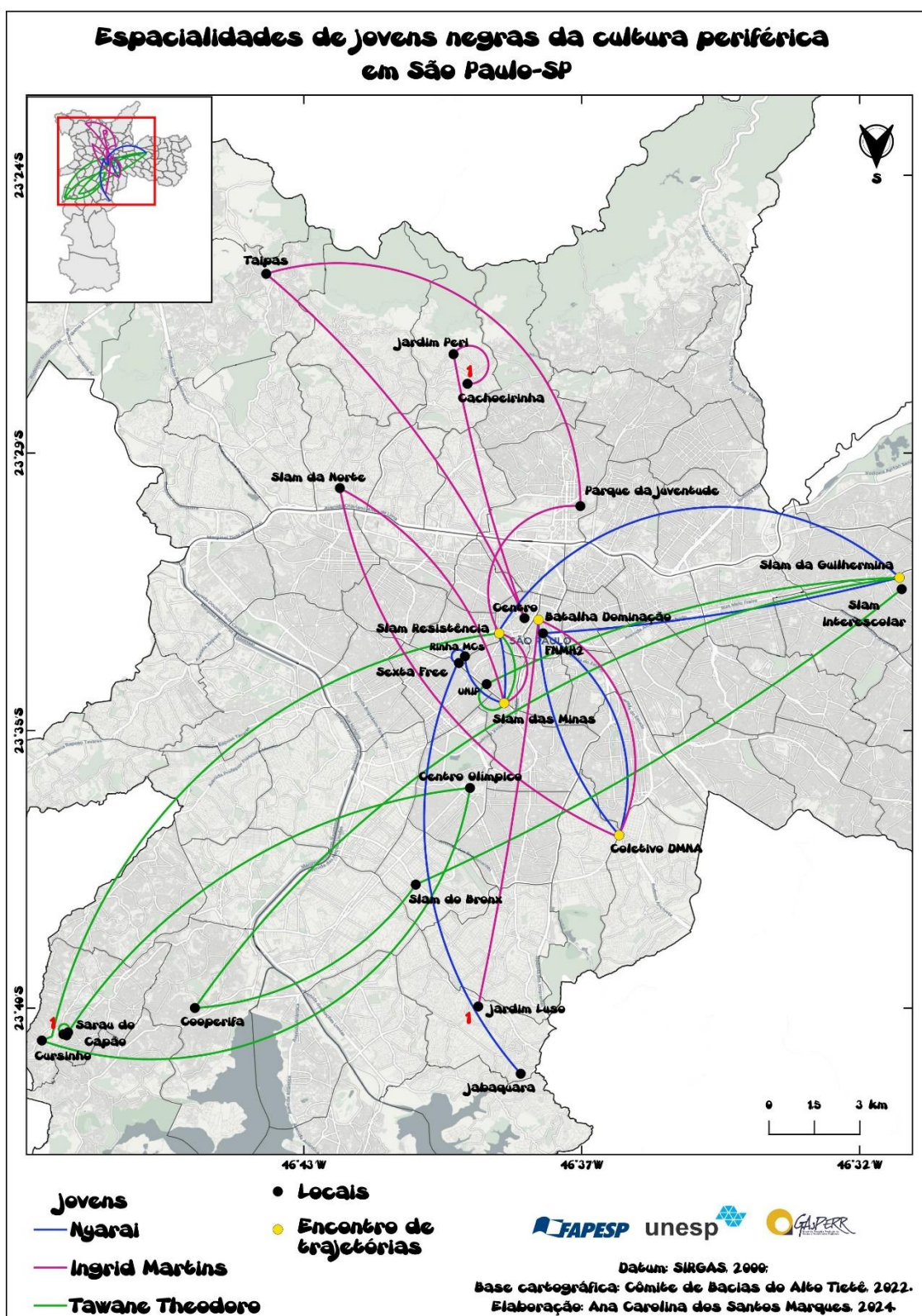
herdaram as desvantagens que estruturam a sociedade desde o período colonial e que nas periferias encontraram uma cultura que potencializa suas práticas espaciais e suas afirmações identitárias e lhes abrindo novos campos de possibilidades. Quando as jovens são de uma mesma cidade, suas trajetórias se entrelaçam em determinados espaços e, quando são de diferentes cidades, se relacionam por meio de acontecimentos comuns que impactam suas espacialidades, desde políticas públicas a movimentos sociais e culturais e aspectos ligados à ancestralidade. Os eventos (Hutchison, 2011) de suas vidas passaram por espaços de educação formal e não-formal, equipamentos culturais e coletivos culturais, que marcaram pontos de virada e transições.

Por meio das trajetórias de vida espacializada, evidencia-se as práticas espaciais das jovens são orientadas pela cultura periférica. Sem dúvidas, há outros espaços que foram importantes para que se constituíssem, mas, quando questionadas, as jovens elencam principalmente espaços ligados à cultura, pois são eles que lhes proporcionam desenvolver um letramento acerca das opressões que as atravessam e são também onde elas conseguem se expressar, onde se tornam artistas e alcançam posições de centro, ainda que de modo paradoxal.

Com base nos locais em que as trajetórias interseccionais das jovens se cruzaram, podemos compreender a estruturação do espaço geográfico, em termos de cultura e educação, e identificar os espaços da cidade que podem representar eventos e pontos de virada para as juventudes da cultura periférica. Vejamos os Mapas 22, 23 e 24 que reúnem as trajetórias nas cidades e nos indicam características da metrópole e das cidades médias. Os pontos amarelos representam a conexão entre trajetórias, entendemos esses espaços como terminais de conexão (Carrano, 1999; Turra Neto, 2008). Eles são responsáveis por formar redes de sociabilidade e alimentar o circuito da cultura periférica.

A partir do Mapa 22, observamos que as espacialidades das jovens paulistanas seguem diferentes movimentos, da periferia ao centro e entre periferias, com destaque para a área central de São Paulo, que congrega uma série de manifestações culturais, conforme demonstramos no Capítulo 3. A trajetória de Ingrid Martins começou nas periferias da zona norte e atualmente a jovem reside na zona sul. Nyarai tem as periferias da zona sul como seu locus, passando por Jabaquara, Grajaú e Cidade Ademar, mas é no centro que materializa sua coletiva. Tawane é cria da zona sul, onde concentra suas ações, o centro foi importante para sua constituição, mas é nos trajetos entre periferias que dissemina a cultura periférica em escolas.

Mapa 22: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em São Paulo



Elaboração: a autora, 2024.

A Batalha Dominação, o Coletivo DMNA, o Slam da Guilhermina, o Slam Resistência e o Slam das Minas são os terminais de conexão. No entanto, se ampliamos para pensar nas práticas espaciais de outras/os jovens, locais como a Cooperifa, a Sexta Free, o Sarau do Capão e o Slam da Norte também se expressam como terminais. É também o caso do Slam Interescolar, que possui uma escala de atuação mais ampla em comparação aos outros coletivos, pois conecta a trajetória de inúmeras/os estudantes da rede pública de ensino à cultura periférica.

A influência dos Slams Resistência, Guilhermina e das Minas remonta ao contexto geográfico de 2016, quando tais coletivos estavam em seu auge, assim como a cena dos slams. Eles representaram o início da trajetória de uma série de poetas, para além das jovens da pesquisa. Os vídeos publicados no Youtube pelo Resistência e Guilhermina alcançaram jovens de diversas partes do Brasil e se tornaram referência na cultura periférica. E a Slam das Minas proporcionou acolhimento para que outras mulheres se sentissem à vontade para recitar.

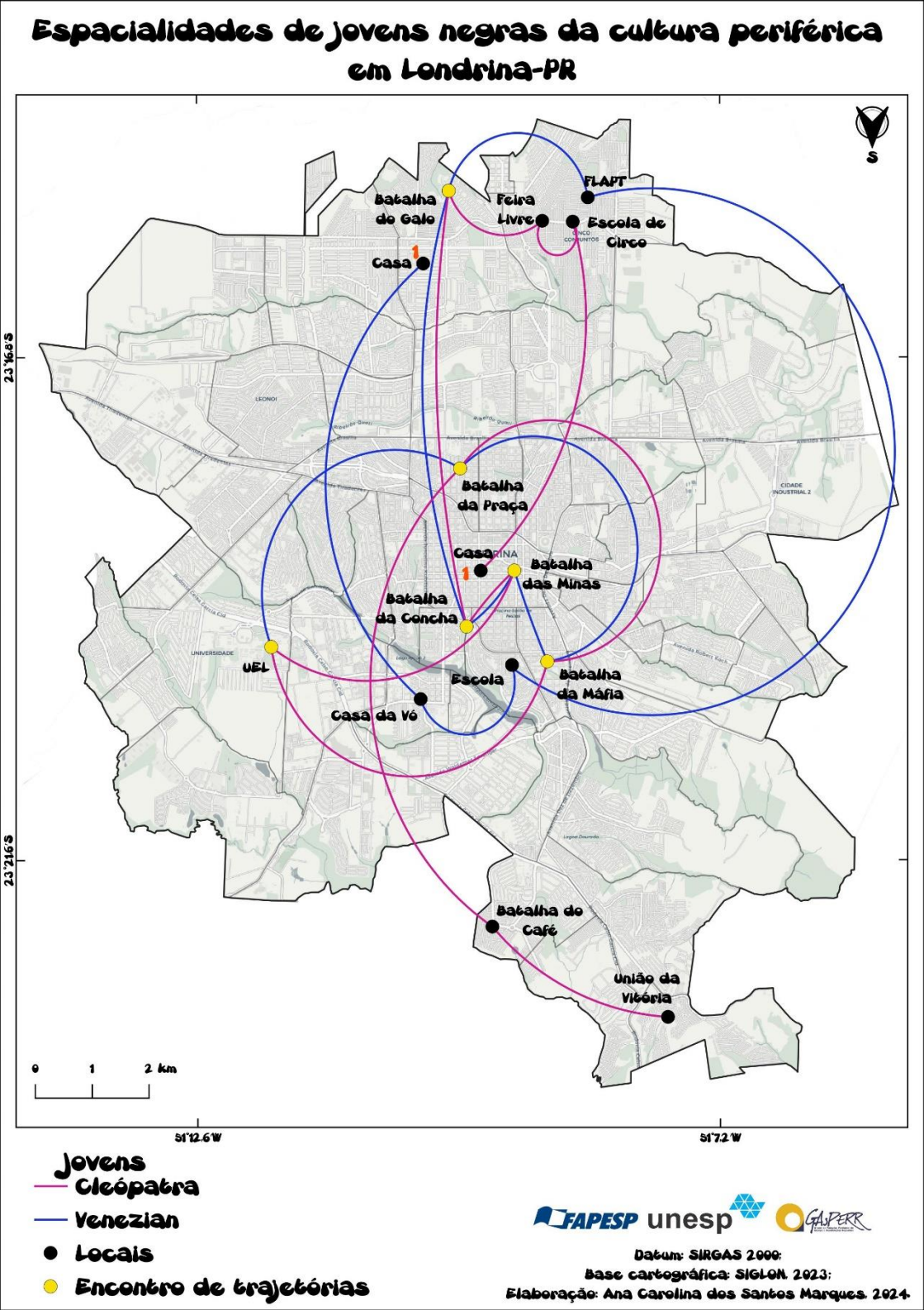
As trajetórias das jovens periféricas exaltam o campo de possibilidades mais amplo que existe em São Paulo para elas e para a cultura periférica. Ingrid Martins, Nyarai e Tawane Theodoro possuem a arte como sua principal fonte de renda. A partir de contatos que constroem em suas redes, elas conseguem trabalhos com cachê, publicam livros, lançam músicas, realizam apresentações pagas em SESC e Casas de Cultura, e são contempladas por diferentes editais culturais, como o VAI e o Programa de Fomento à Cultura da Periferia.

Os editais públicos de fomento à produção cultural foram fundamentais para a consolidação da cultura periférica na metrópole, a partir deles se tornou factível viver de cultura e se inserir no circuito de produção e circulação capitalista (Oliveira, 2021). É necessário salientar que, embora consigam viver da cultura, as jovens paulistas estão sujeitas à precarização do trabalho, considerando que não possuem vínculos empregatícios, direitos trabalhistas e garantias de renda. Conforme salientado por Tawane Theodoro, há trabalhos que demoram algumas semanas para pagar o cachê e sempre é necessário ficar gerenciando o dinheiro, pois em cada mês os ganhos financeiros mudam. Ao discorrer acerca das relações de trabalho em projetos culturais periféricos, com foco no VAI, Caires (2021) constatou que não há uma alteração da informalidade das/os produtoras/es culturais, que continuam vivendo um cenário de insegurança e flexibilização de seus trabalhos, as/os jovens ficam suscetíveis às instabilidades de aprovação dos editais e da própria gestão financeira dos recursos.

A metrópole também possui um circuito econômico alternativo e solidário, marcado pela dinamicidade. As/Os jovens levam seus livros e fanzines para comercializar nos eventos dos coletivos, há gravadoras e editoras independentes que se propõem a financiar produções de artistas periféricas/os, além da venda de alimentos e bebidas. A Batalha Dominação foi uma das coletivas em que mais encontramos pessoas autônomas vendendo seus trabalhos, desde bijuterias a cosméticos. No Sarau do Capão, comumente, as/os artistas convidadas/os para apresentações levam seus livros e oferecem ao público. Nesse movimento, as/os periféricas/os consomem o trabalho de pessoas que estão no mesmo *corre*, criando uma rede de solidariedade e uma vertente do circuito inferior da economia urbana.

O Mapa 23 apresenta as especialidades das jovens de Londrina.

Mapa 23: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em Londrina



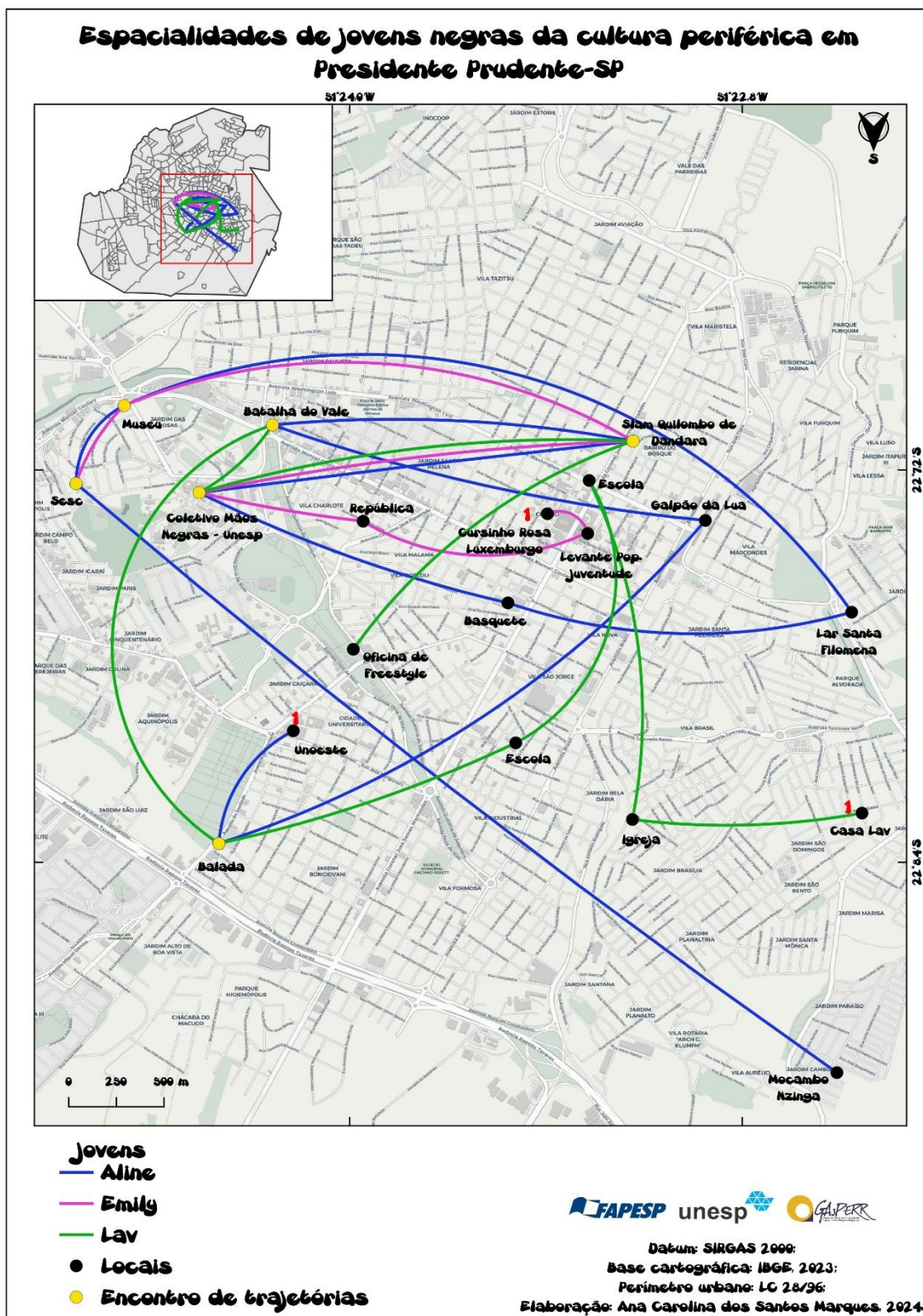
Elaboração: a autora, 2024.

Em Londrina, as trajetórias das jovens cruzam a cidade, em dinâmicas entre periferias e centro-periferia. Os terminais de conexão de Londrina são sobretudo as batalhas de rima, sendo elas: Galo, Praça, das Minas, Concha e Máfia. As periferias das zonas norte e sul destacam-se, diferente das zonas oeste e leste, em que a cena da cultura periférica não possui uma longa história. Os equipamentos culturais e projetos sociais são relevantes na cena, como a Vila Cultural Flapt! e a Escola de Circo, que demarcam um outro caminho para as/os jovens periféricas/os, diferente daquele ligado ao crime e à violência. São espaços de educação não-formal que utilizam a cultura periférica como uma forma de se aproximar da realidade das crianças, adolescentes e jovens, demonstrando o que é feito, principalmente, nas periferias paulistanas.

Na realidade londrinense, a UEL emerge como um terminal de conexão importante, que existe independente da cultura, mas que assume tal característica a partir da entrada de jovens artistas que passam a produzir conhecimento também no espaço acadêmico. O ingresso de Cleópatra e Venezian na universidade representa a busca pelo rompimento da transmissão geracional de desigualdades raciais, de gênero e de classe, a que historicamente foram submetidas. Isso marca uma transição (Hutchison, 2011) em suas vidas. Em meio à escassez de editais culturais nas periferias e o menor campo de possibilidades de viver da arte e da cultura em Londrina, a entrada na universidade é vista como uma forma de ascensão social e econômica. Nesse contexto, possuem trabalhos paralelos e cursam graduação, o que as impede de se dedicar à produção cultural como as jovens paulistanas.

Presidente Prudente possui um contexto similar a Londrina quando refletimos sobre os campos de possibilidades da cultura periférica, embora Londrina possua uma cena cultural mais dinâmica, conforme exploramos nos capítulos 3 e 4. O Mapa 24 representa as espacialidades das jovens de Presidente Prudente.

Mapa 24: Espacialidades das jovens negras da cultura periférica em Presidente Prudente



Elaboração: a autora, 2024.

Diferente de São Paulo e Londrina, as trajetórias das jovens em Presidente Prudente se concentram na área central, com exceção de alguns espaços, como a residência de Lav, o Mocambo Nzinga e o Lar Santa Filomena, localizados “além” da ferrovia. Esse contexto aponta para a importância que o centro ainda possui na cidade e para os desencaixes entre situação geográfica e identificação com a periferia, que também foram observados a partir dos Mapas 8 e 13. Há um destaque da área central e pericentral para os coletivos da cultura periférica, mas também como local de residência de jovens. Não ocupar a situação geográfica da periferia não implica em ausência de barreiras sociais, pois a condição urbana periférica (Sposito, 2024) persiste para as jovens, bem como os marcadores sociais e identitários.

Entre os terminais de conexão em Presidente Prudente estão: Batalha do Vale, Museu, Sesc, Slam Quilombo de Dandara e Coletivo Mãos Negras⁶², nestes dois últimos espaços, as trajetórias das três jovens se entrecruzam. Evidencia-se a importância do contato entre universidade (na figura de um coletivo negro) e a comunidade, considerando que as três jovens nunca foram estudantes da UNESP, mas frequentaram o Mãos Negras, que foi imprescindível para que se reconhecessem como mulheres negras. O Coletivo é uma expressão do Movimento Negro Educador (Gomes, 2017) em Presidente Prudente, atuou entre 2012 e 2022 e marcou o processo de letramento racial crítico de diversas/os jovens negras/os dentro da UNESP e fora dela.

A Batalha do Vale também exerce um importante papel como terminal de conexão, pois marcou a volta das batalhas de rima na cidade e estimulou a criação de outros coletivos, seja como inspiração ou como ruptura à predominância de homens e circulação de discursos sexistas. Há ainda aqueles espaços que não conectaram trajetórias, mas foram imprescindíveis para o contato das jovens com a cultura periférica, como o Galpão da Lua, e espaços de educação formal e não-formal como o Cursinho Rosa Luxemburgo e o Levante Popular da Juventude.

As jovens de Londrina e Presidente Prudente não têm a arte como seu principal trabalho, embora busquem isso com o lançamento de músicas, álbuns e clipes, financiados com o dinheiro oriundo de seus trabalhos paralelos e que guardam com muito esforço. As cidades médias possuem editais culturais, mas que são insuficientes para garantir a manutenção dos coletivos ao longo do ano. Meneses (2024, p. 3) investigou as

⁶² Documentário sobre a história do Coletivo disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Stld2zwOxTA>.

relações entre trabalho musical e as políticas culturais e afirma que, embora sejam editais bem-intencionados, estabelecem parâmetros abstratos de avaliação, como criatividade, inovação e originalidade e são permeados por precarização, informalidade e flexibilização: “[...] as ações parecem negligenciar as condições reais de trabalho dos músicos”.

Ao longo da tese, caracterizamos as cenas culturais e destacamos distinções entre as cidades médias, neste ponto é possível pensar também nas similaridades que formam os contextos geográficos e assumem especificidades no plano particular. Nas páginas seguintes, para além dos espaços, pensaremos propriamente na urdidura em que as trajetórias das jovens ocorreram e ainda ocorrem. Tratam-se de fios estruturantes que provocam desdobramentos nas cidades médias e na metrópole, conforme a especificidade da densidade urbana, mas que partem de um ponto em comum: *a reconfiguração das periferias a partir dos anos 1990, com a emergência da cultura periférica*.

Turra Neto (2024) elenca seis processos que estão ligados a esse ponto de virada nas periferias, alimentando-o e sendo fomentado por ele:

1- *Desregulamentação e precariedade do mercado e trabalho*, que contribui para a ausência do referente trabalho na vida de jovens e a sua entrada para o grupo do “novo precariado”;

2- *Políticas de transferência de renda*, como Bolsa Família e PMCMV;

3- *Pacificação das periferias de São Paulo* pelo crime organizado;

4- *Difusão da cultura periférica* que constituiu sujeitas/os periféricas/os;

5- *Ampliação do acesso à universidade*, por meio da Política de Cotas e do Programa Universidade para Todos (PROUNI);

6- *Criação de políticas públicas de fomento à cultura*, como o Programa VAI, o PROAC e os Pontos de Cultura.

As trajetórias de vida espacializada de nossas interlocutoras se desenharam nesse novo contexto histórico e geográfico, que é mais intenso na metrópole, mas também reverbera nas cidades médias. Para as jovens, o referente que as conecta deslocou-se do universo do trabalho e se territorializou no urbano, na periferia (D'Andrea, 2020). Segundo Telles (2006), o trabalho não deixou de ser uma dimensão estruturante da vida social, mas a precarização da experiência em uma sociedade neoliberal de circuitos globalizantes, impactou nas promessas de progresso social. As/Os jovens: “[...] entraram num mundo já revirado, em que o trabalho precário e o desemprego já compõem um

estado de coisas com o qual têm que lidar, e estruturam o solo de uma experiência em tudo diferente da geração anterior” (Telles, 2006, p. 176).

Nesse cenário, as políticas culturais podem implicar em maior flexibilização do trabalho e da experiência urbana, e as jovens, principalmente da metrópole, estão constantemente “se virando” para poderem viver da arte. Enquanto que nas cidades médias, as possibilidades de “viração” são mais escassas, assim as sujeitas buscam os trabalhos paralelos e outras profissões na universidade.

Na metrópole, as/os sujeitas/os periféricas/os tem fortes referências de atuação dos movimentos sociais nas periferias, em que as suas histórias ainda são propagadas como inspiração para novas lutas. Nas cidades médias esse contexto é diferenciado, não há uma forte referência de atuação dos movimentos sociais periféricos. Embora os grupos tenham existido, as interlocuções são menos presentes, o que pode ser explicado pelo menor valor dos aluguéis nas periferias ou pela presença de políticas habitacionais mais efetivas, ainda que não o suficiente.

A ampliação do acesso às universidades marcou transições na vida das jovens. Por exemplo, Alliblack e Tawane Theodoro cursaram graduações em instituições privadas por meio de bolsas de estudo. No âmbito das universidades públicas, a Política de Cotas, que começou a vigorar em instituições federais em 2012 (instituições estaduais já possuíam reserva de vagas desde o início dos anos 2000), foi fundamental para que pessoas negras ingressassem no ensino superior, como é o caso de Cleópatra e Venezian. Uma epistemologia periférica (D’Andrea, 2022), que já vinha sendo construída nas periferias brasileiras, ganhou mais substância quando essas sujeitas adentram o espaço universitário e estabeleceram fissuras na estrutura por dentro.

Além dos processos listados por Turra Neto (2024), a partir dos fios biográficos de nossas interlocutoras, consideramos que outros elementos da urdidura foram fundamentais para constituir o contexto geográfico da cultura periférica de São Paulo, Londrina e Presidente Prudente, e para ampliar o campo de possibilidades das jovens. Elencamos cinco processos:

1- *Movimento Negro*: as ações desenvolvidas pelo Movimento Negro foram fundamentais para jovens se reconhecerem como negras/os e acessarem espaços que lhes foram historicamente negados. O Movimento Negro é um conjunto diverso de agentes (individuais e institucionais) que possui uma unicidade: a luta antirracista e a busca por justiça social (Santos, 2013). Gomes (2017) caracteriza o movimento como educador, que produz saberes emancipatórios e constrói positivamente a identidade negra. A Política de

Cotas é uma conquista do movimento, que tem participação também na elaboração de políticas culturais, como a criação da Lei de Fomento à Cultura da Periferia em São Paulo. O Coletivo Mãos Negras, também está ligado ao Movimento Negro e foi imprescindível para Alliblack, Emily e Lav. Desse modo, principalmente após a década de 1990, as ações do movimento se ampliaram, contribuíram na reconfiguração das periferias e possibilitaram letramento racial para as/os jovens;

2- *Movimentos feministas*: com o maior alcance das ações dos movimentos feministas, especialmente por meio da internet, as jovens reuniram aportes e passaram a atuar contra a hegemonia dos homens nos espaços e contra as discriminações de gênero. A poesia “Eu não queria ser feminista” de Tawane Theodoro é um exemplo da luta feminista e do poder da palavra na denúncia de problemas sociais. O letramento não é proporcionado necessariamente por meio de bibliografias sistematizadas, mas comumente pela internet, onde acessam *posts* em redes sociais, vídeos e fóruns de debate. A criação de coletivas é um reflexo da identificação das desigualdades e das violências de gênero, o que leva as jovens a estabelecerem novas redes de apoio e sociabilidade, que continuam fomentando os debates feministas, com o diferencial de que acontecem por meio da cultura. E em um duplo movimento, elas também enegrecem o feminismo.

3- *Criação de projetos sociais*: a criação de equipamentos culturais nas periferias brasileiras foi fundamental para o contato de jovens com a cultura, como a Fábrica de Cultura do Capão Redondo, a Vila Cultural Flapt! e o ponto de cultura Galpão da Lua. Outro elemento imprescindível foi a criação de projetos sociais, especialmente aqueles ligados à educação, mas que utilizam a cultura como recurso de ensino, como os cursinhos populares. Embora alguns deles sejam criados sob a justificativa da “prevenção à violência” (Feltran, 2014), para as jovens da pesquisa possibilitaram acesso à educação e ao projeto de futuro de ingressar em uma universidade. O Cursinho Popular Carolina de Jesus foi determinante na trajetória de Tawane Theodoro e de Jéssica Campos, assim como o Cursinho Rosa Luxemburgo foi importante para Emily Souza. Eles abrem um novo campo de possibilidades para as/os jovens periféricas/os;

4- *Difusão da internet e utilização das redes sociais*: desde o início da cultura periférica, as/os artistas optaram pelos circuitos alternativos de circulação de suas produções, principalmente o Hip Hop. A partir da maior difusão da internet nas periferias (que ainda não alcança todas as pessoas), a cultura começou a utilizar a ferramenta para divulgação dos trabalhos. Conforme Simão (2010), as interações *on-line* alargaram as fronteiras do Hip Hop e expandiram os circuitos de sociabilidade, o que também ocorreu

para os saraus e slams. Com a utilização das redes sociais, como *Youtube*, *Facebook* e *Instagram*, as fronteiras culturais se tornaram mais fluídas, mesclando contextos e escalas (Aderaldo e Raposo, 2016), o que possibilitou que a cultura periférica se propagasse pelo Brasil. Os vídeos de batalhas de rima e slams que aconteciam em São Paulo, foram fundamentais para que as jovens de Londrina e Presidente Prudente se aproximassem da cultura, se inspirando em mulheres que rimavam e recitavam na metrópole. Na década de 1990 e início dos anos 2000, os CDs, DVDs e o canal MTV conectaram jovens ao Hip Hop, como é o caso de Alliblack, Nyarai e Ingrid Martins. Enquanto nos anos 2010, as redes sociais assumiram o protagonismo na difusão da cultura periférica, Alliblack se inspirou nos vídeos de Carol Dall Farra, Kimani e Luz Ribeiro; Tawane Theodoro assistia Luz Ribeiro e Mel Duarte; Lav acompanhava Monna Brutal; e, nesse movimento, construíram uma identidade periférica transescalar. E não somente as redes sociais foram importantes, mas também a existência das poetisas e rappers negras citadas, que já trilhavam um caminho na cultura periférica e representaram um horizonte para as jovens das cidades médias e da própria metrópole.

5- *Competições nacionais e estaduais*: a criação de seletivas, concursos e campeonatos de rap e slam conectaram jovens de diferentes cidades e estados, consolidando um circuito estadual e nacional de manifestações da cultura periférica. Esses eventos são responsáveis por projetar artistas nas cenas culturais e possibilitar que saltem escalas para além da cidade que residem. Na articulação de cidades, as/os jovens estabelecem redes de sociabilidade e realizam interlocuções sobre suas identidades que se fazem em diferentes locais. Alliblack participou de um Concurso de Slam em São Paulo em 2022, onde encontrou Ingrid Martins e Tawane Theodoro. Cleópatra ganhou uma seletiva estadual e garantiu uma vaga para a Batalha da Aldeia, que realiza transmissão do evento para todo o Brasil e fora do país. Nyarai já realizou eventos em Presidente Prudente e participou do Slam Quilombo de Dandara. As competições se expressam como terminais de conexão de ampla escala.

* * *

Nos processos discutidos, o contexto geográfico da metrópole e das cidades médias se constitui, possuindo a cultura periférica como orientadora. Resistindo às dificuldades impostas pela precarização do trabalho e buscando acessar novos espaços

por meio de políticas públicas de cultura, educação e habitação, as jovens seguem no caminho da cultura periférica.

Elas reúnem referenciais dos processos listados, que não eram possíveis para as gerações anteriores da cultura, mas que também são resultado do acúmulo de suas ações e das ações das/os primeiras/os praticantes da cultura. Nesse movimento, seus campos de possibilidades são mais amplos que em outros coortes, mas ainda enfrentam os desafios impostos por uma produção desigual das cidades, por suas identidades e pela própria densidade urbana. Em suas práticas espaciais insurgentes, as jovens continuam elaborando o contexto geográfico e ampliando seus campos de possibilidades, ações que também proporcionarão que as futuras gerações usufruam de conquistas do presente. Nas elaborações, realizam suas juventudes e modificam o espaço urbano.

Contudo, é importante frisar que as trajetórias interseccionais trazidas aqui não podem ser tomadas como percursos que seriam os mais usuais entre jovens periféricas/os, e especialmente entre jovens mulheres negras, cujos atravessamentos e conexões também as/os conduzem para tantos outros caminhos distantes da arte, da cultura e da afirmação identitária. Quantas/os jovens periféricas/os têm limitados horizontes de possibilidades, que compõem contextos geográficos que as/os aprisionam a trabalhos informais e precarizados, violências, criminalidade e morte? Jovens que não conseguem instituir uma periferia vivível.

6.4 Jovens mulheres negras nas cidades fragmentadas

As jovens mulheres negras, cujas vidas foram aqui narradas, instituem espacialidades paradoxais, entre o centro e a margem, que se realizam em cidades cada vez mais segmentadas pelo processo de fragmentação socioespacial. Assim elas constroem suas identidades e suas práticas espaciais em São Paulo, Londrina e Presidente Prudente.

As dualidades perseguem essas jovens: centro-periferia, centro-margem, homem-mulher, negro-branco, enriquecido-empobrecido e fragmentação-unidade. Porém, as interseccionalidades não são duais, mas múltiplas, complexificando as experiências urbanas, que precisam ser interpretadas para além das dicotomias, pois: “a liberdade de ir e vir nos é permitida, mas não com a integridade e a segurança [...]” (Berth, 2023, p. 157).

Pensar nas trajetórias de vida espacializada de nossas interlocutoras e interpretar como suas práticas espaciais se relacionam com as lógicas socioespaciais demonstra a

importância da cultura periférica na busca por cidadania e por projetos de futuro que lhes proporcionem afirmação, expressão e a possibilidade de trabalhar com o que anseiam: arte e cultura. Ora suas práticas espaciais se associam mais à uma lógica e ora à outra.

Em todas as cidades, o centro ainda é determinante nas práticas espaciais das interlocutoras. As jovens são uma reminiscência da lógica centro-periferia, mas contribuem para a emergência de outro contexto geográfico, as periferias já não possuem a mesma dependência do centro. O rompimento com elementos histórico-geográficos da geração anterior, como o referente trabalho, também caracteriza esse movimento. As jovens não se deslocam para o centro para trabalhar e voltam para a casa somente para dormir, mas sim para fazer e consumir cultura, ainda que para algumas a cultura seja um trabalho e para outras, ocasionalmente, possa ser um trabalho pelo qual recebem um cache. Na lógica do trabalho intermitente, precário e informal, que assola a geração atual, os trabalhos como produtoras culturais e poetisas estão na economia da viração (Telles, 2006).

Para além de suas práticas espaciais em uma lógica centro-periferia, elas também reforçam o padrão a partir da consciência periférica, defendendo a periferia independentemente de onde vão e marcando uma oposição à cultura de centro e ao próprio centro, considerando as desigualdades nele presentes. Um movimento em que dialogam a consciência, a identidade e a epistemologia periféricas (D'Andrea, 2022). Trata-se de “fazer periferia” no centro.

As suas trajetórias também são uma síntese da sobreposição de lógicas socioespaciais, pois ao mesmo tempo que marcam uma permanência do padrão centro-periferia, elas expressam as dificuldades impostas pela fragmentação socioespacial, tendo que lidar com uma série de cerceamentos e realizar deslocamentos sem qualidade em cidades com mobilidade precária. Segundo direcionamentos de Sposito (2024), a emergência de uma nova lógica não apaga a sua condição urbana periférica.

Além das barreiras socioespaciais que as jovens enfrentam, elas também possuem práticas espaciais orientadas pelo processo de fragmentação socioespacial, que se associam às dimensões do trabalho e da educação, sobretudo as jovens das cidades médias que possuem trabalhos formais diferentes da carreira artística, como é o caso de Lav, que se desloca para a área pericentral para trabalhar como garçoneiro ou fazer *freelances*; e de Venezian, que sai da periferia da zona norte e se desloca até a zona oeste para chegar na UEL, o que impõe a necessidade de comprar um carro popular para conseguir realizar os

trajetos casa-educação-trabalho no tempo hábil, para não se atrasar para nenhum dos compromissos.

Nessa discussão, uma questão emergiu, pois estamos considerando que os deslocamentos para o acesso à cultura são insurgentes, mas para as jovens paulistanas que trabalham com cultura, os deslocamentos seguem sendo disruptivos? Defendemos, que, em parte, sim. Eles são condicionados pela fragmentação à medida que são realizados em função de trabalhos precarizados, sob uma lógica neoliberal que segmenta as cidades. Quando ocorrem na lógica centro-periferia, assemelham-se às vivências das gerações anteriores, em que o referente principal era o trabalho. Porém, a disrupção ainda é um elemento dessas práticas espaciais, porque: a cultura torna-se um trabalho somente após o encontro com ela, que ocorre de forma insurgente; os “resultados” desse trabalho produzem contraposições à fragmentação socioespacial, pois estimulam práticas espaciais juvenis pela cidade; e ele também ocorre em um movimento periferia-periferia, como é o caso de Tawane Theodoro, conectando diferentes espaços e incentivando a formação de novas/os sujeitas/os periféricas/os.

Mesmo nas cidades fragmentadas, a cultura periférica é responsável por unir e insurgir no movimento periferia-periferia. O Slam Quilombo de Dandara realiza ações no Mocambo Nzinga. A Batalha da Máfia frequenta escolas de Londrina para divulgar o Hip Hop, em uma parceria com o projeto Freestyle de Rua. O Sarau do Capão, nos períodos itinerantes, transita por espaços culturais e públicos da zona sul. E a Batalha Dominação, em projetos culturais aprovados para financiamento, realizou edições em bibliotecas públicas de São Paulo.

Ressaltamos que pensar as insurgências não se trata de romantização das experiências urbanas incompletas das jovens. Há jovens que, em suas trajetórias de vida espacializada, deixam de participar da cultura periférica justamente pelos desafios encontrados e pela necessidade de trabalhar. No entanto, a maioria ainda busca permanecer nesse caminho enquanto são jovens e utilizam a identidade periférica como força motriz, em que seu pouco tempo disponível é destinado ao consumo da cultura periférica.

Portanto, as jovens são a expressão da tensão e da sobreposição de lógicas socioespaciais, em que suas oportunidades são definidas pelos contextos geográficos existentes e pelos próprios limites das densidades urbanas, como também pelas suas insurgências que reconfiguram as possibilidades. É a dimensão do acaso do espaço

geográfico (Massey, 2004; 2008) que permite aberturas, devires coetâneos e o anseio por campos de possibilidades cada vez mais amplos.

Nesse conjunto de acontecimentos, a identidade periférica transescalar conecta jovens negras da cultura periférica de diferentes periferias, mas que possuem histórias em comum, marcadas pelas interseccionalidades, pela herança da colonialidade e pela condição juvenil. Elas transitam entre o centro e a margem, questionam e desestabilizam essas posições e tornam suas periferias vivíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa ofereceu uma leitura de cidades contemporâneas, no contexto da fragmentação socioespacial, abordando a produção capitalista do espaço urbana sob a ótica da experiência de jovens mulheres negras da cultura periférica. Relacionamos as práticas espaciais, desenvolvidas no âmbito da cultura periférica e atravessadas por interseccionalidades, com as estruturas socioespaciais da metrópole São Paulo e das cidades médias de Londrina e de Presidente Prudente, no intuito de identificar os condicionantes e as insurgências. As três cidades oferecem direcionamentos para pensar em outras realidades urbanas, considerando que nos permitam a compreensão do contexto geográfico dos acontecimentos da cultura periférica.

Destacamos a importância de uma leitura interseccional da produção das cidades, em que os marcadores sociais e identitários influenciam na experiência urbana das/os sujeitas/os, como raça, classe, gênero, sexualidade e idade. Refletir sobre a dialética entre espaço e interseccionalidades, nos levou ao entendimento da cultura periférica enquanto um eixo identitário, que marca um ponto de virada nas interseccionalidades ao possibilitar a positivação dos outros marcadores sociais, não os associando somente a opressão, mas destacando que também podem ser potência. A partir do reconhecimento de suas identidades na cultura, as jovens buscam tornar suas periferias vivíveis.

Os circuitos culturais e geográficos constituídos pelas coletivas da cultura periférica em São Paulo, Londrina e Presidente Prudente revelam expressões de centralidades cambiantes nas cidades, em que os fluxos de jovens convergem para diferentes manifestações culturais. Tais acontecimentos disruptivos à ordem hegemônica, implicam em apropriação dos espaços públicos, que ocorre mediante enfrentamentos, seja com a polícia, com a vizinhança ou com o poder público. Nessas expressões de centralidade geradas e enfatizadas, cria-se centro de vida cultural na periferia e leva-se a periferia ao centro.

A Batalha Dominação usufrui e reforça a centralidade do centro principal de São Paulo, promovendo deslocamentos centro-periferia. O Sarau do Capão fica mais circunscrito às periferias da zona sul, destacando a autonomia da produção cultural e a emergência de deslocamentos orientados pelo movimento periferia-periferia. A Batalha da Máfia reforça o padrão centro-periferia. O Slam Quilombo de Dandara demonstra a atuação da lógica centro-periferia em Presidente Prudente. E nesses contextos, a lógica fragmentária atravessa as experiências urbanas das/os jovens, intensificando a

segmentação da morfologia urbana e a mobilidade urbana precária. Em síntese, nas suas formas de acontecer nas cidades, as coletivas expressam a produção desigual e contraditória do espaço urbano, em que as/jovens enfrentam desafios na instituição de práticas espaciais insurgentes, realizando mais contornamentos do que propriamente rompimentos.

Comparando as três cidades da pesquisa, vemos a cultura periférica em seus limites e potencialidades, de acordo com a densidade urbana. Há dinâmicas similares entre as cidades, que demonstram que não há uma hierarquia rígida entre as formações com exportação de processos metropolitanos para as cidades médias, pelo contrário, os processos podem se generalizar, mas também se particularizam e se singularizam. Em suma, a cultura periférica se expressa como uma contratendência à fragmentação socioespacial, mesmo que seja produzida e reproduza esse processo. As/os jovens apropriam-se dos espaços, rompem com barreiras socioespaciais nos deslocamentos pela cidade em busca de cultura e promovem encontros e sociabilidade.

No que se refere às trajetórias interseccionais espacializada das jovens negras da pesquisa, a partir representação cartográfica proposta, observamos que as sujeitas/periféricas expressam a coexistência de lógicas socioespaciais, com forte reminiscência do padrão centro-periferia. Os seus campos de possibilidades são definidos pelos contextos geográficos de suas cidades e suas práticas espaciais são orientadas pela cultura periférica, em que o encontro com essa cultura marca a posituação de suas identidades e reconfigura seus contextos e campos de possibilidades. Assim, podemos afirmar que as sujeitas também são agentes da produção do espaço urbano, ao modificarem seus contextos geográficos iniciais, somando novos elementos à urdidura e buscando criar novas possibilidades.

A partir do processo de investigação, teorização e interpretação construído ao longo dos seis capítulos, em nossa tese defendemos que as práticas espaciais da cultura periférica ocorrem em meio a tensões e contradições no espaço urbano, em que ora reforçam a lógica centro-periferia, ora a lógica fragmentária, sintetizando a sobreposição e tensão entre ambas. Porém, são *insurgentes* e questionam a estruturação desigual das cidades, fazendo *emergir um movimento periferia-periferia*, que consiste em práticas espaciais da margem, desenvolvidas entre as periferias na contraposição e combinação das lógicas hegemônicas. Esse movimento pode ser pensado como resultado da fragmentação socioespacial e como contido nela, mas que também a ela se opõe e marca

rupturas aos condicionantes do processo, na medida em que conecta diferentes periferias da mesma cidade, ao invés de segmentá-las.

Nas insurgências às desigualdades do espaço urbano, as/os jovens buscam estabelecer redes de sociabilidade, compartilhando experiências e buscando tornar suas *periferias vivíveis por meio da arte*. Historicamente, as periferias foram pensadas sob a ótica da precariedade, do crime e da escassez, mas, a partir da cultura periférica, as/os sujeitas/os periféricas/os reconfiguram o imaginário sobre esses espaços, valorizando sua posição geográfica e social e exaltando as periferias como *espaços vivíveis*, em que é possível sonhar com outras possibilidades de vida.

Nas dinâmicas relacionadas à cultura periférica, é possível reconhecer também a existência de uma *identidade periférica transescalar*, que extrapola a delimitação espacial de uma única periferia ou cidade. Os espaços são heterogêneos e plurais, porém, a cultura periférica articula jovens de diferentes periferias de uma mesma cidade e também entre cidades, que carregam o *referente periferia*, que por sua vez exalta a posição de margem social, política e geográfica no mundo. Os deslocamentos pela cidade e entre cidades, são fundamentais para a interlocução das/os jovens e consolidação da *identidade periférica transescalar*, no entanto, as trocas e disseminação da cultura periférica também ocorrem por meio da internet, que possibilita que jovens que não tem a oportunidade do encontro físico, compartilhem referenciais do que é ser periférica/o na contemporaneidade.

Nas interlocuções com as coletivas, as/os jovens reconhecem as similaridades entre periferias, entre as quais estão: heranças da colonialidade, articulação com ideias de movimentos sociais (Negro, feministas, LBTQIAPN+ e outros), enfrentamentos com o poder público, reivindicação do direito à cidade, práticas espaciais insurgentes, produção cultural, busca por cidade e projetos de futuro ligados à arte. Assim, *compartilham os mesmos referenciais do que é ser periférica/o e, em um uníssono, por meio de raps e poesias, demonstram as vivências nas quebradas, atualizando uma frase clássica do rapper brasileiro GOG: “periferia é periferia em qualquer lugar”*.

Em relação às jovens mulheres negras, nossas interlocutoras, defendemos que o *espaço geográfico é um dos marcadores que constitui suas identidades*, pois é onde as sujeitas traçam suas práticas espaciais e, por sua vez, os espaços interferem na forma que cada marcador social confronta suas experiências espaciais. *A cultura periférica também se expressa como um eixo identitário que constitui as interseccionalidades, mas sob o*

viés da afirmação, pois é a partir dela que as jovens positivam os outros marcadores sociais, que comumente as oprimem.

Por fim, *as densidades urbanas participam da produção do campo de possibilidades das jovens e da própria cultura periférica*. As urdiduras em que as trajetórias interseccionais são traçadas, demonstram que os mesmos processos presenciados na metrópole, se expressam nas cidades médias, em intensidades e ritmos diferentes, apontando que não há uma oposição entre as cidades, pois se tratam de formações socioespaciais iguais. As diferenças se manifestam nos limites e potências de cada densidade urbana onde os fios das vidas das jovens são tecidos.

Os elementos elencados demonstram que, embora existam estruturas espaciais e ordens hegemônicas de poder que produzem desigualdades, há sujeitas/os produzindo insurgências que, nos planos individual e coletivo, modificam suas trajetórias de vida espacializadas e constroem novos campos de possibilidades. Essa leitura interseccional do espaço urbano, destaca que os processos geográficos não podem ser lidos somente sob o viés de classe, mas devem contemplar a diversidade de sujeitas/os que compõem a sociedade e a cidade.

Por meio da cultura periférica e das dinâmicas discutidas, as práticas espaciais juvenis e insurgentes também ressignificam a experiência de juventude das/os sujeitas/os. Os projetos de futuro a partir da arte, demonstram que as/os jovens não se contentam com as possibilidades estruturais oferecidas para as juventudes empobrecidas brasileiras. No caso das jovens mulheres negras, a busca por uma experiência de juventude mais autônoma realiza-se a partir da cultura. Na busca por romper com a transmissão geracional de desigualdades estruturais e no anseio de viver de sua arte, elas passam a organizar coletivas, que envolvem o desenvolvimento de outras práticas espaciais, diferente daquelas impostas.

Esse movimento rompe com experiências juvenis restritas à educação e ao trabalho, é a reivindicação da autonomia, do lazer e da sociabilidade. Os referenciais de movimentos sociais, o ingresso nas universidades, a formação de coletivas e redes de apoio e a maior criticidade sobre suas identidades são pontos de virada que implicam na instituição de espacialidades autônomas. A partir do acesso aos campos de possibilidades da cultura periférica, as sujeitas periféricas continuam buscando novos espaços, agora com mais aportes e experiências urbanas. A margem se consolida como abertura.

No processo de pesquisa, não foi possível apreender toda a complexidade da vida das sujeitas e as dimensões empíricas, como consumo e trabalho. Nosso objetivo foi

ousado, assim como os recortes espaciais de estudo. Mas nesse ponto reside a potência, olhar para diferentes locais e estabelecer acontecimentos distintos e comuns, que oferecem aportes no entendimento das cidades contemporâneas.

As conclusões apresentadas na tese dizem respeito à cultura periférica e às jovens negras. Relacionamos este tema com dimensões como lazer, mobilidade e habitação, porém, não de modo aprofundado, o que implica na elaboração de novas pesquisas, considerando a multiplicidades de processos que constituem outros planos analíticos. Infelizmente, também não foi possível entrevistar três jovens que organizam as coletivas que integraram a pesquisa, em função de incompatibilidade de agenda e compromissos de trabalho das sujeitas: Jéssica Campos, do Sarau do Capão, e Preta Mar e Dayo, da Batalha da Máfia. Salientamos a importância delas para todas as ações abordadas ao longo da tese.

Como direcionamentos para pesquisas futuras, consideramos pertinente investigar as práticas espaciais de outros coletivos da cultura periférica, não necessariamente formados por mulheres, e que possuem maior abrangência de público nas cidades investigadas. Trabalhar com as quatro coletivas da pesquisa, em três cidades distintas, nos possibilitou conclusões válidas e importantes, que se adequaram ao nosso intuito de atribuir protagonismo à atuação de jovens mulheres negras na cultura periférica. Todavia, inferimos que as práticas espaciais desencadeadas por coletivos maiores e geralmente formados por homens são mais intensas e extensas, tendo em vista que os homens enfrentam menos barreiras socioespaciais na ocupação dos espaços, comparado às mulheres, sobretudo negras.

A cultura periférica nos mostra que a vida pública pulsa nas periferias, que se tornaram espaços de produção de arte e conhecimento ao longo da história, produzindo insurgências, resistências e potências. A cultura reposicionou nossas interlocutoras e possibilitou a constituição de outras espacialidades e campos de possibilidades. E até mesmo a paradoxalidade do espaço geográfico se expressa como abertura, em que a partir dos referenciais adquiridos, o direito à cidade é cada vez mais pautado em suas trajetórias interseccionais.

Salientamos que as interpretações aqui tecidas não são definitivas, as/os jovens estão em constante mudança e construção de identidades, assim como suas coletivas culturais e a própria cidade. No processo dos quatro anos de pesquisa, tivemos a oportunidade de acompanhar o crescimento artístico de nossas interlocutoras, que lançaram álbuns, livros e videocliques, e o crescimento das coletivas, que foram

contempladas por editais culturais, realizaram eventos em parceria e conquistaram mais públicos.

Finalizamos esse ciclo com devolutivas importantes para as jovens. Os mapas da centralidade das coletivas foram enviados para as organizadoras e tiveram bons *feedbacks*. Os materiais poderão ser utilizados no portfólio dos grupos e na elaboração dos projetos para editais culturais, sendo possível demonstrar a importância de cada coletiva na cidade. Um projeto cultural para concorrer ao PROAC foi escrito para a Batalha Dominação, que já tem planos para construção de novas propostas. Diversos projetos foram elaborados para o Slam Quilombo de Dandara, desde 2022, com aprovação de quatro financiamentos, dentre eles o “Prêmio Cultura Viva Construção Nacional do Hip-Hop 2023” do governo federal, e o “Cultura Viva do Tamanho do Brasil! Premiação de Pontos de Cultura”, no âmbito municipal, que reconhecer a coletiva como um ponto de cultura em Presidente Prudente.

Portanto, as jovens negras vêm traçando outras trajetórias de vida espacializada, produzindo cultura periférica e refletindo sobre outros projetos de cidade. Nesse movimento elas não estão sozinhas, mas sim em coletivas, onde compartilham identidades, vivências e anseios com outras mulheres negras, mas também com as juventudes que compõem os públicos. No tensionamento das lógicas socioespaciais, produção de cultura e desenvolvimento de práticas espaciais insurgentes, as sujeitas participam da formação de uma *identidade periférica transescalar*, que ressignifica a posição de margem e contribui para a construção de *periferias vivíveis* para si e suas/seus semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Guilherme; RAPOSO, Otávio. Deslocando fronteiras: novas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 22, n. 45, p. 279-305, 2016.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**, Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- AMORIM FILHO, Oswaldo; SERRA, Rodrigo Valente. Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional. In: ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente (org.). **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000.
- AMORIM, Wagner Vinicius. **A produção social do espaço urbano em Londrina - PR**: a valorização imobiliária e a reestruturação urbana. 2011. 287 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2011.
- BANERJEA, Niharika; BROWNE, Kath. **Liveable lives: living and surviving LGBTQ equalities in India and the UK**. Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2023.
- BARATA-SALGUEIRO, Teresa. **Lisboa, periferia e centralidades**. Oeiras: Celta Editora, 2001.
- BARBOSA, Jorge. Palestra do Prof. Dr. Jorge Barbosa (PPGEO/UFF) - I Seminário de Pesquisa Juventudes e Cidade. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 1, n. especial, p. 1-6, 2013.
- BARROS, Miriam *et al.* **Atlas Ambiental da cidade de Londrina**. Londrina: UEL, 2008. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/atlasambiental/>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em movimento**: a ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- BEIDACK, Andréa Rodrigues dos Santos; FRESCA, Tânia Maria. Reestruturação urbana e novas centralidades: um estudo sobre a zona norte de Londrina-PR. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 29, n. 2, p. 147-163, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/bolgeogr.v29i2.9898>.
- BENTO, Maria Aparecida. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. 169 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, São Paulo, 2002.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100002>.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa**: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BONDUKI, Nabil; ROLNIK, Raquel. Periferia da Grande São Paulo: reprodução do espaço como expediente de reprodução da força de trabalho. In: MARICATO, Erminia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2. ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982. p. 117-154.

BORTOLOZZO, Gabriela. **Espaço em movimento**: as práticas poéticas-políticas-sociais dos Slams mobilizando representações e paradoxos espaciais. 2021. 574 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2021.

BRUM, Eliane. **Os novos antropófagos**: Artistas da periferia de São Paulo lançam sua própria Semana de Arte Moderna. 2007. Disponível: <http://elianebrum.com/reportagens/os-novos-antropofagos/>. Acesso em: 25 out. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAIRES, Mariana de Sousa. Projetos culturais periféricos: as relações de trabalho no Programa VAI. In: OLIVEIRA, Dennis de (org.). **Periferias insurgentes**: ações culturais de jovens na periferia de São Paulo. São Paulo: Instituto Estudos Avançados, 2021. p. 76-106.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidades de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34/Edusp, 2000.

CALIXTO, Maria José Martinelli. Da lógica centro-periferia à lógica socioespacial fragmentária em uma cidade média. **Mercator**, Fortaleza, v. 20, e. 20028, p. 1-18, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2021.e20028>.

CAMACHO, Vitor Augusto Luizari. **Problematizando mudanças espaciais e temporais entre os censos dos anos de 2000 e 2010**: Os mapas da exclusão/inclusão social de Presidente Prudente/SP. 2013. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2013.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de *et al.* **São Paulo 1975**: Crescimento e Pobreza. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

CAPRON, Guénola; HERNÁNDEZ, María Teresa Esquivel. El enclave urbano, lógica socioespacial de la periferia urbanizada y sus efectos sobre a segregación residencial y a

fragmentación urbana. **Cuadernos de Geografía**, Bogotá, v. 25, n. 2, p. 125-149, jul./dez. 2016. DOI: <https://doi.org/10.15446/rcdg.v25n2.54720>.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A metrópole de São Paulo no contexto da urbanização contemporânea. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 303-314, 2009.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2018.

CAROS Amigos Especial. **Literatura Marginal**: a cultura da periferia: ato I. São Paulo, 2001.

CARRANO, Paulo. **Angra de tantos reis**: práticas educativas e jovens tra(n)çados da cidade. 1999. 460 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Florianópolis, 1999.

CARRANO, Paulo. **Jovens, escolas e cidades**: desafios à autonomia e à convivência. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 12, n. 6, p. 7-22, 2011.

CASSAB, Clarice. Refazendo Percursos: considerações acerca das categorias jovens e juventudes no Brasil. **Perspectiva**, Erechim, v. 34, n. 128, 2010.

CASSAB, Clarice. “Cidade estranha, sabes que existo?”: o jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: FERNANDES, Maria Lídia Bueno; LOPES, Jader Janer; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. (org.). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**: temas, fronteiras e conexões. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021. p. 237-264.

CATALÃO, Igor de França. **Diferença, dispersão e fragmentação socioespacial**: explorações metropolitanas em Brasília e Curitiba. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; CORRÊA, Gabriel Siqueira. Questão étnico-racial na geografia brasileira: um debate introdutório sobre a produção acadêmica nas pós-graduações. **Revista da Anpege**, v. 10, n. 13, p. 29-58, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5418/RA2014.1013.0002>.

CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia cultural: passado e futuro – uma introdução. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Manifestação da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 49-58, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a Geografia Cultural**. 2009. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 05 abr. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: RIBEIRO, Matilde. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. p. 7-16.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. **Maapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas**". 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitas e sujeitos periféricos. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 39. n. 1, p. 19-36, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.25091/S01013300202000010005>.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, São Paulo, n. 9, p. 119-126, 2011.

D'ALVA, Roberta Estrela. SLAM: voz de levante. **Rebento**, São Paulo, n. 10, p. 268-286, jun. 2019.

DALCASTAGNÈ, R. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. **Iberic@l**, Paris, n. 2, set./dez. 2012.

DAL POZZO, Clayton Ferreira. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente**. 2015. 400 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Presidente Prudente, 2015.

DATA Favela. 2023. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/estudos/#>. Acesso: 26 jun. 2024.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. Angela Davis: "**Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimento com ela**". [Entrevista concedida a] Alê Alves. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 24 maio 2024.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 24, p. 40-52, 2003.

DUARTE, Diego Elias Santana. **Sarau do Binho VIVE!** Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica. 2015. 237 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. El orden metropolitano contemporáneo: entre la fragmentación y la interdependencia. In: DUHAU, Emilio; GIGLIA, Angela. **Metrópoli, espacio público y consumo**. México, FCE, 2016. p. 27-62.

EBLE, Taís Aline; LAMAR, Adolfo Ramos. A literatura marginal/periférica: cultura híbrida, contra-hegemônica e a identidade cultural periférica. **Especiaria - Caderno de Ciências Humanas**, v. 16, n. 27, p. 193-212, 2015.

ELEMENTO, Coletivo. **Hip Hop Vive!:** especial a mulher no Hip Hop. 2020. Disponível em: <https://quintoelemento011.wixsite.com/portfolio/downloads>. Acesso em: 13 dez. 2023.

FELIX, João Batista de Jesus. **Chic Show e Zimbabwe e a construção da identidade nos bailes black paulistanos**. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FELIX, João Batista de Jesus. **Hip hop:** cultura e política no contexto paulistano. 2005. 206 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. O valor dos pobres: a aposta do dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, 2014.

FERNANDES, José Alberto V. Rio. Muitas vidas tem o centro e vários centros tem a vida de uma cidade. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: CEGOT, 2013. p. 31-43.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.

FREIRE, Rebeca Sobral. **Hip-hop feminista?** Convenções de gênero e feminismos no movimento hip-hop soteropolitano. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2018.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de; FERREIRA, Diocleide Lima. De estigma a emblema: cabelo, autorreconhecimento e resistência entre jovens universitárias negras. **Crítica e Sociedade**, Uberlândia, v. 9, n. 2, p. 117-147, 2019.

FRESCA, Tânia Maria. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 11, n. 11, p. 241-264, 2002. DOI: <https://doi.org/10.5433/2447-1747.2002v11n2p241>.

FRESCA, Tânia Maria. A área central de Londrina: uma análise geográfica. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 143-166, 2007.

FRESCA, Tânia Maria; OLIVEIRA, Edilson Luis. Sessenta anos de verticalização em Londrina/PR. **Anpege**, v. 11, n. 16, p. 85-121, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5418/RA2015.1116.0005>.

FRÚGOLI JR., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.

GALDINO, Claudio Francisco. **A população negra em Londrina**: as interfaces entre violência e educação. 2017. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. *In*: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 3-21.

GEERTZ, Clifford. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 58-63, 1989.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Espaço público, espaços públicos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 20, n. 44, p. 115-119, 2018. DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2018.v1i44.a27557>.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; RIBEIRO, Leticia Parente. Espaços públicos como lugares da política. **Geografares**, Vitória, n. 26. p. 5-11, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1982.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. A geografia desde-dentro nas relações étnico-raciais. *In*: NUNES, Marcone Denys dos Reis; SANTOS, Ivaneide Silva dos; MAIA, Humberto Cordeiro Araújo (org.). **Geografia e ensino**: aspectos contemporâneos da prática e da formação docente. Salvador: EDUNEB, 2018. p. 67-94.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras & geografias negras. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, edição especial, p. 292-311, 2020.

GUIMARÃES, Leandro da Silva. Periferia e espaços periféricos: notas gerais. **Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, v. 10, n. 13, p. 109-118, 2015.

GREGORY, Helen. **Texts in Performance**: Identity, Interaction and Influence in U.K. and U.S. Poetry Slam Discourses. 2009. 387 f. Tese (Doutorado em Filosofia e Sociologia) - University of Exeter, Reino Unido, 2009.

HALL, Stuart. Cultural identity and diaspora. *In*: RUTHER-FORD, Jhonatan (org.). **Identity: community, culture, difference**. Londres: Lawrence and Wishart, 1990. p. 222-237.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais dos nossos tempos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade?. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103-133.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, v. 5, p. 7-41, 1995.

HIERNAUX, Daniel; LINDÓN, Alicia. La periferia: voz y sentido en los estudios urbanos. **Papeles de Población**, México, v. 10, n. 42, 2004.

HOLSTON, James. **Cidadania insurgente: disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

hooks, bell. **Alisando nosso cabelo**. 2005. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em 26 ago. 2024.

hooks, bell. **Anseios: raça, gênero e políticas culturais**. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019b.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 10. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

HUTCHISON, Elizabeth D. A life course perspective. *In*: HUTCHISON, Elizabeth D. **Dimensions of human behavior: The changing life course**. Thousand Oaks: Sage Publications, 2011. p. 1-38.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de Influência das Cidades**: 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais de 2023: Uma análise das condições de vida da população brasileira 2023**. 2023.

Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102052.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

KOWARICK, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **La produccion del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEGROUX, Jean. A lógica urbana fragmentária: delimitar o conceito de fragmentação socioespacial. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 22, n. 81, p. 235-248, 2021. DOI: <http://doi.org/10.14393/RCG228155499>.

LEGROUX, Jean; SPOTIO, Maria Encarnação Beltrão. Favelas: o ser e o estar da/na cidade, entre fragmentação e apropriação. 2024. No prelo.

LENCIONI, Sandra. Metropolização no Brasil. In: SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes *et al.* (org.). **Geografia e conjuntura brasileira**. Rio de Janeiro: Consequência, 2017. p. 169-183.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191-203, 1992.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 15, p. 2-11, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2041>

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

MAGRINI, Maria Angélica; CATALÃO, Igor. Direito à cidade e consumo: contradições e convergências. In: GÓES, Eda Maria *et al.* **Consumo, crédito e direito à cidade**. Curitiba: Appris, 2019. p. 133-158.

MANIFESTO PERIFÉRICO. 2014. Disponível em: <https://forumdeculturadazonaleste.blogspot.com/p/manifesto-periferico.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

MARCUS, George E. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de la etnografía multilocal. **Alteridades**, Cidade do México, v. 11, n. 22, p. 111-127, 2001.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: MARGULIS, Mario (org.). **La juventud es más que una palabra**: ensaios sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30.

MARICATO, Erminia (org.). **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial**. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. **Mulheres negras nas batalhas de rima de Londrina – PR: um estudo geográfico**. 2019. 84 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2019.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. **As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR)**. 2021. 230 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2021.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Niterói, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MAUTNER, Yvonne. A periferia como fronteira de expansão do capital. In: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2015. p. 245-259.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. In: MBEMBE, Achille. **Necropolítica seguido de Sobre el gobierno privado indirecto**. Espanha: Melusina, p. 17-75, 2011.

MCCALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Signs**, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

MCDOWELL, Linda. Women/gender/feminisms: doing feminist geography. **Journal of Geography in Higher Education**, Inglaterra, v. 21, n. 3, p. 381-400, 1997.

MCDOWELL, Linda. **Gender, identity and place: understanding feminist geographies**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

MENESES, João Luís dos Santos. Entre a racionalidade neoliberal e o ócio: reflexões teóricas sobre políticas culturais e trabalho musical. In: Congresso da ANPPOM, 34, 2024, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: ANPPOM, 2024. p. 1-11.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistémica. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de (org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: ‘um discurso sobre as ciências’ revisitado**. 2. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2004. p. 667-710.

MIGNOLO, Walter D. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. Um manifesto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Sigle del Hombre, 2007. p. 25-46.

MIOTTA, Marli Aparecida. **O hip-hop na cena londrinense: práticas de uma poética da voz e do corpo**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. Por uma interpretação socioantropológica da nova literatura marginal. **Plural**, São Paulo, v. 12, p. 21-46, 2005.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. **É tudo nosso!** Produção cultural na periferia paulistana. 2011. 213 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

NAVEZ-BOUCHANINE, Françoise (org.). **La fragmentation en question: des villes entre fragmentation spatiale et fragmentation sociale ?** Paris: L'harmattan, 2002.

OBERHAUSER, Ann M. *et al.* Engaging feminist spaces: introduction and overview. In: OBERHAUSER, Ann M. *et al* (org.). **Feminist Spaces: gender and geography a global context**. Londres: Routledge, 2018. p. 1-24.

OLIVEIRA, Denilson Araujo de. Colonialidade, biopolítica e racismo: uma análise das políticas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. In: CRUZ, Valter do Carmo; OLIVEIRA, Denilson Araujo de (org.). **Geografia e giro descolonial: experiências, ideias e horizontes de renovação do pensamento crítico**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. p. 77-116.

OLIVEIRA, Denilson Araujo de. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: a 'Pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. In: ENANPEGE, 13, 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2019, p. 1-15.

OLIVEIRA, Denilson Araújo de. A questão racial brasileira: apontamentos teóricos para compreensão do genocídio negro. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 73-98, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. Insurgências culturais e políticas e a emergência do intelectual periférico. In: OLIVEIRA, Dennis de (Org.). **Periferias insurgentes: ações culturais de jovens na periferia de São Paulo**. São Paulo: Instituto Estudos Avançados, 2021. p. 13-53.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Geografias das Juventudes - Apresentação. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 9-12.

ORTIZ, Anna; PRATS, Maria; BAYLINA, Mireia. Procesos de apropiación adolescente del espacio público: otra cara de la renovación urbanística en Barcelona. **Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles**, n. 65, p. 37-57, 2014.

OYÊWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. **Escritos à margem: a presença de escritores de periferia na cena literária contemporânea**. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PAULO, Filipe Gomes. A cultura está em toda parte: uma visão geográfica. **GeoPUC**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 20, p. 48-64, 2018.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2019.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France. Fragmentación espacial y social: conceptos e realidades. **Perfiles Latinoamericanos**, México, n.19, p. 33-56, dez. 2001.

PRÉVÔT-SCHAPIRA, Marie-France; PINEDA, Rodrigo Cattaneo. Buenos Aires: la fragmentación en los intersticios de una sociedad polarizada. **Eure**, Chile, v. 34, n. 103, p. 73-92, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidade/racionalidade. **Perú Indígena**, Peru, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências**. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón. (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 93-128.

RACIONAIS MC'S. **Sobrevivendo no inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RAPPAPORT, Joanne. Mas allá de la escritura: la epistemología de la etnografía en colaboración. **Revista Colombiana de Antropología**, Bogotá, v. 43, p. 197-229, 2007. DOI: <https://doi.org/10.22380/2539472X.1108>.

REDE Nossa São Paulo. **Mapa da Desigualdade de São Paulo – 2023**. 2024. Disponível em: <https://institutocidadessustentaveis.shinyapps.io/mapadesigualdadesaopaulo/>. Acesso em: 07 maio 2024.

REGUILLO, Rossana. **Emergência de culturas juvenis: estratégias de desencanto**. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juvenis: um campo de estudo; breve agenda para la discusión. In: FÁVERO, Osmar *et al.* **Juventude e contemporaneidade**. Brasília: UNESO, MEC, ANPED, 2007. p. 47-72.

REN, Xuefei. The peripheral turn in global urban studies: theory, evidence, sites. **South Asia Multidisciplinary Academic Journal**, n. 26, p. 1-9, 2021. DOI: <https://doi.org/10.4000/samaj.7413>.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.817974>.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Young lesbians negotiating public space in Manresa: an intersectional approach through places. **Children's Geographies**, Inglaterra, v. 13, n. 4, p. 413-434, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/14733285.2013.848741>.

RODRIGUES, Patrícia. **Mulheres são as que mais usam transporte público no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidade-para-que/mulheres-sao-as-que-mais-usam-o-transporte-publico-no-brasil/#:~:text=Mulheres%20somam%2052%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,deslocamento%20do%20que%20as%20brancas>. Acesso em: 22 jul. 2024.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros: Etnicidade e Cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Estudos Afroasiáticos**, Rio de Janeiro, n. 17, 1989.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo: o planejamento da desigualdade**. São Paulo: Fósforo, 2022.

ROSE, Gillian. **Feminism & geography: the limits of geographical knowledge**. Cambridge: Polity Press, 1993.

ROSE, Gillian. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1191/030913297673302122>.

ROXO, Rafael; GÓES, Eda Maria. O espaço público sob a lógica fragmentária: práticas espaciais, novas distinções e insurgências. **Cidades**, Chapecó, v. 15, n. 25, p. 55-79, 2023. DOI: <https://doi.org/10.36661/2448-1092.2023v15n25.13709>.

SALVI, Bruno Fantin. **Para além da praça!:** a Batalha do Vale e a educação das juventudes de Presidente Prudente (SP). 2023. 215 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2023.

SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Cultura. **Lei nº 13.540, de 24 de março de 2003**. Institui o Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI - no âmbito da Secretaria Municipal de Cultura e dá outras providências. São Paulo: Câmara Municipal, 2003. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13540-de-24-de-marco-de-2003>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SÃO PAULO, Secretaria de Estado da Cultura. **Lei nº 12.268, de 20 de fevereiro de 2006**. Institui o Programa de Ação Cultural – PAC, e dá providências correlatas. São Paulo: Assembleia Legislativa, 2006. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2006/lei-12268-20.02.2006.html>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SÃO PAULO, Prefeitura Municipal. Lei nº 16.496, de 20 de julho de 2016. Institui o Programa de Fomento à Cultura da Periferia de São Paulo. São Paulo: Câmara Municipal, 2016. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16496-de-20-de-julho-de-2016>. Acesso em: 06 dez. 2023.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista De Geografia**, São Paulo, v. 54, p. 81-100, 1977.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

SANTOS, Milton. **Metrópole corporativa fragmentada**: o caso de São Paulo. São Paulo: Nobel/Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

SANTOS, Renato Emerson dos. O ensino de Geografia do Brasil e as relações raciais: reflexões a partir da Lei 10.639. In: SANTOS, Renato Emerson dos (org.). **Diversidade, espaço e relações sociais**: o negro na Geografia do Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, p. 21-40, 2007.

SANTOS, Renato Emerson dos. O movimento negro brasileiro e sua luta anti-racismo: por uma perspectiva descolonial. **Yuyaykusun**, Peru, v. 6, p. 15-30, 2013.

SANTOS, Jaqueline Lima. **Negro, jovem e hip hopper**: história, narrativa e identidade em Sorocaba. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2011.

SANTOS, Tais Evandra de Carvalho Teles dos. **Juventude Negra**: Interseccionalidade entre raça e gênero no espaço urbano de Presidente Prudente- SP. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2015.

SANTOS, Célio José dos. **Geografias insurgentes**: práticas espaciais e a luta pela autonomia da juventude negra e periférica em Salvador. 2022. 335 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

SCHMID, Julie Marie. **Performance, poetics, and place**: public poetry as a community art. 2000. 164 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - University of Iowa, 2000.

SEADE, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Índice Paulista de Vulnerabilidade Social**. 2010. Disponível em: https://ipvs.seade.gov.br/view/pdf/ipvs/principais_resultados.pdf. Acesso em: 14 dez. 2023.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SERPA, Angelo. Lugar e centralidade em um contexto metropolitano. In: CARLOS, Ana Fani Alessandrini; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 97-108.

SERPA, Angelo. Diversidade e desigualdade em um contexto de fragmentação socioespacial: avanços e recuos. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 22-38, 2018.

SHABAZZ, Rashad. Masculinity and the mic: confronting the uneven geography of hip-hop. **Gender, Place and Culture**, Londres, v. 21, n. 3, p. 370-386, 2014.

SIMÕES, José Alberto. **Entre a rua e a internet: um estudo sobre o hip-hop português**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da; SOUZA, Lorena Francisco de. Geografia e a perspectiva interseccional de gênero e raça: corporeidade e espaços que produzem o campo científico. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 125-148, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.13.i1.0006>.

SILVA, Evanildo Barbosa da; BARROS, Rachel. Jovens negras do Brasil e a transmissão geracional do racismo e da desigualdade. In: OXFAM (org.). **Juventudes e a desigualdade no urbano**. São Paulo: OXFAM, 2015, p. 12-13.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. In: SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, p. 25-53, 2009a.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, 2009b. p. 93-113.

SILVA, Joseli Maria. Contribuições das geografias feministas nas abordagens das relações entre espaço e diferenças. In: SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2016. p. 507-522.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)**. 2011. 448 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, William Ribeiro da. Fragmentação do espaço urbano de Londrina. **Geografia (Londrina)**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 5-14, 2001.

SILVA, William Ribeiro da. Centralidade e produção de loteamentos fechados na cidade de Londrina-PR. *In*: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOBARZO, Oscar (org.). **Cidades médias:** produção do espaço. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 215-234.

SILVA, William Ribeiro da. Parte II - Londrina e a reestruturação urbana. Atividades econômicas, papéis, agentes e escalas. *In*: ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOARES, Beatriz Ribeiro (org.). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional:** Campina Grande e Londrina. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 193-328.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: do método à metodologia. **Território**, v. 4, n. 6, p. 21-28, 1999.

SIMÕES, José Alberto. **Entre a rua e a internet:** um estudo sobre o hip-hop português. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SIXTO, María Rosa Privitera. Jóvenes frente a la fragmentación socioespacial: estrategias de encuentro, negociación y disputa en y por el espacio público porteño Parque Mujeres Argentinas de Puerto Madero, Ciudad Autónoma de Buenos Aires (2011-2012). *In*: BOY, Martín Guillermo; PERELMAN, Mariano Daniel (org.). **Fronteras en la ciudad:** (Re)producción de desigualdades y conflictos. Buenos Aires: Teseo, 2017. p. 147-168.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem-teto e produção de escala geográfica. *In*: ARANTES, Antonio A. (org.). **O espaço da diferença.** Campinas: Papirus, 2000. p. 132-159.

SOBARZO, Oscar. A produção do espaço público: da dominação à apropriação. **GEOUSP**, São Paulo, v. 19, p. 93-111, 2006. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2006.73992>.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. Slam Poetry and the Cultural Politics of Performing Identity. **The Journal of the Midwest Modern Language Association**, Chicago, n. 28, v. 1, p. 51-73, 2005.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. **The Cultural Politics of Slam Poetry:** Race, Identity and The Performance of Popular Verse in America. Michigan: The University of Michigan Press, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

- SOUZA, Andre Felix de. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares**, Vitória, n. 26, p. 182-213, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7147/GEO26.21005>.
- SOUZA, Andre Felix de. Espaços públicos e fragmentação socioespacial, reflexão teórico-empírica sobre o Rio de Janeiro. **PatryTer**, Brasília, v. 5, n. 10, p. 130-152, 2022. DOI: <https://doi.org/10.26512/patryter.v5i10.40345>.
- SOUZA, Andre Felix de; LEGROUX, Jean. **Vida pública periférica na metrópole de São Paulo**: entre a fragmentação e a articulação. 2024. No prelo.
- SOUZA, Lorena Francisco de.; RATTIS, Alecsandro J. P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 28, n. 1, p. 143-156, 2008.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Território**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 27-37, 1998.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Textos e contextos para a leitura de uma cidade média**. Presidente Prudente: UNESP, 2001a.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: UNESP, 2001b. p. 609-643.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Novos conteúdos nas periferias urbanas das cidades médias do Estado de São Paulo, Brasil. **Investigaciones Geográficas**, Cidade do México, n. 54, p. 114-139, 2004.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, Presidente Prudente, v. 3, n. 5, p. 143-157, 2006.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 233-253.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012. p. 123-145.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Centros e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio Fernandes; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. Porto: CEGOT, 2013. p. 45-59.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Oportunidades e desafios na pesquisa urbana comparada. In: FREITAS-FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini *et al.* **Estudos urbanos comparados: oportunidades e desafios da pesquisa na América Latina**. San Miguel de Tucumán: Universidade Nacional de Tucumán, 2016a. p. 25-60.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Segregação socioespacial e centralidade urbana. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (org.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: Contexto, 2016b. p. 61-94.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Fragmentação socioespacial e urbanização brasileira: escalas, vetores, ritmos, formas e conteúdos**. Projeto de pesquisa. Presidente Prudente, 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Diferenças e desigualdades em cidades médias no Brasil: da segregação à fragmentação socioespacial. In: CONGRESS OF THE LATIN AMERICAN STUDIES ASSOCIATION, 37, Boston. **Anais [...]**. Boston: LASA, 2019. s. p.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial e consumo na periferia de São Paulo. **Tlalli**, México, n. 8, p. 56-85, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22201/ffyl.26832275e.2022.8.1828>.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Condição urbana periférica sob a lógica fragmentária. **Problèmes d'Amérique Latine**, Paris, n. 126, p. 81-106, 2024.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação socioespacial**. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savéio; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Fragmentação socioespacial. **Mercator**, Fortaleza, v. 19, e. 19015, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.4215/rm2020.e19015>

TANAKA, Giselle Megumi Martino. **Periferia: conceito, práticas e discursos: práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo**. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 173-195, 2006.

TENNINA, Lucía. Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 42, p. 11-28, 2013.

TENNINA, Lucía. **Cuidado com os poetas! Literatura e periferia da cidade de São Paulo**. Porto Alegre: Zouk, 2017.

TINOCO, Dandara. **Descrita como heroína, Dandara, mulher de Zumbi, tem biografia cercada de incertezas**. 2014. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/brasil/historia/descrita-como-heroina-dandara-mulher-de-zumbi-tem-biografia-cercada-de-incertezas-14567996>. Acesso em: 24 maio 2024.

TOMMASI, Maria Livia de. **Juventude e cultura**. 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/36865436/JUVENTUDE_E_CULTURA. Acesso em: 22 abr. 2024.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 516 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

TURRA NETO, Nécio. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Rae’ga**, Curitiba, v. 23, p. 340-375, 2011.

TURRA NETO, Nécio. Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização. **Revista de Geografia**, Juiz de Fora, v. 1, p. 1-11, 2013.

TURRA NETO, Nécio. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. In: CAVALCANTI, Lana de Souza; CHAVEIRO, Eguimar Felício; PIRES, Lucineide Mendes (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015. p. 119-135.

TURRA NETO, Nécio. Contextos geográficos e campos de possibilidades para diferentes gerações. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel (org.). **Geografias das Juventudes**. Porto Alegre: GEPJUVE, 2023. p. 61-76.

TURRA NETO, Nécio. Trajetórias à margem: nas tramas da cultura periférica. In: BATISTA, Gustavo Silvano; MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther (org.). **Terra de portais**: contribuições dos estudos humanistas para a Geografia Contemporânea 2. Teresina: EDUFPI, 2024. p. 193-210.

TURRA NETO, Nécio; ALVES, Maria Celina Pedroso. Slam Quilombo de Dandara de Presidente Prudente - SP: um território insurgente e suas práticas educativas. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 195-222, 2022.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa**: antropofagia periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p. 31-48.

WEINSTEIN, Barbara. **A cor da modernidade**: a branquitude e a formação da identidade paulista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 13, v. 1, p. 107-216, 2005.

WHITACKER, Arthur Magon. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente**: uma discussão sobre a centralidade urbana. 1997. 139 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 1997.

WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade, centralidade intraurbana e cidades médias. *In*: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon (org.). **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017a. p. 149-178.

WHITACKER, Arthur Magon. Centro da cidade: consolidação e expansão. *In*: MAIA, Doralice Sátyro; SILVA, William Ribeiro da; WHITACKER, Arthur Magon (org.). **Centro e centralidade em cidades médias**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017b. p. 179-196.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. *In*: WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998. p. 129-145.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

WORTH, Nancy. Evaluating life maps as a versatile method for life course geographies. *Area*, Reino Unido, v. 43, n. 4, p. 405-412, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1475-4762.2010.00973.x>

XAVIER, Giovana. **Você pode substituir mulheres negras como o objeto de estudo por mulheres negras contando sua própria história**. Rio de Janeiro: Malê Editora, 2019.

ZUSMAN, Perla. La descripción en Geografía: un método, una trama. **Boletín de Estudios Geográficos**, Mendoza, n. 102, p. 135-149, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A: QUESTIONÁRIO APLICADO COM O PÚBLICO DAS COLETIVAS DA CULTURA PERIFÉRICA

1- Qual o seu gênero?

() Feminino () Masculino () Não-binário

2- Qual a sua idade?

3- Como você se autodeclara em termos de cor?

() preta/o () parda/o () amarela/o () branca/o () indígena

4- Bairro e cidade em que reside?

5- Qual a sua formação escolar/acadêmica?

() Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental

() Ensino médio incompleto () Ensino médio completo

() Ensino técnico () Graduação () Pós-graduação

6- Quais são os seus sonhos para ter uma renda?

7- Como você conheceu a coletiva?

() Indicação de amigas/os () Internet () Por outros coletivos da cidade

() Escola () Outro

8- Caso tenha marcado “Outro” na pergunta anterior, especifique.

9- Há quanto tempo você frequenta a coletiva?

10- Com qual frequência você participa dos eventos?

() Toda semana/mês () 2 vezes por mês () Esporadicamente.

11- Qual meio de transporte você costuma utilizar para chegar ao local dos eventos?

() Transporte público () A pé () Aplicativo de carro (*Uber*, 99 e outros)

() Carro/moto própria () Bicicleta () Skate;

() Carona () Outro.

12- Caso tenha marcado “Outro” na pergunta anterior, especifique.

13- Quanto tempo costuma levar no deslocamento de sua residência até o local do evento?

14- Com quem você costuma ir para o evento?

() Sozinha/o () Com amigas/os () Com namorada/o

() Com família.

15- Qual meio de transporte você costuma utilizar para voltar para a sua residência?

- () Transporte público () A pé () Aplicativo de carro (*Uber*, 99 e outros)
() Carro/moto própria () Bicicleta () Skate;
() Carona () Outro

16- Caso tenha marcado “Outro” na pergunta anterior, especifique.

17- Quanto tempo costuma levar no deslocamento de volta para a sua residência?

18- Como você participa dos eventos?

- () Recitando poesias () Batalhando () Ouvinte
() Expondo seus trabalhos artesanais

19- Caso você tenha marcado que participa expondo seus trabalhos, especifique quais são.

20- Você frequenta eventos de outros coletivos culturais da cidade?

- () Sim () Não

21- Caso tenha marcado “Sim” na pergunta anterior, os eventos são de quais coletivos?

22- O que te motiva a participar dos eventos da coletiva?

23- Caso queira se identificar, escreva seu nome.

APÊNDICE B: ROTEIRO CONTEXTUAL PARA A REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

- 1- Nome?
- 2- Idade?
- 3- Cor que se autodeclara? () branca () amarela () parda () preta () indígena
- 4- Bairro e cidade em que reside?
- 5- Profissão?
- 6- Você pode me contar uma pouco sobre sua história?
- 7- Quais foram os caminhos que te conduziram ao encontro dos saraus, batalhas de rima ou slams?
- 8- Qual o efeito deste encontro na sua vida?
- 9- O que mudou na forma como você se via a partir deste encontro?
- 10- Como você vê a cena da cultura marginal/periférica em sua cidade?
- 11- Qual você considera ser a importância da cultura marginal/periférica?
- 12- De onde vem? Como? Quais as dificuldades/desafios para a mobilidade do público até os eventos da coletiva?
- 13- Quais os locais dos eventos da cultura marginal/periférica que você costuma ir? Para além dos eventos, quais locais você frequenta por conta da cultura?
- 14- A cultura marginal/periférica de alguma forma influenciou os locais que costuma frequentar?
- 15- Como é sua relação com o centro da cidade? E outros centros?
- 16- Como você define sua identidade atualmente?
- 17- Quais espaços que você passou, ao longo de sua trajetória de vida, que considera que contribuíram para constituir sua identidade?

Caso seja organizadora de uma coletiva:

- 18- Como a coletiva surgiu?
- 19- Da onde veio a necessidade deste recorte de gênero e sexualidade para a constituição do coletivo?
- 20- Quais as características do público que participa dos eventos? Há algum estilo específico?
- 21- Qual a relação da coletiva com outros coletivos culturais na cidade?

- 22- Qual a relação da coletiva, entendido como cultura periférica, com o centro?
- 23- Quais as principais dificuldades e enfrentamentos na organização de uma coletiva?
- 24- Como concilia as atividades da coletiva com sua vida profissional e pessoal?
- 25- Como é sua mobilidade (a logística) na cidade em dias de eventos, no processo de organização e nos eventos em si?

APÊNDICE C: BATALHAS DE RIMA DE SÃO PAULO-SP (2024)

BATALHA	DISTRITO
ZONA CENTRAL	
Dominação	Sé
Point	República
Racional	Bela Vista
ZONA NORTE	
Norte	Santana
Santo	Vila Maria
Selva	Tucuruvi
Senna	Santana
Tucuruvi	Tucuruvi
ZONA OESTE	
Brasilândia	Brasilândia
Butantã	Butantã
Cantareira	Pirituba
Encruzilhada	Brasilândia
Escritório	Brasilândia
Fábrica	Cachoeirinha
Inacia BDI	Perus
Jova	Pirituba
Juventude	Cachoeirinha
Pirituba	Pirituba
Pista	Perus
PX	Sapopema
Rubi	Jaraguá
Sucupira	Cachoeirinha
Villa	Alto de Pinheiros
ZONA SUL	
3 tombos	Cursino
Ana Rosa	Vila Mariana
Conc	Jardim São Luís
Grajaú Rap City	Grajaú
Imigra	Cursino
Lilás	Capão Redondo
Mini Ramp	Grajaú
PSA	Jardim São Luís
Santa Cruz	Vila Mariana
Valo das Batalhas	Capão Redondo
Xuxa	Jardim São Luís

ZONA LESTE	
6.5	Cidade Tiradentes
Arena Flow	Guaianases
Arte	São Miguel
Carrão	Tatuapé
CFC	Cidade Tiradentes
Cisper	Cangaíba
Corre 2.0	São Miguel
Cruzeiro	Vila Jacuí
Helipa	São Lucas
Hospital	Ermelino Matarazzo
Leste	Itaquera
Lokos	Vila Formosa
LT	Vila Prudente
Nóis por Nóis	Cidade Líder
Ocupa	Ermelino Matarazzo
Penha	Penha
Prata	São Mateus
Teatro	Guaianases
Teles	Itaim Paulista
Tocos	Vila Matilde
Underground	Itaim Paulista
União	Itaquera
USP	Ermelino Matarazzo
Voz	Mooca
Zil	José Bonifácio

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.

Organização: a autora, 2024.

APÊNDICE D: SLAMS DE SÃO PAULO-SP (2024)

SLAM	DISTRITO
ZONA CENTRAL	
Antirracista	Bela Vista
Cordel	Consolação
Corpo	Bela Vista
Dengo Slam	Bela Vista
Fim do Túnel	República
Marginália	Sé
Minas SP	Bela Vista
Primeiro Ato	Bela Vista
Resistência	Consolação
Surdes	Bom Retiro
Zap!Slam	República
ZONA NORTE	
Zaki	Santana
ZONA OESTE	
Juventude	Freguesia do Ó
Marginal da USP	Butantã
Menor Slam do Mundo	Pinheiros
Norte	Freguesia do Ó
Pico	Jaraguá
USPerifa	Butantã
ZONA SUL	
13	Santo Amaro
Bronx	Santo Amaro
Coragem	Jardim São Luís
Grito	Cursino
Helipa	Ipiranga
Ousadia	Vila Sônia
Pró-Paraisópolis	Vila Andrade
Rasta	Cidade Ademar
Real	Vila Andrade
Slampego 3 e já	Vila Sônia
Underground de Poesia	Capão Redondo
ZONA LESTE	
Corre	São Miguel
Funk Slam	Itaim Paulista
Guilhermina	Vila Matilde
InterUni	Cangaíba
Manas	José Bonifácio
Perplexo	Penha
São Mateus	São Mateus
Taca Fogo	Itaquera

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.

Organização: a autora, 2024.

APÊNDICE E: SARAUS DE SÃO PAULO-SP (2024)

SARAU	DISTRITO
ZONA CENTRAL	
Bodega do Brasil	Consolação
Papo de Mina	Barra Funda
Pretas	República
Suburbano	Santa Cecília
Transarau	Bela Vista
ZONA NORTE	
Não há	
ZONA OESTE	
As Mina Tudo	Pinheiros
Brasa	Brasilândia
D'Quilo	Perus
Elo da Corrente	Pirituba
Kintal	Rio Pequeno
Segunda Negra	Pirituba
ZONA SUL	
Binho	Campo Limpo
Capão	Capão Redondo
Cooperifa	Jardim São Luís
Grajaú	Grajaú
Mina	Parelheiros
Paraisópolis	Vila Andrade
Perifatividade	Sacomã
Ponte para Cá	Campo Limpo
Praça	Capão Redondo
Resistência	Capão Redondo
Retomada	Parelheiros
Sarauê	Parelheiros
Sobrenome Liberdade	Grajaú
ZONA LESTE	
Enfrentamento Preto	Cidade Tiradentes
Pretas Peri	Cangaíba
Urutu	Ermelino Matarazzo
Vale	São Rafael

Fonte dos dados: Rede social Instagram, 2024.

Organização: a autora, 2024.